

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto
Alegre – Brasil (1867 - 1945): Espaço de Representações da
Identidade Cultural Teuto-Brasileira

Janice Zarpellon Mazo

Orientador: Prof. Dr. Rui Manuel Proença Garcia
Co-orientador: Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya

Dissertação apresentada às provas de doutoramento no ramo de Ciência do
Desporto nos termos do Decreto-Lei nº 216/92 de 13 de outubro.

Porto – 2003

Dedicatória

À minha querida mãe
Jurema Maria Zarpellon Mazo

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Rui Manuel Proença Garcia, orientador do trabalho, por ter assumido a orientação de fato, e ter proporcionado todas as condições para que o trabalho pudesse ser realizado.

Ao Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya, co-orientador do trabalho, por ter me conduzido até a Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, aceito a co-orientação desta dissertação e permitido a realização do trabalho com total autonomia. Gostaria também de agradecer o rigor das críticas, que possibilitaram as correções de trajetória da dissertação.

Ao Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, meu amado companheiro, pela presença em todos os momentos.

Aos Profs. Jorge Olímpio Bento e António Teixeira Marques, por não medir esforços para auxiliar no que foi preciso para viabilizar os estudos de doutoramento.

A Historiadora Haike Roselane Kleber da Silva pelas contribuições na construção do trabalho na perspectiva histórica, marcadas pela crítica rigorosa, mas sempre estimuladora. Além do crescimento acadêmico, este período proporcionou o início de uma relação de amizade.

Ao Prof. Dr. Dílson José Etcheverry Rassier por ter me acompanhado nos momentos de dúvidas no encaminhamento do trabalho.

Ao Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho por oportunizar-me acesso a várias obras para consultas, que foram significativas para o trabalho. Quero também agradecer os produtivos encontros acadêmicos, que impulsionaram a fase final da dissertação.

As colegas do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS: Elisabeth Torresini, Isabel Bilhão e Mara Rúbia Santana, cujo convívio,

oportunizou um crescimento pessoal e intelectual.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS: Prof^ª. Dr^ª. Regina Weber, Prof^ª. Dr^ª. Sandra Jatany Pesavento, Prof^ª. Dr^ª. Suzana Bleil de Souza, Prof. Dr. Cezar Guazelli pelos ensinamentos adquiridos nas disciplinas que tive a oportunidade de cursar.

As muitas pessoas que conheci ao percorrer os museus, memoriais, bibliotecas, arquivos e acervos particulares de Porto Alegre: Irmão Elvo Clemente do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS, Prof^ª. Dr^ª. Alice Terezinha Campos Moreira, do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS, Liziane Soares, Júlio Petersen (em memória), Henrique Licht, Lélío Araújo, Mario Ribeiro Cantarino e tantos outros que contribuíram com materiais e idéias, indispensáveis para a qualidade do trabalho.

A Fabíola Soares e ao Daniel Gaya pela amizade e hospitalidade na casa portuguesa em Espinho/Portugal, bem como, na casa brasileira em Porto Alegre.

A Maria José e Luis Garcia pela amizade e hospitalidade em Esmoriz/Portugal.

Aos meus irmãos, Joel, Jones, Jaciara e, especialmente Giovana, pela disponibilidade em contribuir nos momentos mais críticos. Quero também agradecer a minha irmã de coração Edmara Cavalcanti Reid.

A Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto (FCDEF/UP), que proporcionou todas as condições necessárias para a realização dos meus estudos.

A Escola de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS) pela liberação de minha carga horária durante cinco semestres letivos para que eu pudesse realizar a pesquisa com dedicação exclusiva.

Índice Geral

Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
Índice de Anexos	viii
Resumo	ix
Abstract	x
Résumé	xi
1 – Introdução	1
1.1 - Delimitação do Problema	2
1.2 - Justificativa	7
1.3 - Objetivos	8
1.4 - Considerações Metodológicas	9
1.5 - Estrutura da Dissertação	19
2 – Enquadramento Teórico	21
2.1 - Associativismo Desportivo	21
2.2 - Nação e Nacionalismo	34
2.3 - Identidade Nacional	40
2.4 - Identidade Cultural	47
2.5 - Identidade Cultural Teuto-Brasileira	54
3 – Estudos	62
<i>Estudo 1 - A Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre</i>	62
1.1 - O Contexto Sócio-Cultural de Porto Alegre	62
2.2 - As Práticas Desportivas nas Associações de Porto Alegre	77
<i>Estudo 2 - As Representações da Identidade Cultural Brasileira nas Associações Desportivas em Porto Alegre</i>	123
2.1 - O Contexto Sócio-Cultural Brasileiro no Estado Novo	123
2.1.1 - A Identidade Regional do Rio Grande do Sul	140

2.2 - A Regulamentação das Associações Desportivas	145
2.3 - As Repercussões da Nacionalização nas Associações Desportivas Teuto-Brasileiras em Porto Alegre	157
2.4 - As Associações Desportivas e as Representações de Identidades Culturais: as cerimônias cívicas	173
2.5 - As Representações de Identidades Culturais das Associações Desportivas na Revista do Globo	183
<i>Estudo 3 - Memória Oral do Associativismo Desportivo em Porto Alegre ..</i>	<i>190</i>
3.1 - As práticas Desportivas nas Associações e as Identidades Culturais.	190
3.2 - A Identificação com a Associação Desportiva	216
3.3 - Organização Administrativa e Social das Associações Desportivas ..	222
3.4 - A Nacionalização das Associações Desportivas	228
4 – Análise e Interpretação dos Estudos	253
5 – Conclusões	283
6 – Fontes Consultadas	285

Índice de Anexos

Anexo 1: Campos da base de dados das associações desportivas	313
Anexo 2: Campos da ficha catalográfica das reportagens desportivas da Revista do Globo	314
Anexo 3: Informações para o preenchimento da ficha catalográfica	315
Anexo 4: Termos em língua inglesa das reportagens da Revista do Globo (1929-1945)	316
Anexo 5: Quadro das associações desportivas cadastradas na base de dados	320
Anexo 6: Base de dados das associações desportivas de Porto Alegre	322

Resumo

O principal objetivo desta dissertação foi analisar as relações entre o associativismo desportivo e as representações da identidade cultural teuto-brasileira, em Porto Alegre (RS, Brasil), no período de 1867 a 1945. O processo de emergência e expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre e as representações da identidade cultural teuto-brasileira e sua ligação com o associativismo desportivo foram identificadas, e as repercussões das medidas de nacionalização impetradas pelo governo brasileiro nas associações desportivas teuto-brasileiras foram avaliadas. A investigação exploratória realizada nesta dissertação estruturou-se em três estudos, baseados na consulta de documentos impressos (jornais, almanaques, álbuns, livros comemorativos, revistas, entre outros) e depoimentos orais de atletas (n = 8) que vivenciaram o período de 1867-1945. Concluiu-se que a emergência do associativismo desportivo em Porto Alegre foi fruto da iniciativa voluntária dos teuto-brasileiros, e sua expansão resultou do confronto entre os teuto-brasileiros e as tentativas de nacionalização do governo brasileiro. Ainda, as associações desportivas constituíram-se num espaço de representação da identidade cultural da comunidade teuto-brasileira em Porto Alegre. Esta identidade foi afirmada especialmente nas práticas desportivas, na manutenção da língua alemã e na adoção de símbolos representativos da Pátria de origem.

Palavras-chave: associativismo desportivo, representações, identidades culturais, teuto-brasileiros, Porto Alegre

Abstract

The main purpose of this dissertation was to analyze the relation between sportive associations and representations of the Teutonic-Brazilian cultural identity in Porto Alegre (RS, Brazil), in 1867-1945. The rise and expansion of the sportive associations in Porto Alegre, and the representations of Teutonic-Brazilian cultural identity and its connection with the sportive associations were investigated, and the results of the nationalization actions taken by the Brazilian government on the sportive associations were evaluated. The exploratory methodology used in this dissertation was structured in three studies, based on documentation research (newspapers, albums, commemorative books, magazines, among others) and oral interviews with athletes (n = 8) that lived between 1867 and 1945. It was concluded that the sportive associations in Porto Alegre were created by voluntary actions taken by the teutonic-brazilians, and its expansion resulted from conflicts between the teutonic-brazilians and the nationalization actions taken by the Brazilian government. Furthermore, the sportive associations produced a space for the representation of the Teutonic-Brazilian cultural identity in Porto Alegre. Such identity was strengthened by sports, by the maintenance of the German language, and by using representative symbols of Germany.

Key-words: sportive associations, representations, cultural identity, teutonic-brazilians, Porto Alegre

Résumé

L'objectif principal de cette dissertation est d'analyser les rapports entre l'associativisme sportif et les représentations de l'identité culturelle germano-brésilienne, à Porto Alegre (RS, Brésil) dans la période comprise entre 1867 et 1945. Le processus d'émergence et d'expansion de l'associativisme sportif à Porto Alegre a été identifié en relation avec l'identité culturelle germano-brésilienne. De plus ont été évaluées les répercussions des mesures de nationalisation implantées par le gouvernement brésilien sur les associations sportives germano-brésiennes. L'investigation exploratoire réalisée dans cette dissertation est structurée en trois études basées sur la consultation des documents imprimés (journaux, almanachs, albums, livres commémoratifs, revues, parmi d'autres) et sur des témoignages oraux d'athlètes (n=8) ayant vécu entre 1867 et 1945. En conclusion, l'émergence d'associativisme sportif à Porto Alegre fut le fruit de l'initiative volontaire des brésiliens d'origine allemande et son expansion fut le résultat d'une émulation entre cette population et les tentatives de nationalisation du gouvernement brésilien. Encore de nos jours, l'identité culturelle allemande fait partie intégrante des associations sportives. Cette identité s'affirme dans le maintien de la langue allemande et dans l'adoption de symboles représentatifs de la Patrie d'origine.

Mots-clés: associativisme sportif, représentations, identités culturelles, germano-brésilien, Porto Alegre

1 – Introdução

As associações voluntárias são essenciais para a compreensão dos processos sócio-culturais desenvolvidos na sociedade moderna. As associações são unidades sociais delimitadas por membros, que cumprem diferentes papéis em sua organização interna para o preenchimento de objetivos e propósitos específicos (Lüschen; Sage, 1981). A emergência das associações voluntárias está relacionada à complexidade da sociedade moderna, caracterizada pela crescente interdependência entre as pessoas e a necessidade de desempenharem diversos papéis sociais. O associativismo é um dos mecanismos de afirmação e expressão de identidades culturais. Desta forma, as associações voluntárias estão inseridas numa realidade social, que engloba um amplo repertório de símbolos, valores, normas, comportamentos e outras representações que identificam os limites culturais entre os grupos sociais.

As representações que os indivíduos constroem das práticas culturais dão sentido ao seu mundo, a comunidade, ao grupo (Chartier, 2002). As práticas culturais são representações do mundo social, assim como, componentes desta realidade. Os membros de uma comunidade podem apropriar-se deliberadamente dos símbolos, que são demarcadores de identidades culturais.

Nesta perspectiva, as associações desportivas, por serem voluntárias, constituem-se enquanto espaço de representações de identidades culturais. A identidade é uma forma de categorizar as diferenças e de distinguir hierarquicamente um grupo social (Barth, 1998). Ela é uma construção social baseada em vínculos de classe, gênero, etnia, cultura, entre outros, que estão em constante transformação (Cucho, 1999). A identidade cultural é compreendida como uma modalidade de categorização com base no vínculo cultural, que envolve a relação de um grupo em oposição a outros grupos, cujos limites culturais não são coincidentes. Os traços culturais distintivos identificam os membros de um agrupamento social, da mesma forma que

constroem limites culturais para sua auto-identificação. Assim, as identidades culturais são identificações em curso, isto é, são identidades permutáveis baseadas em diferentes critérios e concepções de tempo e de espaço.

Este trabalho aborda, especificamente, a emergência e a expansão das associações desportivas em Porto Alegre (capital do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil), e suas relações com as representações da identidade cultural dos teuto-brasileiros, no período de 1867 a 1945, utilizando como fonte de consulta documentos impressos e depoimentos orais.

1.1 – Delimitação do Problema

Diferentemente da concepção geral de que a influência predominante na emergência do associativismo desportivo em Porto Alegre foi dos primeiros colonizadores do Brasil ou dos ingleses - pioneiros no modelo do associativismo desportivo mundial, este fenômeno cultural tem uma estreita relação com os imigrantes alemães que chegaram no Brasil na primeira metade do século XIX. Desta forma, para compreender o associativismo desportivo, enquanto um movimento de representações das identidades culturais dos imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros), faz-se necessário conhecer quais os traços culturais que foram distintivos desse grupo social na sua interação com a sociedade porto-alegrense.

O Rio Grande do Sul foi o Estado brasileiro que recebeu o maior contingente de imigrantes alemães, que chegaram na capital do Estado em 1824¹. A presença alemã no Rio Grande do Sul foi determinante na organização da vida social e dos costumes da população riograndense (Gertz, 1991; Pesavento, 1980; Roche, 1969). As associações desportivas alemãs

¹ Conforme o Censo de 1872, os imigrantes alemães foram o terceiro grupo estrangeiro mais numeroso no Brasil, depois de portugueses e africanos (sem distinção de segmentos). No final do século XIX, os alemães representavam aproximadamente entre 10% e 15% da população gaúcha (Roche, 1969: 168). De acordo com Ramos (1973: 199), metade da população brasileira de origem germânica concentra-se no Rio Grande do Sul.

foram constituídas a partir de 1850, quando houve maior dinamização da vida intelectual e social da comunidade alemã, na cidade de Porto Alegre².

Roche (1969: 643-644) afirma que a fundação das associações, “contrariamente também ao que se poderia pensar, não foi em São Leopoldo o, berço da colonização alemã, mas em Porto Alegre, porquanto a maior parte das sociedades veteranas nasceu na cidade e não nas colônias rurais”. Em Porto Alegre, a emergência das associações desportivas resultaram do agrupamento de indivíduos pertencentes a comunidade teuto-brasileira (Jesus, 2001; Oliveira, 1996; Tesche, 1996; 2002). O associativismo é apresentado por estudiosos da imigração alemã como uma característica desta comunidade (Rambo, 1994; 1998; Roche, 1969).

Na emergência do associativismo desportivo em Porto Alegre, os imigrantes alemães destacaram-se em relação aos demais grupos de imigrantes³. Os alemães foram os primeiros imigrantes que chegaram em Porto Alegre, excluindo-se os grupos de base da formação colonial brasileira (Alencastro; Renaux, 1997)⁴. A emergência do associativismo desportivo em Porto Alegre possui suas raízes na segunda metade do século XIX, período em que foi criada em 1867, pelos teuto-brasileiros, a primeira sociedade de ginástica denominada “Turnerbund” (atual Sociedade Ginástica Porto Alegre - SOGIPA)⁵. Além da ginástica, a introdução de outros desportos como o tiro, remo, natação, tênis, ciclismo, esgrima, bolão, atletismo e futebol, também se deve aos teuto-brasileiros.

² Conforme Roche (1969), no período de 1824 a 1850, os imigrantes alemães lutaram para sua sobrevivência e depois se dedicaram à vida cultural.

³ A presença italiana tornou-se expressiva em Porto Alegre em meados de 1870, sendo que os primeiros italianos se dirigiram à zona rural (Constantino, 1991). Na zona rural, denominada de colônia, os agricultores italianos se associavam para a instalação da rede elétrica, da escola, da construção e remodelação das capelas, e para a construção de salões sociais ou de canchas de esporte. Os italianos praticavam o tradicional jogo de bocha, que no princípio era realizado após a missa de domingo, nas canchas construídas próximo as igrejas (Licht, 1992). Também trouxeram alguns jogos de carta, como a mora, briscola, tressete, scopa, quatriglio cinquillo (De Rose, 1996).

⁴ O dia 5 de novembro de 1740 é considerado como o começo da colonização luso-brasileira. A data oficial de fundação de Porto Alegre é 26/03/1772, quando foi criada a Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais. Os luso-brasileiros contribuíram com o patrimônio folclórico que possibilitou a riqueza de danças regionais (Wiederspahn, 1979; Pereira, 1988).

Na situação de contato dos primeiros imigrantes alemães no país, as associações foram “sustentáculos das tradições de origem” (Seyferth, 1982: 165). As sociedades de ginástica criadas pelos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul, no período da sua fundação estavam identificadas com o nacionalismo alemão surgido no início do século XIX, e com a divulgação da “Kultur” germânica, compreendida como a música, teatro, língua, literatura, entre outros aspectos da cultura (Ramos, 1998; 2000; Tesche, 1996; 2002)⁶. Os estudos sobre bolão (Kreling, 1984), futebol (Damo, 1996), ginástica (Tesche, 1996; Wieser, 1990), punhobol (Oliveira, 1987), remo (Hofmeister, 1987; Licht, 1986) registraram a presença dos teuto-brasileiros na organização dessas práticas desportivas em Porto Alegre.

Em Porto Alegre, desde o princípio, o associativismo desportivo caracterizou-se enquanto espaço social⁷ dos teuto-brasileiros, no qual expressavam a representações de seus limites culturais. Entretanto, as associações desportivas teuto-brasileiras sofreram fortes pressões para serem nacionalizadas ao final da primeira Guerra Mundial (1914-1918), mas muitas sociedades resistiram e fortaleceram o sentimento de afirmação da identidade cultural teuto-brasileira com o renascimento do nacionalismo alemão no mundo, nos anos 30. O período de 1918-1939 (Entre-Guerras) foi marcado pelo intenso apego dos teuto-brasileiros aos valores étnicos (Ramos, 2000; Silva, 1997).

⁵ Tesche (1996) afirma que a SOGIPA é uma das sociedades de ginástica mais antigas do Brasil em atividade, além de ser a mais antiga do Rio Grande do Sul.

⁶ O estreitamento entre as idéias nacionalistas dos teuto-brasileiros e os desportos, originou-se no período de formação do Estado alemão, que remonta ao final do século XVIII e início do século XIX. Nesse período formulou-se as noções de nação e povo com o intuito de fortalecer a resistência dos pequenos Estados que, posteriormente, se unificaram em torno do Estado alemão, contra as invasões napoleônicas. Nesse contexto, as atividades físico-desportivas, sob a denominação de “turnen” (ginástica) foram estimuladas como uma forma de preparação militar e de disciplina no processo de constituição do Estado alemão (Seyferth, 1982).

⁷ Esta noção, também denominada espacialização ou espacialização social foi apropriada de Shields (citado por Silva, 2002: 421) para referir a uma dimensão sócio-cultural e não apenas física e territorial do espaço e dos seus usos coletivos. “A espacialização é entendida como configuração territorialmente ordenada, segundo critérios de investimento e participação pessoal e racional dos sujeitos, que, assim, conjugam elementos comportamentais, expressividades físico-corporais, recursos lingüístico-discursivos e referências simbólicas e culturais como forma de atribuição de significado e sentido de lugar às suas condições identitárias”.

O debate sobre a formação da nacionalidade brasileira foi desencadeado de forma mais contundente nos anos 20⁸. Na década de 30, o Brasil sob o governo de Getúlio Vargas, sofreu mudanças na perspectiva de formação de uma identidade cultural brasileira. A formação da identidade cultural brasileira assumiu um caráter institucional no período do Estado Novo (1937-1945), no qual o Estado interveio nas diferentes esferas da vida social⁹. A presença marcante das culturas “estrangeiras” no país foi considerada perigosa aos interesses nacionais brasileiros. Neste sentido, a homogeneização da cultura foi considerada fundamental para a construção de uma identidade cultural brasileira.

As ações governamentais repercutiram diretamente nos grupos de imigrantes residentes no país. O desporto foi subordinado a educação, e a política educacional e desportiva voltou-se para a supressão das marcantes diferenças regionais do Brasil (Carone, 1976). Em Porto Alegre, as associações desportivas teuto-brasileiras foram consideradas um obstáculo à construção da identidade cultural brasileira, sendo alvejadas pela política de nacionalização.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o sentimento de hostilidade aos alemães espalhou-se pelo mundo. O nacionalismo alemão começou a ser combatido em diversos países. O ingresso do Brasil na guerra, em 1942, acentuou no país a hostilidade aos teuto-brasileiros, que foram perseguidos, com a justificativa de que essa comunidade não estava totalmente integrada ao país, pois representava o “perigo alemão” (Gertz, 1991). Em Porto Alegre realizaram-se manifestações hostis à comunidade teuto-brasileira. As associações desportivas “estrangeiras” sofreram intervenção do governo federal, na tentativa de forçá-las a incorporar uma identidade cultural brasileira vinculada à tradição luso-brasileira. A situação gerou um forte atrito nas associações teuto-brasileiras, que apresentavam estreitos traços culturais com sua cultura de origem.

⁸ O Estado nacional implantado no Brasil está enraizado nas correntes do nacionalismo desenvolvido desde o início do século XX, principalmente nos anos de 1920, que trazem a marca do modernismo (Avancini, 2000).

⁹ No Brasil, a identidade cultural é considerada sinônimo de identidade nacional (Santos, 1993).

As primeiras medidas de nacionalização no campo jurídico desportivo no país foram tomadas na promulgação do Decreto-Lei nº 3.199 de 1941. Este Decreto legalizou a intervenção nas associações desportivas “estrangeiras”, visando sua adequação ao modelo cultural imposto pelo Estado brasileiro. As associações desportivas, através de sua ação socializadora, deveriam agir no direcionamento da juventude no caminho do projeto nacional brasileiro. A juventude, através da prática desportiva institucionalizada, representava os alicerces para a construção de uma nação forte modelada por valores físicos e morais.

Face ao contexto, as associações desportivas deveriam promover valores patrióticos nas atividades sociais e desportivas. As competições desportivas nomeadas pelos heróis da Pátria brasileira e realizadas em homenagem as datas nacionais seriam um espaço de expressão da identidade cultural brasileira. Os eventos comemorativos da Semana da Pátria foram espaço privilegiado de produção de formas simbólicas de pertencimento à nação brasileira. O Estado brasileiro acionou meios para tentar “asfixiar” as identidades culturais das associações desportivas teuto-brasileiras, que resistiram contrapondo-se a tentativa unificatória do Estado. Assim, o associativismo desportivo foi um fenômeno que atuou como espaço de produção, manutenção e questionamento das identidades culturais em Porto Alegre.

O problema central de investigação desta dissertação é analisar como o associativismo desportivo produziu, manteve e questionou as identidades culturais dos teuto-brasileiros em Porto Alegre. Essa problemática remete ao estudo dos seguintes temas norteadores da investigação: (a) a emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre; (b) as representações da identidade cultural teuto-brasileira nas associações desportivas; e (c) as repercussões das medidas de nacionalização nas associações desportivas teuto-brasileiras.

1.2 – Justificativa

Segundo DaCosta (1998: 33), existe a necessidade de estudos sobre o tema das identidades culturais, porque trata da dinâmica de relações entre as atividades físicas e o contexto cultural que as assimila, “contribuindo para um melhor conhecimento da cultura em nível macro”. Os estudos que tratam do desporto em Porto Alegre são restritos a determinadas modalidades desportivas. Faz-se ressalva ao estudo de Tesche (1996) que focalizou o surgimento da primeira sociedade de ginástica em Porto Alegre.

Estudos anteriores (Gertz, 1994; Rambo, 1998; Roche, 1969; Seyferth, 1996) abordaram a imigração alemã, apresentando indícios da presença deste grupo étnico-cultural no associativismo em Porto Alegre, mas sem evidências diretas no campo desportivo. As obras que investigam a história de Porto Alegre (Franco, 2000; Macedo, 1999; Pesavento, 1999), não trataram do associativismo desportivo como um dos elementos significativos do contexto sócio-cultural da cidade. Os trabalhos que se detiveram sobre uma abordagem histórico-cultural da emergência do desporto no Brasil enfocaram as cidades do Rio de Janeiro (Jesus, 1999; Lucena, 2001; Melo, 1999) e São Paulo (Sevcenko, 1992)¹⁰.

O desporto é um fenômeno cultural, que ultrapassou suas próprias fronteiras e associou-se a outros movimentos histórico-culturais. Para Garcia (2002: 322) o desporto é “mais que um reflexo de cada sociedade, um autêntico microcosmos que participa activamente na evolução e na transformação social. O desporto é capaz de compreender interesses económicos, reconhecer particularidades regionais ou nacionais e relações sociais densamente impregnadas de implicações existenciais”. Esta perspectiva aponta a possibilidade do desporto ser um elemento de representação na construção de identidades culturais.

¹⁰ Estas cidades ditaram normas, comportamentos e sediaram os maiores acontecimentos desportivos do país (Caldas, 1990). O Rio de Janeiro, primeira capital do Brasil, era a cidade brasileira com a maior concentração populacional no final do século XIX. Em 1925, na Guanabara (RJ) foi criada no Centro de Esportes da Marinha, a primeira instituição para a formação de profissionais (praças) de educação física no país (DaCosta, 1971).

MacClancy's (1996) afirma que o desporto freqüentemente atua enquanto um meio para a identidade, o qual possivelmente reflete classes ou grupos étnicos, ou de forma alternativa poderá ser um foco de representação de uma comunidade. O desporto ainda poderá reforçar identidades tradicionais ou contribuir para a criação de nova identidade social. Além disso, a revitalização moderna dos desportos tradicionais é uma forma de expressão ou repressão latente da identidade étnico-cultural.

Enquanto espaço de representação de identidades culturais, o associativismo desportivo vincula-se ao movimento de pertencimento a uma comunidade ou nação. As práticas desportivas, atendendo as metas do Estado, são capazes de integrar as pessoas em torno de um território e de uma cultura nacional. Os regimes autoritários na América Latina tentaram remodelar as identidades culturais na consolidação dos Estados nacionais. No Brasil, o projeto de construção da identidade nacional processou-se pela tentativa de homogeneização cultural. Em Porto Alegre, as associações desportivas criadas pela comunidade teuto-brasileira foram forçadas a incorporar a identidade cultural brasileira.

Considerando a pertinência do tema para a compreensão do significado do desporto na atualidade brasileira, este trabalho pretende aprofundar o conhecimento das relações existentes entre as associações desportivas e as representações da identidade cultural teuto-brasileira.

1.3 – Objetivos

Objetivo Geral

Analisar as relações entre o associativismo desportivo em Porto Alegre e as representações da identidade cultural teuto-brasileira (1867 a 1945).

Objetivos Específicos

- a) Compreender a emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre;

- b) Identificar as representações da identidade cultural teuto-brasileira nas associações desportivas de Porto Alegre;
- c) Verificar as repercussões das medidas de nacionalização nas associações desportivas teuto-brasileiras de Porto Alegre.

1.4 – Considerações Metodológicas

Essa seção apresenta a descrição dos procedimentos metodológicos adotados na investigação. Inicialmente descreve-se os procedimentos empregados na coleta de informações e a organização da base de dados sobre as associações desportivas de Porto Alegre. Foram selecionados documentos impressos e fontes bibliográficas para serem submetidos à análise documental. No caso da Revista do Globo - principal revista de Porto Alegre na divulgação de reportagens sobre as associações desportivas nos anos 30 e 40, foram catalogadas todas as reportagens desportivas no período de 1929 a 1945. Na seqüência são descritos os procedimentos de gravação e transcrição das entrevistas realizadas, assim como, o processo de análise de conteúdo dos depoimentos orais dos atletas porto-alegrenses que vivenciaram o período do Estado Novo (1937-1945).

Organização da Base de Dados

A construção de uma Base de Dados¹¹, que apresenta o inventário de todas as associações desportivas fundadas em Porto Alegre no período de 1867 a 1945, busca reunir as informações, que se encontravam dispersas em vários documentos isolados. Este recorte temporal demarca o ano de fundação da primeira associação desportiva em Porto Alegre (1867), até o ano que encerra o período do Estado Novo (1945). Foram registradas na Base de Dados, as associações que desenvolviam alguma prática desportiva no período

¹¹ Foi desenvolvida no software CDS/WINISIS – WINISIS, versão 1.04, que se encontra em versão para Windows. O programa trabalha através de campos (anexo 1), onde são registradas as informações para posterior recuperação, cruzamento e análise.

demarcado. Para cada associação desportiva foi elaborada uma ficha catalográfica (planilha), com as informações coletadas.

A Base de Dados foi organizada a partir da coleta dos seguintes documentos: almanaque Amaro Júnior¹²; jornais de maior tiragem em Porto Alegre¹³: Zero Hora e Correio do Povo; álbuns da cidade de Porto Alegre, Revista do Globo; boletins; livros comemorativos das associações desportivas; estatutos das associações; alvarás de funcionamento; atas; obras especializadas no tema; apostilas, monografias, dissertações e teses. A consulta foi realizada em acervos particulares, arquivos públicos, bibliotecas, clubes, Conselho Regional de Desporto (CRD), federações desportivas, fundações, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, memoriais e museus.

Para a coleta das informações, junto às federações desportivas, associações e CRD de Porto Alegre, foram enviadas 48 correspondências pelo correio, solicitando acesso à documentação sobre o período de sua fundação¹⁴. Foram realizadas visitas aos clubes e federações em busca de documentação ou da indicação de pessoas para fornecer informações pertinentes ao trabalho. No CRD foram consultadas todas as fichas do cadastro de alvarás de

¹² O termo almanaque é tratado em alguns casos como sinônimo de calendário, mas deve ser entendido como relato e notícia de assuntos variados. O Almanaque passou por fases ocupando lugar destacado nas residências até o advento da revista (Ravaschio; Biscaro e Santos, 1989). O almanaque, "geralmente considerado material inexpressível, ou de segunda grandeza, após uma consulta, possui seu papel redimensionado enquanto fonte histórica, ou seja, a verificação da importância das informações que contém, fazem dele um material indispensável à pesquisa" (Ravaschio; Biscaro; Castro, 1990: 22).

¹³ O jornal é uma fonte de consulta passível de considerações sobre sua validade, tendo em vista as circunstâncias que envolvem sua produção. O imediatismo do noticiário e a urgência da composição para venda no horário previsto não permitem a precisão. Tais fatores geram a superficialidade nas explicações dos acontecimentos, caracterizando a finalidade informativa do jornal. Thompson (1992: 140-141) alertou que a evidência jornalística pode ser enganosa e imprecisa: "Isto se dá porque raramente têm condições de destrinchar as possíveis fontes de distorção em jornais antigos. Podemos saber quem era o proprietário do jornal e, talvez, identificar seus vieses políticos ou sociais; nunca, porém, se poderá mais do que conjecturar sobre se o colaborador anônimo que redigiu determinada matéria partilhava daqueles vieses".

¹⁴ As associações e entidades que responderam foram: Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre (telefone); Federação Gaúcha de Tênis - FGT (correio eletrônico), Federação Gaúcha de Ciclismo (correio eletrônico), Federação Gaúcha de Ginástica (correio eletrônico); Esporte Clube São José (telefone); CRD (resposta por escrito). A FGT convidou para uma visita e

funcionamento das associações, além da documentação das entidades desportivas que encaminharam o pedido de concessão e/ou renovação dos alvarás. Os Alvarás tornaram-se uma exigência anual para as associações desportivas a partir do Decreto-Lei nº 3.199/41. Após 52 anos, estes alvarás foram abolidos pela Lei nº 8.672/93, popularmente conhecida como “Lei Zico”. Em decorrência da promulgação desta Lei, o CRD se desfez da maioria das fichas cadastrais, restando 59 fichas de entidades e associações desportivas de Porto Alegre, a saber: futebol de campo (17); futebol de salão (9); remo (5); bocha (4); vôlei (4); tênis (4); vela (3); bolão (2); judô (2); xadrez (2); ginásticas (2); punhobol (1); golfe (1); hipismo (1); tiro (1); paraquedismo (1); federações desportivas (8).

Nas fichas cadastrais consta o nome da modalidade que a associação ou entidade desportiva designou no cadastramento como desporto principal, não correspondendo, necessariamente, ao desporto praticado na época de sua fundação. As razões são diversas, como por exemplo: a manutenção de equipes competitivas, equipamentos e instalações apropriadas, contratação de técnico na modalidade desportiva. Tendo em vista esta situação, no preenchimento da planilha foi registrado no campo “desporto principal”, a modalidade desportiva referida à época da fundação da associação obtida através do confronto com as demais fontes consultadas. Nos casos em que a informação do cadastro não correspondeu ao(s) desporto(s) indicado(s) pela associação na sua fundação, a informação foi registrada no campo da ficha denominado “outros desportos”.

A Base de Dados totalizou 210 registros nos seguintes desportos: automobilismo, basquete, bocha, bolão, ciclismo, esgrima, futebol, ginástica de aparelhos, ginástica acrobática, hipismo, iatismo, natação, pólo, pólo aquático, punhobol, remo, saltos ornamentais, tênis, tiro ao alvo, turfe e voleibol. A sistematização destas informações, não apenas atende às exigências dessa investigação, como também, produz fontes de consulta para outros estudos.

consulta aos arquivos. A secretária do Esporte Clube São José lamentou a carência de documentos e falta de organização do arquivo, mas se dispôs a colaborar de outras formas.

Catálogo das reportagens desportivas da Revista do Globo

A segunda etapa do trabalho de campo constou da catalogação das reportagens desportivas na Revista do Globo. A Revista do Globo constitui uma fonte primordial para o reconhecimento da expressão das identidades culturais de Porto Alegre, pois veiculava a cultura (literatura, artes, desportos, culinária, moda, etc.) da cidade de Porto Alegre e do Estado. A escolha desta Revista justifica-se pelos seguintes aspectos:

- a) Em sua primeira edição apresentou uma seção sobre os desportos;
- b) Dedicou uma edição especial aos desportos, em 1933;
- c) Estava voltada para assuntos ligados à cultura local e regional;
- d) Meio de comunicação impresso de projeção nacional, que circulou em Porto Alegre (1929-1967);
- e) Foi tema de pesquisa (Thorstenberg, 1998; Torresini, 1999) e fonte documental em literatura (Mottin; Moreira, 1996); publicidade e propaganda (Castro, 2000; Gomes, 2001; Soares, 2001); e história (Dalmáz, 2001).

Após o levantamento e a catalogação das reportagens do período de publicação da revista, as reportagens sobre as práticas desportivas das associações foram selecionadas e submetidas à análise (1929-1945). Para a catalogação das reportagens desportivas da Revista do Globo foi elaborada e testada a ficha de levantamento das informações, na qual registrou-se cada uma das reportagens¹⁵. O preenchimento de cada campo da ficha catalográfica seguiu roteiro com instruções específicas (anexo 2 e 3). Foi consultado cada um dos 943 fascículos da revista (cerca de 50 páginas, sendo três exemplares edições especiais, em 1931, 1940 e 1941). As etapas obedecidas para a

¹⁵ O processo de catalogação da Revista do Globo seguiu o modelo adotado pelo grupo de pesquisa integrado "Acervo literário da livreria do Globo" - ALLGLOBO da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), coordenado pelas professoras Alice Campos Moreira, do Curso de Pós-graduação em Letras (CPGL) da PUCRS, e Maria Helena de Castro, do Núcleo de Pesquisa em Ciências da Comunicação (NUPEC) da PUCRS. O projeto ALLGLOBO atua na recuperação das fontes em suportes frágeis e de difícil acesso como jornais e revistas. A pesquisa utilizou o software Micro-Isis de propriedade do Instituto de Pesquisa Científica e Tecnológica (IPCT) da PUCRS.

catalogação das reportagens desportivas foram: fichamento¹⁶; digitação; revisão nas revistas originais e revisão final das reportagens na Internet¹⁷.

Após a consulta e armazenagem dos documentos coletados (revistas, jornais, obras, entre outros), as informações obtidas foram submetidas à análise documental (Bardin, 2000).

Realização de entrevistas

Outra etapa do trabalho de campo consistiu na coleta de depoimentos orais de atletas que representaram as associações desportivas de Porto Alegre no período do Estado Novo (1937-1945). Os depoimentos fornecem informações que dificilmente poderiam ser encontradas em arquivos e bibliotecas¹⁸. A realização de entrevistas “com pessoas que participaram ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, é uma forma de se aproximar do objeto de estudo” (Alberti, 1989: 1). Para Montenegro (1992), o depoimento oral é uma forma de socialização das experiências e do conhecimento do entrevistado, bem como do reconhecimento de sua identidade cultural.

¹⁶ As planilhas foram confeccionadas com o auxílio de três programas de computador: o Word, o Internet Explorer e o Excel. A catalogação foi realizada através do programa Word que possibilitou o armazenamento das informações referentes às reportagens publicadas na Revista do Globo. No Word, criou-se uma ficha de catalogação com campos que foram preenchidos a partir das informações extraídas da Revista, sendo que para cada reportagem foi preenchida uma nova ficha. O corpus das reportagens foi organizado pelo Sistema Pearl. Esta linguagem de programação foi realizada por Flávio Soibelman Glock do IPCT/PUCRS. O processamento das informações por este programa específico possibilitou as buscas e a organização de um banco de dados disponível na Internet. O Internet Explorer teve sua utilização na busca dos dados da Internet. O sistema de busca na Consulta ao Catálogo da Internet é o mesmo para todo o Acervo Literário da Livraria do Globo, Este processo permitiu maior eficiência na recuperação dos dados e a possibilidade de fazer vários cruzamentos, que são importantes para futuros pesquisadores explorarem esses assuntos através do catálogo, o qual oferecerá diversas possibilidades de busca, agrupamento e manuseio dos itens indexados. Com o programa Internet Explorer nas páginas da Revista do Globo no site do IPCT/PUCRS - <http://200.132.56.16/scripts/letras/searchglobo.pl?catalogo=esporte&> - foram obtidos os dados que foram acrescentados nas colunas VA (Valor Absoluto) e VR (Valor Relativo - %). Posteriormente, será editado o CD-ROM dos catálogos produzidos pelo grupo de pesquisa ALLGLOBO/PUCRS.

¹⁷ Organizou-se um glossário de termos em inglês, que foram extraídos das reportagens desportivas da revista (anexo 4).

¹⁸ Conforme Corrêa (1978: 11), a dificuldade de obtenção de documentação escrita para a pesquisa é corrente, devido ao descaso pelos arquivos públicos e particulares.

a) Os Entrevistados

O critério adotado para selecionar os entrevistados foi o seu passado desportivo, necessariamente como atleta das associações de Porto Alegre, no período do Estado Novo (1937-1945). A primeira listagem dos entrevistados foi elaborada, a partir das informações contidas nos livros comemorativos e por indicação dos dirigentes das associações. Além da procura dos sujeitos para pesquisa através de contato telefônico, três reportagens foram publicadas em jornais de Porto Alegre para divulgá-la e estimular a participação do maior número possível de pessoas.

Uma reportagem - Em busca dos pioneiros - foi publicada no Jornal Zero Hora (Zavaski, 09/08/2002: 70), a pedido da pesquisadora, com o objetivo principal de convidar os ex-atletas interessados em colaborar com a pesquisa. Este jornal, cuja tiragem semanal é de 180.000 exemplares, é o de maior circulação no Estado do Rio Grande do Sul. Em decorrência desta divulgação, a pesquisadora foi contatada pelo telefone e correio eletrônico pelos atletas e/ou seus amigos e familiares dispostos a colaborar nas entrevistas.

No mês seguinte foi publicada a reportagem intitulada "Os Cem Quilômetros de São Leopoldo" (Zavaski, 07/09/2002: 38), abordando a prova ciclística realizada durante as comemorações da Semana da Pátria de 1938. O texto continha jornais da época e fotografias cedidas pelo filho do ciclista vencedor da prova. A partir desta reportagem, novos contatos com atletas foram obtidos nas semanas seguintes. A última reportagem de divulgação da pesquisa intitulada "Pedalando pelo Bom Fim" foi publicada no Jornal da Associação dos Amigos do Bairro Bom Fim (Jorge, 09/2002, nº 14: 2), e resultou em novos contatos para a pesquisadora. Após estes procedimentos, o número de entrevistados para a dissertação totalizou oito pessoas, sendo dois do sexo feminino e seis do sexo masculino, com idades entre 76 anos e 84 anos¹⁹.

¹⁹ É recorrente entre os autores (Thompson, 1992; Tourtier-Bonazzi, 1996) a referência às facilidades de entrevistar idosos, tendo em vista, especialmente sua disponibilidade de tempo.

O planejamento e o escalonamento das entrevistas obedeceu à ordem de contatos preliminares estabelecidos pela entrevistadora. Um primeiro contato telefônico foi mantido para definir local, dia e horário para gravação do depoimento. Durante estes contatos, os entrevistados foram esclarecidos a respeito dos objetivos da investigação, a importância da participação do entrevistado, e a necessidade de gravação das entrevistas. No segundo contato, acrescentou-se a importância da autorização das pessoas envolvidas na pesquisa para uso da transcrição do depoimento e o compromisso da entrevistadora com o anonimato do entrevistado. O nome dos entrevistados no corpo do trabalho foi substituído por letras do alfabeto. Este critério foi adotado para preservar a identidade dos entrevistados.

b) A Entrevista

A entrevista temática (Thompson, 1992; Triviños, 1987) é a técnica de pesquisa utilizada nesta dissertação. Todas as entrevistas são realizadas pela pesquisadora. Para a gravação das entrevistas segue-se o roteiro com temas relacionados aos objetivos da investigação. O roteiro, de posse do entrevistador durante a entrevista é flexível para novos temas que, eventualmente, são incorporados à entrevista.

O roteiro norteador elaborado para a realização das entrevistas apresenta os seguintes tópicos:

- a) Nome completo;
- b) Data de nascimento;
- c) Endereço residencial/profissional e telefone para contato;
- d) Local da entrevista;
- e) Data da entrevista;
- f) Modalidade desportiva (principal e outras que se destacou);
- g) Títulos desportivos;
- h) Período que atuou como atleta;
- i) Nome da associação desportiva que pertencia;
- j) Sobre a associação (condições para a prática desportiva, etc.);

- k) Sobre a nacionalização das associações;
- l) Sobre a participação em desfiles cívicos;
- m) Duração da entrevista (início e término).

As observações relativas às interferências de outras pessoas alheias a entrevista, reações do entrevistado, seu estado emocional, entonação das palavras, silêncios, pausas, ritmos das fala, atitudes corporais, entre outras situações surgidas no decorrer da gravação são registradas durante a entrevista no caderno de campo.

c) Contexto das Entrevistas

As entrevistas são realizadas nas residências dos entrevistados, com exceção de 1 (uma), que acontece no local de trabalho, em horários estabelecidos de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Antes da realização da entrevista, o entrevistado é informado a respeito do objetivo da pesquisa, o sigilo de identificação, o modo de aplicação e o destino das informações obtidas. O tempo de duração de gravação das entrevistas é cerca de 90 minutos, com exceção de um caso, com duração de aproximadamente 60 minutos em razão da objetividade das respostas do entrevistado.

Durante as entrevistas, é permitida plena liberdade de expressão ao entrevistado, por essa razão nem sempre é possível seguir a ordem dos itens pré-estabelecidos no roteiro. Este fato não prejudica a coleta de depoimentos, tendo em vista que todos os tópicos do roteiro são abordados na entrevista. Todos os entrevistados mostram fotografias, recortes de jornais, medalhas e troféus, livros e materiais diversos que comprovam a participação nas atividades desportivas, com exceção de um entrevistado cujo material foi extraviado.

Todos os entrevistados indicam pessoas conhecidas para contribuir com seu depoimento para o trabalho. Este fato demonstra que eles ainda mantinham relações sociais, embora a maioria não frequenta a associação desportiva de origem. De forma geral, todos os entrevistados, nos dias

subseqüentes a gravação da entrevista, mantinham contato telefônico para fornecer informações que não tinham sido comentadas na entrevista.

d) A Transcrição das Entrevistas

Concluída a etapa das gravações das entrevistas, procede-se à confecção da cópia de segurança da fita e a fase da transcrição literal do depoimento²⁰. A seguir, realiza-se a conferência de fidelidade, na qual o texto digitado é comparado com a fita para possíveis correções de palavras ou frases que não são transcritas. Realiza-se uma limpeza do texto com a abolição de algumas repetições e correção de erros de português e de pontuação, sem que o sentido do texto seja alterado.

Uma cópia do texto transcrito da entrevista gravada em fita cassete acompanhada de uma fotografia que registra a entrevista é entregue ao entrevistado, pessoalmente, pela pesquisadora. Solicita-se ao entrevistado que, após a leitura da transcrição do seu depoimento, assinasse um termo de compromisso - Cessão do Depoimento Oral (adaptado de Alberti, 1989), autorizando seu uso na pesquisa.

Análise dos Depoimentos Oraís

Os depoimentos orais são submetidos à técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2000; Moraes, 1999; Triviños, 1987), com a finalidade de buscar respostas para as questões norteadoras do estudo de forma a complementar e desvendar os conteúdos não manifestos nas entrevistas. Na presente investigação, a análise de conteúdo visa captar as características e o valor informacional dos depoimentos, constituindo uma análise temática.

Inicialmente, procede-se a leitura dos depoimentos, que são decompostos em unidades de significado. Estas unidades, identificadas por

²⁰ A transcrição parcial ou total do depoimento constitui-se na forma mais corrente de acesso ao documento oral (Joutard, 1984). A escola norte-americana afirma a primazia da transcrição. Já na França, a documentação corresponde a fita e qualquer prática de transcrição tira-lhe o caráter singular (Voldman, 1996).

código de números, são representadas da seguinte forma: (1) as atividades desportivas nas associações; (2) os recursos materiais para a prática desportiva nas associações; (3) o treinamento desportivo nas associações; (4) a prática desportiva de homens e mulheres nas associações; (5) o amadorismo desportivo nas associações; (6) as atividades sociais nas associações; (7) representações da identidade teuto-brasileira nas associações; (8) formas de pertencimento às associações; (9) a nacionalização das associações desportivas; (10) as representações da identidade nacional brasileira pelas associações – os desfiles. Cada unidade de significado é associada a uma letra do alfabeto utilizada para identificar o entrevistado, preservando, desta forma, sua identidade.

A seguir, procede-se a classificação das unidades em categorias, através do agrupamento dos dados, considerando nesta fase a parte comum existente entre eles. A classificação resulta em quatro categorias: (1) As práticas desportivas nas associações e sua identidade cultural; (2) A identificação com a associação desportiva; (3) A organização administrativa e social das associações desportivas; (4) A nacionalização das associações desportivas. Para cada categoria, elabora-se uma síntese com os significados presentes nas diversas unidades de significado, usando citações diretas dos dados originais. À medida que se constrói a síntese, algumas unidades de contexto são elaboradas para auxiliar na interpretação do contexto dos depoimentos.

A constatação de afirmações conflitantes durante a fase da análise não invalida os depoimentos (Ferreira, 1994; Haguette, 1987). A falta de veracidade imputada aos depoimentos não desqualifica a documentação oral, mas serve como informação adicional para futuras investigações²¹. Haguette (1987: 77) indica “o ponto-chave no controle de qualidade dos dados em todos os casos

²¹ Portelli (1997: 32) afirma que não há falsas fontes orais quando é verificada a credibilidade factual do depoimento “com todos os critérios estabelecidos do criticismo filológico e verificação factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância”. Para Garrido (1992/1993: 38-39), a garantia “consegue-se mediante dois procedimentos de caráter interativo: um, com a documentação escrita existente, e outro, com o resto do corpus de documentos orais”.

situa-se no uso sistemático de dados de outras fontes relacionadas com o fato observado, a fim de que se possa analisar a consistência das informações e sua validade”. Os depoimentos orais são confrontados com informações obtidas nas fontes documentais.

1.5 – A Estrutura da Dissertação

A dissertação apresenta a seguinte estrutura: Enquadramento Teórico; Estudos Empíricos; Considerações Finais e Conclusões.

O Enquadramento Teórico discorre sobre o conceito de associativismo desportivo, procurando mostrar que as associações desempenharam um papel relevante na formação dos Estados-Nação, através da construção de representações de identidades culturais. Além disso, discute os conceitos de Estado-Nação, nacionalismo e identidade nacional, já que são fundamentais para a compreensão do conceito de identidade cultural. Finalmente, apresenta-se o conceito de identidade cultural, onde é abordado, especificamente, o caso da comunidade teuto-brasileira.

Os estudos subseqüentes apresentam as informações coletadas na documentação impressa, nas obras bibliográficas, e nos depoimentos orais. A partir destas fontes de consulta, são organizados dois estudos que resultaram de fontes impressas e bibliográficas e, um terceiro estudo construído através de fontes orais.

O primeiro estudo – A Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre, apresenta o contexto sócio-cultural da cidade de Porto Alegre, que possibilita a emergência e a expansão das associações desportivas. O estudo destaca a contribuição dos teuto-brasileiros para a institucionalização das práticas desportivas em associações.

O segundo estudo – As Representações da Identidade Cultural Brasileira nas Associações Desportivas de Porto Alegre, apresenta um panorama do contexto sócio-cultural brasileiro durante o Estado Novo (1937-

1945), referindo as diferenças culturais características do Estado do Rio Grande do Sul. Na seqüência comenta-se as medidas legislativas que regulamentaram as associações desportivas no país. Destacam-se as repercussões da nacionalização nas associações desportivas teuto-brasileiras e, ainda, as representações da identidade cultural brasileira nos eventos cívicos e na Revista do Globo.

O terceiro estudo – Memória Oral do Associativismo Desportivo em Porto Alegre, apresenta depoimentos orais de atletas que vivenciaram nas associações desportivas o período do Estado Novo. No entanto, as informações obtidas nas entrevistas não se restringem a este período, pois a memória de alguns entrevistados permite abordar acontecimentos relativos a emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre.

A análise dos Estudos apresenta a interpretação e análise das informações, a partir das categorias extraídas das fontes impressas, bibliográficas e orais.

Finalmente, na última parte da dissertação, apresenta-se as conclusões da investigação.

2 – Enquadramento Teórico

A complexidade do problema de investigação que trata das relações entre o associativismo desportivo em Porto Alegre e as representações da identidade cultural teuto-brasileira remete a abordagem dos seguintes conceitos: Estado-Nação; Nacionalismo; Identidade Nacional; Identidade Cultural e a Identidade Teuto-Brasileira.

O enquadramento teórico é dividido em quatro partes, que examinam os principais temas que constituem da investigação. A primeira parte caracteriza o associativismo desportivo como um movimento voluntário e procura mostrar o papel das associações desportivas na afirmação das identidades culturais. Estas associações são tratadas enquanto um fenómeno cultural particular do campo²² desportivo. Considerando que as associações, através de significados atribuídos ao desporto, difundiram idéias e sentimentos para a construção de uma identidade nacional, a segunda parte aborda a problemática do estado-nação, o nacionalismo e a formação das identidades nacionais. A terceira parte trata das identidades culturais, pois no Brasil, especialmente em Porto Alegre, a construção da representação da identidade cultural brasileira foi conflituosa em razão da presença expressiva dos teuto-brasileiros. As características da identidade teuto-brasileira são apresentadas na quarta parte do enquadramento teórico.

2.1 – Associativismo Desportivo

O termo associação consiste na organização de um grupo de pessoas em torno de um propósito ou interesse comum. Marshall (1994) define associação voluntária como qualquer organização pública, não comercial, formalmente constituída, cuja filiação é opcional. As associações voluntárias consistem em grupos formais livremente constituídos, aos quais se tem acesso

²² De acordo com Bourdieu (1983: 44) a noção de campo significa um espaço social definido historicamente, o qual é "entendido ao mesmo tempo como campo de forças e campo de lutas que visam transformar esse mesmo campo de forças". Neste espaço, são travadas lutas, a partir de posições específicas, pela definição legítima do campo.

por própria escolha. Nesta perspectiva, uma sociedade e um clube são formas de associação.

O associativismo possui uma estrutura formal centrada em relações que coexiste com uma estrutura informal, centrada nas relações primárias, fruto da interação espontânea das pessoas. As associações voluntárias apresentam um sistema de organização das atividades sociais, desenvolvidas mediante a cooperação dos associados. O poder decisório é atribuído pela coletividade e as decisões relativas à gerência são diretamente tomadas pelas pessoas que participam das associações, caracterizando o sistema de autogestão. O conceito de autogestão possui duas características básicas: “a primeira é quem toma as decisões e quem as executa, no que respeita ao destino dos papéis em cada atividade coletiva organizada com base na divisão do trabalho. A segunda é a autonomia decisória de cada unidade de atividade” (Bobbio, Matteucci; Pasquino, 1994: 74).

As metas e os fins oficiais de uma associação na sua constituição podem apresentar algumas variações. Eventualmente, as metas anunciadas na fundação não correspondem as efetivadas pela associação, pois os associados podem criar finalidades secundárias que venham alterar os objetivos da época da fundação da associação. Assim, a associação voluntária deve procurar garantir a participação e a lealdade dos sócios por diferentes meios. Por exemplo, um sistema de comunicação interna pode exercer um certo controle, além de divulgar as idéias orientadoras da associação.

O fundamento normativo caracteriza a associação voluntária, “no sentido de que se trata de uma entidade organizada de indivíduos coligados entre si por um conjunto de regras reconhecidas e repartidas, que definem os fins, os poderes e os procedimentos dos participantes, com base em determinados modelos de comportamento oficialmente aprovados” (Bobbio, Matteucci; Pasquino, 1994: 64).

À medida que as associações se tornam amplas e complexas, tendem a se orientar mais pelo aparelho organizativo do que pela atuação voluntária dos

integrantes. Contudo, mesmo as associações que são difundidas e plurifuncionais dificilmente esgotam a totalidade de relações que constituem a vida das comunidades. Na própria setorialidade interna de cada associação encontra-se sua diferenciação da comunidade.

O desenvolvimento do fenômeno associativo está relacionado ao processo de industrialização, urbanização e instauração dos regimes democráticos. A democracia foi condição fundamental para a emergência do associativismo. A Revolução Industrial e as transformações sociais abalaram as estruturas tradicionais, da comunidade, da igreja e da família. Nas sociedades democráticas multiplicaram-se as associações atendendo interesses e atividades diversificadas, como por exemplo, associações políticas, econômicas e sociais, que ajudam a compreender as dinâmicas sociais e asseguram aos seus membros a intervenção no controle dessas associações.

Nas sociedades em que o poder está sob o controle do Estado, as associações voluntárias são enfraquecidas e subjugadas pelo mesmo. O Estado exerce controle social através de um conjunto de meios de intervenção acionados, a fim de induzir os associados a se conformarem com as normas, desestimular comportamentos contrários as normatizações e restabelecer condições de conformação. O associativismo voluntário constitui “o tecido conectivo de uma sociedade pluralista e que têm uma tríplice função principal: são fontes de estímulo político, servem de mecanismo de recrutamento e unem os indivíduos e os grupos primários às instituições e às diversas forças políticas” (Bobbio, Matteucci; Pasquino, 1994: 890).

Um sistema social pode buscar duas formas básicas de controle visando o consenso: uma de controle externo e outra de controle interno. A primeira refere-se aos mecanismos, como sanções, punições, interdições acionadas contra as associações, quando não se uniformizam com as normas dominantes. A segunda está relacionada à socialização primária, valores, normas e metas consideradas fundamentais para a ordem social.

Em geral, uma das primeiras iniciativas dos regimes autoritários é a supressão da liberdade de associação, como se percebe nos exemplos que segue. Na Itália, o direito de associação foi suprimido durante o fascismo. Na Espanha, desde a ditadura de Franco até 1974, as mulheres foram impedidas de freqüentar as touradas (MacClancy, 1996). Na França, o associativismo voluntário encontrou obstáculos de ordem legislativa²³. Na Prússia e outros países alemães, as sociedades de ginástica foram interditas, em razão das posições políticas dos “turner”²⁴. No Brasil, durante o Estado Novo (1937-1945) as sociedades de ginástica e demais associações desportivas identificadas com os imigrantes foram alvo da política de nacionalização de Getúlio Vargas.

A participação das associações voluntárias varia entre os países e dentro de cada comunidade, conforme os extratos sociais da população. Em geral, as associações são constituídas majoritariamente pelas pessoas que ocupam posições sociais mais elevadas econômica e politicamente. A participação nas associações daqueles que ocupam posições sociais menos elevadas é escassa em termos de contato social (condição de sócio), como também, nas atividades associativas. O associados que pertencem aos extratos econômicos inferiores, diminuem sua participação com o aumento da idade, contrariamente aos extratos superiores, que tendem a aumentar a participação nas associações com o passar dos anos. Em relação à

²³ “As causas do menor desenvolvimento e da menor relevância do associativismo na França, em relação aos Estados Unidos, estão na deliberada repressão das formas associativas por parte do governo, preocupado e receoso da existência de forças que lhe poderiam ser hostis; na tradição liberal estritamente ancorada na liberdade individual; na tradição católica; no forte governo central, que desenvolve muitas funções, que nos Estados Unidos são deixadas aos governos locais e aos cidadãos” (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1994: 66).

²⁴ Jahn, o idealizador do “turnen” (ginástica) foi condenado e preso durante dois anos, por crime de alta traição. Neste período denominado de “bloqueio ginástico”, o “turnplatz” (campo de ginástica) de Hasenheide foi fechado, por proibição governamental em 1819. O assassinato do escritor Kotzebue, considerado agente da Rússia e adepto da política de Metternich, da Áustria, ocorrido em março de 1819, pelo estudante e ginasta Karl Sand, foi o motivo final para a tomada de medidas contra o movimento ginástico de Jahn. O Estado mandou fechar todas as sociedades de ginástica em 1820. Em 1825, Jahn foi reabilitado, porém mantido sob vigilância do governo até 1841, quando o clima político estava mudando na Alemanha. Em seguida foi condecorado com a “Cruz de Ferro” pelos serviços prestados a Pátria. Em 1842, a ginástica de Jahn foi novamente considerada como componente educacional da juventude alemã e, sua proibição foi suspensa. Depois desse período a ginástica tinha se voltado mais para uma atividade de ginásio ou sala. (Cantarino, 1988; Tesche, 1996).

participação e as atividades políticas em associações voluntárias destacam-se três aspectos:

- a) Aqueles que pertencem a associações políticas, em que os inscritos têm o direito de voto, participam das consultas eleitorais em medida maior do que aqueles que não fazem parte de grupos formais voluntários;
- b) Os inscritos em partidos e círculos políticos são contemporaneamente membros de outras organizações em proporção maior do que inscritos em outros tipos de associação;
- c) A participação numa associação política exerce um 'efeito catalisador' na participação em outras atividades organizadas; os resultados de algumas pesquisas, na verdade, colocam em evidência que as pessoas que aderiram num primeiro momento a uma associação não política se inscreveram, num segundo momento, em outras associações em medida menor do que aquelas que aderiram, pela primeira vez, a uma organização política (Bobbio, Matteucci; Pasquino, 1994: 66).

Com base nos interesses prevaletentes na sua origem, as associações voluntárias são classificadas em culturais, recreativas, religiosas, profissionais, econômicas, políticas, desportivas, entre outras. Além da sua finalidade, as associações diferem, significativamente, entre si com relação ao grau de organização, critérios de seleção dos associados e o nível de comprometimento pessoal dos sócios nas metas da instituição.

A organização desportiva incorpora uma ampla variedade de agrupamento sociais oriundos da educação física e das associações desportivas. A Educação Física e programas desportivos militares são organizações desportivas não-voluntárias, enquanto que os clubes desportivos se caracterizam pela associação voluntária dos seus membros. A voluntariedade é um elemento de distinção das associações desportivas (Lüschen; Sage, 1981).

Os primeiros clubes sociais que surgiram eram associações voluntárias e informais, que serviam para ocupar o tempo livre. Ferrando, Barata; Otero

(1998: 130) afirmou que as relações próprias dos grupos primários aparecem com mais facilidade nos pequenos clubes desportivos e nos pequenos grupos de indivíduos que praticam desportos juntos com regularidade. Algumas associações começam por um grupo de amigos para chegar ao grupo constituído e organizado.

O clube caracteriza-se como uma associação de indivíduos com vínculo social, propósitos comuns e com interesses recreativos e desportivos. É uma instituição que possibilita a continuidade do modo de vida de seus membros. A associação desportiva reúne um conjunto de pessoas que se relacionam entre si com uma certa regularidade e compartilham experiências, opiniões, aspirações e, inclusive, podem obter sua própria identidade de pertencimento ao grupo (Ferrando, Barata; Otero, 1998).

As associações desportivas voluntárias transformaram-se em associações formais, à medida que elaboraram seu estatuto para regulamentar suas atividades. As associações desportivas formais apresentam uma multiplicidade de características, no entanto por serem organizações complexas, apresentam variados graus de formalização para atender objetivos específicos.

As primeiras associações desportivas, fundadas no século XIX, têm sua origem na corrente ginástica e na corrente inglesa. A corrente ginástica nasceu nos países germânicos e escandinavos ligada a emergência da organização nacional. A corrente inglesa, oriunda dos colégios ingleses, não foi mobilizada para a construção do Estado-nação (Griffi, 1989) .

Na Inglaterra, os alunos egressos das escolas inglesas organizaram clubes e ligas desportivas, que visavam reunir desportistas da aristocracia inglesa e, também fixar as regras dos jogos praticados no século XIX (Thomas, Haumont; Level, 1988). Segundo Thiesse (2000: 239), o desporto inglês tem como objetivo “redefinir as relações entre o individual e o coletivo através da aprendizagem da concorrência leal, do respeito das regras comuns e do

espírito de equipe”. Assim, o desporto praticado na Inglaterra se caracterizava como uma prática educativa, lúdica e de distinção social.

A difusão do modelo desportivo inglês ocorreu pela multiplicação dos clubes de futebol, juntamente com a progressiva unificação das regras. No final do século XIX, a associação de futebol inglesa contava com um número expressivo de associados, sendo que “em 1890, a final da ‘Cup’ atraiu mais de 100.000 pessoas” (Thiesse, 2000: 240). Os clubes de futebol ingleses desenvolveram-se no período compreendido entre 1840 e 1913, tornando-se representativos do modelo de organização da prática desportiva contemporânea.

A burguesia e a classe média urbana inglesa adotaram o modelo organizacional do futebol para a estruturação do atletismo, natação e tênis. A proposta de organização desportiva visava basicamente romper com a cultura aristocrática. Neste caso, o desporto torna-se um poderoso fator de integração nacional, fornecendo um duplo suporte de identificação comum a categorias sociais distintas.

O êxito industrial, econômico e colonial da Grã-Bretanha é associado à educação desportiva inglesa. As bases do modelo de desporto clubístico inglês expandiu-se para o mundo através dos agentes comerciais, militares, engenheiros e outros emigrantes. Thomas, Haumont; Level (1988: 72-74) relacionam alguns casos de países que se apropriaram do modelo inglês, segundo características sociais e culturais, como segue.

Na Finlândia, a reação nacional e popular à adoção do modelo de clube inglês, pela burguesia de origem sueca, conduziu a organização de associações e federações pluridesportivas, no final do século XIX. Na Rússia, a ginástica e o futebol foram organizados em clubes, posteriormente foram agrupados em federações e, depois integrados aos sindicatos. Na França, foram criadas várias sociedades voltadas à preparação física e militar, depois de 1870.

A introdução do modelo desportivo inglês na formação da juventude francesa era um dos projetos do barão Pierre de Coubertin, idealizador dos jogos olímpicos modernos (1896), após retornar de sua viagem à Inglaterra. O modelo desportivo inglês adquiriu uma posição hegemônica na França depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e se manteve, aproximadamente, até o início da década de 70, incentivado pelo nacionalismo e pela intervenção do Estado.

Na antiga Alemanha Ocidental encontrava-se um exemplo típico de clube desportivo independente. A evolução do modelo desportivo inglês foi modificada pela tradição nacional do “turnen” nas Escolas de Ginástica (turnvereine). O movimento ginástico do “turnen” foi criado em 1811 por Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852). O estreitamento entre o discurso nacionalista e a prática desportiva tem sua origem no final do século XVIII e início do século XIX, nos estados que constituíram o Estado Alemão. A Alemanha lutava contra Napoleão pela sua libertação e os alunos de Jahn tomaram parte na luta franco-alemã. Na sequência das guerras napoleônicas, Friedrich Ludwig Jahn, o “turnvater” (o Pai-Ginasta), “funda sociedades de educação física destinadas a formar tanto o caráter como a resistência corporal da juventude” (Lüschen; Sage, 1981: 321).

As associações de ginástica (Turnvereine) tinham uma dupla finalidade: “formar corpos robustos e aguerridos para a defesa da pátria, mas também, através do exercício físico, constituir uma educação total para o nacional” (Thiesse, 2000: 237). O programa educativo das associações de ginástica incluía as excursões patrióticas, mas só no fim do século é que a marcha a pé se torna um desporto coletivo que alia educação física e moral.

A ginástica tinha um conteúdo nacionalista na Alemanha (Ramos, 1982: 184). Embora conhecido pela denominação de ginástica, o movimento do “turnen” incorporava diversos exercícios físicos e práticas desportivas voltadas para fins sociais e políticos (krüger, 1996). A ginástica de Jahn tinha características militares, que podem ser detectadas na análise da rotina dos

exercícios e na exigência de uma postura militar dos alunos²⁵. A ginástica com rígidos princípios de disciplina, obediência e dedicação era um instrumento de ação moral e política na educação da juventude alemã. As noções conceituais foram formuladas com o intuito de fomentar a resistência alemã contra a invasão de Napoleão e promover a unificação do Estado alemão (Tesche, 1996).

De acordo com Renaux (1995: 30) as associações de canto e de ginástica foram outro testemunho do movimento nacionalista que “visando construir um estado nacional unificado e livre, se articulava apoliticamente para não serem perseguidas. Sobretudo nas associações de ginástica, Turnvereine, foi mantida viva a tradição das guerras de libertação naturalmente num caráter festivo”. Nesse contexto, “os clubes de caça e tiro, Schützenvereine, e os Volksvereine, associações populares” estavam inseridos no movimento de construção da nacionalidade alemã aglutinando “as forças democráticas em favor de uma Alemanha unificada e liberal”. As associações serviam a finalidade política à medida que seus associados estavam comprometidos com ideais democráticos e liberais.

Para Seyferth (1982: 25), as sociedades de ginástica (Turnherrschaften ou Turnvereine) fundadas por Jahn tinham no desporto apenas uma finalidade secundária, “pois podiam facilmente se transformar em um exército”. Estas instituições de ginástica e os clubes de tiro tornaram possível constituir um exército prussiano através de milícias (Landwehr), já que os acordos firmados com Napoleão proibiam um exército regular.

Tesche (1996: 42) afirma que a prática da ginástica institucionalizada tinha a função de “assegurar a existência e a independência de uma comunidade nacional”. O “turnen” foi um dos elementos utilizado na idealização

²⁵ A estrutura do sistema ginástico compreendia exercícios e jogos gímnicos que são praticados num campo de ginástica (turnplatz). Os exercícios foram agrupados em: marchar, correr, saltar, tomar impulso no cavalete e no cavalo, equilibrar, exercícios de barra, exercícios de paralela, trepar, arremessar, puxar, empurrar, levantar, transportar, esticar, lutar braço a braço, saltar arco e pular corda. Havia atividades para a prática ao ar livre como a natação, a marcha, a equitação, a esgrima, a luta e os exercícios bélicos (Cantarino, 1988: 4).

das noções de unidade pátria e povo e contribuiu para a consolidação de um sentimento coletivo na constituição do Estado-nação alemão. Segundo Thiesse (2000: 63), “Jahn inventa o termo “Volkstum”, construído a partir de uma raiz germânica e não latina, para designar a alma, o espírito, a especificidade da nação”.

Na perspectiva da afirmação do sentimento de coletividade, as associações de ginástica permitiram o ingresso de outras categorias da população nacional. A ginástica chegou a ser proposta para as crianças e mulheres, por volta de 1840. Conforme Thiesse (2000: 237) “grandes festas têm lugar em todo o país, onde as demonstrações de ginástica são rematadas com discursos apelando à unidade nacional”. A prática da ginástica esteve proibida no período de 1820 a 1842, mas os “turner” praticavam clandestinamente em salas secretas, o que resultou na prática mais intensa dos exercícios nos aparelhos.

As associações de ginástica expandiram-se na Alemanha devido à penetração das práticas desportivas, no período compreendido entre 1872 e 1914. A organização e institucionalização dos desportos no país sofreram influência das tradições e do movimento renovador nacionalista, após 1871. Em 1890 existiam 6.501 associações de ginástica no território alemão (Tesche, 1996: 43).

Conforme Hobsbawm (1984: 311), o alinhamento das associações de ginástica à idéia de nação alemã vitoriosa manifestou-se simbolicamente quando, “a maioria das associações de ginástica assumiram as novas cores da nação alemã - o preto, o vermelho e o branco”. Outros símbolos utilizados são o uniforme igualitário pelos ginastas de Jahn, que também deveriam conhecer os monumentos culturais alemães. (Thiesse, 2000).

As Escolas de ginástica alemãs, na forma de associações livres, difundiram-se para outros países da Europa e América (Langlade; Langlade, 1970). Na França, o modelo alemão de ginástica chega através da Alsácia, por volta de 1860. O associativismo alemão, a partir de 1860 chega “às cidades

industriais americanas e constituem as primeiras associações de ginástica do Novo Mundo” (Thiesse, 2000: 238-239).

A relação entre as atividades físico-desportivas e a educação, visando a unidade nacional, também foi observada no movimento tcheco “Sokol” (em tcheco significa falcão), fundado em 1862, por Miroslav Týrs, com apoio do banqueiro Jindrich Fügner. O ‘Sokol’ pretende ser a encarnação da alma nacional, fraternidade laica e democrática. Os membros desse movimento usavam camisa vermelha, tendo como referência às tropas do revolucionário italiano Garibaldi, amigo pessoal de Jindrich Fügner.

Os “sokols” desempenham um importante papel no desenvolvimento da consciência nacional dos tchecos. São organizadas festas que apresentam exercícios de conjunto harmoniosos feitos para convencer os espectadores estrangeiros da existência da nação. As demonstrações de exercícios eram realizadas pelos homens. O movimento dos “sokol” foi aberto a participação das mulheres somente em 1895.

Os “sokols”, assim como as “turnverein”, seguem na bagagem cultural dos grupos migratórios. A partir de 1896, o movimento “sokol” estendeu-se ao espaço eslavo, Londres, Paris e Estados Unidos. As associações criadas pelos “Sokols” nos Estados Unidos desempenharam um papel significativo na criação da Tchecoslováquia, cujo primeiro presidente foi Masaryk, um desportista e adepto dos “sokols”. O modelo liberal do movimento é redefinido politicamente pelas organizações de esquerda para a educação e recreação da juventude socialista, com a denominação de “falcões vermelhos”.

Thiesse (2000: 242) afirma que a estrutura desportiva segue um modelo: “confessionais ou laicos, conservadores, liberais ou socialistas e, entre as duas guerras, comunistas ou fascistas, os clubes multiplicam-se. As associações locais são integradas em Uniões Nacionais e, mais freqüentemente, em Federações Internacionais. O que contribui para desenvolver maciçamente a percepção da nação como quadro natural da sociedade”.

A partir do início do século XX, o desporto adquiriu as características de um fenómeno de massas, visando a educação e a integração no coletivo, mas tendo como fundo as questões políticas. O fenómeno desportivo expande-se para além de espaços especialmente concebidos para sua prática²⁶. Os “desportos de deslocamento”, como o ciclismo, começaram a desenvolver-se de forma considerável: “Volta à França (criada em 1903), “Giro” italiano (1905), “Volta à Bélgica” (1907), “Volta à Portugal” (1927), “Volta a Espanha” (1935). As provas de ciclismo e o automobilismo passaram a percorrer a nação, o seu território sendo investidos de funções específicas: apreender o espaço da pátria.

A comunhão da nação, também é realizada pelos jornalistas, escritores e fotógrafos, que através das suas reportagens sobre as provas ciclísticas e automobilísticas representam um discurso de amor a nação, as suas belezas naturais e a lugares pitorescos. Thiesse (2000: 243) afirma que esses profissionais “por ocasião das grandes competições ciclísticas ou automobilísticas, efetuam o trabalho de passagem à escrita e à representação”. Mas são as associações de turismo ciclístico, de alpinismo, caminhantes e excursionistas, que estendem à população em geral a possibilidade de percorrer a nação de forma escrita e física.

Em algumas competições internacionais os conceitos de Estado e nação foram dissociados, como por exemplo, o Torneio das Cinco Nações. Os atletas da ex-República Democrática Alemã (RDA) e ex-República Federal Alemã (RFA) foram agrupados em uma única equipe alemã até 1968, na realização dos Jogos Olímpicos do México porque o Comitê Olímpico Internacional (COI) não reconhecia o Comitê da RDA²⁷. Outro exemplo dessa situação aconteceu nos Jogos de Estocolmo, realizados em 1912, quando se fizeram representar delegações da Boémia e da Finlândia, nações que ainda não tinham sido

²⁶ No início do século XX, os desportos que são praticados em espaços especialmente concebidos e no meio urbano, como o futebol, o atletismo e o ténis já tinham adquirido um certo desenvolvimento (Thiesse, 2000).

²⁷ Na cerimônia de entrega das medalhas para os atletas alemães era tocado o Hino da Alegria de Beethoven devido à ausência de um hino nacional comum aos dois Estados alemães.

oficialmente reconhecidas, assim como estavam presentes os Estados dos quais eram dependentes.

Em outras competições, as disputas desportivas representavam o fortalecimento dos ideais da nação, em lutas simbólicas que reforçam o sentimento de pertencimento nacional. Os Jogos Olímpicos são espaços privilegiados de representação de identidades. Estes jogos e outras competições desportivas internacionais são utilizados pela propaganda estatal para reforçar os laços entre os diferentes grupos culturais em torno de um imaginário nacional.

As nações organizadoras ocupam o espaço para fazer a demonstração identitária aos “estrangeiros”, que também são atingidos pelo jornal, rádio, televisão. As cerimônias dos jogos afirmam cada vez mais o patrimônio identitário. No momento das competições, as equipes – nações exibem suas identidades através das bandeiras, hinos, vestuário e do animal nacional. As disputas desportivas dos Jogos Olímpicos representam um confronto de nações, onde qualquer vencedor torna-se um herói, ilustrando com o seu exemplo às virtudes da sua pátria.

As competições desportivas entre as equipes representavam lutas simbólicas que reforçam o sentimento nacional. Segundo Hobsbawm (1990: 170), “entre as duas guerras, o esporte como espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infindável de contendidas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global”. Ele segue analisando as disputas desportivas que “simbolizavam a unidade desses Estados, assim como, a rivalidade amistosa entre uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que promoviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas”. A rivalidade entre as equipes das

ações significava a afirmação da unidade nacional pela integração dos diferentes grupos pertencentes a uma mesma nação²⁸.

O desporto assumiu um importante papel na expressão das identidades nacionais nas sociedades modernas. Através do desporto ampliaram-se os limites do âmbito privado e local para o público e nacional. Segundo Hobsbawm (1990: 171), “até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz”.

Com relação a esse tema, ainda destaca-se o papel das associações desportivas no processo de construção de uma identificação nacional. As associações desportivas tornaram-se um símbolo de integração e unidade de grupos sociais atuando no fortalecimento dos ideais da nação. Mesmo os indivíduos que apenas torcem pelas suas associações “tornam-se os próprios símbolos de sua nação” (Hobsbawm, 1990: 171).

2.2 – Nação e Nacionalismo

O conceito de nação tem sido discutido basicamente em duas direções: “relacionado a diferentes definições eruditas, ou como uma forma de identidade que compete com outros tipos de identidades coletivas” (Hutchinson; Smith, 1994: 4). Na perspectiva de Hobsbawm (1990: 27) o termo nação “não é natural, fundamental ou permanente, mas fruto da modernidade”²⁹. É um conceito inventado ora para legitimar a dominação de uma etnia sobre as demais, ora para criar um denominador sócio-cultural comum suficientemente homogêneo para poder funcionar como base social adequada à obrigação

²⁸ Para Thiesse (2000: 241-242) os “Jogos de Albertville”, os “Jogos de Lillehammer” e os “Jogos de Nagano” são exemplos que “se apoiaram na declinação tradicional, moderna ou pós-moderna do patrimônio identitário, ainda que as motivações comerciais fossem também poderosas”. Em contraste, os “Jogos Olímpicos de Atlanta”, chamados de “Jogos Coca-Cola” foram acusados de “anunciarem muito cruamente uma identidade fundada nos produtos de consumo de difusão mundial”.

²⁹ Outros autores (Gellner, 1993; Renault, 1993; Miller, 1997), também tecem críticas a concepção da nação como algo natural e acabado.

política geral e universal exigida pela Estado, autodesignado assim como Estado-Nação.

A nação é uma entidade social e política que está ligada a uma forma de Estado territorial moderno denominada Estado-Nação. É um fenômeno inserido tanto na esfera política quanto na cultural, que se legitima a partir da coesão política dos seus cidadãos, mas também, quando se afirma no campo cultural construindo sua identidade. O Estado-Nação tem por base um sentimento existente de pertencimento ou a promoção intencional da idéia de coesão cultural.

O projeto de nação pressupõe uma cultura comum entre os membros de um Estado. É o Estado que faz a nação e define os padrões de cidadania (pertencimento à comunidade), língua padrão e o território (Hobsbawm, 1990: 56)³⁰. A nação é uma “comunidade política imaginada”, que deve ser compreendida em associação com os sistemas culturais que a precedem (Anderson, 1989: 14)³¹. Frente a essas observações Smith (1997) faz uma distinção entre dois modelos de nação, a cívico-territorial e a étnico-genealógica.

O modelo cívico-territorial ou ocidental de nação é caracterizado pelos seguintes elementos: território histórico; comunidade político-legal (Pátria); igualdade político-legal dos membros e ideologia e cultura cívica comum. A definição de espaços territoriais é fundamental à constituição da nação, sendo que a concepção de nação é marcada de forma predominante pelo elemento espacial ou territorial. A Pátria é percebida como uma comunidade de leis centralizadoras e unitárias e instituições com um único propósito político.

³⁰ Guibernau (1997: 53) questionou as categorias comumente usadas para definir a nação, como a língua, território, história e traços culturais comuns. Referiu que as “nações sem estado” são grupos étnicos dotados de língua, cultura e tradições comuns e não se constituem em Estado Nacional.

³¹ Hobsbawm (1990: 63) concorda com Anderson quando afirma que a nação moderna é uma comunidade imaginada, “e não há dúvida de que pode preencher o vazio emocional causado pelo declínio ou desintegração, ou a inexistência de redes de relações ou comunidades humanas reais”.

A igualdade de direitos legais e políticos dos membros da nação implica na existência de um código de leis comuns e de órgãos para o seu cumprimento. A cultura comum e a ideologia cívica significam um conjunto de critérios e aspirações, sentimentos e idéias, que unam a população na sua terra natal. Os membros da nação são unidos ou devem ser homogeneizados através de recordações históricas comuns, símbolos e tradições.

O modelo não-ocidental de nação baseia-se em uma concepção étnica, cujo elemento fundamental é a comunidade de nascimento e de cultura nativa. O conceito étnico de nação não possui a mesma amplitude que o conceito cívico-territorial, pois restringe a nação à comunidade de origem do indivíduo, independentemente se ele permanecer na sua comunidade ou deslocar-se para outra. A identidade étnica preexistente foi um forte requisito de identificação na emergência das nações. Para a construção das nações européias foram recuperadas referências na identidade étnica.

As nações se constituíram ou tomaram consciência de sua existência através do nacionalismo. O nacionalismo é um princípio imprescindível para a existência da nação na busca da identificação emocional. Conforme Smith (1997: 176), o mundo está dividido, “primeiro e acima de tudo, em ‘estados-nação’ – estados que alegam ser nações”, o que demonstra a capacidade de penetração do nacionalismo. Assim, o nacionalismo é uma invenção, que cria ou inventa nações.

Para Hobsbawm (1990: 18), o nacionalismo é “fundamentalmente um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente”. Ele é um princípio que busca a identificação emocional com a nação. A difusão do nacionalismo é impulsionada pela “carga emocional que os indivíduos investem em sua terra, língua, símbolos e crenças, enquanto desenvolvem sua identidade” (Guibernau, 1977: 86). Um atributo do nacionalismo, além do seu caráter político em busca da harmonia entre o Estado e a nação é sua capacidade de prover identidade para os indivíduos que vivem no mesmo território e sentem-se ligados por laços culturais comuns.

A construção da entidade nação em busca de uma identificação nacional ocorreu no período compreendido entre o final do século XVIII até início do século XX, em países da Europa e da América. No princípio, o nacionalismo implicava num movimento cultural, folclórico, intelectual e literário, denotando maior identificação com o liberalismo e movimentos de libertação próximos a Revolução Francesa.

No decorrer de um século, o nacionalismo sofreu profundas transformações com o esgotamento do modelo político-econômico liberal na Europa e na América e a constituição dos Estados territoriais modernos³². O nacionalismo direcionou-se para a busca da unidade territorial e política, sem perder de vista o desenvolvimento econômico do país. O Estado moderno caracterizou-se como um Estado administrativo por que centraliza a legislação sobre o território e mantém a unidade nacional.

Para atingir a unidade política e nacional, o Estado necessitou incorporar maiores parcelas da massa. Hobsbawn (1990) afirma que na virada para o século XX, o nacionalismo desembocou em um programa político de sustentação de massas. Nessa direção, as classes populares e os grupos étnico-culturais foram absorvidos como cidadãos. A busca da unidade implica em uma integração hierarquizante, onde tudo o que se inclui dentro do território do Estado é parte da nação e qualquer particularismo local é considerado um componente do conjunto.

O conteúdo do nacionalismo foi tomando outras formas e, inclusive, deslocou-se para uma concepção política, especialmente entre os anos de 1880 a 1914, quando a política imperialista dos Estados atingiu seu auge. No final da primeira guerra mundial, num contexto caracterizado pela predominância do populismo e pela lógica do capitalismo, o Estado passou a centralizar funções sociais com vistas a formatação de um modelo político-

³² Le Goff (1994: 75) referiu que a idéia de nação "é especialmente querida dos povos que ainda não estão politicamente unidos. Por isso, a idéia nacional encontra, muito especialmente na Itália e na Alemanha, defensores entusiastas e persistentes, tal como noutros povos dispersos e divididos".

econômico, que permitisse a competitividade no mercado internacional e a construção da identidade nacional.

O sistema capitalista impôs uma nova ordem social, na qual o Estado passou a simbolizar o coletivo. O Estado, sob a ótica do capitalismo, foi sacralizado e tornou-se depositário da fé e obediência dos cidadãos. Para Hobsbawm (1995), a unidade nacional tornou-se um valor que rege todos os demais. A busca da unidade nacional é uma tentativa de recuperar as formas de vidas comunitárias, como a família e a religião predominantes no período anterior ao capitalismo.

O nacionalismo impeliu as pessoas a posicionar a nação como valor central de suas vidas. Os cidadãos foram compelidos pelo Estado e “por sua própria consciência e seus próprios ideais a subordinar suas necessidades pessoais às da coletividade, do país ou da nação, e a doar-lhes a própria vida, se necessário” (Elias, 1997: 140). Existe uma estreita relação do nacionalismo com um programa político, sem o qual perde seu significado. O período entre guerras representou a culminância desse processo. O Estado desenvolveu políticas e mecanismos em busca de sua legitimação, através da coerção e inculcação do sentimento de pertencimento.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, a alfabetização em massa, e a promoção de competições desportivas são estratégias adotadas pelo Estado para a formação da identidade nacional. O nacionalismo, através das suas dimensões cognitiva e expressiva atinge não apenas a elite econômica, mas também, os estratos mais alargados da população. Smith (1997: 148) observou que com freqüência “os regimes de estados novos embarcam em campanhas de alfabetização e pela educação básica de toda a população, e por vezes pela educação secundária”.

O nacionalismo apresenta algumas características que remontam aos conceitos de nação cívico-territorial e étnico-genealógica. O nacionalismo territorial se manifestou de forma fervorosa nas nações criadas pelas elites aristocráticas de uma comunidade, através da utilização de um Estado forte

para incorporar estratos mais baixos. O nacionalismo étnico foi evidenciado nas nações criadas por classes intelectuais excluídas e alguns estratos médios de uma comunidade vertical. Este nacionalismo utilizou recursos culturais, como por exemplo, etno-história, linguagem, religião étnica e costumes para mobilizar outros estratos da população no sentido de formar uma nação politizada.

O nacionalismo não possui um modelo unitário distinguindo-se variados tipos em torno da diferenciação básica entre o territorial e étnico. Smith (1997) apresenta uma tipologia dos nacionalismos a partir dos movimentos de pré-independência e pós-independência das comunidades considerando a variedade de nacionalismos irredentistas ou de integração pós-independência que estão historicamente associados. Os nacionalismos territoriais dos movimentos pós-independência asseguram o conceito de nação cívico-territorial e constituem nacionalismos de integração, pois procuram integrar, numa nova comunidade política, populações díspares e criar uma nova nação territorial fora do antigo estado colonial.

Alguns aspectos são recorrentes nos nacionalismos territoriais e nas identidades políticas forjadas. De acordo com Smith (1997: 146-147) são eles: o territorialismo – “a nação é concebida como uma pátria territorial”; a participação ativa de todos os cidadãos numa base cívica e territorial; a cidadania “é o dispositivo principal para a exclusão, mas também o agente primordial de inclusão e de privilégios, independentemente das origens étnicas”; e a educação civil, o aspecto de maior relevo para o nacionalismo territorial e a criação de sua identidade.

O conteúdo da educação tem um caráter largamente cívico beneficiando tanto a comunidade nacional como o indivíduo. Na América Latina configurou-se um exemplo de movimento nacionalista econômico protecionista numa época de nacionalismos de integração populista na Argentina, no Brasil e no Chile, na década de 30.

O nacionalismo atua em muitos níveis, sendo considerado uma forma de cultura bem como, uma espécie de ideologia política e de movimento social. O

nacionalismo pensado enquanto ideologia é estreitamente relacionado com a definição de identidade nacional. Conforme Cuche (1999: 189), “a ideologia nacionalista é uma ideologia de exclusão das diferenças culturais. Sua lógica radical é a da purificação étnica”. A necessidade de homogeneização adquire maior importância de acordo com a complexidade da base étnica do Estado.

O conceito de nacionalismo se amplia, quando analisado enquanto doutrina cultural, que introduz novas linguagens, símbolos e os conceitos de unidade, autonomia e identidade. Para a compreensão da atuação do nacionalismo na formação da identidade nacional é necessário enfocá-lo como uma forma de cultura e identidade. A cultura torna-se um elemento fundamental na criação da identidade nacional, ao subsidiar a produção do sentimento de pertencimento à nação.

Nessa perspectiva, o nacionalismo, inicialmente, preocupa-se em formar um mundo de identidades culturais coletivas ou de nações culturais. Para tanto, o movimento abarca as dimensões cognitiva e expressiva, associando-se a aspirações e sentimentos mais gerais, tanto entre elites como entre estratos mais alargados. A nacionalidade se tornou uma verdadeira rede de relações pessoais e não uma comunidade imaginária, ao ultrapassar as próprias fronteiras nacionais, encontrando forças fora do âmbito do domínio territorial de cada Estado.

2.3 – Identidade Nacional

A identidade nacional - o sentimento de pertencimento à nação, é um conceito multidimensional, que inclui sentimentos, simbolismo e uma linguagem específica. Conforme Smith (1997: 126), a identidade nacional “compreende tanto uma identidade cultural como uma identidade política, e localiza-se quer numa comunidade política, quer numa comunidade cultural”. É um fenômeno cultural coletivo.

A identidade nacional penetra em quase todas as esferas da vida das comunidades e dos indivíduos. Na esfera social, determina as fronteiras nas relações sociais distinguindo os limites entre aqueles que fazem parte da comunidade e os estrangeiros. No plano político, determina e legitima os objetivos, assim como, os sistemas administrativos que regulamentam o cotidiano dos cidadãos. No âmbito cultural, “a identidade nacional revela-se em toda uma variedade de pressuposições e de mitos, de valores e de memórias, bem como na linguagem, nas leis, em instituições e cerimônias” (Smith, 1997: 177).

A identidade nacional é considerada a mais inclusiva de todas as identidades sociais. Outros tipos de identidade social podem sobrepor-se ou conjugar-se à identidade nacional influenciando sua direção, mas dificilmente abalando sua influência. O Estado moderno tende à identidade exclusiva. Embora, a identificação nacional de um grupo de indivíduos não exclui outras formas de identificação social. Contudo, o Estado reconhece apenas uma identidade cultural para definir a identidade nacional ou opta pela escolha de uma identidade de referência considerada a única legítima.

O Estado atua negando ou desvalorizando as identidades dos grupos ou comunidades minoritárias, que por sua vez reagem e reivindicam suas identidades. A centralização e a burocratização do poder impelem o Estado na busca de uma única identidade cultural. Os grupos excluídos da identidade atribuída pelo Estado procuram recuperar os meios de definir sua identidade, conforme seus próprios critérios para não se apropriar de uma identidade concedida pelo grupo dominante. A discriminação de um grupo minoritário gera um forte sentimento de vinculação à coletividade. Cuche (1999: 190) alerta que “a exaltação da identidade nacional pode levar somente a uma tentativa de subversão simbólica contra a afirmação da identidade”.

Outra possibilidade no âmbito da formação da identidade nacional é a identidade mista ou dupla identidade. Esta não significa a existência de duas identidades opostas, mas de uma identidade cujos pólos de referência

diferenciados estão situados no mesmo nível. De acordo com Cucho (1999), algumas abordagens desconsideram o misto cultural e desqualificam esse tipo de identidade, atribuindo uma explicação baseada no medo de uma dupla lealdade que é veiculada pela ideologia nacional. A concepção negativa da dupla identidade permite que as populações vindas da imigração sejam desqualificadas socialmente. Entretanto, o autor entende que não existe uma identidade dupla; mas sim uma identidade sincrética, que significa a atribuição de duas identidades para a mesma pessoa. A pessoa constrói sua própria identidade a partir de uma síntese das várias culturas. Os fenômenos de identidade sincrética multiplicaram-se com as migrações internacionais.

A gestação da identidade ocorre, à medida que se organiza o imaginário da nação. Thiesse (2000) alerta que as grandes referências identitárias nacionais são flanqueadas com uma série de declinações locais e secundárias. A construção coletiva das identidades nacionais não seguiu um modelo único. A partir de categorias elementares foram realizadas diferentes montagens em momentos históricos diferenciados. Entretanto, provém do mesmo modelo, cujo aperfeiçoamento se efetuou no âmbito de intensas permutas internacionais.

O processo de construção de identidades nacionais é orientado por um conjunto de elementos simbólicos e materiais que caracterizam a nação. Os requisitos necessários para uma identidade nacional se estabelecem através da construção de uma história que mantenha uma continuidade com os ilustres antepassados, heróis modelos das virtudes nacionais, uma língua, monumentos culturais, um folclore, locais eleitos para simbolizar fisicamente (geografia) a nação e paisagens típicas, uma determinada mentalidade da nação, representações oficiais – hino e bandeira – e identificações pitorescas – trajes, especialidades culinárias ou um animal emblemático.

Existem estratégias representacionais que são acionadas para construir o sentimento de pertencimento a uma nação ou da identidade nacional (Hall, 1997). A primeira é a elaboração da narrativa da nação que relata a experiência a ser partilhada por todos. É contada pela história, pela literatura

nacional, pela cultura popular e pela mídia, que divulga imagens de lugares, eventos históricos, símbolos e rituais que dão sentido a nação. A segunda estratégia caracteriza-se pela configuração de uma tradição e o estabelecimento de elos de continuidade, para que a identidade nacional seja naturalizada. A terceira é a criação de práticas rituais ou simbólicas, cuja repetição atualiza constantemente a adesão imaginária do indivíduo à sociedade.

O processo de formação identitária consiste em determinar e difundir o patrimônio de cada nação. Para a constituição da identidade da nação é necessário recuperar os traços culturais e as tradições, sejam elas reais ou inventadas, e fazer um inventário das suas heranças, mas também é necessário inventá-las. Conforme Hobsbawm (1984), as tradições inventadas significam práticas de natureza ritualística ou simbólica que usando a repetição visam inculcar comportamentos e normas para estabelecer uma continuidade em relação ao passado.

As tradições são classificadas em três categorias superpostas. A primeira categoria reúne as tradições que estabelecem ou simbolizam a coesão social. Para tanto é necessário definir quais os antepassados que seriam doadores do patrimônio a ser transmitido e o que repassar aos descendentes para destacar um passado prestigioso e representativo da coesão nacional. A segunda categoria congrega as tradições que legitimam instituições, status ou relações de autoridade. A terceira categoria se refere à socialização, à inculcação de idéias, valores e padrões de comportamento. As categorias relativas à tradição e socialização são “funções tomadas como implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com uma comunidade e/ou instituições que a representam, expressam ou simbolizam, tais como a nação” (Hobsbawm, 1984: 17).

Os símbolos nacionalistas, a linguagem e a sua ideologia assentam-se basicamente em três elementos: o território, a história e a comunidade. Os atributos de uma nação, os costumes, hábitos, estilos e formas de agir e de

sentir distintos de uma comunidade expressam esses elementos. Os aspectos mais visíveis de uma nação são as bandeiras, hinos, paradas, moedas, costumes populares, museus de folclore, memoriais de guerra, cerimônias de memórias aos mortos nacionais, passaportes e fronteiras.

Os símbolos e cerimoniais expressam elementos de identificação com a nação, porém de forma menos visível. Eles estão impregnados no cotidiano das pessoas, o que possivelmente conduz a desvalorização de muitos atributos. Os atributos da nação em geral ocultados são as “recriações nacionais, regiões rurais, heróis e heroínas populares, contos de fadas, formas de etiqueta, procedimentos legais, práticas educacionais e códigos militares” (Smith, 1997: 101).

A construção de uma identidade nacional supõe a criação de uma imagem simbólica do nacional, regional ou local. As sociedades sentem necessidade de conservar e reforçar em intervalos regulares, os sentimentos e as idéias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade. Os atributos básicos da identidade nacional precisam de reafirmações coletivas periódicas para manter sua continuidade no tempo diferenciando-se dos outros. A diferenciação provém do sentimento de pertencimento a um grupo ou comunidade compartilhada. A continuidade do sentimento de pertencimento responde pela busca de enraizamento e projeção de um futuro.

O sentimento de pertencimento à nação é viabilizado por ações performativas e pedagógicas. Nas ações performativas, o povo passa a ser sujeito do discurso que promove a reinterpretação dos símbolos nacionais e reforça sua origem comum. Na ação pedagógica, o povo torna-se objeto dos discursos nacionais que reafirmam sua origem comum e os laços de união das pessoas.

O sucesso da nação é fruto da construção de um saber coletivo que ensina os indivíduos o que são, obriga-os a conformarem-se e incita-os a difundir, por sua vez, esse saber coletivo. O sentimento nacional só é espontâneo quando já está totalmente interiorizado, por isso tem de ser

ensinado previamente. A nação só se mantém viva com adesão coletiva da população, pois a falta de envolvimento real ao projeto da nação leva à tentativa de compensação, por meio da mobilização simbólica.

O Estado visa inculcar o sentimento de pertencimento à nação usando diferentes estratégias pedagógicas. A educação das massas faz parte do plano de nacionalização do Estado. A escola é uma instituição fundamental na educação para o nacional, pois além da língua, história e a geografia da nação, ela atua na educação moral ensinando “como ser e pensar nacionalmente” (Thiesse, 2000: 234). Entretanto, a escola não é o único lugar de educação para o nacional, as atividades de lazer da população são um meio significativo, mesmo nos países que promoveram ampla escolarização da população.

As estratégias pedagógica e performativa constroem uma comunidade nacional imaginada (Bhaba, 1990). As datas comemorativas, os heróis, os monumentos³³, os fatos simbólicos precisam adquirir significados históricos. As pessoas necessitam sentir-se parte da realidade nacional e compartilhar memórias. Assim é preciso criar “lugares de memória” (Le Goff, 1994) para reforçar a nacionalidade.

No século XIX, as exposições internacionais eram “lugares por excelência de exibição identitária” e ocasiões privilegiadas para o comércio simbólico (Touraine, 1992: 351). Na Polônia, em 1981, uma das primeiras preocupações do Sindicato Solidariedade foi a construção de monumentos que lembrassem grandes momentos ou grandes personagens da história nacional que tinham sido proibidos ou ocultados pelo regime comunista.

A memória do pacto original é celebrada nas performances comemorativas, cerimônias e outros rituais de caráter simbólico. Nos Estados Unidos, desde o século XIX, as paradas são um típico gênero de solenidade cívica. Os cidadãos americanos desfilavam para comemorar datas significativas para o povo norte-americano como “a comemoração do 4 de

³³ A análise da origem etimológica da palavra monumento remete a vários significados: “memória”, “fazer recordar”, “iluminar”, “instruir” (Le Goff, 1994: 227).

julho, o aniversário de Washington, as datas locais, a comemoração de benfeitorias públicas, a colocação de monumentos em praças públicas e o acompanhamento de ocasiões de luto” (Ryan, 1992: 178).

A parada representa a história que um povo conta sobre si mesmo. Os desfiles produzem um espetáculo que traduz as grandes referências identitárias nacionais de forma ordenada e harmoniosa. As paradas e os desfiles cívicos criam um senso de comunidade ao expressarem linhas de divisão social e de gênero. Nestas cerimônias figuram “os diversos componentes do conjunto nacional – identificados, nomeadamente, pelos trajes regionais – sob a égide de representantes do Estado e de eleitos da nação” (Thiesse, 2000: 234). As cerimônias dos Jogos Olímpicos, as festividades que acompanham a visita de um chefe de Estado estrangeiro, a iconografia postal e monetária e a publicidade turística são formas de contar a história nacional.

Os eventos comemorativos têm um caráter performático, mas também apresentam um aspecto pedagógico. As festas da Revolução Francesa tornam-se “professora da nação” tendo em vista o caráter institucional da quantidade de relatórios, discursos, projetos e propostas produzidas. A festa revolucionária e os cultos pátrios evidenciam a busca de uma ligação entre o religioso e o político, o sagrado e a organização da cidade. Existe um forte apelo à reunião, à unificação, à eliminação dos fatores de diversidade da nação (Girardet, 1987).

Para Durkheim (1978: 230) estas cerimônias não “diferem em natureza das cerimônias propriamente religiosas”, pelos resultados que produzem, pelos procedimentos que nela são empregados e pelo seu objeto. Os cidadãos, ao identificar a nação como algo acima de suas individualidades, se comportam do mesmo modo que os fiéis na prática de cerimônias religiosas. O patriotismo se converteu numa espécie de “religião laica”, com seus “deuses”- heróis, “sacerdotes”- dirigentes, “templos”- as praças e os estádios, “imagens”- os monumentos e “ritos”- festas cívicas (Hobsbawm, 1990: 23).

As cerimônias e outros rituais são manifestações que supõe a formação de elos de identificação à nação, que em muitos níveis são os aspectos mais duradouros e poderosos. Pois, encarnam os conceitos básicos do nacionalismo, “tornando-os visíveis e distintos para todos os membros, transmitindo os princípios de uma ideologia abstrata em termos palpáveis e concretos, que suscitam reações emocionais instantâneas de todos os estratos da comunidade” (Smith, 1997: 102). A força da crença na comunidade nacional é “uma das mais poderosas, talvez a mais poderosa das crenças sociais dos séculos XIX e XX” (Elias, 1997: 140).

No caso dos recém-chegados à nação, as estratégias de integração social não são suficientes para despertar o sentimento nacional. Faz-se necessário a participação dos imigrantes na memória coletiva, que para desempenhar o papel de integradora, deve estar em constante transformação. Caso contrário, “impõe-se aos imigrantes uma memória caracterizada como mitologia nacionalista, que não tem significação real e a formação de uma identidade artificializada” (Touraine, 1992: 354).

O sentimento de pertencimento à nação passa pela incorporação das suas representações culturais. A homogeneização cultural da nação é fundamental para a emergência da identidade e consciência nacional pelos indivíduos. Assim, os destinos da nação dependem da sedimentação de uma identidade cultural.

2.4 – Identidade Cultural

A identidade cultural tem caráter dinâmico e, conseqüentemente, possibilita diversas interpretações. A identidade cultural é uma modalidade de categorização da diferença e distinção hierárquica, com base no vínculo cultural. Assim como identifica os membros do grupo, os distingue empregando critérios de identificação. É um conceito construído socialmente, que ao mesmo tempo tem uma dimensão inclusiva e exclusiva.

De acordo com Hall (1997: 37), “a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis com as quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente”. A identidade social permite vincular a pessoa individual ou o grupo em um sistema social.

A primeira identidade do indivíduo é pessoal. Miller (1997) afirma que as fontes da identidade pessoal são variadas e numerosas, como ocupação, classe social, localidade, gênero, orientação sexual, lazeres, membro de associações, religião, orientação partidária, etnicidade³⁴, entre outras. O indivíduo é portador de uma identidade múltipla que resulta de um processo de interação.

O indivíduo vincula-se primeiramente a uma categoria de gênero sexual ou classe sexual (Cuche, 1999). As classificações por gênero são universais e se encontram na origem de outras diferenciações. Conforme Smith (1997: 17) “as clivagens de gênero devem aliar-se a outras identidades mais coesivas, se quiserem influenciar a consciência e a ação coletivas”. Outra forma de vinculação é a identidade local e regional, cuja classificação resulta das categorias de espaço e território. Entretanto é difícil definir-se geograficamente regiões e suas fronteiras.

A vinculação a uma classe social origina uma identidade coletiva ligada ao aspecto sócio-econômico. As identidades de classe emergem da esfera da produção e troca. Para Smith (1997: 18), “a dificuldade em tratar a classe social como uma base para uma identidade coletiva duradoura deve-se ao seu atrativo emocional limitado e à sua falta de profundidade cultural”.

A identidade nacional representa a vinculação a uma nação. Para Guibernau (1997, p. 89), a criação da identidade é “a principal explicação para

³⁴ Segundo Marshall (1994), os termos etnicidade e grupo étnico constituem uma definição atribuída pelos próprios membros do grupo que se identificam enquanto tal ou são considerados por outros em função de dividir características comuns as quais são diferenciadas por outra coletividade dentro de uma sociedade na qual desenvolvem

a lealdade dos indivíduos a essa entidade abstrata (Estado Nacional) que transcende a duração da sua vida”. A nação é uma comunidade simbólica, o que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (Hall, 1997: 52). A nação inspira um amor abnegado revelado de forma e estilos diferentes, como a poesia, a literatura, a música, as artes plásticas (Anderson, 1997).

Conforme Anderson (1989), o Estado-nação da mesma forma que demarca as fronteiras geopolíticas também delimita as fronteiras culturais visando homogeneizar a cultura na construção da identidade nacional. A cultura de um país ou região fornece os elementos à formulação de uma imagem do nacional. A participação da população no projeto de nação desenvolve-se a partir de como ela é representada em sua cultura nacional: língua, literatura, crenças, hábitos, usos e costumes, história, valores.

Todavia, as culturas nunca correspondem exclusivamente aos modelos hegemônicos estatais. Conforme Santos (1993: 47), as culturas nacionais são “o produto histórico de uma tensão entre universalismo e particularismo gerido pelo Estado”. O Estado desempenha um duplo papel: “por um lado, diferencia a cultura do território nacional face ao exterior; por outro lado, promove a homogeneidade cultural no interior do território nacional”.

A cultura é um fenômeno dinâmico que não é represado em formas convencionadas. A relação entre a cultura nacional e regional é tensionada pela problematização que a cultura regional faz dos modelos reconhecidos como nacional. Nesse movimento, a cultura regional nunca é exclusivamente regional, mas produz aberturas específicas à sua historicidade em diferentes fronteiras simbólicas e reais.

comportamentos culturais distintos. Para Hutchinson; Smith (1996) o fenômeno da etnicidade é caracterizado por paradoxos. O termo etnia está associado a grupo étnico ou comunidade étnica

As noções de identidade cultural e cultura³⁵ estão estreitamente associadas na definição das diferentes concepções, embora conceitos diferentes. De acordo com Cuhe (1999) a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então nada em comum com o que ela era anteriormente.

A identidade cultural apresenta diferentes concepções que são apresentadas por Cuhe (1999). A objetivista considera a cultura como uma herança biológica e a identidade cultural como imutável, remetendo ao grupo original de vinculação do indivíduo. Esta concepção apresenta um enfoque primordialista e um culturalista da identidade cultural. As abordagens primordialistas consideram a vinculação ao grupo étnico a primeira de todas as vinculações sociais, sendo assim, a identidade cultural é percebida como inerente ao grupo. A identidade etno-cultural é considerada a mais fundamental devido aos vínculos baseados em uma genealogia comum.

Na concepção de Weber (1994), a identidade do grupo é sustentada pelas características comuns, os fatores de diferenciação, ou hábitos e costumes. A raça é fundada na comunidade de origem, enquanto o grupo étnico é definido pela crença subjetiva na comunidade de origem. Esta crença é considerada o primeiro elemento de demarcação do grupo étnico, porém a sobrevivência ou manutenção do grupo depende do estabelecimento de traços que o distinguirão mais objetivamente dos outros.

A crença na origem comum substancializa e naturaliza os atributos, como a cor, a língua, a religião, a ocupação territorial, que são percebidos como traços essenciais e imutáveis de um grupo. Esses aspectos configuram-se enquanto atributos étnicos, quando utilizados como marcadores de pertença por aqueles que reivindicam uma origem comum (Poutignat; Streiff-Fernart, 1998). A descaracterização do vínculo étnico na construção de identidades foi

³⁵ A antropologia cultural procede a análise do termo a partir de três níveis: aprendizado de padrões de comportamento, aspectos da cultura que agem sobre os níveis de consciência e padrões de pensamento e percepção, que são culturalmente determinados (Marshall, 1994).

efetivada juntamente com a condenação de todas as formas de primordialismo, “que não correspondem à base étnica do racismo dominante e da sua absorção no conceito de nação” (Santos, 1999: 125).

Para a abordagem culturalista a herança biológica não é determinante, mas sim, a ênfase da herança cultural. Isto significa que a identidade está ligada à socialização do indivíduo no seu grupo cultural. Para os culturalistas o que separa os grupos etno-culturais é a diferença cultural. A participação em uma cultura particular não implica automaticamente em uma identidade particular.

As abordagens primordialistas e culturalista definem a identidade cultural a partir de critérios objetivos, como “a origem comum (a hereditariedade, a genealogia), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva (a personalidade básica), o vínculo com um território, etc.” (Cuche, 1999: 180). A identidade é vista como um atributo original e permanente, isto é, a definição de identidade está vinculada a uma suposta essência. Já as concepções subjetivistas da identidade cultural caracterizam-se pelas abordagens dinâmicas. A abordagem subjetivista considera o caráter variável da identidade, apesar de ter a tendência a enfatizar excessivamente o aspecto efêmero da identidade.

Os limites das concepções objetivistas e subjetivistas da identidade cultural foram ultrapassados pela abordagem relacional. Barth (1998) desenvolveu os pressupostos teóricos da concepção de identidade cultural como manifestação relacional. Introduziu o conceito de fronteira, o qual é compreendido como separação no seu aspecto social, simbólico, pois toda identificação é ao mesmo tempo diferenciação. Ele afirma que no processo de identificação é fundamental a vontade dos grupos se diferenciarem e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica (Cuche, 1999: 200). As fronteiras de identidade são uma demarcação social, que estão sujeitas a sofrer deslocamentos em decorrência de mudanças na situação social, econômica ou política.

O produto do processo de identificação, a organização social da diferença cultural é denominada de etnicidade (Barth, 1998). A etnicidade é explicada a partir dos mecanismos de interação cultural que concebem as fronteiras coletivas. Assim, é um processo dinâmico, em permanente construção, no qual os membros pertencentes a uma determinada etnia estão em permanente confronto com os valores tradicionalmente recebidos das etnias com as quais entram em contato gerando novas formas de organização e manifestações culturais.

A comunidade étnica tem estado presente em todos os períodos e continentes e tem representado um importante papel em todas as sociedades. Embora sua proeminência e impacto tem variado consideravelmente, esses grupos têm sempre constituído uma das formas básicas de associação humana em comunidade (Hutchinson; Smith 1994).

Para Barth (1998), a vinculação cultural não é determinante da identidade dos membros de uma comunidade, pois os membros são os próprios atores que atribuem uma significação a esta vinculação, em função da situação relacional em que eles se encontram. A identidade é um processo dinâmico que envolve construção e reconstrução de traços culturais.

A identidade de uma comunidade é resultado das interações entre o grupo e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações. Nessa perspectiva, uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada. Sendo assim, para definir a identidade de uma comunidade não basta inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar os traços que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter a distinção cultural.

No caso da população imigrante, os seus traços culturais são uma cultura constituída em oposição aos outros, aquilo que os faz parecer diferentes. Os imigrantes, apesar dos esforços para manterem-se fiéis a sua cultura, não podem ser representantes da cultura do seu país e de sua comunidade particular, "pois se encontra fora da evolução (sobretudo cultural)

do país e de sua comunidade” (Cuche, 1999: 229). A cultura que os imigrantes tem a intenção de preservar é reduzida a alguns fragmentos, que provam sua fidelidade à comunidade de origem e a afirmação de uma identidade específica.

O fenômeno da identidade cultural deve ser abordado sempre em relação a uma outra identidade, ou seja, a partir da estreita ligação entre identidade e alteridade (diferenciação). Tendo em vista essa aproximação adota-se o conceito de identificação, pois a identidade evolui em consequência das mudanças sociais, e resulta de uma identificação no contexto relacional.

A identificação pode funcionar como afirmação ou como imposição de identidade. O “poder de identificação” de um grupo depende da posição que ocupa no sistema de relações dos grupos. A identidade é fruto de uma negociação entre uma identidade definida pela pessoa – auto-identidade e uma identidade definida pelos outros – hetero-identidade. A legitimidade da auto-identidade depende da relação de força entre os grupos de contato. “A hetero-identidade conduz a identificações paradoxais, bem como, a estigmatização dos grupos minoritários – identidade negativa, quando se caracteriza uma situação de dominação. A representação positiva de identidade é construída através de imagens do “bom estrangeiro” (Cuche, 1999: 184).

Bourdieu (1980) explica que somente os grupos que possuem autoridade legítima podem nomear os outros e se nomear. A autoridade legitimada pelo poder classifica os grupos através da definição de suas categorias de representação da realidade social. O poder de classificar os grupos gera a sua etnicização, isto é, eles são identificados a partir de características culturais exteriores que são consideradas como sendo consubstanciais a eles e logo, quase imutáveis.

O processo de imposição das diferenças implica na afirmação da identidade do grupo dominante como a única legítima, não se reconhecendo as especificidades culturais. Segundo Oliven (1992: 15), a partir do estabelecimento de fronteiras geográficas, políticas e culturais que definem

aquilo que faz parte da nação, “se constrói uma identidade nacional que procura dar uma imagem à comunidade abrangida por ela”.

O Estado moderno procura legitimar uma identidade própria e para tanto, os traços culturais específicos precisam estar sob seu controle. Conforme Cuche (1999: 201), “uma mesma cultura pode ser instrumentalizada de modo diferente e até oposto nas diversas estratégias de identificação”³⁶. O caráter estratégico da identidade significa que ela pode ser instrumentalizada de forma mais ou menos consciente pelos grupos sociais. A identidade é passível de reformulação pelos indivíduos que utilizam seus recursos de identidade de maneira estratégica nas disputas sociais de classificação. As estratégias de reformulação da identificação são empregadas para evitar a discriminação, o exílio, ou em casos extremos o massacre. Portanto, as identidades estão em constante processo de transformação e, assumem diferentes sentidos em cada época. As identidades são “identificações em curso” (Santos, 1999: 119).

2.5 – A Identidade Cultural Teuto-Brasileira

A identidade teuto-brasileira surgiu no âmbito do contato dos imigrantes alemães com a sociedade brasileira e, “como expressão de consciência coletiva, só pode ser compreendida por referência a um processo histórico de colonização, a partir do qual foi elaborada e que ajudou a preservar” (Seyferth, 1994: 11). A identidade cultural dos imigrantes alemães assumiu características próprias em Porto Alegre, sendo demarcada no processo de interação com os grupos que já estavam no Estado do Rio Grande do Sul. A identidade cultural teuto-brasileira constituiu-se pelo contraste entre as culturas européia e brasileira.

Os autores (Seyferth, 1982; Gertz, 1991) utilizam a expressão identidade teuto-brasileira para referir-se aos imigrantes alemães e seus descendentes,

³⁶ Os autores (Bourdieu, 1980; Cuche, 1999) adotaram o conceito de estratégia de identidade para destacar a dimensão mutável e de relativização dos fenômenos de identificação.

apesar de diferenças conceituais que cercam essa categoria. Arthur Rambo (1994) destacou a necessidade de diferenciação entre as concepções de cidadania e nacionalidade enquanto componente central para a adjetivação da identidade teuto-brasileira. Os conceitos cunhados pelos expoentes do romantismo alemão imprimiram no nacionalismo do século XIX um caráter marcadamente étnico. Foi no nacionalismo desenvolvido no início do século XIX, com raízes no movimento romântico do século XVIII, que se construíram as bases para a ideologia nacionalista alemã e, posteriormente, para a ideologia étnica teuto-brasileira.

A identidade étnica, com base em critérios apropriados do nacionalismo alemão configurou-se uma ideologia nacionalista denominada germanismo (em alemão *Deutschtum*). Segundo Gertz (1991: 32) "entende-se por "*Deutschtum*" uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã". Seyferth (1982: 46) esclarece que o germanismo ou germanidade é a essência da Alemanha: "engloba a língua, a cultura, o Geist (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo o que está relacionado com ela, mas como Nação e não como Estado".

De acordo com Dreher (1983), após a Unificação da Alemanha, os imigrantes adquiriram maior consciência da germanidade. O sentimento de germanidade foi estimulado pelos pastores evangélicos, através de suas pregações e publicações. O discurso da preservação da germanidade foi assumindo uma dimensão cada vez maior chegando ao pangermanismo no início do século XX. As teorias pangermanistas influenciaram a definição de nacionalidade alemã pelo critério lingüístico. O nacionalismo sustentado na vertente étno-lingüística considerava alemão todo aquele que falasse a língua, mesmo que fosse cidadão de outro país.

A nacionalidade alemã buscou seus fundamentos na cultura alemã. Avancini (2000: 67) afirma que "a definição alemã de nacionalidade era cultural (tradição herderiana) e não política". A concepção alemã de cultura com base nas idéias de Herder considera que uma pessoa nascida em um país pode ser

cidadão devido à origem cultural, mas de nacionalidade estrangeira. A ideologia étnica teuto-brasileira conceituava Estado e Nação de forma distinta.

Segundo Seyferth (1982), a ideologia étnica teuto-brasileira é um conjunto estruturado de idéias e símbolos que se constrói com base no nacionalismo alemão e, assim como aquele, no fundamento étnico. Seyferth (1994) ao construir a categoria de identidade teuto-brasileira não diferencia os termos identidade étnica e identidade nacional, uma vez que nesta ideologia étnica o conceito de etnia estava profundamente imbricado no conceito de nação.

O teuto-brasileiro “é aquele que mantém sua língua e seus costumes alemães, sem constituir uma ameaça ao estado e se interessa, como cidadão brasileiro, pela sua terra e não fica atrás dos brasileiros em patriotismo e disposição para o trabalho” (Seyferth, 1982: 74-75). O teuto-brasileiro é identificado pela fidelidade ao modo de ser alemão preservando peculiaridades da cultura de origem e pelo cumprimento das obrigações como cidadão (participação política e econômica) do Brasil. Na mesma perspectiva Gertz (1991: 33) considera que “teuto-brasileiros são todos aqueles alemães que ainda têm em conta a língua alemã como língua materna, tenham eles nascido suíços, austríacos, russos, brasileiros, alemães, mas que têm sua pátria (em alemão Heimat) no Brasil”.

Para Seyferth (1990: 95), a língua foi o elemento mais significativo de identidade étnica nas áreas colonizadas por imigrantes alemães no Brasil. Seus estudos mostram que houve o deslocamento dos critérios da nacionalidade: da língua - no período anterior a unificação da Alemanha, para a raça e ascendência - na Alemanha Imperial Pangermanista e a partir da ascensão do nazismo.

Cunha (1987: 113) critica a definição de grupo étnico reduzido ao critério biológico, enquanto um “um grupo racial, identificável somaticamente”. Pois mundialmente são raros os casos de isolamento e não-miscigenação. Também discorda do critério cultural, que substituiu o biológico, considerando

inadequado seu uso. Os estudos antropológicos de Cunha (1989) e Cunha e Novaes (1993) ampliam a reflexão sobre os critérios constituintes da identidade étnica. Segundo Cunha (1987), grupo étnico é aquele que compartilharia valores, formas e expressões culturais. A cultura partilhada não deve ser obrigatoriamente a cultura ancestral, mas deve ser reinventada cotidianamente, sendo investida de novos significados”.

Seyferth (1982) afirma que os critérios de identidade dos teuto-brasileiros estão associados à unidade étnica, lingüística e cultural adicionada do elemento ideológico nacional alemão. O referencial identificador do teuto-brasileiro considera a idéia do “jus sanguinis”, que permite ao indivíduo considerar-se alemão em qualquer lugar do mundo devido a tradição e a herança, sem subjugar-se ao Estado alemão. O próprio grupo teuto-brasileiro compartilhava a noção de “jus sanguinis”, segundo a qual a filiação cultural prevalecia sobre a pertença a um determinado Estado. A concepção de “ser brasileiro” para os teuto-brasileiros previa o cultivo da língua, costumes e cultura alemã.

Essa delimitação de conceitos e campos possibilitava que os imigrantes alemães tivessem um sentimento de pertencimento ao Estado brasileiro e à nação alemã. Os imigrantes alemães reservavam-se o direito de manter a nacionalidade alemã, mas se consideravam cidadãos brasileiros por que trabalhavam pelo país e pagavam os impostos. Assim, um descendente de alemão nascido no Brasil congregaria ao mesmo tempo a cidadania brasileira e a nacionalidade alemã. Diferentemente dos luso-brasileiros, que consideravam a idéia do “jus soli”, onde a prática do cidadão é onde o indivíduo nasce e vive (território).

Seyferth (1996: 147) ressaltou que as instituições e valores da comunidade alemã foram estruturados “num contexto vivido como ‘pioneiro’, quando o contato com a sociedade nacional abrangente era intermitente e muitas vezes restrito à parcela da população envolvida na atividade comercial ou residente nos núcleos urbanos”. Conforme Avancini (2000: 46), “os núcleos

populacionais foram assentados na terra, formando povoações com suas escolas, suas igrejas, seus clubes, e nelas cultivando seus costumes e cultura particular”. Seyferth (1996) afirmou que no princípio a organização comunitária não apresentava motivação de natureza étnica.

Segundo Woortmann (2000: 206), os primeiros imigrantes alemães eram provenientes de diferentes regiões de um país que não havia se constituído em Estado-Nação unificado. Os imigrantes que vieram para o Brasil formavam um grupo heterogêneo em vários sentidos, sendo que esta característica se acentuou nas regiões de colonização mista devido à presença de grupos não-alemães (por exemplo, poloneses e russos), mas que eram identificados pelos brasileiros como alemães. As autoridades brasileiras identificavam os imigrantes como alemães, apesar da heterogeneidade da origem ser um aspecto marcante na comunidade de imigrantes.

O abandono cultural dos imigrantes alemães era uma realidade desde a colonização. Avancini (2000: 47) refere que “desvalidos de amparo governamental construíram suas escolas, igrejas e clubes”. As instituições alemãs demarcaram os limites do grupo através de representações advindas de uma concepção nacionalista. A família, a escola, a igreja, as sociedades de ginástica e de tiro e as associações desportivas constituíram as fronteiras da identidade cultural teuto-brasileira.

O governo de origem dos imigrantes enviava livros e revistas para o Brasil. Os imigrantes alemães mantinham vínculos com a Pátria-mãe. O pertencimento era fortalecido através das viagens para a Alemanha e troca de correspondências entre os familiares e amigos. Schwartzman; Bomeny; Costa (1984: 153) refere que a interferência estrangeira no país foi questionada por Afrânio Peixoto, em 1917: “não temos brios nem melindres de soberania para impedir que países estrangeiros, em nosso território, transformem em nacionais os nossos patrícios”.

Os estudos clássicos da imigração alemã (Rambo, 1956; Roche, 1969; Dreher, 1983) apontam o isolamento dos teuto-brasileiros como um dos fatores

da preservação da língua-mãe e dos costumes. Contudo, o enquistamento não foi uma condição decisiva para a formação de uma identidade grupal. Essa afirmação foi contestada por Tramontini (1998), que analisou a dinâmica das relações estabelecidas entre os imigrantes alemães e a sociedade luso-brasileira e constatou que as ações dos alemães e teuto-brasileiros visavam a participação na vida política local, que lhes fora negado no período inicial da colonização.

Magalhães (1998) mostra a complexidade da relação entre brasileiros e alemães, os quais eram concebidos em atitudes de alteridade, como sendo o outro da cultura brasileira. Os imigrantes alemães e seus descendentes percebiam-se como alemães, porque acreditavam numa origem comum, cultivavam diferenças culturais e lingüísticas em relação e em oposição aos brasileiros. Desta forma buscavam um sentido comum de identidade e ao mesmo tempo partilhavam um antagonismo com os outros.

Brandão (1986: 42) referiu que as identidades são mais do que o produto da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença: “as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro; por se ter de estar em contacto, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos”.

A comunidade alemã foi uma das mais peculiares devido aos laços mantidos com a Pátria de origem e sua relação com a nova Pátria. Desde os primeiros anos da colonização, a população imigrante alemã desenvolveu-se como grupo étnico-cultural (Magalhães, 1998). O uso de uma língua específica, a idealização do trabalho alemão e a cultura físico-desportiva eram valores que identificavam a comunidade teuto-brasileira.

A língua nacional

A língua foi considerada um dos principais critérios de nacionalidade no final do século XIX. A língua é um dos aspectos das culturas nacionais, que

foram criadas no século XIX. De acordo com Santos (1999: 132), as culturas são “o produto histórico de uma tensão entre universalismo e particularismo gerido pelo Estado. O papel do Estado é dúplice: por um lado, diferencia a cultura do território nacional face ao exterior; por outro lado, promove a homogeneidade cultural no interior do território nacional”.

Segundo Hosbsbawm (1990: 70) “as línguas nacionais são sempre construtos semi-artificiais e, às vezes, virtualmente inventados”. O domínio de uma língua foi decisivo na criação da imagem e do sentimento de pertencimento a uma comunidade. Esta forma de identificação das populações foi elemento de origem dos estados nacionais do século XIX. A língua tornou-se essencial na definição moderna de nacionalidade ao ser pensada como fator de união. Por isso foi um elemento fundamental na construção do ethos subjetivo da nação.

Anderson (1997) e Guibernau (1997) afirmaram que o uso de uma língua única nos territórios foi estimulado quando se formaram os primeiros grandes grupos nacionais e as primeiras monarquias centralizadas, no século XVI. Foi a partir do século XV, com a difusão das máquinas de impressão, que se afirmaram às línguas vernáculas, as quais assumiram sua forma moderna no século XVII. Quando um idioma é criado e impresso, adquire uma rigidez artificializada permitindo uma identificação mais forte pela população. Este processo transforma a língua num elemento de identificação supralocal, pois fica isenta das variações regionais, perde os elos locais que restringem o poder de identificação do idioma, sobretudo quando é tornada pública pelo sistema educacional e administrativo.

A educação foi valorizada como uma instituição destinada a promover a unidade nacional, juntamente com o emprego estatal e o serviço militar. Para Hobsbawm (1977: 114), estas instituições tinham uma “importância crucial, pois apenas através delas a língua nacional podia transformar-se na língua escrita e falada do povo, pelo menos para algumas finalidades”. Apresentou dados ilustrativos da expansão dos sistemas educacionais na segunda metade do

século XIX e destacou a ascensão do ensino primário que além da alfabetização e ensino da aritmética estava voltado para a transmissão de valores sociais, morais e patrióticos.

Para Gibernau (1997: 79) “a difusão da educação [a partir do século XIX] foi fundamental na configuração de uma consciência nacional”. A escola moderna serviu como instrumento de uniformização, através do ensino da língua nacional e da difusão do sentimento de patriotismo, nos Estados legítimos, àqueles em que coincidem o Estado e a nação. O papel de homogeneização da escola também foi significativo nos Estados ilegítimos, aqueles que subordinaram no seu interior várias etnias e o Estado e a nação não coincidem.

Oliveira (1997: 186) destacou o papel do ensino no processo homogeneizador do Estado: “a língua nacional escrita e uma língua nacional falada, compreensível para a massa, passam a ser a verdadeira fronteira natural da nação”. A imposição de uma língua pressupõe a unificação de um modelo cultural e de uma nacionalidade (Hobsbawm, 1977; Gubernau, 1997). Anderson (1997) relacionou três circunstâncias que favoreceram a ascensão do nacionalismo: a criação de formas unificadas de comunicação, a maior fixação das línguas com a impressão e a criação de línguas de poder diferenciadas dos vernáculos administrativos mais antigos.

As nações são fenômenos modernos, cuja origem está na força dos nacionalismos. Nas sociedades tradicionais, o Estado enrijeceu a concepção e o controle das identidades. As identidades passaram a ser gerenciadas através de regulamentos e outras formas de controle. Os projetos de nacionalização em linhas gerais visavam a autonomia de determinada região através da busca da unidade, da centralização política e valorização da cultura de determinados grupos sociais. A língua foi um elemento da cultura valorizado na construção dos Estados-Nação, tendo em vista a construção das identidades culturais.

3 – Estudos

Estudo 1 – A Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre

O presente estudo apresenta um panorama das associações desportivas de Porto Alegre, desde sua emergência no final do século XIX, até 1945, quando encerra o período do Estado Novo. A investigação foi realizada através da consulta em fontes documentais impressas, como jornais, almanaques, revistas, álbuns, livros comemorativos das associações desportivas e obras que tratam da cidade de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul.

A primeira parte do estudo aborda o contexto sócio-cultural da cidade de Porto Alegre, que possibilitou a emergência e expansão do associativismo desportivo. Tendo em vista o papel dos imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros) neste processo, destaca-se sua contribuição na institucionalização dos desportos em associações. Na segunda parte são relacionadas às práticas desportivas desenvolvidas nas associações. Ainda, são destacados os traços culturais da comunidade envolvida na organização das atividades sociais e desportivas.

1.1 – O Contexto Sócio-Cultural de Porto Alegre

As primeiras associações desportivas foram fundadas na cidade de Porto Alegre pelos imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros), na segunda metade do século XIX. As associações surgiram quando os comerciantes alemães adquiriram certa prosperidade e os “brummers”³⁷

³⁷ Eram oficiais e soldados prussianos, entre eles alguns intelectuais liberais, contratados como lanceiros pelo governo imperial brasileiro para se somarem ao exército brasileiro na guerra contra Rosas, na Argentina, em 1851 (Tesche, 1996). Os “brummers” participaram das revoluções liberais em 1848 na Europa, e “tornaram-se conhecidos tanto pelo seu grau de formação acadêmica, quanto e talvez principalmente, por suas idéias e posições em relação à organização econômica-social e política”. O termo “brummer”, significa “contestador, aquele que questiona a ordem que vem se estabelecendo” (Tesche, 1997: 261).

despertaram o “deutschum” (germanismo). Após o retorno da guerra, os “brummers” se instalaram em determinadas regiões do Estado e colaboraram para a constituição das primeiras associações desportivas.

Em Porto Alegre, “os teuto-brasileiros formavam uma comunidade com expressividade numérica e diversidade social e econômica equiparável a de São Leopoldo, o centro com maior concentração de teutos na província” (Gans, 1996: 12). O núcleo de alemães que se desenvolveu na capital não fazia parte do projeto articulado pelo governo imperial do Brasil, como a “colônia” de São Leopoldo. A situação diferenciada dos imigrantes alemães em Porto Alegre causou uma polêmica em torno dos investimentos feitos e do perigo que esta comunidade se constituía enquanto grupo étnico.

A melhoria das condições de vida dos imigrantes alemães impulsionou sua vida social, eles “transformaram primeiro sua economia, depois, sua sociedade, enfim, seu corpo cívico” (Roche, 1969: 771). Os imigrantes alemães se tornaram pequenos proprietários rurais no Vale do Rio dos Sinos e transformaram Porto Alegre no núcleo escoador de produtos exportados para o centro do país. Através das atividades de importação e exportação pelo porto, a cidade começou a crescer comercialmente no final do século XIX (Franco, 1993; Possamai, 1998). A acentuada ascensão econômica dos alemães, a partir de 1870, se manifesta nos jornais através de suas colunas com nomes teuto-brasileiros. A ampliação dos negócios e das oportunidades de emprego converteu Porto Alegre num pólo de atração da zona colonial, implicando uma migração campo-cidade (Pesavento, 1999).

O crescimento da população urbana foi incrementado pela mudança dos estancieiros para a cidade, que passaram a residir em áreas nobres próximo às praças³⁸. A expansão da construção civil na cidade refletia a prosperidade do modelo econômico-social centrado na pecuária e no comércio. A partir do século XIX foram construídos o Teatro São Pedro (1858), a Beneficência

³⁸ Em 1894 foi criada a primeira praça municipal em Porto Alegre, denominada Praça São Miguel, localizada no arraial do Parthenon. Atualmente chama-se Praça Jayme Telles (Acto 34 de 14/04/1894) (Dados obtidos na Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Porto Alegre).

Portuguesa (1868), o Palácio da Justiça (1870) e o Mercado Público (1870)³⁹ (Revista do Globo, 1936a).

Neste período, surgiram as primeiras associações desportivas, que resultaram da auto-organização dos imigrantes alemães. O forte caráter associativo dos imigrantes alemães (Gertz, 1991; Müller, 1994; Rambo, 1998)⁴⁰, além da rápida ascensão econômica desta comunidade e a comunicação permanente com a Alemanha são fatores que concorreram para a emergência do associativismo desportivo em Porto Alegre. Em 1867 foi fundada a primeira sociedade de ginástica e, em 1888, a primeira associação de remo.

Porto Alegre era uma cidade pequena com uma população de cerca de 45.000 habitantes, espalhada por área extensa, com poucos e deficientes serviços públicos. No âmbito do lazer da população, ainda se destacavam as corridas de cavalo conhecidas por “carreiras em cancha reta”. As carreiras eram a diversão predileta dos gaúchos campeiros (Revista do Globo, 1946b; Carneiro, 1992; Lessa, 1953). Para Prado Júnior (1996: 207) as “carreiras de cavalos - o grande esporte dos pampas” eram uma tradição popular, no âmbito de uma suposta “cultura nativa”⁴¹.

As corridas eram realizadas esporadicamente e representavam um momento de reunião social e festiva, cabendo as mulheres a organização dos piqueniques. O Morro de Teresópolis era o lugar mais conhecido da cidade pelas disputas de carreiras (Macedo, 1973; Franco, 1988). Além de envolver apostas em dinheiro, as carreiras tinham o objetivo indireto de melhorar a raça dos animais.

O cavalo era um símbolo da identidade rural pampeira: “o gaúcho tem pelo cavalo uma estima extraordinária que eleva-se em sua intensificação, ao

³⁹ A construção dessas obras contou com a influência de dois arquitetos alemães: Philip von Normann e Friederich Heydtmann (Macedo, 1973).

⁴⁰ De acordo com Ferreira (1994: 25) autores têm-se dedicado a explicar “a fraca tradição associativista do Brasil relacionando as tradições culturais ibéricas, ao nosso passado escravista, agravado pela vigência de regimes autoritários”.

fanatismo” (Lemos; Carvalho, 1919: III). A representação do cavalo para a construção da identidade do gaúcho fica evidenciada no texto intitulado “O Cavallo”, de doze páginas, inicia o “Álbum Sportivo”. Ainda são destacados os criadores de cavalo nas fotogravuras, que parecem representar figuras heróicas, como a imagem do criador de cavalos José Ferreira Porto, o primeiro a importar animais de puro sangue no Estado, em 1849. A maioria dos criadores de cavalo era portugueses e luso-brasileiros, fato que pode ser constatado na listagem de nomes relacionados: Pedro Jobim Ferreira Porto, Ramiro Fortes Barcelos e Luiz Manoel de Azevedo. Estes homens eram médicos, militares, conselheiros e industrialistas, que integravam a elite gaúcha ligada à vida rural (Lemos; Carvalho, 1919).

A tradição da elite rural na criação de cavalos, possivelmente foi um dos fatores que favoreceu a fundação dos primeiros hipódromos (prados) em Porto Alegre⁴². À medida que foram sendo criados os hipódromos, as corridas de carreiras começaram a perder espaço na cidade. O primeiro Prado foi o Derby Club fundado em 1872, nos Campos da Várzea, atual Parque Farroupilha (Pimentel, 1945, p. 113)⁴³. Neste mesmo ano, o prado sediou a primeira corrida de cavalos em pista circular na cidade (Carneiro; Monteiro, 1992). Até o final do século XIX foram construídos mais quatro hipódromos: Boa Vista, Rio-Grandense, Navegantes e Independência (Monteiro, 1995: 32).

O Hipódromo Boa Vista, também conhecido por Hipódromo Portalegrense foi fundado em 1877, na Estrada Mato Grosso (atual Avenida Bento

⁴¹ Dreys (1990: 100) comparou as carreiras aos “torneios medievais denominados justas”.

⁴² Conforme Lucena (2001: 21), o turfe no Rio de Janeiro, no final do século XIX, era um desporto que “marcava a supremacia do gosto de uma elite afeita a decisões que demonstrava a força de homens ainda muito ligados à vida rural e com forte característica de um tipo de sociedade patriarcal”.

⁴³ A história do Parque Farroupilha começou em 1807, quando a área era denominada Várzea do Portão (também chamada de Potreiro da Várzea ou Campo da Várzea). O terreno alagadiço era um logradouro público e destinava-se a conservação do gado para o abate local. Após a Guerra dos Farrapos (1835), em 1867, o local recebeu o nome de Campo do Bom Fim em razão da construção da Igreja do Senhor do Bom Fim na Estrada do Caminho do Meio (atual Avenida Oswaldo Aranha). Após a Guerra dos Farrapos, em 1884, passou a ser chamado oficialmente de Campos da Redenção como uma homenagem a antecipação da cidade no movimento de libertação dos escravos. Somente em 1935, quando foi realizada a Exposição do Centenário Farroupilha, que a área passou a chamar-se Parque Farroupilha.

Gonçalves, Bairro Santana) e fechou três anos depois, em 1880. No ano seguinte, o Hipódromo Rio-Grandense foi construído pelo engenheiro francês Eugénie Plazollesício⁴⁴. A edificação do hipódromo coincidiu com o ciclo de prosperidade do arraial Menino Deus (atual Bairro Menino Deus)⁴⁵. A partir de 1874, o bairro, que já tinha a avenida Azenha e Navegantes passou a contar com novos serviços de bondes de tração animal e iluminação pública a gás (Constantino, 1989). A circulação dos bondes e o Hipódromo Rio-Grandense foram responsáveis pelo desenvolvimento do bairro Menino Deus, que inicialmente era povoado apenas por chacáras. Apesar da urbanização do bairro, o Hipódromo Rio-Grandense fechou em 14/11/1909, mas havia outros hipódromos.

O hipódromo ou Prado Navegantes, fundado em 1891, também está associado à expansão do sistema de bondes do Bairro Navegantes. Dois anos depois houve a implantação da linha de bondes no Bairro Independência. Em 1894, no final da linha do bonde, foi construído o Hipódromo Independência, também conhecido como Hipódromo Moinhos de Vento, localizado à Rua 24 de Outubro (Ribeiro, 1944). O surgimento do hipódromo e a expansão do serviço de bondes até a Avenida Independência favoreceram a realização de melhorias no calçamento e intensificação das construções no futuro bairro. A Independência tornou-se um ponto elegante da cidade, “com forte concentração de moradores ricos” (Magalhães, 1986: 7).

Conforme Franco (1998), o auge do turfe porto-alegrense foi a década de 1890, com grandes disputas prestigiadas pela elite portoalegrense e

Além desta exposição no parque, o local foi sede da Exposição Riograndense (1866), a Exposição Brasileira-Alemã (1881) e a Exposição Estadual (1901) (Franco, 1998).

⁴⁴ Em Porto Alegre, a influência francesa pode ser observada, por exemplo, nas construções dos prédios da Beneficência Portuguesa e Teatro São Pedro. Contudo, a arquitetura civil, em especial foi marcada por influentes arquitetos e engenheiros alemães (Pesavento, 1999). O prédio modelo da Faculdade de Direito (UFRGS) é cópia do Palácio do kaiser de Strasburg e o prédio da prefeitura Municipal tem influência alemã do “II Reich” (Roche, 1969).

⁴⁵ No “arraial” Menino Deus, na última década do século XIX, “concentrou-se ali [avenida 13 de Maio, atual avenida Getúlio Vargas] um bom número de moradores ricos, que edificaram solares de gosto bem mais requintado que o dos antigos sobradões da zona central. Já começava o ciclo de influência de arquitetos alemães e italianos, passara-se a valorizar a moradia independente da loja e dos locais de trabalho com grandes terrenos arborizados e ajardinados” (Franco, 1993: 100).

visitantes ilustres⁴⁶. “O turf, era a competição esportiva predileta da alta sociedade, outrora como hoje” (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 231). Os hipódromos eram freqüentados por personalidades da história nacional e regional como Carlos Barbosa, Assis Brasil, José Montaury, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas e João Goulart (Franco, 2000).

O prestígio do turfe porto-alegrense, considerado um “sport vitorioso (Afinal havia 4 hipódromos!)” é atribuído a “índole” do povo porto-alegrense. “O hippismo é, em verdade, um elevado genero de ‘sport’, em que a acção do cavallo, esse nobre animal, se desenvolve magestosa e empolgante, proporcionando-nos pugnas sensacionaes, emocionantes, onde o entusiasmo e o ardor tocam ás raias do delírio” (Lemos; Carvalho, 1919: III). Porém, a prática do turfe em Porto Alegre não se equiparava aos países vizinhos Argentina, Uruguai e Chile, Pois, “os creadores platinos não poupam sacrificios, pagam os mais elevados preços pelos reproductores de alta linhagem e comprovado valor. Dahi o adeantamento de seu turf”. O Jockey Club Argentino era a mais rica das associações turfistas, seguido pelo Jockey Club Uruguaio (Lemos; Carvalho, 1919: 15).

O Hipódromo Moinhos de Vento foi o único que resistiu até 1957, ano que encerrou com a realização das principais provas turfísticas: Páreo Protetora do Turfe e Prêmio Bento Gonçalves (Carneiro, 1957). Em 1959, o hipódromo Moinhos de Vento foi transferido para novo local no Bairro do Cristal, adotando o nome de Jockey Club do Rio Grande do Sul (popularmente chamado de Hipódromo do Cristal)⁴⁷. A corrida inaugural foi realizada em 21/11/1959 (Rozano, 2001).

A Associação Protetora do Turf apoiava o desenvolvimento do turfe na cidade e foi responsável pela construção do novo hipódromo (Franco, 1993). Os nomes dos presidentes da Associação Protetora demonstram a identificação com a comunidade portuguesa: Oscar Canteiro (1907-1908);

⁴⁶ No diário de viagem da Princesa Isabel consta que ela assistiu a reunião dominical em companhia do presidente da província José Julio de Barros, no prado Boa Vista, em 1885.

⁴⁷ A pedra fundamental do futuro hipódromo foi lançada em 14/01/1945 (Magalhães, 1986).

Antonio Pedro Caminha (1909-1913); Carlos Drüss (1914-1915); Armando de Alencar (1916-1917); José Inácio Cunha Rasgado (1918-1921; 1926-1927); Leonel Faro (1922-1924; 1934-1935); Domingos da Costa Lima (1925; 1932-1933; 1940); Raul Bastian (1928-1929; 1936-1937); Mario Moraes (1930-1931); José Herculano Machado (1938-1939); Antenor Granja de Abreu (1941). O turfe era uma atividade prestigiada pela elite luso-brasileira.

A presença dos hipódromos, que conviveram juntos por algum tempo possibilitou o desenvolvimento do turfe gaúcho, que se transformou num dos principais espetáculos desportivos no início do século, em Porto Alegre. A expansão do turfe “praticamente eliminou as carreiras em cancha reta, mesmo porque, estas não poderiam acolher o imenso público atual” (Revista do Globo, 1967: 29). Todavia, os hipódromos foram “um fenômeno transitório e surpreendente na cidade, pois com o novo século os espaços do turfe cederiam seu lugar aos do futebol” (Franco, 2000: 91)⁴⁸. Os prados também foram cedendo espaço à expansão da cidade, sendo ocupados parcelados em loteamentos e ocupados por construções (Carneiro, 1992).

Os esforços para modernizar a cidade de Porto Alegre eram anunciados desde o final da década de 1890, pelo intendente José Montauray. Ele pretendia tornar a capital no cartão de visitas do Rio Grande do Sul, embora a cidade fosse modesta do ponto de vista comercial, administrativo e populacional, e a vida cultural ainda era precária (Franco, 1993). Esta situação começou a ser alterada através do fortalecimento sócio-econômico da comunidade teuto-brasileira.

Os teuto-brasileiros constituíam um grupo expressivo numericamente e diversificado quanto as suas atividades na virada do século. Eles dominavam o comércio promovendo intercâmbio com as colônias dos imigrantes alemães do Vale dos Sinos, e o capital acumulado era investido nas indústrias e em

⁴⁸ Melo (1999) em seu estudo sobre o turfe e o remo no Rio de Janeiro, afirma que o turfe é um esporte aristocrático e de cunho rural, enquanto que o remo encarna a modernidade burguesa. Para o autor, a disputa entre o turfe e o remo pela primazia no espetáculo urbano, no final do século XIX simboliza no âmbito do desporto a transição do patriarcado da oligarquia agrária brasileira para uma sociedade urbana, moderna e europeizada.

empreendimentos comerciais de maior porte (Gans, 1996). Algumas empresas se destacaram, como por exemplo, a fábrica de doces e chocolates de Ernesto Neugebauer, a Indústria Rio-Grandense de Chapéus de Oscar Teichmann, a carpintaria, futura indústria de refrigeradores, de Germano Steingleder Sobrinho, a Companhia Geral de Indústrias, os Fogões Wallig e a Metalúrgica Berta, demonstrando a participação efetiva dos teuto-brasileiros no crescimento econômico e social da capital (Soares, 2001).

Os teuto-brasileiros, também contribuíram na expansão do setor educacional criando escolas como a Deutscher Hilfsverein (1886), atual Colégio Farroupilha (Tesche, 2002). A rede de ensino fundamental⁴⁹, médio e superior, começou a se desenvolver no final do século XIX, sendo o ensino superior realizado pelo Seminário Episcopal e pela Escola Militar. Em 1895 foi criada a primeira unidade de ensino superior, a Faculdade de Farmácia (Leite, 1993), e no ano seguinte foi fundada a Escola de Engenharia do Rio Grande do Sul, tendo por referência o modelo pedagógico das universidades alemãs (Lima, 1996).

Os imigrantes alemães e seus descendentes “exerceram maior influência nos grêmios desportivos, bancos, companhias de teatro, além das casas comerciais e das indústrias” (Correa, 1992: 40). A melhoria das condições de vida dos imigrantes alemães possibilitou um tempo livre que associado a outros fatores permitiu-lhes construir espaços para as atividades de lazer. As associações teuto-brasileiras de caráter social e desportivo começaram a se multiplicar em Porto Alegre.

As primeiras associações desportivas criadas em Porto Alegre representavam formas de manutenção da identidade étnico-cultural dos imigrantes alemães. Os teuto-brasileiros mantiveram-se enquanto uma comunidade fechada organizando “diversas instituições de lazer e ensino próprias, bem como, comunidades religiosas (uma protestante e outra católica),

⁴⁹ Em 1869 foi criada a Escola Normal para atender o ensino fundamental (Leite, 1993: 91).

todas com um forte caráter étnico, que constituíam meios de reconstruir permanentemente as suas fronteiras étnicas” (Gans, 1996: 162).

Uma grande parcela da comunidade alemã tinha um bom padrão de vida e residia na parte moderna da cidade. Os alemães estavam inseridos na vida da cidade enquanto comerciantes importadores, artífices e prestadores de serviços. Eles criaram diversos estabelecimentos ligados ao lazer e as sociabilidades, como “restaurantes, cafés, livrarias, boliches, bilhares, e hotéis, sem falar nas diversas agremiações” (Gans, 1996: 5). A população masculina porto-alegrense se divertia nos salões de bilhar, bolão e boliche dos imigrantes alemães⁵⁰.

A participação das mulheres ainda era restrita a determinados espaços públicos. Nas primeiras associações desportivas, em geral, a participação das mulheres era voltada para a confecção das bandeiras, dos uniformes dos atletas ou ainda atuavam como madrinha das regatas. Também faziam parte da charmosa assistência das competições de remo inspirando-se no padrão francês de “bem vestir”. A influência francesa em Porto Alegre, no fim do século XIX era marcante no grande consumo de produtos franceses, especialmente no comércio de produtos de luxo.

No início do século XX, Porto Alegre era a “cidade dos alemães devido a predominância de fortes dinastias econômicas germano-riograndenses (Singer, 1974). A vida desportiva da cidade também tinha essa característica, pois a maioria das associações desportivas é de origem germânica (Jesus, 1998: 112). A elite dos teuto-brasileiros estendeu seu domínio para as associações desportivas. Esta estreita ligação é constatada no levantamento acerca das famílias que dominavam o comércio e a indústria porto-alegrense e

⁵⁰ Os salões pertenciam a: August Walmrath- dono de salão de bilhar e bolão na Rua Senhor dos Passos, de 1858 a 1872, Guilherme Jacob Roth- dono de bilhar na Rua Santa Catarina (atual Rua Dr. Flores) de 1881 a 1889, Peter Simon Welsch- dono de bilhar no Beco do Rosário, Rua 24 de Maio (atual Avenida Otávio Rocha), em 1872, Carlos Gassmann- dono de bilhar de 1869 a 1871, Louis Nagel- dono de bilhar na Rua de Bragança/ Rua general Silva Tavares (atual Rua Marechal Floriano) de 1862 a 1885, Lorenz, dono de bilhar na Rua de Bragança/Rua general Silva Tavares (atual Rua Marechal Floriano), em 1884, Emil Bretsch,

freqüentavam as associações desportivas, no início do século XX (Pimentel, 1945):

- a) Kappel e Arnt (fábrica de móveis fundada em 1869). Sócios atuais: João Kappel Sobrinho- membro do clube do comércio e Edmund Arnt- presidente do Clube de Regatas Porto Alegre e vice-presidente do Clube de Tiro;
- b) Amaro da Silveira e Cia - membro do Clube do Comércio;
- c) L. Rosenfeldt - fervente amador do foot-ball, foi um dos fundadores do primeiro clube do gênero nesta cidade, conhecido pela denominação Foot-Ball Clube Porto Alegre, e exerceu o cargo de seu presidente durante três meses. Também fez parte dos principais clubes esportivos e recreativos da cidade;
- d) Neto e Martins - J. Franco Neto e Albino Martins de Souza. Este último era sócio de diversos clubes;
- e) Azevedo, Hermírio e Cia - o sócio Turique de Almeida Hermirio era membro de clubes;
- f) Aliança do Sul: J. C. Freitas - é elemento de destaque no remo e tem obtido diversas medalhas de ouro neste esporte no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e na Europa;
- g) Cia Predial e Agrícola: Felix Cristiano Kessler - é bem conhecido nos meios esportivos locais;
- h) Viúva R. Petersen: W. Petersen - grande amador dos esportes. O Sr. H. L. Petersen “é também apaixonado sportman”
- i) Gonçalo H. de Carvalho e Cia – Gonçalo de Carvalho é membro dos principais clubes sociais;
- j) Soares e Cia: José Afonso Soares e o coronel João Inácio Soares são membros dos principais clubes da cidade.

Segundo Ramos (2000), a representação da elite teuto-brasileira no desenvolvimento de práticas de sociabilidade tinha como finalidade última à

dono de bilhar em 1861, Louis Gebert- dono de boliche de 1855 a 1870 (Gans, 1996: 160-161; 204-208).

ocupação de cargos políticos, que eram ocupados pela elite política luso-brasileira. As autoridades brasileiras impuseram obstáculos à nacionalização dos imigrantes dificultando a participação política dos teuto-brasileiros. Outra barreira para o seu exercício político dos teuto-brasileiros foi sua permanência durante um longo tempo sem o domínio da língua portuguesa. Até 1881, o poder político era restrito aos brasileiros católicos. Como os alemães pertenciam à religião luterana sua atuação limitava-se ao campo econômico e social, porém suas possibilidades de atuação política foram alargadas com a nacionalização efetuada pela Proclamação da República (1889).

Os primeiros anos da República caracterizam-se pelas mudanças dos costumes da sociedade brasileira visando a adoção do modelo sócio-cultural inglês e francês em substituição ao estilo europeu português. As novas influências refletem no cenário desportivo brasileiro restrito a elite do país. Conforme Pereira (1998), o desporto no Brasil nasceu pelo impulso isolado de alguns grupos abastados que buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém instaurada república brasileira.

O desporto não era um costume dos brasileiros no final do século XIX. Os desportistas enfrentavam o preconceito de cor/raça e do código de comportamento da tradicional família brasileira. Conforme Ribeiro (1999: 1), “os atletas da época, antes de mais nada, tinham que se preparar para enfrentar os preconceitos que a maioria da sociedade impunha, em nome de uma sociedade privilegiada”.

Com a República o desporto passou a sinalizar a modernidade adquirindo gradualmente importância social e cultural. Entretanto, essa condição das práticas desportivas origina-se “mais pela ação da sociedade civil no âmbito da cultura que propriamente no interior da escola como instituição pública do estado” (Ferreira, 1999: 121). As práticas desportivas institucionalizadas em associações surgem enquanto um novo costume, uma forma de passatempo diferenciado. Os desportos associam-se as novas forma de vestir, morar e se comportar na cidade. Freyre (1974: 61) criticou as novas

influências: “as modas européias e anglo-americanas de traje e de esporte, as inovações pedagógicas, as novidades de técnica administrativa e de estilo literário são adotadas às vezes com exageros grotescos, no Brasil dos fins do século XIX e princípios do século XX”.

Em Porto Alegre, em 1900, a vida social começava gradualmente a refletir o que ocorria nos centros europeus como Paris, Londres, Berlim ou Rio de Janeiro. A sociedade celebrava as novidades importadas da Europa e os porto-alegrenses atravessaram um processo de transformação de seus costumes⁵¹. Mesmo assim, a cidade crescia modestamente em relação a outras capitais do Brasil, apresentando pouco mais de 70 mil habitantes (Endler, 1993)⁵². Conforme o recenseamento da “Directoria Geral de Estatística da Capital Federal”, Porto Alegre comportava “o número de 73.672 almas”, no início do século XX⁵³.

Neste contexto são incorporadas novas formas de vida cidadina⁵⁴. Em Porto Alegre, “gradativamente os conceitos de ruas e praças foram sendo reformulados, assimilando novas formas, explicitadas através de suas morfologias e tipologias arquitetônicas” (Pesavento, 1992: 11)⁵⁵. Os passeios na praça, as visitas às exposições, os cafés-concerto renovaram os lazeres na

⁵¹ Os lazeres e as sociabilidades deslocaram-se do espaço privado das casas para espaços mais alargados, como as associações desportivas. A família, os parentes e amigos constituem o espaço privado, contudo o domínio público é aberto à observação de qualquer pessoa. Sennett (1988, p. 32) afirma que a vida pública e a privada não são excludentes, por isso as associações constituem um espaço público, que são uma extensão do privado.

⁵² Endler (1993, p. 105) informa que em 1900, os cerca de 74 mil habitantes não tinham abastecimento público de água e a luz elétrica era privilégio do centro da cidade.

⁵³ A população da época compreendia: “brasileiros natos - homens (H): 29.318 e mulheres (M): 31.477; brasileiros naturalizados - H: 725 e M: 29; alemães - H: 1.024 e M: 1.026; americanos- H: 12 e M: 7; argentinos- H: 74 e M: 91; austro-hungaros- H: 61 e M: 185; belgas- H: 7 e M: 9; franceses- H: 59 e M: 94; espanhóis- H: 460 e M: 375; ingleses: H: 35 e M: 20; italianos- H: 2.664 e M: 1.882; paraguaios- H: 40 e M: 47; portugueses- H: 1.016 e M: 189; suíços- H: 23 e M: 12; turcos- H: 70 e M: 40; diversos- H: 1.093 e M: 1.033; ignorados- H: 252 e M: 140. Total - H: 36.719 e M: 36.953” (Lima, 1909: 2).

⁵⁴ Os banhos de mar foram associados à vida saudável e ao lazer das elites porto-alegrenses no último quartel do século XIX. A moda dos “banhos de mar” foi anunciada nos jornais de Porto Alegre, como os “hygiênicos banhos da Cidreira” (Pesavento, 1992).

⁵⁵ A primeira “praça de ginástica” de Porto Alegre foi instalada na Rua Vigário José Inácio, e depois transferida para a Rua 24 de Maio. No início do século XX existiam a Praça Concórdia, que passou a denominar-se Praça Garibaldi (Acto 51 de 4/07/1907), a Praça Dona Maria Luiza localizada no ponto terminal da linha de bondes de Teresopolis (Acto 57 de 7/07/1908), além

cidade. Os “ares progressistas” da capital também se encontravam nas novidades do automóvel e o bonde elétrico. O primeiro automóvel começou a circular na cidade por volta de 1906, quando o bonde elétrico substituiu o bonde com tração animal.

O crescimento da cidade de Porto Alegre exigiu a remodelação do espaço urbano. A fisionomia arquitetônica da cidade modificou-se através do acentuado crescimento imobiliário, no período de 1910 a 1914. O governo destinou recursos financeiros à construção de prédios públicos e privados transformando a capital em uma espécie de sala de visitas do Estado, em um espelho da ordem, do progresso e da modernidade. Os prédios construídos atendiam diferentes finalidades: “sedes de governo, repartições públicas, agências bancárias, companhias de seguro, indústrias, casas comerciais, clubes sócio-recreativos, residências particulares” (Bello, 1997: 104).

Os sinais da modernidade eram percebidos na Rua da Praia, que abrigava cafés, cinemas, confeitarias, casas de chá e teatros⁵⁶. Os cafés, como o Guarany, Colombo e América eram ponto de encontro dos homens⁵⁷, enquanto as mulheres porto-alegreses freqüentavam confeitarias e casas de chá. A urbanização da cidade passou a exigir novos costumes das mulheres e dos homens⁵⁸.

da Praça Jayme Telles, que adotou esta denominação a partir de 1894 (Acto 34 de 14/04/1984) (dados fornecidos pela SMAM/PMPA).

⁵⁶ Coaracy (1962: 144) quando retornou a cidade em 1913, percebeu que ela “crescera e prosperara”, não apenas em termos de “progresso material”, mas também nos aspectos da vida social, a revelar-se em maior requinte nos hábitos, mais acentuado apreço ao conforto doméstico, mais intensa vida de relações, multiplicidade de casas de diversão, clubes novos, maior apuro nas confeitarias e restaurantes”.

⁵⁷ Uma crônica publicada na revista Kodak (11/08/1917) revela o papel das associações desportivas nos caminhos da modernidade de Porto Alegre. No centro da cidade dois indivíduos conversam: “um lamenta a intolerável monotonia de Porto Alegre, onde reina a apatia e nada de inédito e extraordinário acontece, ao contrário das grandes capitais; o outro contra-argumenta dizendo que há uma vida intensa na cidade, na qual os acontecimentos sociais e esportivos se sucedem” (Pesavento, 1999: 328).

⁵⁸ Schpun (1999) afirma que a urbanização da cidade de São Paulo exigiu novos padrões de cultura corporal feminina e masculina. A mulher passou a circular no espaço público ocupando as ruas, locais de lazer e o comércio. A presença física e intelectual somou-se os discursos normativos dirigidos as mulheres, em assuntos de moda, maquiagem e ginástica construindo um paradigma de beleza centrado na esbeltez, brancura e juventude.

Porto Alegre, nos anos 1920 era uma cidade que ainda “tinha muito de alemão” (Pesavento, 1994: 205). Nos jornais e revistas editados em Porto Alegre evidenciavam-se sinais da participação dos alemães no crescimento da cidade. A imprensa desportiva começa a divulgar mais intensamente o desporto institucionalizado nas associações⁵⁹. A fisionomia da cidade começava a ser alterada em função das intervenções urbanas na administração do prefeito Otávio Francisco da Rocha (1924-1928) (Dalmásio, 1996: 16).

As transformações da paisagem urbana vão inserir a cidade no modelo de modernidade, contudo, este processo não tem o mesmo dinamismo que o Rio de Janeiro. Em Porto Alegre a modernidade é representada de forma emblemática nas transformações urbanas. Na administração de Alberto Bins (1928-1937) intensificam-se as obras realizadas em Porto Alegre que se espelhavam no modelo da Paris do Barão Haussmann, com suas bulevares e avenidas .

Além da remodelagem de ruas, o núcleo central da cidade também foi modificado, tendo em vista que era o espaço congregador das atividades comerciais e culturais da cidade moderna (D’Avila, 1996). Foram abertas largas avenidas destruindo os velhos casarões e cortiços que simbolizavam a pobreza e o atraso da cidade. Nesse período construiu-se as avenidas Júlio de Castilhos, Otávio Rocha, Alberto Bins e viaduto da Borges de Medeiros. O antigo calçamento da João Pessoa e da Avenida Bom Fim (atual Osvaldo Aranha) foi substituído pelo asfalto.

⁵⁹ O desporto, inicialmente, estava relegado ao segundo plano nas reportagens dos jornais: “Aqui, pelo menos, o “sport” é materia secundaria para alguns jornaes. Fazem-se referencias especiaes sobre todas as manifestações de nossa vida social e, a um cantinho da folha, como por defastio, duas linhas sobre “sport” (Lemos; Carvalho, 1919: II). O nome de boletins e jornais de Porto Alegre sugere que havia publicações sobre o desporto desde o final do século XIX: “O Atleta” (1883), órgão do Clube Caixerel Porto Alegrense”, “A Vida Sportiva” (1892); “O Sport Rio Grandense” (1894); “Olimpiadas” (1922); “O Tiro” (1925); “O Automobilista” (1926); “O Esporte” (1927); “Correio Automobilista” (1929); “A Semana Esportiva” (s/d); “O Turfe” (s/d); “A Voz do Turfe” (s/d). Os jornais conhecidos eram “Correio do Povo”, “Fôlha da Tarde” e a “A Nação” (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 72-77).

Os caminhos da modernização de Porto Alegre são trilhados pela acumulação de capital de origem teuto-brasileira e sua aplicação na indústria, processo que implicou na “gauchização” dos alemães (Pesavento, 1994). A transformação dos alemães em gaúchos, ou seja, a diluição das diferenças significou o reconhecimento da contribuição dos teuto-brasileiros para o crescimento do Estado. Conforme estimativa de Gertz (1994: 44), os teuto-brasileiros perfaziam quase 20% da população do Estado do Rio Grande do Sul, nos anos 30. Porto Alegre, na década de 30, ainda apresentava os traços culturais dos teuto-brasileiros.

A conquista da modernidade, em Porto Alegre foi especialmente representada na Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha realizada em 1935. O major Alberto Bins, prefeito de Porto Alegre foi o idealizador desta exposição, que tomou uma dimensão nacional (Spalding, 1967). A finalidade da exposição era “mostrar a todo o Brasil o progresso do Rio Grande, constituindo-se como uma mostra da capacidade realizadora deste estado na indústria, pecuária e agricultura” (Possamai, 1998: 80). Durante a exposição, as associações desportivas promoveram diversas competições exibindo o desporto como um costume da modernidade⁶⁰. Após a exposição, o local foi chamado de Parque Farroupilha, em 1938 (Luz, 1999).

Os espaços públicos destinados às atividades de lazer para a população porto-alegrense foram sendo ampliados na gestão do prefeito Alberto Bins (1928-1937), com a construção de algumas praças⁶¹. A necessidade de praças “compreende a incontestável conveniência de educar fisicamente as coletividades, harmonizando a cultura mental com a física, de cujo equilíbrio depende a superioridade das nações”. As praças de desporto se configuram como um espaço onde todas as classes sociais, indistintamente, podem exercitar o seu corpo, criando, por conseqüência, um caráter mais nobre e

⁶⁰ Na gestão do prefeito Loureiro da Silva (1937-1943) foi construído o Estádio Desportivo do Parque (1939), mais um símbolo do crescimento do fenômeno desportivo na cidade, localizado próximo a Igreja Espírito Santo, entre a Avenida José Bonifácio esquina e Osvaldo Aranha (Machado, 1998: 101).

⁶¹ Conforme dados da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Porto Alegre, no período de 1928 a 1937 foram instituídas 3 praças em Porto Alegre.

racional (Bakos, 1986). A educação corporal e moral da juventude nas praças somava-se ao processo desencadeado nas escolas e associações desportivas visando a formação da nação brasileira. As praças e associações simbolizavam o progresso de Porto Alegre “no domínio da cultura física”.

Ainda temos na memória a recordação dum torneio atlético aqui realizado lá por 1921 ou 22. O pavilhão estava às moscas. Meia dúzia de curiosos se agrupava perto das pistas. O incansável Mr. Long, secretário geral da A. C. M., e de outras associações esforçavam-se nas varias provas. E os seus esforços inauditos eram coroados pelos magros aplausos da assistência irrisória. Hoje, porem, tudo mudou. Já se cultivam muitos esportes em Porto Alegre. Temos clubes de natação, de regatas, de hockey, de foot-ball, de tennis, de basket-ball, de volley-ball, de esgrima, de skating, de atletismo (Revista do Globo, 1933: 1)⁶².

Porto Alegre, ingressa na década de 40, apresentando desenvolvimento em vários setores. As associações desportivas também eram espaços onde se refletia o crescimento da cidade. As mais diversas práticas desportivas consolidaram-se nas associações porto-alegrenses. A seguir são apresentadas as práticas desportivas das primeiras associações fundadas em Porto Alegre.

1.2 – As práticas desportivas nas associações

Ginástica

Em Porto Alegre, a ginástica é a primeira prática desportiva desenvolvida pela sociedade Turnerbund que, posteriormente, incorporou outros desportos. A primeira sociedade de ginástica, denominada em alemão “Deutscher Turnverein” foi criada em Porto Alegre, em 1867. O idealizador da sociedade foi Alfredo Schütt, natural da cidade de Hamburgo, que trouxe para

⁶² Em Porto Alegre, o hóquei e a patinação eram algumas das novidades desportivas dos anos 30, embora tiveram um caráter transitório em virtude do desenvolvimento mundial (Franco, Silva; Schidrowitz, 1940: 636). Estas modalidades desportivas tornaram-se moda em Porto

Porto Alegre a prática da ginástica, por volta de 1865⁶³. A sociedade de ginástica (SOGIPA) ostentava nos seus estandartes as cores da bandeira do Império Alemão inscrevendo-se no conjunto dos símbolos que marcaram as correntes nacionalistas na Alemanha. As bandeiras, hinos e medalhas são tradições inventadas pelos governos para construir a nação e unificar a população em torno desta idéia.

Os fundadores da SOGIPA, C. Pohlmann e Alfred Schütt eram “troncos ambos de famílias distinguidas, como eram distintos seus titulares, através a sua posição, no destaque de uma existência voltada ao comércio”⁶⁴. Os comerciantes alemães prestaram ajuda financeira à construção do primeiro prédio da sociedade, que também resultou da cotização entre os sócios. As três grandes cervejarias de Porto Alegre, Bopp, Becker e Sassen, e Ritter colaboraram financeiramente para a construção de um salão próprio para reuniões (Hofmeister, 1987). O empenho desses comerciantes para a estruturação da sociedade, também simboliza o interesse pela ocupação de outros espaços sociais.

Com a introdução do Tiro ao alvo a sociedade foi chamada de Deutscher Turnerbund-Schützenverein (Sociedade de Ginástica e Tiro Alemã). Os ginastas resolveram separar-se da sociedade e criaram o “TurnKlub” (Clube de ginástica), em 1887 (Daudt, 1942: 7). Em 1892 houve a fusão das duas sociedades, sendo denominadas de “Turnerbund” (Hofmeister, 1987; Tesche, 1996; Silva, 1997).

Além da ginástica e do tiro ao alvo, a sociedade iniciou a prática do bolão, em 1896⁶⁵. O bolão era um jogo similar ao boliche (Kreling, 1984). O

Alegre. Os associados do Club Excursionista e Sportivo criaram o “Club Pererecas” (Revista do Globo, 1933: 39).

⁶³ O “turnen” era praticado antes da organização das primeiras sociedades de ginástica pelos associados da Legião Alemã (1851), em Porto Alegre. O Turnen “é constituído pela ginástica, pelos jogos, pelas caminhadas, pelo teatro, pelo coral. De maneira que não existe um vocábulo que traduz com fidelidade o sentido do Turnen para o português” (Tesche, 1996: 15).

⁶⁴ Alfredo Schütt tornou-se um comerciante atacadista e consul chileno (Daudt, 1942: 7).

⁶⁵ À medida que se ampliaram os espaços para os desportos construiu-se a biblioteca e o palco da sociedade, para apresentações teatrais e do grupo de cantores, ainda no final do século XIX (Daudt, 1942: 11).

bolão e o tiro eram espaços de lazer e sociabilidades para os homens conversar e descansar após o trabalho. Nas sociedades de ginástica, no princípio, algumas atividades eram predominantemente masculinas. O primeiro instrutor de ginástica da sociedade foi E. Gottfriedsen auxiliado pelos assistentes E. Martens Junior e Weiss, para atender aos primeiros 25 sócios (Amaro Jr., 1944).

A participação das mulheres na sociedade começou no início do século XX. A partir de 1904, as mulheres adquiriram o direito de fazer o curso e obter a mesma distinção. As primeiras a receberem o título de mestre de ginástica foram: Ella Kaufmann, Frieda Naschold, Emma Scheibenzuber, Hermine Grage. Neste mesmo ano foi criado o departamento feminino de ginástica para a prática das mulheres. O departamento contava com 37 mulheres (casadas e solteiras)⁶⁶ funcionando de forma autônoma, com diretoria própria sendo sua primeira presidente a professora Elli Kaufmann da escola Hilfsverein (atual Colégio Farroupilha).

Em 1905, a direção do grupo foi entregue ao professor de ginástica da sociedade Turnerbund, que ministrava “Educação física das moças”. Apesar das mulheres seguirem com o curso: Ida Karls (1905), Helene Wanner (1907), Elsa Heimberg (1908). Na década de 20, mais cinco mulheres formaram-se mestres de ginástica. O número de mulheres foi ampliado na década de 30, quando se formaram 19 mestres ginastas: N. Dreher, G. Nietzsche, E. Werner, D. Schröter, H. Mitzscherlich, F. Schönwald, A Pfitzer, E. Muller, A Rotermund (Daudt, 1942: 14).

A participação das mulheres nas atividades físicas e sociais era um traço distintivo da sociedade de ginástica. A oferta de atividades físicas para as mulheres visava a sua preparação para o trabalho, assim como o homem⁶⁷. “Em nossos departamentos todos, centenas e centenas de crianças, moços e

⁶⁶ As mulheres casadas iniciaram as sessões de ginástica em 1907 (Daudt, 1942: 13).

⁶⁷ Pedro (1997), em seu estudo sobre as mulheres do sul constata que as mulheres de Blumenau (cidade de colonização alemã no Estado de Santa Catarina) eram representadas como “trabalhadeiras”, pois acompanhavam o marido no trabalho do campo.

senhores idosos, exercitam-se sempre e cada vez mais, sem distinção de sexo, pois ambos aqui se encontram, para serem fortes, serem úteis para o trabalho árduo da vida de hoje” (Daudt, 1942: 41). As mulheres participaram pela primeira vez das competições de atletismo na comemoração do Centenário da Imigração Alemã, realizada em 1924.

Tendo como referência a Turnerbund (SOGIPA), outras sociedades de ginástica foram criadas nas cidades de colonização alemã do Estado. No Rio Grande do Sul, registrou-se aproximadamente 14 sociedades ginásticas criadas até o fim do século XIX, incluindo-se a Turnerbund⁶⁸. Este cenário refletia a influência da cultura alemã, pois em 1890 havia na Alemanha aproximadamente 4.400 sociedades (Accioly, 1956; Ramos, 1982).

Em 1895, foi organizada a “Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul” (em alemão Deutscher Turnerschaft von Rio Grande do Sul). No princípio a federação visava a manutenção da memória alemã, através do cultivo da prática da ginástica e o fortalecimento da unidade das sociedades alemãs. Tinha à frente o imigrante alemão, Jacob Aloys Friederichs, ginasta e tesoureiro do Turnerbund (atual SOGIPA)⁶⁹, que foi considerado o “pai da ginástica” (Turnvater) do Rio Grande do Sul por que difundiu a ginástica de Jahn foi no Estado (Tesche, 1996).

A primeira competição entre as sociedades de ginástica foi realizada em 18/04/1896, no campo de tiro do atual Parque Moinhos de Vento. A competição valorizava o desempenho físico dos ginastas, mas também, a disciplina dos

⁶⁸ Leopoldenser Turnverein ou Sociedade Ginástica de São Leopoldo (27/08/1885 e 01/09/1885); Turner São João do Montenegro (06/03/1887); Sociedade Ginástica de Lomba Grande (1890); Sociedade Ginástica de Taquara (1890); Sociedade Ginástica de Campo Bom (1890); Sociedade de Ginástica de Santa Cruz do Sul (15/09/1893); Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo (11/07/1894); Sociedade Ginástica de Candelária (1895); Sociedade Ginástica Hamburgo Velho (22/06/1896); Lajeadenser Turverein Jahn ou Sociedade Ginástica de Lajeado (1896); Turverein São Sebastião do Cahy ou Sociedade Ginástica de São Sebastião do Cai (15/06/1898 ou 1897); Grupo de Ginástica “Gut Heil” (23/10/1898), depois Sociedade de Ginástica Ijuí (15/11/1914); Sociedade Ginástica de Pelotas (1899).

⁶⁹ Aloys Friederichs nasceu na Alemanha em 1868 e emigrou para o Brasil, Porto Alegre em 1884. Depois de dois anos e meio de aprendizado foi nomeado oficial de canteiro. Seu irmão Miguel Friederichs fundou em 1884 a Oficina de Cantaria, que em 1909 foi chamada de Casa Aloys (Lima, 1996). Em 1888, Aloys Friederichs associou-se a Sociedade de Ginástica Turn-Klub (atual SOGIPA) (Daudt, 1942).

competidores. O ginasta H. Lüderitz recebeu um diploma de disciplina e bom comportamento e, o ginasta Carlos Brenner foi contemplado com o diploma de boa posição e boa marcha. A premiação destes ginastas demonstra a preocupação das sociedades em valorizar o caráter, a moral, e a educação. Os ginastas eram identificados pela disciplina, robustez, fibra, energia, educação e cultura, características necessárias a formação de homens dignos para as lutas da vida. Em 7 de setembro de 1899 foi realizada a primeira competição de ginástica para crianças no campo da sociedade de ciclismo Blitz (Daudt, 1942).

Em 1902, as competições de ginástica transformaram-se na principal “festa interna” das sociedades de ginástica⁷⁰. Os Estatutos das sociedades de ginástica asseguravam a promoção de competições e comemorações representativas da Alemanha. Os denominados Festivais de Ginástica eram promovidos pela “Liga de Ginástica” e restrito as sociedades alemãs. As competições anuais reuniam um número expressivo de representantes das sociedades nas provas de ginástica e de outros desportos. As competições das sociedades de ginástica eram “verdadeiras festas olímpicas” contando aproximadamente com a participação de mil jovens de todo o Rio Grande do Sul. As provas eram prestigiadas pelo público de aproximadamente 10.000 pessoas.

Os festivais de ginástica foram incrementados a partir de 1908, quando a Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul foi subdividida em quatro regiões devido a sua grande extensão. Porto Alegre foi escolhida como

⁷⁰ A partir de 1900 foram criadas as seguintes sociedades: Sociedade Ginástica de Saporanga (1900); Sociedade Ginástica de Rio Grande (1900); Turverein Jahn (05/04/1903) fundiu-se em 1918 com o Sängerverein de Santa Maria; Sociedade Ginástica de Vera Cruz (1905); Turverein Navegantes, em Porto Alegre (1906); Turverein Estrela ou Sociedade de Ginástica Estrela (30/05/1907); Sängerverein “Frohsin” (05/01/1908) fundiu-se com o Schützenverein resultando na Sociedade Ginástica de Cachoeira do Sul, atual Sociedade Rio Branco; Turverein Teutônia (1909); Sociedade Ginástica de Três Coroas (1910); Sociedade Ginástica de Estância Velha (1910); Grupo de Ginástica “Gut Heil” ou Sociedade Ginástica Panambi (01/03/1913); Turverein Cruz Alta (04/11/1925); Sociedade Ginástica de Santo Ângelo (1925); Sociedade Ginástica de Buricá (1925); Sociedade Ginástica de Três de Maio (1925); Sociedade Ginástica de Erechim (1925); Turverein Navegantes São João (06/06/1927); Turverein General Osório de Ibirubá (10/07/1927); Sociedade Cantora e Ginástica de Augusto Pestana (18/05/1933) (Tesche, 1996: 74; Ramos, 2000: 10). Na Alemanha, em 1900 havia 7.200 sociedades de ginástica que se expandiram para aproximadamente 10.000 em 1920 (Accioly, 1956; Ramos, 1982).

sede da primeira região. Os festivais regionais de ginástica (em alemão “Gauturnfeste”) significavam mais do que competição físico-desportiva entre as regiões era um momento de integração entre as sociedades de ginástica do Estado. As confraternizações constituíam-se em espaços de afirmação da identidade teuto-brasileira: “comemorações em honra de Jahn, com várias competições atléticas, jogos olímpicos, demonstrações nos vários aparelhos, exercícios físicos, etc.” (Daudt, 1942: 15).

A partir de maio de 1915, os festivais de ginástica, passaram a ser divulgados, mensalmente, para os sócios e população em geral, através do jornal “Deutsche Turnblätter” editado pela Sociedade Turnerbund (atual SOGIPA) (Tesche, 1996). Em 1916 foi realizada uma competição internacional em homenagem a Jahn. O convite da 17ª Festa Regional de Ginástica (Turnfest) realizada em São Leopoldo demonstra que a afirmação da identidade cultural dos teuto-brasileiros continuava sendo a tônica do festival realizado em 1933: “Encontrar-nos-emos como pessoas de sangue alemão, como ginastas alemães, fazendo nossa profissão de fé no povo de Jahn e à ginástica de Jahn”⁷¹. O grande Festival Regional de Ginástica promovido pela Liga de Ginástica em comemoração ao seu 40º aniversário (1895-1935) e celebrando o Centenário da Revolução Farroupilha, também reforçou a cultura alemã. A festa de abertura foi assistida pelo governador do Estado, General Flores da Cunha, pelo prefeito de Porto Alegre, Major Alberto Bins e pela população em geral (Hofmeister, 1987).

Stier⁷² afirmou que os fundadores das sociedades de ginástica do Rio Grande do Sul aprenderam a conhecer e amar as ginásticas e os ideais das sociedades de ginástica da Alemanha, colocando e conduzindo as sociedades no Estado com a mesma prática e com os mesmos ideais de Jahn⁷³. A

⁷¹ Convite e programa da “17ª Festa Regional de Ginástica em São Leopoldo, realizada nos dias 28 e 29 de outubro de 1933” (Ramos, 2000: 1).

⁷² Palavras de August Stier no artigo “Festa a Jahn”, do jornal Deutsche Turnblätter datado de agosto de 1939 (Tesche, 1996).

⁷³ A obra de Jahn, de cunho nacionalista, tinha um espaço de prática: a ginástica. Ao desenvolvê-la, buscou uma fundamentação rigorosa, e dessa forma resgatou a história do esporte alemão. As diretrizes norteadoras dessa ginástica eram: “lutar com maior regularidade

valorização do exercício físico regular estava relacionada a sua contribuição para o processo de disciplinarização e militarização da sociedade, especialmente a juventude.

Tesche (1996: 78) afirma que a ginástica praticada nas sociedades era uma forma de evocação da Mãe-Pátria, quando refere as palavras do pastor Vath: “sempre foram as sociedades de ginástica que conservaram sobre os mares e a terra fidelidade à sua pátria-mãe”. Os imigrantes alemães trouxeram consigo o culto aos seus heróis nacionais, como por exemplo, Jahn - o idealizador de uma Alemanha unida e o criador do movimento dos ginastas e Bismarck - o concretizador do sonho da unificação⁷⁴.

Isto não significa que os teuto-brasileiros desejassem fazer do Brasil uma Alemanha, como sugere Cantarino (1988: 7): “escolas, associações desportivas, jornais, entidades culturais e partidos políticos foram fundados pelos alemães, conservando seus hábitos de vida e seu próprio idioma. Era pois, a Alemanha em terras brasileiras”. Todavia, as associações teuto-brasileiras construíram suas fronteiras culturais. Damo (1998: 45) afirmou que “todas elas cultuavam, além das práticas esportivas certos traços identitários entre os quais a língua de origem de seus sócios-fundadores”.

As sociedades de ginástica caracterizavam-se pela valorização das raízes germânicas, do culto da saúde corporal, e da educação moral da juventude (Ramos, 2000). Dentre as atividades voltadas para a saúde e educação moral dos jovens teuto-brasileiros estavam também as corridas de revezamento de longa distância denominadas “corridas de estafeta”. Em 1913

pela formação perfeita; ser aplicado; aprender algo sólido; não acompanhar efeminados; não se deixar entusiasmar por nenhuma sedução; não procurar prazeres, divertimentos e distrações que não convêm à virtude”. Alargando um pouco mais essa concepção, encontro também que os jogos são fundamentais para o desenvolvimento da ginástica, assim como o canto “para mostrar uma nova confiança própria, nacional”. A ginástica, para Jahn, deveria produzir algo mais profundo do que o entusiasmo técnico, a saber, o espírito patriótico e moral. Ele pregava a ginástica como a base da formação do espírito nacional alemão (Ramos, 2000; Tesche, 1996).

⁷⁴ Bismarck transformou-se num dos maiores símbolos da unificação alemã, ultrapassando de longe a popularidade do Imperador. Segundo Hobsbawm (1984: 272), “o apoio oficial assegurou a construção de 327 monumentos a Guilherme até 1902, mas apenas um ano após a morte de Bismarck, em 1898, 470 municípios haviam resolvido erigir colunas a Bismarck”.

foi realizada uma corrida que partia de Santa Cruz do Sul (cidade de colonização alemã) com chegada em Porto Alegre. No mesmo ano foi criado o grupo de escoteiros da sociedade de ginástica, que realizou uma marcha a pé partindo de Porto Alegre até Blumenau (cidade de colonização alemã no Estado de Santa Catarina). Outra corrida que percorria o trajeto entre cidades de colonização alemã (Ijuí a São Leopoldo) foi realizada em 1924. Estas corridas foram as primeiras realizadas no Brasil (Daudt, 1942).

As corridas de revezamento decorrem da transformação do desporto em fenômeno de massas, no início do século XX. O fenômeno desportivo adquiriu novas características voltadas para a educação das massas e integração do coletivo com fins políticos (Thiesse, 2000). Por isso necessita expandir-se para além de espaços concebidos inicialmente para sua prática. Desta forma, os desportos de deslocamento aparecem como formas de “percorrer a nação” de forma física. A partir da perspectiva, as corridas e marchas a pé são um meio dos teuto-brasileiros conhecerem e apreenderem o território, o espaço da pátria.

As atividades desportivas promovidas pela sociedade de ginástica contavam com a presença de instrutores de ginástica provenientes da Alemanha. Os imigrantes alemães tinham assistência cultural da Alemanha, principalmente pelo envio de professores e através de auxílio às escolas (Kreutz, 1991). As sociedades de ginástica contratavam os professores de “turnen” através da “Verein für das Deutschtum im Ausland (V. D. A.)”, que significa “Sociedade para o Germanismo no Estrangeiro” e, do “Turnlehrer aus Deutschland (D. T.)”, isto é, “Professores de Turnen da Alemanha” (Wieser, 1990: 284)⁷⁵. Estes instrutores também atuavam nas escolas da comunidade alemã. Tesche (1998: 375) afirmou que “as escolas que tinham um maior vínculo com alguns clubes/sociedades de ginástica é que trabalhavam dentro

⁷⁵ Conforme Gans (1996: 189) foram: Henrique Englert, em 1876, técnico de ginástica; Aloys Friderihs, 1884-1889, instrutor de ginástica (“pai da ginástica” no Rio Grande do Sul); E. Gottfriede, 1867, instrutor de ginástica; E. Martens, 1867-1869, assistente do instrutor de ginástica; A. Weiss, 1867, assistente do instrutor de ginástica da Turnverein (atual SOGIPA). Outros alemães envolvidos com a prática desportiva foram: timoneiro Heinrich Brauer, 1883-

da proposta de Jahn e também por que os alunos utilizavam as dependências da Sociedade”.

No Hilfvereinshule (Colégio Farroupilha), aproximadamente 170 alunos do sexo feminino e masculino, descendentes de alemães e italianos praticavam o “turnen”, sob a orientação do professor E. Knorre e de W. Rösch, da Liga de Ginástica, no final do século XIX (Tesche, 1996). Em 1892 houve entendimento entre a sociedade de ginástica Turnerbund com a direção da escola alemã acerca da prática de exercícios físicos dos alunos da mesma. Piccoli (1994) afirma que professores de classe, oriundos da Escola Normal, se associavam a sociedade Turnerbund buscando rudimentos da ginástica alemã.

Nesta perspectiva, a sociedade de ginástica Turnerbund criou um curso teórico-prático para formar seu “corpo de instrutores”, no início do século XX. Os primeiros formados, que recebiam o título de mestre de ginástica eram homens. Entre os homens, destaca-se o professor Georg Black Sen, que foi nomeado mestre de ginástica em 1906⁷⁶. Ele assumiu a direção geral técnica do setor de ginástica da sociedade, no qual manteve-se no período de 1906 a 1928⁷⁷. Além da ginástica, ele organizou na sociedade de ginástica, o grupo de escoteiros, em 1913. Este é considerado o primeiro grupo de escoteiros criado no Brasil (Daudt, 1942).

Georg Black foi um dos mais conhecidos instrutores da Sociedade de ginástica que atuou nas escolas vinculadas a comunidade teuto-brasileira em Porto Alegre⁷⁸. Da mesma forma, os alunos destas escolas ocupavam as instalações da sociedade de ginástica Turnerbund para realizarem as aulas de

1889; professor e administrador de piscina Joh Poist, 1876-1889; Heinrich Rosenhaim, 1861 a 1889, dono do salão que foi sede da primeira reunião do Turnverein.

⁷⁶ Georg Black Sen nasceu em Munique (Alemanha) em 1877. Fez sua formação na Alemanha no Kgl-bayerischen Zentral-turnlehrerbildungsanstalt (Tesche, 1997: 261). Em 1902 mudou-se para o Brasil e no ano seguinte associou-se a SOGIPA, onde, a partir de 1905, tornou-se professor de ginástica dos veteranos.

⁷⁷ Parou de ministrar aulas de ginástica devido a amputação de uma das pernas, em decorrência de um acidente na estação ferroviária de São Leopoldo (Daudt, 1942). Ele trabalhou na SOGIPA durante aproximadamente 32 anos, até 1937 (Pimentel, s/d).

⁷⁸ A ginástica se desenvolveu nos estabelecimentos educacionais da colônia alemã, através dos professores formados na Alemanha, dos pastores que seguiram o mesmo modelo pedagógico e pelos instrutores das sociedades de ginástica (Jesus, 1998; Tesche, 1996).

ginástica⁷⁹. Em 1907, a Escola São José (posteriormente adotou o nome de Ginásio Roque Gonzáles) fez um acordo com a sociedade de ginástica para que seus alunos freqüentassem as sessões de ginástica. Conforme Daudt (1942: 13) “desta forma a educação física dos alunos de algumas escolas da cidade ficou intimamente ligada com as atividades ginásticas do Turnerbund”. Georg Black estendeu o ensino da ginástica para os colégios Farroupilha, Júlio de Castilhos, Santa Maria, Bom Conselho, Rosário, Anchieta⁸⁰, Instituto Parobé. Em São Leopoldo foi professor nos colégios São José, Seminário protestante e Sínodo Rio Grandense. Ainda desenvolveu atividades na Sociedade de Ginástica Navegantes São João, na Associação Cristã de Moços e nas praças de recreio de Porto Alegre⁸¹.

O trabalho de Georg Black em prol da educação física foi destacado por Franco; Silva; Schidrowitz (1940: 637): “A educação física se desenvolveu graças a Associação Cristã de Moços de Jorge Black⁸², pioneiro deste genero de trabalho em Pôrto Alegre, das praças de recreio e jogos da prefeitura municipal e trabalhos nos estabelecimentos do ensino primário e secundário”.

⁷⁹ No Rio Grande do Sul, a educação física, denominada de ginástica foi mencionada pela primeira vez em 1857, no Regulamento para a Instrução Primária da Província. Mas era raramente praticada por uma série de fatores, entre eles a inexistência de profissionais habilitados (Piccoli, 1994). Os Municípios da Corte foram obrigados a incluir os princípios gerais da educação física nos currículos das escolas normais, a partir de 1876. A obrigatoriedade para a prática de exercícios físicos na escola primária do Estado foi determinada em 1882 (Lima, 1909: 21). Em Porto Alegre cada escola deveria ter, além de salas de aula, biblioteca e museu, um ginásio para exercícios físicos e um pórtico de madeira para a realização dos exercícios ginásticos. A instrução primária e secundária foi regulamentada através da reforma do ensino realizada por Benjamin Constant, no final do ano de 1890. Os traços culturais da comunidade teuto-brasileira marcavam o sistema de ensino do Estado. O programa escolar de Porto Alegre tinha as chamadas evoluções militares, além da calistenia, ginástica alemã e ginástica sueca. O denominado Método Ginástico Alemão, cuja base era a ginástica de Jahn predominava nas escolas gaúchas (Tesche, 1996; Cantarino, 1988).

⁸⁰ A ginástica também era ensinada no ginásio Anchieta (1890) criado pelos padres jesuítas: “a ginástica e os exercícios militares eram ministrados como matéria para todas as séries de cada curso, o elementar, o médio e o secundário, uma vez por semana, desde os primeiros anos de fundação. Os jogos desportivos e ginásticos também eram desenvolvidos no estabelecimento” (Cantarino, 1989: 897-898).

⁸¹ Quando Georg Black afastou-se da sociedade de ginástica foi substituído pelo seu filho Karl Black, que estudou na Alemanha. Karl Black assumiu o cargo de professor de ginástica, em 1929. Em 1940, além da ginástica assumiu o atletismo feminino na SOGIPA permanecendo até 1942. A filha de Karl Black, Minna Black, assim como o irmão estudou na Alemanha e, quando retornaram ao Brasil “deram prosseguimento a obra do pai em Porto Alegre durante o período da segunda guerra” (Wieser, 1990: 63).

⁸² O nome de Georg Black Sen foi escrito em língua portuguesa pelos autores do livro, possivelmente devido à campanha de nacionalização.

O reconhecimento do seu pioneirismo na educação física deve-se a sua intensa atividade em diferentes instituições em Porto Alegre.

Os traços culturais distintivos da sociedade de ginástica marcam os nomes dos instrutores, associados e direção. A listagem dos sócios veteranos e dos benfeitores da sociedade do período compreendido entre 1883 até 1911 era composta somente por sobrenomes alemães (Daudt, 1942). Assim como, de acordo com Rive (1967), a presidência da diretoria da sociedade, desde a fundação até 1942 era composta por imigrantes alemães e teuto-brasileiros: gestão Jacob Becker (1892), J. Aloys Friederichs (1893-1897; 1901-1914; 1917-1914; 1917-1929), C. Albino Sperb (1898), Jacob Mink (1899-1900), Rodolfo Deppermann (1915-1916; 1915-1916), J. Jorge Thofehrn (1930), Franz Metzler (1931), Willy klohs (1932-1936), Willy Niemeyer (1937-1939), José Carlos Daudt (1940-1949).

A presidência da SOGIPA esteve com J. Aloys Friederichs durante 30 anos e “uma vez ou outra entregou o cargo a seu substituto, mas sempre continuou sendo a alma do todo”⁸³. Ele é considerado o pai da ginástica no Rio Grande do Sul e teve como grande causa maior eugenia da raça, que “se tornou uma realidade, é um fato” (Daudt, 1942: 4). Devido ao contexto do Estado Novo, este texto busca uma sintonia com o projeto político-social de revigoração da raça. Mas na seqüência, o texto demonstra que o projeto do presidente da sociedade era dar continuidade aos ideais dos pioneiros: “a obra iniciada por Alfredo Schütt e mais tarde continuada por outros, teve na pessoa do nosso presidente honorário, o seu maior e melhor continuador. O ideal que sempre o animou, conseguiu vencer, e aí está esta obra monumental, que ninguém, ninguém poderá negar, apagar”.

A direção da sociedade, em geral esteve nas mãos das mesmas pessoas. Os cargos de segundo presidente e de tesoureiro foram durante anos desempenhados pelos mesmos dirigentes, sendo que o vice-presidente, às vezes revezava a presidência. O diretor do campo desportivo São João da

⁸³ Recebeu o título de presidente honorário em 1/12/1923.

sociedade de ginástica permaneceu durante 30 anos no cargo, e integrou a diretoria da SOGIPA por 32 anos. Os cargos da diretoria que sofreram mudanças dos titulares foram de primeiro e segundo secretário. Em 1942, quando a sociedade de ginástica comemorou o “Jubileu de Diamante” (75 anos) todos os sobrenomes da diretoria continuavam sendo alemães, desde o presidente honorário até o subdiretor do campo esportivo.

A SOGIPA, comemorou anualmente até o ano de 1941, o seu aniversário de fundação - o ano de 1892, que marcava a fusão das duas sociedades que a constituíram. “A partir de 1942, o aniversário passou a ser festejado em agosto, alusivo à fundação em 1867. O baile de aniversário fundia-se então à festa de Jahn, que ocorria nesta época do ano” (Silva, 1997: 72-73).

Em 1944, a SOGIPA inaugurou oficialmente seu estádio atlético denominado José Carlos Daudt, com a presença das autoridades, o interventor federal Ernesto Dorneles e do prefeito Brochado da Rocha. O jornal anunciava a inauguração de um verdadeiro templo olímpico, com a participação de aproximadamente, mil atletas nas competições festivas.

A SOGIPA participou da organização de entidades, associações desportivas e na criação de outra sociedade de ginástica em Porto Alegre, a Sociedade Turnerbund Navegantes São João, em 1927⁸⁴. A SOGIPA, além de introduzir a ginástica e do tiro ao alvo em Porto Alegre e no Estado do Rio Grande do Sul, também foi responsável pela difusão de outros desportos, como o punhobol, atletismo e esgrima. O destaque da SOGIPA nas competições desportivas rendeu-lhe o título de viveiro de campeões e campeãs riograndenses (Roche, 1969)⁸⁵.

⁸⁴ No final da década de 30 havia 33 sociedades de ginástica no Estado do Rio Grande do Sul.

Tiro ao Alvo

De forma geral, nos locais onde havia uma sociedade de ginástica, também se encontrava uma sociedade de atiradores. A Sociedade Turnerbund criou o departamento de tiro ao alvo, em 1870, cujo idealizador foi Alfredo Schütt (Machado, 1949)⁸⁶. A SOGIPA foi a segunda sociedade a instituir a prática do tiro no Brasil⁸⁷. Ferreira (1986) referiu que os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina foram os primeiros no país a praticar o tiro.

Em Porto Alegre, o tiro também era praticado no "Von Musterreiter Club Porto Alegre" (Clube dos Cavaleiros de Amostras) fundado em 1885. A associação nasceu para congregar os viajantes comerciais que percorriam as precárias estradas gaúchas, de ponta a ponta, vendendo mercadorias e, de quebra, cumprindo um papel importante como elo de ligação cultural, social e política entre a capital e as regiões por eles atendidas (Lentz, 2001; Duarte, 2000). As Sociedades de Atiradores (em alemão "Schützenhalte") promoviam os Torneios de Tiro chamado "Festa dos Atiradores" (em alemão "Schützenfest"), que reunia os moradores da picada, vila ou cidade, na sociedade durante todo o dia, com danças e muita animação⁸⁸.

A prática do Tiro ao Rei era desenvolvida pelos imigrantes alemães desde a criação das primeiras sociedades de tiro, enquanto que os imigrantes italianos realizavam o tiro nos clubes de caça e pesca. Conforme Ferreira (1986: 74), o início da prática deste desporto foi através dos clubes de caça e pesca e do Tiro ao Rei, "implantados juntamente com as primeiras levas de imigrantes". A presença alemã se fez notar na maioria das práticas desportivas

⁸⁵ Em 1942, a SOGIPA tinha os seguintes departamentos desportivos: ginástica, atletismo, bola ao cesto (basquete), bola sobre a rede (voleibol), bola de punho (punhobol), esgrima, tênis, bolão e xadrez. Em 1944, inauguraram a pista de atletismo (Amaro Jr., 1944: 42).

⁸⁶ Conforme Ferreira (1986: 44), na Alemanha, "em 1861, os alemães organizaram a 'Deutscher Schützenbund' com o apoio do marechal Bismarck".

⁸⁷ A mais antiga Sociedade de Tiro do Brasil, a "Schützenverein Blumenau", foi fundada na cidade de Blumenau (Estado de Santa Catarina), em 2/12/1859. Atualmente é denominada "Tabajara Tênis Clube" (Ferreira, 1986: 75).

⁸⁸ Ao final da tarde anunciava-se o resultado com uma cervejada. O vencedor era o Rei (König), o segundo lugar era o 1º cavaleiro (1º Ritter) e o terceiro lugar era o 2º cavaleiro (2º Ritter). No Domingo seguinte era realizado o "Baile do Rei" (Königsball), que começava

de Porto Alegre, realizadas nos clubes de caça e tiro (Alencastro; Renaux, 1997).

Também havia o “Tiro Nacional Brasileiro”, o “Deutscher Schristzen Verein” (Club dos Atiradores Allemães”) e o Tiro Brasileiro de Porto Alegre (Tiro 4) todas estas associações foram constituídas no final do século XIX. O Tiro 4 foi organizado por luso-brasileiros, mas há indícios que tinha associados teuto-brasileiros. É provável que esta associação rivalizava com a dos alemães: “ao contrário do que pensava aquele eficiente colono alemão, o cidadão brasileiro mostrou possuir excelente espírito esportivo ao organizar o primeiro grêmio de tiro ao alvo, o Tiro 4” (Revista do Globo, 1949: 43).

O Tiro ao alvo, enquanto desporto competitivo surgiu em nosso país no início do século XX, através de estandes montados pelo exército em diversas cidades para treinamento militar denominados linhas de tiro. O “Tiro 4” foi uma das mais prestigiadas linhas de tiro porto-alegrense devido a sua participação vitoriosa no primeiro campeonato brasileiro, em 1910. A equipe, composta pelos atiradores Sebastião Wolf, Natalício Martins, capitão Guimarães, Teodoro Hartlieb, Hugo Allgayer, Arnaldo Schmidt, João Rangel e Dilermando de Assis, venceu todas as 26 disputas da competição. Aos poucos foram organizadas competições com a participação de civis⁸⁹. O tiro ao alvo passou a ser difundido no início do século pelo Esporte Club Navegantes (fundado em 20/02/1907). Além desta modalidade, o clube incentivava outros desportos tradicionalmente praticados pela comunidade alemã, como o bilhar, snooker, bolão e ping pong.

A tradição do tiro em Porto Alegre reafirmou-se nos VII Jogos Olímpicos da Antuérpia (Bélgica), realizados no período de 7 de julho a 12 de setembro de 1920, quando os atiradores porto-alegrenses ganharam a medalha de bronze na prova por equipes. Esta foi a primeira participação olímpica do Brasil, também marcada pela obtenção da primeira medalha de ouro em Jogos

invariavelmente pela polouse marcada pelo rei. Depois o alvo era pendurado em um lugar alto do salão de baile junto a outros alvos de festas anteriores (Müller, 1984).

Olímpicos, obtida na prova de tiro de revólver, pelo Tenente Guilherme Paraense (1885-1968). Os gaúchos Sebastião Wolff e Dario Barbosa, membros do Tiro de Guerra nº 4 de Porto Alegre, conquistaram a medalha de bronze na prova de tiro com pistola em equipes (Panathlon Internacional, 2000: 2)⁹⁰.

A equipe de competição de tiro ao alvo foi organizada pelos dirigentes Arnaldo Guinle, Ariovisto de Almeida Rego e Vitor Nidosi Chermont. Os atletas foram: “Afrânio Antônio da Costa (chefe da equipe e competidor da categoria pistola; campeão brasileiro); tenente Guilherme Paraense (categoria revólver; campeão brasileiro na modalidade de Tiro com revólver em 1918); Sebastião Wolf (categoria fuzil); Fernando Soledade (categoria pistola); tenente Mario Machado Maurity (categoria pistola); tenente Dermeval Peixoto (categoria pistola) e Mario Barbosa (categoria revólver)” (Ribeiro Jr., 1994: 23).

A viagem dos atletas brasileiros para a Antuérpia foi uma grande aventura e até causou estranheza para João Saldanha que declarou: “francamente, nem sei como Guilherme Paraense foi parar na Europa sozinho. Nem sei como ele sabia da competição” (Manhães, 1986: 9)⁹¹. Os arrojados membros da equipe de tiro, por exemplo, declararam “que estavam dispostos a ir a Antuérpia, ainda que houvesse de viajar nas carvoeiras do navio”. No dia 1 de julho de 1920 “os competidores brasileiros partiram, sem qualquer reconhecimento popular”. Foram alojados na terceira classe do navio brasileiro “Curvelo”, mesmo tendo passagens da primeira classe. Inclusive tiveram que assinar uma declaração aceitando essas condições de viagem (Ribeiro Jr., 1992: 24).

⁸⁹ A organização da prática do tiro em torno de uma entidade desportiva aconteceu em 1939, durante a campanha de nacionalização, quando foi criada a Federação Gaúcha de Caça e Tiro.

⁹⁰ Em 1992 a Empresa de Correios e Telegráfos – ECT lançou selos em homenagem aos campeões dos Jogos Olímpicos de 1920.

⁹¹ A participação brasileira nos jogos olímpicos foi definida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em parceria com Raul do Rio Branco, um ex-futebolista que integrou o Comitê Olímpico Internacional (COI), no período de 1913 a 1918 (o Brasil não era país membro do COI). O chefe da delegação olímpica brasileira, indicado pela CBD, foi Roberto Trompowsky Jr. A delegação contou com 25 atletas distribuídos nas seguintes modalidades: saltos ornamentais (1); tiro ao alvo (7); remo (5); pólo aquático (7) e natação (5). Os atletas das modalidades de natação e pólo aquático disputavam indistintamente as mesmas provas. (Ribeiro Jr, 1994: 23).

Durante a escala do navio na Ilha da Madeira, em Portugal, os competidores brasileiros conseguiram realizar um treinamento das suas respectivas provas, contando com a ajuda do exército português. Neste momento constatou-se que o navio somente chegaria na Antuérpia no dia 5 de agosto, aproximadamente, um mês após a partida do Brasil, quando estariam encerrando-se as provas de tiro ao alvo. A realização das provas de Tiro ao Alvo estava agendada para o período de 22 de julho a 4 de agosto. A solução para o impasse foi o desembarque dos atiradores brasileiros em Lisboa com o prosseguimento da viagem por trem, enquanto o restante da delegação seguia por via marítima.

As dificuldades financeiras da viagem de trem dos atiradores foram supridas pela iniciativa pessoal de dois embaixadores brasileiros, Belford Ramos (Portugal) e Barros Moreira (Bélgica) que, até então, desconheciam a participação brasileira nos jogos. Conforme Pereira (1998), a atenção do governo brasileiro não estava voltada para os Jogos Olímpicos, pois no mesmo período aconteciam as comemorações da visita do rei Alberto da Bélgica ao Brasil.

O governo brasileiro acabou encaminhando escassos recursos, que chegaram apenas quando a delegação brasileira já estava instalada na Antuérpia. Apesar de todas essas dificuldades a equipe de tiro chegou em Bruxelas no dia 26 de julho, tendo ainda que seguir para a cidade de Antuérpia, onde as provas de tiro já haviam iniciado no campo de manobras do exército belga situado em Beverloo. A Bélgica organizou precariamente os jogos, pois tinha sido arrasada pela recém terminada primeira guerra mundial (1914-1918). A sede do Comitê Executivo dos Jogos mudou diversas vezes de local e as informações sobre as competições eram vagas. O Relatório Oficial do chefe da equipe de Tiro, Afrânio Antônio Costa confirma as informações (citado por Ribeiro Jr., 1994: 24): “a má organização das linhas férreas, a travessia das fronteiras, já de si difícil, impossível quase, com as armas e munições, tudo, consideravelmente, se agravou pela falta de dinheiro e pela providência ou

notícia a respeito da nossa passagem”. O chefe da equipe ainda refere que a alimentação era péssima e escassa.

Após quase 15 anos desta avaliação que denotava a precária situação desportiva nacional, em 1935 foi criado o Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Contudo, esta foi uma iniciativa isolada, que pouco resultou para o desenvolvimento desportivo do país. Somente na década de 40, observa-se uma nova intervenção com a promulgação do Decreto-Lei nº 3.199/41, que apresenta as bases da organização desportiva nacional.

Remo

Há registro da prática do remo em Porto Alegre anterior ao ano de 1860, entretanto, nessa época era praticado entre grupos de amigos, sem fins competitivos. A primeira regata considerada oficial na história do esporte gaúcho foi realizada em 1865, na cidade de Rio Grande, em homenagem ao Imperador D. Pedro II, que estava de passagem pelo Rio Grande do Sul⁹². A Regata Imperial, disputada entre remadores de Rio Grande e Porto Alegre, premiou os vencedores da guarnição dos hamburgueses de Rio Grande com medalhas de ouro, que foram entregues pelo Imperador (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 643).

A primeira associação de remo de Porto Alegre foi fundada pelos imigrantes alemães, em 1888. Conforme Hofmeister (1981: 47), “a introdução do esporte do remo no Rio Grande do Sul deveu-se à iniciativa eminentemente germânica”. O “Ruder Club Porto Alegre” (Clube de Regatas Porto Alegre), tinha sua sede à margem do Rio Guaíba, próximo à praça da Alfândega. Os

⁹² No período de 1860, o Rei e a família imperial viajam pelo Brasil, numa ação política de “ver e ser visto”. De acordo com Schwarcz (1998: 104) esta é uma lógica que implica unificar também a Nação. A tarefa de criar a Nação foi uma das mais caras ao Imperador D. Pedro II, para a qual desenvolveu estratégias que foram desde a busca do índio como um dos fundamentos da nação até as representações simbólicas das medalhas e dos mais diversos rituais. Contudo essa tarefa ultrapassou o seu tempo sem que fosse completada.

fundadores⁹³ do clube visavam desenvolver o remo como era praticado na Alemanha, que se desenvolvia regularmente desde a primeira metade do século XIX.

O Ruder Club importou dois barcos da Alemanha, depois da consulta realizada na revista alemã “Wassersport”, especializada em esportes náuticos. Esta revista foi adquirida no exterior pelo jovem Alberto Bins, quando realizou seus estudos na Alemanha. O industrial Alberto Bins⁹⁴ lembrou, em entrevista, a fundação da primeira associação de remo de Porto Alegre:

Estávamos no ano de 1888, um ano antes do advento da República quando voltava eu da Europa, retornando à minha cidade natal. Para lá seguira anteriormente para um período de aprendizagem nos maiores centros industriais do velho Mundo. E foi lá que, nas horas de lazer, comecei a admirar no meio da mocidade, os benefícios da educação física para o corpo e para o espírito. E foi lá que não tardou a minha participação nos desportos que praticavam, principalmente os náuticos, o remo e a vela, além do tênis e da equitação (Hofmeister, 1981: 48).

O autor afirma que o Ruder Club foi o primeiro verdadeiramente destinado à prática desportiva como geralmente esta é conceituada. É provável que esteja se referindo ao conceito de desporto de alto nível. Alberto Bins lembrou em seu discurso que “entre a nossa mocidade não se conhecia os esportes náuticos e nem a ciência os recomendavam como indispensáveis à formação física. Excluído o elemento de origem germânica, que freqüentava duas agremiações de Ginástica, mais tarde fundidas no Turnerbund, hoje

⁹³ Em reunião realizada no tradicional Restaurante Continental de Porto Alegre foi criado o clube de remo, com a presença do Major Alberto Bins, Alfredo Schuett, F. Igwersen, Julio Issler Jor, John Day, Luiz Koehler, H. Schwerin.

⁹⁴ Alberto Bins nasceu em Porto Alegre, em 1869. Seu pai era imigrante alemão e tornou-se um comerciante de destaque na cidade. Alberto Bins foi presidente da Associação Comercial de Porto Alegre, fundador do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul e proprietário da Metalúrgica Berta. Foi fundador da Viação Aérea do Rio Grande do Sul (VARIG) e do Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga); vice-intendente de Porto Alegre (1924-1928) e prefeito (1930-1937). Idealizou a Exposição Farroupilha em 1935 e, após o evento, transformou a área no Parque Farroupilha (Redenção). Faleceu em 1957 (Franco, 1992; Possamai, 1998).

Sogipa, afora isso, dizia eu, nada mais havia aqui para a distração salutar e para a cultura física da mocidade”⁹⁵.

O Ruder Club (Clube de Regatas Porto Alegre) é considerado a primeira associação de remo do Brasil, apesar de já ser praticado no Rio de Janeiro durante o século XIX. Hofmeister (1981) alega que o remo no Rio de Janeiro não era desenvolvido nas sociedades desportivas, mas em “agrupamentos”. Ele afirma que no Rio Grande do Sul o remo era praticado regularmente em sociedades organizadas, portanto, uma prática desportiva institucionalizada.

Em 1892 foi criado o “Ruder-Verein Germania” por jovens teuto-brasileiros, que importaram o material para a prática do remo da Alemanha. Esta associação passou a rivalizar com o Ruder Club nas regatas em Porto Alegre. As duas associações de remo se uniram em 1894 para a criação do “Comitê de Regatas”, com a finalidade de impulsionar o desenvolvimento do remo através das competições.

O Comitê promoveu a primeira regata em Porto Alegre, em 03/06/1894, com a participação do “Ruder Club Porto Alegre” (Clube de Remo Porto Alegre) e do “Ruder-Verein Germania” (Clube de Remo Germânia). Pimentel (1945: 157) relatou a disputa: “realizou-se a primeira regata externa, que foi uma grande novidade para o povo pôrto-alegrense. A saída teve início na extinta estação de bondes em Navegantes e a chegada no trapiche do Germania na distância de 1800 metros”.

A premiação foi realizada no Ruder Verein Germânia com discursos dos organizadores: “o Sr, Sattler e, com dicção correta e fluente proferiu um breve discurso, em português, agradecendo as autoridades e a imprensa. Sucedeu-lhe o sr. Mumssen, falando em alemão, e brindando as tripulações vencedoras” (Amaro Jr., 1942: 48). O Comitê organizou a segunda regata em 17/05/1896, a qual foi vencida pelo Ruder Club Porto Alegre. A guarnição vencedora era integrada em sua maioria por atletas teuto-brasileiros: Gustavo Woebcke,

⁹⁵ Discurso de Alberto Bins, pronunciado no aniversário de 50 anos do Clube de Remo Guaíba-Porto Alegre, em 1938 (Pimentel, 1945: 158).

Ernesto Lang, Artur Mundt, Alexandre Bleckmans (voga) e João Alves (timoneiro).

O Comitê de Regatas transformou-se na Federação Rio Grandense de Remo, em 1908. A organização da Federação era uma demonstração da forte organização dos desportos aquáticos, especialmente, o remo em relação às outras modalidades desportivas. A Federação foi extinta em 1911, quando foi criada a Liga Náutica Rio-Grandense. Atualmente, este órgão é denominado de Federação de Remo do Rio Grande do Sul.

De acordo com o Conselho Regional de Desportos (CRD) do Rio Grande do Sul, o “Comitê de Regatas” é a primeira entidade desportiva do Brasil. Melo (1999) confirma que a Federação de Remo do Rio Grande do Sul (Federação Gaúcha de Remo) é a primeira liga desportiva do Rio Grande do Sul, além de ser a mais antiga entidade estadual de remo no Brasil. Entretanto, estas informações devem ser avaliadas com cuidados porque no arquivo do CRD não existe qualquer documento oficial a respeito do assunto.

No início do século XX, a língua alemã era dominante nas associações de remo de Porto Alegre. Diante dessa situação, um grupo de luso-brasileiros, com dificuldades em assimilar instruções na língua alemã, fundaram sua própria associação de remo. O principal nome entre os fundadores é do capitão de corveta Gaspar Pinto Fróis de Azevedo. O Clube de Regatas Almirante Tamandaré, fundado em 18/01/1903 é considerado o primeiro centro náutico que nacionalizou o remo no Brasil. A associação também reunia teuto-brasileiros que não concordavam com o uso da língua alemã no treino. Além do remo, a associação incentivou o pólo aquático, organizando a primeira competição citadina da modalidade entre suas equipes em 1914.

O conflito lingüístico entre remadores conduziu a fundação de outra associação de remo em Porto Alegre. Um grupo de atletas do “Ruder-Verein Germânia” entrou em atrito com o instrutor porque ele se comunicava em alemão durante os treinos dificultando o entendimento daqueles que não dominavam o idioma. O desentendimento levou os dissidentes a criarem o

Clube de Regatas Almirante Barroso, em 1905, que adotou o português como língua oficial. Apesar do nome tipicamente português e do critério lingüístico, o clube aglutinava portugueses e alemães (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 643). O chamado “Barroso” foi o clube de remo gaúcho que mais obteve vitórias e títulos nacionais e sul-americanos, o que lhe rendeu o apelido de “O Glorioso” (Zavaschi, 2001; Machado, 1946).

No ano seguinte a fundação do “Barroso”, um grupo de colegiais, filhos de imigrantes alemães, que estudavam no “Hilfsverein Schule” (atualmente Colégio Farroupilha) criaram sua associação de remo. O grupo de estudantes não pode associar-se as outras associações devido a pouca idade - o mais velho tinha 15 anos. Sendo assim, o grupo de meninos criou a sua própria associação com a ajuda financeira dos pais que pertenciam a uma classe social elevada economicamente. A associação fundada em 1906 foi batizada de “Ruder Verein Freundschaft”, isto é, Sociedade de Regatas Amizade (atual Grêmio Náutico União). Além da prática do remo promovia atividades sociais e reuniões dançantes nas casas dos familiares dos meninos. Ficou conhecido como o “Clube dos seis gurus” (Revista do Globo, 1954: 6).

O remo figurava entre as modalidades desportivas restritas às camadas sociais mais favorecidas economicamente, devido ao seu elevado custo. A “Sociedade de Regatas Amizade”, além do remo, posteriormente, desenvolveu a natação e o pólo aquático no Rio Guaíba, até a construção da piscina olímpica, em meados da década de 40. Nas décadas seguintes, a associação ampliou seu espaço físico, adquirindo novas sedes em bairros bem localizados na cidade e na Ilha do Pavão. Por esta razão, é conhecido como o “Clube das Três Sedes” (Martins, 1963). Os traços culturais da elite teuto-brasileira, também foram observados na relação dos presidentes honorários, ex-presidentes, sócios beneméritos do Grêmio Náutico União. Desde sua fundação, em 1906 até o final da década de 1930 predominavam sobrenomes alemães (Hofmeister, 1981).

Em meio às associações de remo dos alemães e portugueses, a elite italiana organizou sua própria associação de remo, em 1908 (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 644)⁹⁶. A associação “Canottieri Duca degli Abruzzi” (ou Club italiano Duca degli Abruzzi) tinha como meta “criar, manter e promover entre os sócios os exercícios higiênicos do remo e da natação” (Arquivo público estadual - 3ª vara cível e comércio - processo nº 3692). Posteriormente, a associação organizou equipes de natação, voleibol, basquete e ciclismo⁹⁷.

O agrupamento da comunidade italiana em torno de uma associação voltada para os desportos náuticos trouxe, implicitamente, o significado de buscar uma identificação com a comunidade alemã. Os desportos náuticos são identificados com a comunidade alemã, que criou as primeiras associações em Porto Alegre. Entretanto, a comunidade italiana, do mesmo modo que os alemães, desejavam se fazer representar diante da sociedade porto-alegrense. Através da fundação de sua associação, os italianos poderiam participar da prova clássica de remo denominada “Wanderpreis”, que reunia as associações porto-alegrenses (GPA, 1938).

Alguns portugueses que integravam os quadros sociais, principalmente do Tamandaré e do Barroso, uniram-se para criar uma associação “para reunir a comunidade luso-brasileira”, o Vasco da Gama (Hofmeister, 1978: 66). O Clube de Regatas Vasco da Gama foi fundado por “116 elementos representativos da colônia portuguesa”, em 1917. A associação conhecida como Clube da Cruz de Malta tinha como desporto principal o remo, mas também promovia bolão, natação, pólo aquático, ciclismo. A associação, que reunia a comunidade luso-brasileira estava com aproximadamente três mil associados em 1940. Somente no final da década de 20, surge outra associação de remo. O Grêmio Náutico Gaúcho foi fundado em 1929 para a

⁹⁶ Coradini (1996) constatou que existem diferenças entre as concepções do que caracteriza um italiano de acordo também com a classe social e, que foram eleitos diferentes traços identificadores da identidade italiana entre os imigrantes e seus descendentes no Rio Grande do Sul, desde a imigração até os dias atuais.

⁹⁷ Coradini (1996) constatou que a existência destas sociedades de ajuda mútua entre os imigrantes italianos. Elas eram definidas estatutariamente como órgãos catalizadores da solidariedade entre colonos e de sustentação da “Italianità” (cultura italiana).

prática do remo e em seguida construiu uma piscina para o desenvolvimento da natação (Manske, 1999; Revista do Globo, 1929).

A cidade de Porto Alegre era palco de muitas regatas devido ao significativo número de associações desportivas voltadas para o remo. Até a década de 40 foram criadas 12 associações, sendo que 9 existiam desde o ano de 1900. Hofmeister (1981: 48) afirmou que as regatas promovidas em Porto Alegre se diferenciavam de outros Estados brasileiros pela qualidade dos barcos importados da Alemanha. Durante uma regata foi anunciado: “os barcos que nesse prélio serão utilizados, somente Porto Alegre e Florianópolis [Estado de Santa Catarina], no Brasil, possuem”. Assim como no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina algumas regiões foram colonizadas pelos imigrantes alemães.

O remo destacava-se entre os desportos mais prestigiados em Porto Alegre até a década de 40: “emparelhando, em importância e interesse público, com os demais esportes, bastando citar-se o interesse com que o mundo esportivo acompanhou, através do noticiário da imprensa e do rádio, o desenrolar da regata inter-estadual efetuada em Florianópolis” (Amaro Jr., 1944: 101). A Liga Náutica Rio-grandense, “possuía mais de 5.000 remadores, sócios dos clubes federados a mesma Liga, em 1940” (Pimentel, 1945: 159). Na temporada 1940-1941 “foram realizadas 75 competições de remo totalizando 1.803 participantes” (Amaro Jr., 1942: 99).

As associações de remo estavam localizadas no litoral norte de Porto Alegre, ao longo do antigo Caminho do Meio, onde atualmente situa-se na Rua Voluntários da Pátria. O lugar tinha uma sucessão de trapiches de firmas comerciais e barrancas de rio, onde se praticava o remo e outros desportos náuticos. Estas associações de remo sofreram sua primeira crise, em decorrência da grande enchente ocorrida em Porto Alegre, em 1941. O problema agravou-se com o início da construção do “Cais de Saneamento”, ao longo do Bairro Navegantes, a partir de 1948.

Para tentar solucionar o problema das associações de remo foi projetado o Parque Náutico (atual Cais dos Navegantes) localizado além do fim da linha do bonde Navegantes, onde cada um dos seis clubes receberia um terreno (Ostermann, 2001). As seis associações de remo receberam um terreno (50m largura x 80m de frente até a rampa), enquanto prosseguiram as obras da construção do Cais Marcílio Dias nas antigas sedes das associações. A proposta do governo foi considerada desvantajosa pelas associações devido à dificuldade de acesso e pela morosidade na viabilização do projeto oficial. Neste ínterim, os clubes de regatas Almirante Barroso e Grêmio Náutico União adquiriram seus terrenos na Ilha do Pavão e retomaram o desenvolvimento do remo (Bastos, 1966a). O Clube Náutico Veleiros do Sul “teve suas atividades bastante prejudicadas face as obras do cais Marcilio Dias. Estas obras isolaram a sede do tradicional clube impedindo as suas atividades normais” (Amaro Jr., 1943: 138). Todavia, a associação lançou uma campanha para a construção da nova sede na parte norte do Morro da Vila Assunção.

Após dez anos da construção do Parque Náutico as associações não tinham realizado a transferência para o novo local. Conforme Coetegers (1998: 31), “a transferência dos clubes e da raia para montante do rio, na década de 60, um local de difícil acesso causou o progressivo afastamento dos associados e freqüentadores e o enfraquecimento financeiro da maior parte dos clubes de remo”. O Grêmio Náutico União foi uma exceção e “figura entre os três maiores clubes do esporte amadorista do Brasil e da América do Sul” (Bastos, 1966a: 62).

Natação, Pólo Aquático e Saltos Ornamentais

A Sociedade Turnerbund incentivava a prática da natação para os associados desde 1885. A natação era inicialmente desenvolvida em uma piscina (basenho)⁹⁸ na beira da praia, no Rio Guaíba, cujo custo foi coberto

⁹⁸ Localizava-se à Rua da Conceição, depois da Rua Voluntários da Pátria, próximo aos armazéns da Viação Férrea.

mediante lançamento de quotas sociais⁹⁹. A piscina foi destruída em um incêndio ocorrido nos armazéns da estrada de ferro no final do ano de 1916. Curiosamente o incêndio ocorreu durante a primeira guerra mundial. A sociedade construiu uma nova piscina em 14/02/1953 (Silva, 1997).

As associações de remo, Ruder Club (Clube de Regatas Porto Alegre) e o Ruder Verein Germânia (Clube de Regatas Guaíba) também estimulavam a prática da natação no Rio Guaíba, desde o final do século XIX. A SOGIPA juntamente com o Ruder Club Porto Alegre e a “Naturheilverein” (Sociedade para a Cura Naturalista) criaram a “Schwimmverband” (Liga de Natação), em 1890¹⁰⁰. Em 1897 foi realizada a primeira prova de natação em “distância longa” no Rio Guaíba, partindo da Rua Hoffmann até a piscina (basenho) da SOGIPA (Hofmeister, 1987). O Clube de Regatas Almirante Tamandaré (1903), o Clube Almirante Barroso (1905) e o Club Canottieri Duca degli Abruzzi (1908), desde a fundação, além do remo ofereciam a natação. Posteriormente, algumas associações introduziram o pólo aquático e os saltos ornamentais.

O Clube Excursionista e Sportivo (atual Clube do Comércio) construiu a primeira piscina do Estado, que foi inaugurada no final do ano de 1931. O Grêmio Náutico Gaúcho (fundado em 1929) construiu sua piscina, em 1933. O Ruder Verein Freundschaft (1906), atual Grêmio Náutico União, inaugurou sua piscina em dezembro de 1942. O livro comemorativo da associação (Ostermann, 2001) refere-se como a primeira piscina em um clube no Estado. Possivelmente deve-se ao fato de ser uma piscina de 25 metros e pela grandiosidade das instalações destinadas para natação, pólo aquático e saltos ornamentais.

Nas provas de natação, primeiramente a rivalidade acontecia entre o Club Excursionista e o Grêmio Náutico União. Com a extinção do departamento de natação do Club Excursionista, o Grêmio Náutico Gaúcho tornou-se o novo

⁹⁹ O príncipe Gastão de Orleans, Conde D'Eu, marido da princesa Isabel visitou a sociedade em 1885 e contribuiu com uma quantia em dinheiro (Daudt, 1942: 7).

¹⁰⁰ Conforme Lima (1909), em 1890 foi realizada a primeira competição desportiva em Porto Alegre. É possível que seja uma prova de natação tendo em vista a coincidência com a data da fundação da Liga de Natação (1890).

adversário do Grêmio Náutico União: “primeiro o duelo encarniçado União x Excursionista; depois o duelo União x Gaúcho” (Cabral, 1946c: 46-47). Na temporada de 1940-1941 a Federação Aquática do Rio Grande do Sul (FARGS) promoveu diversas competições, que totalizaram 1.224 participantes nas seguintes provas: 90 provas de natação infantil, 16 de natação escolar, 4 de natação escoteira, 113 de natação para adultos, além das 13 provas de saltos ornamentais e 8 de pólo aquático. Na natação e saltos ornamentais, o Grêmio Náutico Gaúcho (GNG) e o Grêmio Náutico União (GNU), geralmente disputavam os primeiros lugares, já no polo aquático, o GNU classificava-se em primeiro lugar (Amaro Jr., 1942).

Bolão

O bolão, popularmente conhecido como o esporte da bola de madeira, também foi uma prática desportiva trazida pelos imigrantes alemães. Palha (1944: 32) confirma a contribuição, quando declara que “trouxeram os alemães para o Rio Grande do Sul um jogo que não havia nestas calmas e lusitanas margens do Guaíba”, contudo, procura expressar a identidade “lusitana” da cidade de Porto Alegre. Ao observar-se o ano da reportagem percebe-se que foi publicada durante o Estado Novo (1937-1945).

O primeiro grupo de bolão de Porto Alegre, denominado Grupo de Bolão 14 de abril foi organizado pelos associados da Gesellschaft (Sociedade Leopoldina), em 1896¹⁰¹. É considerado o segundo grupo de bolão mais antigo da América do Sul (Teixeira, 2001: 19)¹⁰². Em 1918, um grupo de mulheres teuto-brasileiras, que freqüentavam a Sociedade Leopoldina, organizou o Grupo de Bolão Violeta Arco-Iris.

Na década de 40 existiam sete associações desportivas voltadas para a prática do bolão, na sua maioria fundadas pelos teuto-brasileiros (Revista do

¹⁰¹ Oliveira (1998: 163) refere um documento localizado no Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul, que apresenta uma solicitação de Miguel Kröff pedindo permissão para montar uma casa de divertimentos com o jogo da bola (bolão) e tiro ao alvo, em 1852.

¹⁰² Conforme Oliveira (1998: 163), O “separtat”, fundado em 1883, pela Sociedade Orfheu de São Leopoldo é o clube de Bolão mais antigo do Estado do Rio Grande do Sul.

Globo, 1952). Os campeonatos porto-alegrenses oficiais de bolão eram divididos em primeira e segunda divisão reunindo os grupos das seguintes associações: Esporte Clube Navegantes, Sociedade de Amparo Mútuo, Associação Leopoldina Juvenil, Clube de Regatas Vasco da Gama, Sociedade Gondoleiros, SOGIPA, Sociedade de Ginástica Navegantes São João, Sociedade Florida, Sociedade Juventude, Clube Recreativo São João, Sociedade Bürger-Clube (Amaro Jr., 1949: 127). Em 1941 participaram 13 grupos, sendo cada turma composta de 10 homens, totalizando 130 competidores (Amaro Jr., 1942: 109).

Punhobol

A influência dos teuto-brasileiros na emergência do punhobol já foi constatada (Oliveira, 1987). A primeira demonstração de punhobol em Porto Alegre foi realizada pelo professor Georg Black ao grupo de veteranos da sociedade de ginástica Turnerbund, em 17/05/1906 (Oliveira, 1998: 163). Na Sociedade de Ginástica Navegantes São João (1927) também se praticava o punhobol. Mas, este desporto consolidou-se na Sociedade de Ginástica Turnerbund, que foi campeã mundial por três vezes.

Atletismo

O atletismo começou a ser praticado em Porto Alegre “em 1912 ou 1913” (De Rose, 1949: 137). As primeiras associações que desenvolveram este desporto foram o Grêmio Football Porto Alegrense, a ACM e a Sociedade Turnerbund. O atletismo compreendia “provas de velocidade, resistência, estafeta, saltos e lançamentos, era praticado na sociedade de ginástica Turnerbund, bem como, nos primeiros festivais de ginástica” (Oliveira, 1998: 161).

Em 1916 foi realizada em Porto Alegre uma das primeiras competições de atletismo, desporto ainda pouco conhecido por esta denominação. Muitos ainda associavam esta prática desportiva a ginástica, por isto a competição foi chamada de “Ginástica”. Este evento, que contou com a participação de atletas

uruguayos, promoveu além do atletismo, provas de foot-ball, esgrima, tênis e voleibol. Em 1922, a delegação de oito atletas porto-alegrenses, chefiada por Paulo Hecker e tendo como técnico Franck Long (ACM), participou dos “Jogos Atléticos” realizados no Rio de Janeiro em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil. Com exceção de um atleta, todos os demais eram teuto-brasileiros: Willy Seewald, Willy Fick, Oscar Wolf, Emilio Tietzman, Alfredo Doernt, Osvaldo Brueck, Lindolfo Herzog e Álvaro Ferreira de Souza (Gonçalves, 1997). Os excelentes resultados obtidos por estes atletas nos jogos, garantiam sua participação na equipe brasileira que disputou o Campeonato Latino-Americano de Atletismo (De Rose, 1949: 138).

O atletismo obteve seu grande impulso, quando “a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) organizou o primeiro Campeonato Nacional de Atletismo”, realizado em São Paulo em 1925, que contou com a participação de atletas do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (De Rose, 1949: 138). Já, o Primeiro Campeonato Nacional de Atletismo Feminino foi realizado em Porto Alegre, no estádio Ramiro Souto, em 1940. Duas atletas porto-alegrenses obtiveram os primeiros lugares nas suas respectivas provas. Neste ano, os recordes gaúchos femininos de atletismo pertenciam, na sua maioria, as atletas da Sociedade Turnerbund: Érika Mueller (100 metros rasos; 80 metros com barreira), Dora Hochwart (200 metros rasos), Renate Roemler (arremesso de peso; lançamento de dardo), Helga Becker (salto em distância), Lonra Nabinger (salto em altura), Dora Maelmann (lançamento de disco) (Amaro Jr., 1942: 103). Em 1941, “a mais destacada atleta gaúcha”, Ilse Sueffert -representante da Sociedade Turnerbund foi campeã brasileira de salto em altura.

Tênis

O Tênis foi institucionalizado pelos imigrantes alemães, com a fundação da primeira associação na modalidade – Tennis Club Walhalla, em 1896. Oliveira (1996: 163) refere-se ao Walhalla como “um clube de tênis dos alemães”. Posteriormente, outras associações desportivas implantaram o tênis. O “Club Excursionista e Sportivo” adotou o tênis em 1902. A sociedade

Turnerbund criou seu departamento de Tênis chamado de Tênis Clube Germania, em 1914. A organização destas sociedades possibilitou a criação da Federação Riograndense de Tênis (FRGT) em 1929. As associações fundadoras foram: Club Excursionista Sportivo, British Club, Tennis Club Walhalla, Tennis Club Germânia. A FRGT contava com sete associações da capital filiadas e 26 associações do interior do Estado no final da década de 30 (Amaro Jr., 1942).

Neste período, mais precisamente em 1938, a Sociedade Leopoldina (1863) implantou a prática de um único desporto: o tênis. Esta sociedade uniu-se ao Clube Recreio Juvenil (1903) e desta fusão realizada em 1941 resultou a Associação Leopoldina Juvenil (ALJ), que manteve os traços culturais das tradicionais associações de origem.

A Sociedade Leopoldina (Gesellschaft Leopoldina) foi fundada por um grupo de vinte alemães e seus descendentes para a promoção de atividades sociais, sem envolvimento com os desportos. O nome da associação homenageia a Imperatriz do Brasil, Dona Leopoldina, que era filha de austríacos e foi considerada “protetora dos imigrantes”. Desde sua fundação (05/12/1863), a sociedade tinha símbolos que a identificavam com a cultura alemã, como por exemplo, a bandeira oficial que tinha as mesmas cores da bandeira do Império Alemão, o preto, o vermelho e branco. Conforme consta no livro comemorativo dos 140 anos da ALJ (Teixeira, 2001: 20): “as cores da federação dos Estados Alemães, por razões óbvias, foram agregadas às do escudo imperial brasileiro, formando o novo símbolo”. A Sociedade Leopoldina, também se diferenciava das outras sociedades pela promoção dos bailes de gala, festas e homenagens a pessoas e setores importantes da vida porto-alegrense. As atividades sociais, marcadas pelo caráter ostentatório e de distinção eram freqüentadas pela elite econômica porto-alegrense.

A ALJ seguiu a tradição herdada das entidades antecessoras, buscando figuras de destaque para ocupar sua presidência. Entre os que já presidiram o clube, está Augusto Koch, um descendente de família bávara, que foi o

primeiro dirigente a receber o título de presidente honorário, em 1923¹⁰³. Era alfaiate conhecido na cidade, pois sua alfaiataria tornou-se ponto de convergência de personalidades de destaque na sociedade da época. Entre sua clientela formada por ilustres políticos estavam Borges de Medeiros e o intendente municipal José Montauray.

A ALJ nasceu como uma associação de teuto-brasileiros e permaneceu com esta influência até a década de 40. Na relação dos ex-presidentes do clube predominaram nomes alemães até o ano de 1932. Nas gestões de 1933/1934 e 1935/1936, os presidentes do clube, respectivamente, J. R. Fonseca e Paulo F. Tavares destoaram da tradição de sobrenomes alemães na direção do clube, que foi retomada nos anos seguintes (Teixeira, 2001).

Ciclismo

Em 1895 apareceu a primeira bicicleta em Porto Alegre denominada de “velocípedes de duas rodas”. O seu uso era restrito aos passeios organizados pelos grupos de jovens pelos arredores da cidade (Oliveira, 1996: 158). A bicicleta foi divulgada pelos fabricantes como um símbolo da liberdade individual. O ciclismo foi considerado na Europa o primeiro esporte de massa na escala continental (Hobsbawm, 1984).

A primeira sociedade de ciclismo de Porto Alegre foi fundada pelos imigrantes alemães, em 1896. A “Rodforvier Verein Blitz” (Sociedade Ciclística Blitz) era uma associação fechada à participação de indivíduos que não tivessem laços de pertencimento a comunidade alemã (Franco, 1988: 113). Um dos seus fundadores foi Alberto Bins¹⁰⁴, que ajudou financeiramente na aquisição do velódromo à Rua Voluntários da Pátria em Porto Alegre. Enquanto não estava concluído o velódromo foi realizada uma corrida ciclística nas ruas de Porto Alegre, em 1897.

¹⁰³ Augusto Koch também foi membro da Protetora do Turfe e do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (Teixeira, 2001: 12).

¹⁰⁴ Alberto Bins também foi fundador do Ruder Club Porto Alegre (1888).

No velódromo Rio-Grandense, que se estendia até a parte central do Prado Independência, realizou-se a primeira disputa em pista oficial no ano de 1898. Em 1899 foi criada a União Velocipédica, que no mesmo ano inaugurou seu velódromo no terreno locado pelo município, onde atualmente localiza-se o Instituto Parobé (Pesavento, 1992: 73). De acordo com Macedo (1999: 78), existiu um velódromo nos Campos da Redenção, além de um espaço destinado as touradas¹⁰⁵.

As disputas ciclísticas no âmbito estadual iniciaram em 1900, sendo realizados anualmente e popularizando o ciclismo no Estado e capital (Franco, 1988: 113). O “desporto da bicicleta constituiu uma das maiores atrações de Porto Alegre”. Havia um grande número de ciclistas tanto na Sociedade Blitz como na União Velocipédica. O público porto-alegrense comparecia aos velódromos para assistir as competições que tinham um aspecto festivo (Revista do Globo, 1936a: 15). O ciclismo estava na moda nas principais cidades brasileiras, por exemplo, “o velódromo estava na moda em São Paulo, o ciclismo era a coqueluche e as corridas de bicicleta eram muito concorridas. Nos finais de tarde as pessoas cruzavam-se pelas ruas pedalando, pois era elegante. A elite importava bicicletas de procedência francesa e italiana” (Brandão, 2000: 8).

O ciclismo praticamente desapareceu com a extinção dos velódromos. Para Damo (1998: 85) “a decadência do ciclismo ocorreu paralelamente à ascensão do futebol, o que não implica que o público tenha, simplesmente, migrado de um esporte para outro”. Franco (1988) afirma que a decadência do ciclismo decorreu do incremento ao trânsito e ascensão do futebol. O primeiro automóvel que chegou em Porto Alegre foi adquirido em 1906, quando os carros começaram a substituir as charretes e carruagens. Em 1909 existiam em Porto Alegre 21 automóveis importados de países como Alemanha, França

¹⁰⁵ Este período coincide com a extinção das touradas, que eram realizadas no pavilhão construído no campo da redenção esquina com a Rua da República. Artistas tauromáticos ocupavam a arena junto com animais bravios procedentes da Fazenda do Leão para animar o grande público que prestigiava as corridas de touro. Conforme Fortini (1959: 36), estas corridas aconteceram até, aproximadamente, 1910.

e Estados Unidos. Mas a ascensão do futebol foi determinante na decadência do ciclismo (Amaro Jr., 1943: 59)

Esgrima

A esgrima era praticada na SOGIPA desde o final do século XIX. Durante muitos anos a sociedade de ginástica reuniu os melhores esgrimistas de Porto Alegre, e promoveu competições somente no âmbito interno da própria sociedade. As primeiras iniciativas no sentido de fomentar a prática da esgrima na cidade partiram da SOGIPA. Em 1923, com o objetivo de incrementar o número de praticantes e estruturar o departamento de esgrima, a SOGIPA contratou um especialista estrangeiro. O mestre-de-armas Ferdinand Fenchel, oriundo da Alemanha ingressou na SOGIPA por intermédio do professor Georg Black, que também era mestre-de-armas de esgrima.

O novo departamento de esgrima foi inaugurado no ano seguinte com o nome de Grupo de Esgrima Teutônia. Esta iniciativa possibilitou em 1927, a realização do Primeiro Campeonato Estadual de Esgrima, pelo Colégio Militar de Porto Alegre¹⁰⁶. O evento impulsionou a organização da Liga de Esgrima, em 1931. Mesmo assim, a esgrima continuou desenvolvendo-se lentamente em relação aos outros desportos. A esgrima era um desporto que reunia pouco praticantes no Estado e os esgrimistas gaúchos não tinham uma participação expressiva no cenário nacional.

A esgrima portoalegrense começou a ter maior visibilidade nacional somente nos anos 40. Somente em 1943, o Rio Grande do Sul compareceu a um Congresso Brasileiro de Esgrima. Neste congresso, Porto Alegre foi designada para sediar o próximo campeonato nacional, certamente uma deliberação que visava promover e incentivar a prática da esgrima no Estado (Amaro Jr., 1944: 109).

¹⁰⁶ A esgrima, juntamente com aginástica, natação e equitação foi incluída nos cursos da Escola Militar do Rio Grande do Sul, através do Decreto nº 9.251 de 16/06/1884.

Futebol

Em Porto Alegre, diferentemente do restante do país¹⁰⁷, a emergência do futebol vincula-se a elite teuto-brasileira, que organizou as primeiras associações. O advento do futebol contou com a contribuição alemã, no Rio Grande do Sul. “No final do século XIX os alemães edificaram uma ampla base esportiva, sobretudo em Rio Grande e Porto Alegre, facilitando a adoção posterior do futebol” (Jesus, 2001: 181). Todavia, a Alemanha é um dos países que resistiu ao futebol, em função da rivalidade histórica com a Inglaterra (Guttman, 1994). Contudo, o futebol já estava nacionalizado na Alemanha na primeira década do século XX.

A sociedade porto-alegrense foi apresentada ao desporto inventado pelos ingleses pelo Esporte Clube Rio Grande (1900), a mais antiga associação de futebol ativa no Brasil. A visita da associação de futebol de Rio Grande a Porto Alegre foi organizada pelos clubes Germânia de Porto Alegre e Germânia de Rio Grande, ambos identificados com a elite teuto-brasileira nas suas respectivas cidades (Ramos, 2000). O Sport Club Rio Grande enviou de navio a Porto Alegre, um grupo de “footballers” para fazer uma demonstração da novidade, em setembro de 1903. Os desportistas locais conheceram o futebol, uma prática “civilizada” (Elias; Dunning, 1994), que estava em voga nos grandes centros urbanos do país, Rio de Janeiro e São Paulo¹⁰⁸.

A chegada do futebol na cidade foi marcada pela grande festa organizada por Alberto Bins, com a presença das associações desportivas, seus dirigentes e atletas e um público razoável. A programação incluía competições de remo e prova de ciclismo (Jornal Zero Hora, 20/09/1999). A recepção do futebol demonstra que já havia, pelo menos por parte da elite porto-alegrense o interesse em conhecer a novidade desportiva. Amaro Jr. (1944: 106) descreveu a visita: “o Esporte Clube Rio Grande excursionou pela primeira vez à capital do Estado. E num campo improvisado no atual Parque

¹⁰⁷ “As primeiras equipes no Brasil eram formadas pelos ingleses que aqui trabalhavam em ferrovias e frigoríficos, no início do século” (Pereira, 1988: 45).

Farroupilha, o povo porto-alegrense assistiu à primeira exibição do esporte-rei. E era entre risos disfarçados que aquela gente via os jogadores se locomoverem... pareciam uns desequilibrados”. O registro sugere que o novo desporto causou estranheza ao público que prestigiava o evento, pois era “engraçado” observar homens correndo atrás de uma bola¹⁰⁹.

Após oito dias do “jogo exibição” pelo Sport Club Rio Grande foram criados na mesma data (15/09/1903), as duas primeiras associações de futebol em Porto Alegre. O Fuss-ball Club surgiu da iniciativa dos ciclistas da “Rodforvier Verein Blitz”, tendo sua sede localizada ao lado do velódromo da associação ciclística à Rua Dr. Timóteo. O primeiro presidente do Fuss-ball foi Alberto Bins. O Grêmio Foot-ball Porto Alegrense foi fundado por remadores (Oliveira, 1912).

A institucionalização do futebol em Porto Alegre sofreu influência do remo. Inspirando-se na vestimenta dos remadores, o primeiro uniforme adotado pelos jogadores de futebol era composto de boné, gravata de cor branca, faixa na cintura, calções fechados abaixo dos joelhos com quatro botões, meias longas e botinas sem travas. O troféu “Wanderpreiss” ou prêmio móvel entregue ao vencedor, também era uma forma de premiação usada nas competições de remo. O prêmio era patrocinado pelo Banco Alemão, a mesma entidade que emprestou, em 1904, os recursos financeiros necessários ao Grêmio Foot-ball Porto Alegrense para adquirir o terreno e construir o campo de futebol. Como o campo não tinha vestiário, os jogadores utilizavam as instalações vizinhas do clube de “Tiro Alemão”.

O Fuss-ball Porto Alegre era uma associação composta exclusivamente de alemães e seus descendentes diretos. Tendo em vista esse aspecto foi atribuído a essa associação a pecha de “germanófilo”. O “Grêmio Futebol Porto Alegrense, um dos mais tradicionais times de futebol, era considerado racista porque em seus primeiros anos de existência não aceitavam jogadores negros”

¹⁰⁸ A primeira Liga de futebol em São Paulo foi criada em 1901, no ano seguinte foi realizado o primeiro torneio oficial. No Rio de Janeiro, a primeira Liga foi criada em 1905.

(Oliven, 1992: 104). Sanhudo (1975: 97) afirma que o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense “se apresentava como uma espécie de clube alemão sem restrições absolutas a elementos alheios àquela comunidade, pois dentre os seus 23 fundadores, havia quatro nomes não germânicos”. Damo (1998: 91) afirma que não encontrou “provas que corroborassem a acusação de ‘germanófilo’ que é imputada ao Grêmio”.

O discurso contestatório da germanidade na história do Grêmio é posto em dúvida quando são consultados os nomes dos atletas¹¹⁰, sócios, membros da diretoria, documentos redigidos em alemão, atos administrativos, o incentivo do banco alemão, o nome da primeira sede da associação (Schuetzenverein Platz). O Grêmio era uma associação desportiva “fechada” realizando disputas exclusivas com o Fuss-ball, as quais eram restritas aos associados e convidados. Vidal (1952: 26) anunciava: “enfim o Grêmio quebrou a sua tradição racista, admitindo o famoso “colored” Tesourinha em seu quadro esportivo. Rompe o clube porto-alegrense com uma ridícula norma instituída há quarenta e oito anos”.

Desde a fundação do Grêmio, em 1903 até o ano de 1909, das 19 disputas realizadas, 17 partidas foram realizadas com o Fuss-ball¹¹¹. As duas outras partidas foram disputadas com associações de outras cidades, que eram “igualmente refinadas” (Damo, 1998: 92). Uma delas foi o Sport Club Rio Grande, que disputou com o Grêmio a Taça Prefeitura de Porto Alegre, em 23/05/1909, na capital. Este evento, que marca o primeiro torneio intermunicipal realizado no Rio Grande do Sul, tinha apenas um jogador com o sobrenome luso-brasileiro, do total de 22 jogadores que compunham os dois

¹⁰⁹ Amaro Jr. não descreveu atos de violência no jogo, mas ele tinha sido anunciado como sendo violento nos moldes ingleses (Jornal Zero Hora, 20/09/1999).

¹¹⁰ Os atletas do primeiro time do Grêmio, em 1903 foram: Alberto Knewitz, A Cattaneo, Carlos Müssnich, Alberto Kalfeld, João Knewitz, Augusto Koch, Carlos Bohrer, Otto, Müssnich, Alberto Strellau, Osvaldo Siebel, Pedro Cleres, ^a Lesck, Pedro Schuch, Joaquim Ribeiro, C. Muller e J. Moltz Diefentaeler (Amaro Jr., 1942: 67).

¹¹¹ Nas primeiras disputas de futebol, os times não jogavam com as mesmas regras, sendo necessário diante da partida reunirem-se para definir as normas válidas para o jogo: “ambos nomearam comissões que se entenderam sobre o assunto, estabelecendo regras, segundo o pouco que cada um conhecia por leituras estrangeiras” (Amaro Jr., 1944: 32).

times (Jesus, 2001). É provável que o Grêmio somente participou da disputa porque havia uma identificação étnico-cultural com o Sport Club Rio Grande.

O Grêmio, que ficou conhecido como o “tricolor da baixada” nasce como uma associação de futebol dos teuto-brasileiros que pertenciam à elite porto-alegrense (Amaro Jr., 1945a; Cabral, 1962). Inicialmente, a prática do futebol estava restrita a elite econômica teuto-brasileira, que promovia competições de caráter amador¹¹². Conforme Jesus (2001: 209-210) a “abertura no Grêmio se realiza através de um rigoroso processo de filtragem atento aos requisitos relacionados à condição econômica do candidato, pois trata afinal de uma associação de cunho elitista”. Sodré (1977: 148) afirma que o futebol “funcionou basicamente como um rito discriminatório de classes. Era um privilégio de brancos ricos (possivelmente um comportamento de conciliação entre comerciantes, latifundiários e estrangeiros), que excluía os nativos pobres”, nas três primeiras décadas do século XX.

O predomínio germânico nas associações de futebol porto-alegrense sofreu uma “reação nativa” com a criação do pluriétnico “Sport Club Internacional”, em 1909 (Jesus, 2001)¹¹³. A organização da nova associação foi impulsionada por homens de “camadas médias e oriundos de segmentos étnicos subalternos no contexto local”. Esta pode ser uma das razões para ser identificado como “Clube do Povo” (Cabral, 1953: 24). O enfrentamento em campo com o Grêmio conhecido, posteriormente, como GRENAL aconteceu na década de 10¹¹⁴ (Revista do Globo, 1941d). O Internacional iniciou com o futebol, depois introduziu o atletismo e basquete (Amaro Jr., 1942; Galvani, 1959).

¹¹² Conforme Jesus (2001), em 1908, os cariocas realizaram um jogo amistoso de futebol com os convidados argentinos. Embora, a cidade de Porto Alegre estivesse do ponto de vista geográfico mais próxima dos argentinos, os jogos contra os vizinhos foram tardios. É provável que um dos motivos desta rivalidade resida na questão complexa da construção da identidade cultural regional do gaúcho.

¹¹³ Em Porto Alegre, até 1909 existiram somente duas associações de futebol vinculadas a elite sócio-econômica teuto-brasileira, enquanto que no Rio de Janeiro havia, aproximadamente, 77 clubes de futebol espalhados pela cidade, em 1907 (Pereira, 1998: 70).

¹¹⁴ Em Porto Alegre, as competições de futebol eram restritas entre as equipes locais até a década de 10. No Rio de Janeiro, em julho de 1908 foi realizada uma partida contra os

No mesmo ano da inauguração do Internacional, em 1909, a sociedade Turnerbund reuniu associados e criou a equipe de futebol denominada “Frisch-Auf” dirigida pelo professor de ginástica e ex-jogador do Grêmio Foot-ball Porto Alegre, Georg Black Sen¹¹⁵. A sociedade comprou um terreno para a construção do campo em 1910, com auxílio do Hilfsverein (Colégio Farroupilha) e de um grupo de voluntários chamados “amigos do estádio”. A rede de relações das associações teuto-brasileiras também se estendia ao campo educacional.

Os primeiros jogos de futebol do “Frisch-Auf” foram realizados, aproximadamente em 1912. As partidas eram disputadas somente com o Grêmio Foot-ball Porto Alegre, uma associação de futebol que integrava a rede da comunidade teuto-brasileira. Este fato comprova o perfil institucional “fechado” da sociedade de ginástica.

O futebol tornou-se símbolo de modernidade e progresso, no início do século XX (Lopes, 1994: 46). Consta no Guia de Foot-ball (1912), que o futebol era o “sport” da moda, atravessando um desenvolvimento extraordinário nos arrabaldes e nas regiões mais ricas da cidade de Porto Alegre. Até 1912 existiam em Porto Alegre três associações de futebol vinculadas a comunidade teuto-brasileira (Grêmio Fott-ball Porto Alegre, Fuss-ball e Frisch-Auf), e o Sport Club Internacional identificado com a comunidade luso-brasileira.

O cenário desportivo do futebol amplia-se com a criação de mais cinco associações de futebol até o final da década de 10: Esporte Clube São José (1913)¹¹⁶, Sociedade Esportiva Sokol (1913)¹¹⁷, Esporte Clube Cruzeiro (1913)¹¹⁸, Sport Club Ruy Barbosa (1915)¹¹⁹, Ipiranga Futebol Club (1917)¹²⁰.

convidados argentinos, assinalando a primeira disputa dos cariocas com um selecionado estrangeiro (Pereira, 1998: 91).

¹¹⁵ De acordo com Tesche (1996: 67), a SOGIPA até o ano de 1912 participava exclusivamente de competições de ginástica e de esgrima. Depois investiu no futebol.

¹¹⁶ Era uma associação que reunia teuto-brasileiros (Zavaschi, 23/05/2001).

¹¹⁷ Os “sokols” (falcões) eram organizações não-políticas na Tchecoslováquia, “que exerceram uma atividade política, antes de 1914, num país de regime autoritário, sob desconfiança governamental” (Feio, 1978: 190).

¹¹⁸ Sobre a história do Cruzeiro, recomenda-se a leitura de Ney, (1965).

No final da década, em 1918, foi criada a Liga Porto Alegrense de Futebol (atual Federação Gaúcha de Futebol), com destacada influência do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. No ano seguinte, foi realizado o primeiro campeonato gaúcho de futebol, com a participação de algumas associações de Pelotas, o 14 de Julho de Livramento e o Grêmio de Porto Alegre (Dienstmann, 1987).

A organização da Liga de Futebol, também atendeu as exigências da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). A CBD foi criada em 1916 com o intuito de unificar as ligas desportivas no país, formar seleções nacionais e viabilizar a participação de equipes em torneios internacionais¹²¹. A CBD era a entidade responsável pela supervisão dos desportos de competição no país, mas não exercia uma ação efetiva sobre o desporto institucionalizado no país.

A Liga representava uma possibilidade para as associações porto-alegrenses de futebol ampliarem sua participação nas disputas nacionais e, mesmo internacionais. Entretanto, a disputa por estes espaços centralizava-se entre as associações de futebol do Rio de Janeiro e São Paulo, que rivalizavam em campo disputas mais amplas de afirmação de identidades regionais. Em Porto Alegre, parece que o regionalismo vinha consolidando-se não apenas através do futebol, mas dos demais desportos, como anunciava um desportista porto-alegrense, que no esporte não há ninguém como nossa gente (Pereira, 1998).

O futebol porto-alegrense começa a se alterar no final da década de 20, quando foram organizadas 13 novas associações. Conforme Sodré (1977), o futebol sofre os reflexos da consolidação da sociedade urbano-industrial e da

¹¹⁹ Além do futebol, o clube desenvolvia o judô.

¹²⁰ No período, no Rio de Janeiro, até 1915 apareciam 216 clubes de futebol somente nas páginas do jornal O Imparcial- "tendo triplicado em oito anos o número de associações destinadas ao futebol". Já em São Paulo "havia em 1914 cerca de 136 associações esportivas, entre clubes de futebol e outras, para uma população que seria segundo o censo de 1920 cerca da metade daquela do Rio de Janeiro – evidenciando um equilíbrio do furor esportivo nas duas cidades" (Pereira, 1998: 113).

¹²¹ A CBD foi criada em 06/11/1916, durante a primeira Guerra Mundial com a participação do Rio Grande do Sul. Mas somente foi reconhecida pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) em 1923.

participação da população brasileira no quadro político nacional, sob a influência do populismo. O futebol que era desenvolvido pelas associações desportivas de forma amadora começou a profissionalizar-se¹²². Em algumas associações evidenciava-se um profissionalismo camuflado. Era observado tanto de forma direta, através do pagamento em dinheiro, com roupas ou bens, como indiretamente, através do profissionalismo fabril, pelo qual não só se concediam empregos e vantagens ao operário/jogador condicionando-o a defender este ou aquele time, bem como o direito de treinar em horário de expediente (Caldas, 1990; Rigo, 2000). Muitos jogadores profissionais provinham de classes populares e, freqüentemente, eram negros.

A legalização do profissionalismo no futebol brasileiro ocorreu nos anos 30¹²³. A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) desejava manter o amadorismo no futebol, mas a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) e a Liga Carioca de Futebol ansiavam pelo profissionalismo¹²⁴. Um dos argumentos favoráveis ao profissionalismo era a valorização dos jogadores brasileiros no exterior, como reflexo das excursões que várias associações de futebol do país faziam pela Europa. Estas viagens implicaram na perda de jogadores brasileiros para times do exterior. O intercâmbio com a visita de associações estrangeiras mostrou aos jogadores brasileiros que seus salários eram muito inferiores aos dos jogadores que atuavam no exterior. O Lázio, clube italiano de Roma, chegou a importar dez jogadores brasileiros em apenas uma vez. O futebol começava a se tornar um grande negócio e para os que trabalhavam com futebol sonhavam em poder viver exclusivamente do desporto.

Em Porto Alegre, nos anos 1930 foram criadas aproximadamente 70 associações de futebol (anexo 5). No início da década de 40, totalizava-se aproximadamente 90 associações, cujo desporto principal ou único desporto

¹²² O período de 1905 a 1933 é a fase amadora do futebol, com grande divulgação e ênfase para melhorar o nível do jogo através de subsídios aos jogadores.

¹²³ Em 1933 foi disputada no país a primeira partida de futebol profissional, entre os times do Santos e São Paulo (Caldas, 1990; Pereira, 1998).

praticado era o futebol (anexo 5). Os moradores de bairros, vilas e empresas porto-alegrenses criaram seus times. O Grêmio Esportivo Renner (1931) destacou-se na cidade de Porto Alegre devido a sua representatividade para a coletividade do bairro Navegantes e pelas suas boas instalações¹²⁵.

Segundo Reichel (1990: 291), o time de futebol do Renner foi um dos “mecanismos utilizados pela empresa para garantir a dominação consensual do operário e a reprodução do sistema” aliado aos “serviços sociais introduzidos na fábrica, sob a inspiração do fordismo, como creche, refeitório, serviço médico, bem como as obras recreativas que procuraram atingir o operário fora do seu ambiente de trabalho”. O Renner, que era financiado pelo industrial Jacob Renner, é um exemplo de associação desportiva que representava os laços identitários forjados entre os trabalhadores e patrões visando amenizar as diferenças existentes entre ambos. Mas também se constituiu num espaço de representação dos trabalhadores e afirmação de sua identidade de classe.

A expansão do futebol era um fenômeno natural para Mário Rodrigues Filho (1964), pois era a tendência natural das coisas, cada jogador procurando o seu meio, indo para onde estava a sua gente. E quando a sua gente não tinha clube, o jeito era fundar um. Esta explicação para o fenômeno de massas que se transformou o futebol não foi suficientemente aceita por outros estudiosos do assunto. Damo (1998: 50) afirma que: “não era apenas o frenesi da prática que impulsionava a formação dos clubes equipes, mas, principalmente, a difusão dos ideais associacionistas. Inicialmente vinculado aos imigrantes e às elites nativas, o associacionismo ganhou terreno entre as camadas médias e populares”.

Conforme Pereira (1998), o futebol além da sua ludicidade intrínseca, contou também com o fator clima, com a ausência de outra forma cultural e de

¹²⁴ Não é objetivo desta dissertação tratar da polêmica do amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro. Este assunto tem sido contemplado por vários autores (Lopes, 1999; Soares, 1998; Helal e Gordon, 1999).

¹²⁵ Em janeiro de 1945 foi lançado o Boletim Renner, que divulgava fatos sociais, culturais e desportivos ligados a vida e ao desenvolvimento das indústrias Renner. A publicação mensal do Boletim encerrou no ano de 1956 (Boletim Renner, 1955: 3). O Clube encerrou suas atividades em 1959 (Carneiro, 1959).

outro esporte que se prestasse à recreação com tal singeleza de material, e contou também com a ajuda dos meios de comunicação. Para Hobsbawm (1995: 197) “o futebol, com regras simples e fácil de jogar, sem necessidades de espaços complexos para se realizar o jogo, teria, com o estabelecimento da Copa do mundo em 1930 se transformado em um jogo genuinamente universal”.

Em Porto Alegre as tradicionais associações desportivas teuto-brasileiras ligadas ao remo e ao tênis resistiram a incorporação do futebol. O Clube de Remo Guaíba Porto Alegre criticava o desmantelamento dos ideais do associativismo pelo futebol:

É tempo de se pensar em reagir contra essa falsa interpretação da finalidade do desporto e contra esse fanatismo exaltado que se creou pelos matches de foot-ball, cabendo aos que estão na direção dos movimentos desportivos orientar a juventude na compreensão de que o desporto é uma escola de educação destinada a fazer atletas e também cavalheiros, um meio de educação physica no seu mais amplo sentido e não uma finalidade a que se deva subordinar tudo, inclusive essa elegância moral que o sportmann, por motivo algum, como modelo que deve ser de auto-disciplina e cavalheirismo, deve perder” (O Biguá, 1930: 3).

As associações de remo não encamparam o futebol, uma prática desportiva que se expandiu para as classes populares, como também, resistiram ao profissionalismo desportivo, que representava uma abertura para os atletas oriundos dos estratos sócio-econômicos inferiores da população. Helal e Gordon Jr. (1999: 157) afirmaram que “a defesa do amadorismo- explícita ou implicitamente – era a defesa de um futebol não-negro, fechado às classes populares, circunscrito às elites urbanas”. Os autores ainda afirmam que a penetração de negros e indivíduos de setores sócio-econômicos mais baixos não se efetivou nos desportos que mantiveram uma estrutura amadorística ou semiprofissional, como por exemplo, o basquete, vôlei, tênis e desportos aquáticos.

No Brasil, o futebol consolidou-se como um dos elementos de representação da identidade nacional brasileira. As palavras de Gilberto Freyre (1999: 421) ilustram o caráter nacional revelado no futebol: “o nosso estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até a melhor afirmação na arte política”. A encampação do futebol como uma das marcas da cultura brasileira foi consolidada pelo Estado Novo (1937-1945). Neste período a sociedade brasileira passou por uma reorganização política, econômica, social e cultural, tendo em vista o projeto do Estado em construir a identidade nacional brasileira.

O futebol assumiu a feição de uma força motriz da nacionalidade e tornou-se um dos símbolos maiores de brasilidade, na segunda metade dos anos 30 (Cabral, 1954). Em Porto Alegre, do final do século XIX até 1945 constatou-se a existência de aproximadamente 130 associações de futebol, sendo que a maioria foi criada no final da década de 30 até meados da década de 40. Neste período, Porto Alegre ainda não possuía um grande estádio de futebol aos moldes do Estádio Maracanã no Rio de Janeiro e do Pacaembu em São Paulo (Amaro Jr., 1945d; Cabral, 1946d)¹²⁶. Mas o futebol tomava conta espaços disponíveis e alargou-se em todos os estratos sociais da população porto-alegrense¹²⁷.

Basquete e Voleibol

O basquete e o voleibol são divulgados e popularizados em Porto Alegre, inicialmente, pela Associação Cristã de Moços (ACM)¹²⁸. A ACM de

¹²⁶ Em 1948 iniciou-se a construção do Estádio de Futebol do Sport Club Internacional, conhecido popularmente por Estádio dos Eucaliptos (Bueno, 1948).

¹²⁷ A presença do negro no futebol porto-alegrense foi destacada na reportagem “Milionário, grã-fino e poeta, à força de mérito, o negro impôs-se no mais popular dos esportes – a princesa Isabel libertou, o futebol completou – os negros do sul-americano” (Cabral, 1946a: 48).

¹²⁸ Vale a ressalva que as praças de Educação Física contribuíram, significativamente, para o desenvolvimento do basquete em Porto Alegre, na década de 40 (Amaro Jr., 1949b: 131).

Porto Alegre foi instalada em 26/11/1901 pelo americano Frank Long (Buono, 2001)¹²⁹. Os principais desportos incentivados pela ACM eram: basquete, tênis, voleibol, futebol, ataque/defesa, atletismo e bocha. Em 1916, uma delegação uruguaia esteve em Porto Alegre participando de uma competição de ginástica e apresentou o voleibol – um “jogo desconhecido no Rio Grande do Sul” (De Rose, 1949: 137).

Nos anos 1920, consagrou-se o interesse crescente pelos desportos anglo-saxônicos. O voleibol e o basquete passaram a ser supervisionados pela Liga Atlética Riograndense (LARG), organizada em 1925¹³⁰. O atletismo¹³¹ e a esgrima¹³² também eram controlados pela LARG. A Liga foi fundada pelas seguintes associações: Associação Cristã de Moços, Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, Clube de Regatas Almirante Barroso, Sociedade Ginástica Turnerbund, Clube de Regatas Guaíba, Esporte Clube Eiche e Clube de Regatas Pôrto Alegre. O Sport Club Internacional, o Esporte Clube Cruzeiro, a Sociedade Ginástica Navegantes São João, o Fuss-Ball Clube Pôrto Alegre e o Grêmio Náutico Gaúcho ingressaram na LARG, no final de 1929.

A maioria das associações fundadoras da Liga tinha uma estreita ligação com a comunidade alemã. A participação dessas associações na criação da LARG mostra uma certa abertura da comunidade ao encampar modalidades desportivas que não faziam parte da sua tradição. Em 1926, a SOGIPA introduziu o basquete e o voleibol e, dois anos depois participou do campeonato da cidade (Tesche, 1996). Os desportos anglo-saxônicos se consolidaram nas associações desportivas porto-alegrenses nos anos 30.

¹²⁹ A primeira Associação Cristã de Moços foi fundada em Londres em 1844, no início da Revolução industrial, sob o nome de Young Men Christian Association (YMCA). Tinha como finalidade o ensino e a divulgação dos desportos de origem inglesa.

¹³⁰ Em 17/07/1925 foi criada a Liga Porto Alegrense de Bola ao Cesto. A LARG ganhou o título do Campeonato Brasileiro de Basquete em 1934. No ano seguinte, a LARG venceu o torneio Farroupilha de Basquete (Livro Ata do Clube Náutico Veleiros do Sul, 1925).

¹³¹ Em 1937, a LARG foi vice-campeã de Atletismo.

¹³² Em 1927, a LARG promoveu o primeiro Campeonato Estadual de Esgrima.

Boxe

Em Porto Alegre, as lutas de boxe são noticiadas por volta de 1926. A ACM foi responsável pela difusão do boxe na cidade. A academia “Southern Boxing Club” promovia o boxe na cidade realizando disputas nos salões da Sociedade Leopoldina (atual ALJ) e no palco do cinema Carlos Gomes (Revista do Globo, 1930: 62).

Golfe

A primeira “associação de golfe de Porto Alegre fundada em 1930 tinha a elite alemã à sua frente” (Revista do Globo, 1955: 52)¹³³. O pioneiro Country Club teve como presidentes vários teuto-brasileiros: Carlos Brenner, José Carlos Costa Gama, Ivo Nesralla, Álvaro Torres, Eduardo Albuquerque e Hugo Herrmann Filho [O pai, Hugo Hermann trabalhava com importação nos anos de 1930]. O funcionário da portaria da associação afirmou que “em cinco décadas, ele já viu passar por esta porta gerações de famílias tradicionais”. O dono das indústrias Renner, A. J. Renner, fundador do Grêmio Esportivo Renner freqüentava a associação. Por isso, o Country Club de Porto Alegre sempre foi considerado o “clubes dos estrelados do Estado”, que possui um “endereço que é grife na cidade” e reúne “um seleto grupo da elite portoalegrense” (Jornal Zero Hora, 10/06/2001: 5).

Iatismo (Vela)

O desporto dos barcos à vela começou a fazer parte do estilo de vida de alguns porto-alegrenses na década de 30. O conhecido “yachting” era restrito a um pequeno grupo de desportistas que fundou em 1934 a Sociedade Náutica Veleiros do Sul¹³⁴. “O iatismo teve um início realmente aventureiro, fruto da iniciativa dos sócios do Clube de Regatas Almirante Barroso com uma competição que se realizou entre as cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio

¹³³ O golfe já era praticado nas cidades brasileiras fronteiriças com a Argentina. A cidade de Buenos Aires foi pioneira na introdução do golfe, tênis e futebol na América do Sul em virtude da presença de militares e comerciantes ingleses (Guttmann, 1994: 57).

¹³⁴ Dois anos depois, em 1936 foi criada a Federação de Vela e Motor do Rio Grande do Sul.

Grande, através dos tortuosos cursos d'água do rio Guaíba e da Lagoa dos Patos" (Revista Panathlon Internacional, 2000: 2). Também, chamado de desporto da vela, o iatismo era restrito a elite porto-alegrense. Em 1930 foi criado o Grêmio Desportivo Masson, depois chamado late Clube Guaíba. A sede social do clube dos velejadores "nos bailes e festas congregavam a mais alta sociedade de Porto Alegre" (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 637).

O Yatch Club Porto Alegre, fundado em 1934, também é uma associação que congregava a elite econômica e política de Porto Alegre. Tinha como desporto principal o iatismo, mas outras atividades desportivas eram realizadas, como o tênis e desportos terrestres, além dos eventos sociais. O "aristocrático clube" reunia em seus bailes e festas de carnaval "a mais alta sociedade de Porto Alegre" (Revista do Globo, 1939: 41). Outra associação que se destacou no iatismo foi o Clube Jangadeiros fundado em 1941 (Soares, 1991). A tradição destas associações de vela possibilitou a realização do Campeonato Mundial de Vela, classe snipe, no Clube Jangadeiros, em 1959 (Carneiro, 1959b; Revista Panathlon Internacional, 2000: 2).

Em síntese, a emergência e a expansão do associativismo desportivo está relacionada ao contexto sócio-cultural de Porto Alegre, caracterizado pela participação dos grupos migratórios. Os traços culturais destas comunidades refletiram nas associações desportivas, destacando-se a contribuição relevante dos teuto-brasileiros. As primeiras associações desportivas da cidade foram organizadas pela comunidade teuto-brasileira com o objetivo de proporcionar aos associados, atividades físico-desportivas voltadas para a saúde e lazer. Até o final do século XIX existiam 11 associações desportivas teuto-brasileiras em Porto Alegre. No período circunscrito ao estudo (1867-1945) foram criadas, aproximadamente, 175 associações desportivas, sendo que 28 tinham uma identidade cultural teuto-brasileira (anexo 5).

Estas associações desportivas foram responsáveis pelo desenvolvimento do desporto amador e, conseqüentemente, impulsionaram o desporto profissional. Conforme Tubino (1988: 68) aos clubes "coube o

encargo de organizar e administrar o esporte de competição. Esses às suas custas ou com pequeno e desprezível auxílio do poder público foram os responsáveis diretos pelo desenvolvimento das atividades esportivas no Brasil”.

Dado o passo inicial para a compreensão da emergência e expansão do associativismo desportivo, o próximo estudo apresenta o impacto da campanha de nacionalização na expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre.

Estudo 2 – As representações da Identidade Cultural Brasileira nas Associações Desportivas em Porto Alegre

As associações desportivas foram alvo da campanha de nacionalização desencadeada pelo governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945). Neste período foram impostas políticas visando a construção da identidade cultural brasileira. Para compreender as implicações das medidas governamentais visando a nacionalização das associações desportivas teuto-brasileiras, este estudo divide-se em quatro partes.

O contexto sócio-cultural brasileiro durante esse processo é apresentado na primeira parte do estudo. A legislação que visava a nacionalização das associações desportivas é abordada na segunda parte. A terceira parte trata das repercussões da nacionalização nas associações desportivas teuto-brasileiras em Porto Alegre. A quarta parte analisa as identidades culturais das associações desportivas representadas nas cerimônias e desfiles cívicos, nas competições desportivas e, inclusive, na Revista do Globo, considerada o principal periódico da cultura porto-alegrense nos anos 30 e 40.

2.1 – O contexto sócio-cultural brasileiro no Estado Novo

As iniciativas para a construção da nacionalidade brasileira foram desencadeadas no final do século XIX. O debate político brasileiro girava em torno da possibilidade de constituir uma nação unitária a partir de grupos populacionais heterogêneos (ex-escravos e seus descendentes, povos indígenas, imigrantes de diferentes origens e mestiços). A maioria da população brasileira era analfabeta e excluída da vida social, cultural e política do país no período da República Velha. Schwarcz (1993) e Munanga (1999) enfatizam que predominava a desconfiança com relação ao projeto de construir uma nação progressista, uma vez que a maioria da população era de negros e mestiços.

No cenário político-econômico brasileiro predominava o modelo econômico agrário-exportador e a indústria era relegada ao segundo plano. O Estado brasileiro tinha uma face liberal e não interferia diretamente na economia. Nas questões sociais, O Estado apenas estabelecia regras disciplinadoras da conduta dos cidadãos para assegurar a ordem pública.

A construção do discurso sobre a identidade brasileira baseava-se nos conceitos de raça e meio (território). Estas noções constituíram os fundamentos epistemológicos dos intelectuais brasileiros na interpretação da história brasileira. As teorias raciais européias influenciaram o enfoque biológico dado ao estudo da etnicidade brasileira no período de 1888 a 1914, embora estivessem declinando na Europa (Ortiz, 1994). O debate racial era alimentado pelos trabalhos literários de Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Vianna (Costa, 2001). A noção de povo brasileiro, vinculada ao aspecto étnico foi referência na hierarquização dos diferentes segmentos da população brasileira até o início da década de 30.

Nesta perspectiva, os imigrantes alemães eram percebidos enquanto uma raça que contribuiria com o branqueamento e desenvolvimento econômico da nação brasileira. O homem brasileiro não era identificado com trabalho, disciplina e progresso. Os intelectuais justificavam a ausência destas características no brasileiro através do argumento da origem racial do povo. Contudo, o imigrante alemão era identificado com o trabalho, conforme destacado pelos escritores Graça Aranha, Mário de Andrade e Oliveira Viana (Magalhães, 1998). Os alemães e seus descendentes construíram e outorgaram sua identificação com o trabalho.

A fase de expansão dos empreendimentos dos imigrantes alemães coincide com a Proclamação da República do Brasil (1889). A ascensão econômica dos alemães nos anos 1920 reforçou a qualidade para o trabalho construída pelo grupo. A fixação desta imagem no país reafirmou-se pela publicação da obra "O trabalho alemão no Rio Grande do Sul", de Aurélio

Porto, em 1930, que destacou além do trabalho, a competência e a fidelidade do alemão (Porto, 1996; Seyferth, 1989).

A contribuição dos imigrantes alemães para a melhoria da raça brasileira foi questionada durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Com o ingresso do Brasil na primeira guerra acentuaram-se as iniciativas no sentido de construir uma identidade nacional brasileira. Nesse contexto, as concepções políticas e culturais dos imigrantes alemães são criticadas pelos intelectuais brasileiros¹³⁵. Iniciava a fase de esgotamento da condição dos imigrantes enquanto força de trabalho suplementar. A imigração de trabalho se transformou em uma imigração de população (reunião das famílias e fortalecimento da comunidade), o que levou a necessidade de considerar-se todas as dimensões de sua existência. Os poderes públicos preocupam-se com a inserção da comunidade teuto-brasileira na vida local e nacional, como também, com as acentuadas manifestações de suas particularidades.

O questionamento da influência européia no país possibilitou a emergência de um sentimento nacional que vislumbrava possibilidades históricas do Brasil, que estava próximo de completar cem anos de vida independente (1822-1922)¹³⁶. A partir da década de 20, a construção da nacionalidade no Brasil emerge como questão fundamental. Os eventos educacionais, políticos, culturais, religiosos e sociais multiplicam-se: fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), Movimento Tenentista, sucessão presidencial (1922), comemoração do Centenário da Independência (1922), realização da Semana de Arte Moderna (1922), organização do Centro Dom Vital, do pensamento católico e reformas educacionais (Motta, 1994).

Os intelectuais brasileiros da chamada “geração de 22”, na busca de novos parâmetros para uma nação brasileira moderna utilizavam as idéias que

¹³⁵ Conforme Gertz (1994b: 54) o escritor Silvio Romero escreveu o livro “O alemanismo no sul do Brasil” (1906), onde faz “pesadas acusações aos alemães, mas esta ‘tocando’ exclusivamente ‘de ouvido’. Não tinha nenhum conhecimento direto da situação”.

¹³⁶ A década de 20 é considerada um marco, “a partir desta década é que se difundiu o uso da energia elétrica na modernização da vida cotidiana e no desenvolvimento da indústria nascente” (De Lorenzo, 1997: 161).

circulavam na Europa naquela época. O panorama europeu aglutinava duas correntes: os tradicionalistas, que difundiam valores de retorno ao campo, a natureza, o incremento do setor agrário e a tradição nacional, e a vanguarda oposicionista, que exaltava a cidade, o urbano, o incremento a indústria e o rompimento com a tradição. Ambos os grupos influenciaram o pensamento dos intelectuais brasileiros na construção do projeto de uma nação brasileira moderna.

No Brasil, a corrente tradicionalista privilegiou o espaço como elemento definidor do país e como seu diferencial no âmbito internacional. De acordo com Motta (1994: 6), a geografia apresenta-se como “o instrumento mais adequado para uma reflexão sobre a nacionalidade brasileira”. Para os intelectuais do tradicionalismo, o passado era uma inspiração para novas interpretações e recriações do Brasil. O mito fundacional da nação brasileira é extraído do mundo rural. A cultura popular do interior rural do país foi recuperada pela cultura erudita, que renegou a cultura urbana ligada a modelos estrangeiros. As imagens do Brasil são extraídas do passado colonial do nordeste açucareiro.

O movimento cultural denominado modernismo pretendia inserir-se na moderna ordem mundial negando o passado do Brasil. A questão do “ser brasileiro” torna-se o eixo principal do debate sobre a possibilidade do país participar da ordem mundial. Segundo Oliveira (1997: 191), “o modernismo cria e difunde a necessidade de identificar a substância do ser brasileiro, denuncia os conhecimentos/saberes atrasados que impedem a captação do ser brasileiro e colabora na elaboração de inúmeros retratos do Brasil (título da obra de Paulo Prado em 1828)”. Os modernistas partilhavam a crença de que a construção da sociedade moderna dependia de um projeto de reconstrução da nação brasileira. Tendo em São Paulo o modelo da vida urbana e industrial brasileira foi elaborada uma nova estética à vida moderna.

O debate sobre a formação da nação brasileira, nos anos 20, caracterizou-se pela amálgama de idéias dos grupos ufanistas divididos entre

conservadores e modernistas. A modernização do país da mesma forma que fez rupturas com o passado, retomou questões desse mesmo passado. Promoveu-se a valorização de aspectos ligados à natureza brasileira, à tradição cultural portuguesa e a cultura regional e popular. Esta discussão é recuperada no governo de Getúlio Vargas (1937-1945) a fim de legitimar uma cultura nacional. Os embates teóricos entre os ufanistas e modernistas em torno da criação de identidade nacional envolveu questões de caráter cultural e político.

Nas palavras de Avancini (2000: 56): “nacionalismo e ufanismo deram as mãos”. As idéias ufanistas e nacionalistas presentes nas ideologias vigentes, desde o início do século XX, serão concretizadas pelo Estado Novo. Dois enfoques da identidade brasileira caracterizaram o período republicano brasileiro, uma concepção republicana conservadora que valorizava o passado colonial e imperial e opunha-se a crescente influência dos norte-americanos; e outra concepção que negava o passado e desejava um estreitamento das relações com os Estados Unidos.

No final da década de 20, o país atravessava uma crise político-econômica iniciada em 1922, que se agravou com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929. O Brasil alimentava uma dependência absoluta dos mercados externos e para superar essa condição precisava remodelar sua estrutura econômica¹³⁷. A alternativa adotada foi promover a diversificação das atividades produtivas implicando no redimensionamento das políticas de desenvolvimento nacional. As diferenças das regiões brasileiras eram vistas como impeditivos da concretização da unidade nacional.

Os sinais da crise vão desencadear um movimento que culminará com a Revolução de 1930. Getúlio Vargas, presidente do Estado do Rio Grande do Sul, ascendeu ao cargo de presidente da República Federativa do Brasil, em 1930. O discurso de Getúlio Vargas proferido à Assembléia Legislativa do

¹³⁷ “A instalação do chamado capitalismo tardio, via industrialização interna do país deu-se no período entre 1888 e 1933” (Mello, 1982: 108).

Estado, em outubro de 1929 acenava para a idéia de apoio popular ao seu projeto de consolidação do estado nacional brasileiro.

Esta multidão, transbordante de entusiasmo e de civismo, constitui por si só, a mais eloqüente demonstração de que defendemos uma grande e nobre causa. Jamais contemplei tão grande massa de povo em que a uma intensa variedade social, correspondesse tão completa homogeneidade de objetivos. Acham-se aqui reunidas, grupadas pela mesma idéia, todas as classes, todas as profissões, todas as atividades úteis do corpo social: operários e industriais, empregados e comerciantes, mocidade das escolas e professores, funcionários, soldados, artistas e mestres de profissões liberais; clubes e associações várias; os representantes políticos e a opinião pública acima dos partidos; Porto Alegre, a linda capital, o coração e o cérebro do Estado, o Rio Grande do Sul, enfim, exaltado o milagre da sua união sagrada, ardendo na febre do seu patriotismo” (Wasserman, 1998: 237).

A partir dos anos 30, o Estado brasileiro apresentou características intervencionistas como promotor de políticas sociais e culturais destinadas a construir a nação brasileira. Getúlio Vargas assumiu o poder proclamando a necessidade de medidas voltadas “a instrução, educação, higiene, alimentação, habitação; a proteção às mulheres, às crianças, à invalidez e à velhice; o crédito, o salário e, até, o recreio, como os desportos e cultura artística” (Wasserman, 1998: 245). O Estado incorporou o papel central nas relações com as classes sociais desfavorecidas economicamente na construção nacional. Getúlio Vargas passou a dirigir a economia e adotar mecanismos de controle estatal sobre outros setores da sociedade.

No governo de Getúlio Vargas (1930-1945) houve uma gradual consolidação de um Estado forte e modernizador, refletindo nítidas influências das idéias fascistas em plena ascensão na Europa. O fortalecimento da Alemanha era refletido na reafirmação da identidade cultural dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. A afirmação da identidade regional era uma forma de “ser nacional”. O conceito de “ser nacional” se distendeu com a

instauração do Estado Novo (1937-1945), que visava unificar as diferenças entre as regiões para a efetivação do projeto do Estado nacional brasileiro.

No dia 10 de novembro de 1937 foi instalada a ditadura do Estado Novo com o fechamento do Congresso Nacional brasileiro. O presidente Getúlio Vargas apoiado por setores das Forças Armadas brasileiras desencadeou a campanha de nacionalização. No mesmo ano entrou em vigor a chamada Constituição Polaca – centralizadora, hierárquica e nacionalista – inspirada na Constituição outorgada em 1926 na Polônia pelo governo fascista de Josef Pilsudski. Durante o Estado Novo produziram-se leis, regulamentações e instituições para um maior controle do cotidiano das pessoas, pelo Estado. A nova situação política não teve grandes reações, pois vários setores da sociedade brasileira simpatizavam com a nacionalização (Avancini, 2000).

As políticas de caráter nacionalista do Estado Novo objetivavam dissolver os particularismos regionais e promover a integração cultural dos imigrantes e seus descendentes no projeto de construção da nação brasileira. O pensamento vigente era que os imigrantes comprometiam o direito de nacionalidade brasileira, ao merecer o mesmo status de cidadania concernente aos demais brasileiros, sem se desfazer dos vínculos culturais que os ligavam à Pátria de origem. Este foi um aspecto gerador de conflito com a população imigrante na formação da identidade cultural brasileira. A assimilação cultural dos teuto-brasileiros é tratada como problema de segurança nacional.

A gestão das diferenças culturais torna-se uma questão conjuntural, diretamente ligada ao Estado brasileiro. O Estado buscou formular uma representação da identidade brasileira em oposição ou contraste as identidades culturais dos imigrantes. A intelectualidade brasileira foi convocada a direcionar seu trabalho em prol do Estado. O tipo social apresentado pelos intelectuais do país como representativo da identidade nacional passou “do fazendeiro, durante o império e a Primeira República, ao ‘povo’ (englobando trabalhadores urbanos, intelectuais progressistas e empresários nacionais) durante o período populista” (Costa, 2001: 148).

O processo de construção da nação brasileira foi marcado por uma ideologia da mestiçagem, isto é, a possibilidade de convivência dos diferentes grupos residentes no país. Gilberto Freyre é o expoente intelectual em defesa da mestiçagem. Através do livro “Casa-Grande & Senzala” (primeira edição datada de 1933) concebeu a narrativa de positividade de uma monocultura nacional mestiça à constituição de uma nação brasileira. O povo mestiço era apontado como aspecto negativo à construção da nação brasileira, sendo apresentado como sinal de inferioridade do Brasil perante as grandes nações mundiais. O principal motivo do orgulho nacional era a grandeza do território brasileiro. A visão pessimista em relação à mestiçagem foi substituída pela valorização das raízes do país.

O modelo de nação brasileira conforma “a imagem de uma brasilidade mestiça, culturalmente assimilacionista e politicamente integradora” (Costa, 2001: 143). A brasilidade mestiça é uma identidade não-étnica, capaz de assimilar todas as outras representações étnicas. Para Gilberto Freyre o uso de um idioma comum não era suficiente para gerar um sentimento de pertencimento nacional. Getúlio Vargas conferiu respaldo a brasilidade mestiça que adquiriu status de uma ideologia estatal. O modelo político do Estado e a produção intelectual sustentaram o projeto de formação da identidade cultural brasileira. Este processo foi perpassado pelo trinômio Estado, Cultura e Educação (Noronha, 1999: 28).

A miscigenação serviu de matriz básica do projeto de configuração do moderno Estado brasileiro¹³⁸. Os discursos nacionalistas e ufanistas se entrecruzaram e construíram uma identidade nacional referenciada nos modelos regionais do país. A nacionalidade encontra no elogio aos processos

¹³⁸ Costa (2001: 147) apontou três conseqüências básicas na elaboração de Freyre: a) Desigualdade e problemas sociais historicamente construídos como o subjuço de determinados grupos como mulheres ou negros, são tratadas por Freyre como constitutivas de uma essência brasileira, infensas, portanto, à possibilidade de transformação; b) A forma como a nação brasileira se constitui na região de Pernambuco é tratada por Freyre como representativa do país, sem que seja verificada empiricamente a plausibilidade de tal extrapolação; c) Como o modelo de Freyre supõe uma cultura unificada como fundamento da nação, restam limitados os espaços para a expressão de novas formas culturais, como aquelas trazidas pelos imigrantes que chegam ao país a partir da segunda metade do século XIX.

culturais (hibridismo) uma de suas forças legitimadoras em contraposição ao pensamento racista predominante no meio intelectual e político brasileiro. Assim, se constituiu o mito da democracia racial, embora a idéia de raça continuasse orientando as ações cotidianas do poder público.

A intervenção estatal no campo da cultura determinou quais as formas culturais que seriam promovidas e quais as manifestações culturais seriam descartadas. O Estado Novo tentou manipular a memória (Nora, 1993) nacional marcada pelas diferentes influências culturais dos grupos migratórios. A construção das identidades “passa pela elaboração de traços da cultura brasileira que são apropriados e usados como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção a diferentes grupos sociais” (Oliven, 1992: 127). Benjamin (1987: 222) alerta para este fato, quando afirma que “os grupos dominantes monopolizam a memória como continuidade, como unidimensional, reduzindo-a a uma única identidade, de lugar fixo, como versão verdadeira, única e totalizante”.

De acordo com Oliven (1986: 72), o fenômeno da cultura no Brasil está centrado “no processo de apropriação de manifestações culturais e sua subsequente transformação em símbolos de identidade nacional”. A produção da cultura de massa brasileira e dos símbolos nacionais tem como base de referência os itens culturais produzidos originalmente por grupos dominados. A conversão de símbolos étnicos em símbolos fronteiriços a nacionalidade atende a fins políticos de manter a dominação disfarçada sob outro nome. Assim, o Brasil se caracteriza por ter uma sociedade marcada por imensas diferenças de ordem social, na qual se verifica uma tendência de transformar manifestações culturais em símbolos de coesão social¹³⁹.

O governo brasileiro enfrentou dificuldades na tentativa de impor uma cultura nacional aos imigrantes. A situação dos imigrantes é tratada de forma mais incisiva em decorrência do conflito da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Quando irrompeu a Segunda Guerra em setembro de 1939, o governo

brasileiro manteve a posição de neutralidade. O Brasil mantinha relações comerciais promissoras com os dois blocos envolvidos no conflito. A Alemanha e o Brasil mantinham um intercâmbio comercial cuja característica era a compra e venda de mercadorias, o que dispensava o uso de uma moeda forte de difícil obtenção para ambos países.

Em janeiro de 1941, o governo norte-americano ingressou na guerra e pressionou os países latino-americanos para aliarem-se ao seu bloco. O Brasil despertava interesse dos Estados Unidos, devido a sua importância geográfica fundamental¹⁴⁰. Em 31 de agosto de 1942 o Brasil vinculou-se ao bloco aliado e declarou guerra à Alemanha e à Itália. O rompimento do Brasil com a nação alemã acirrou os conflitos com os imigrantes alemães e seus descendentes. Existia um temor que estas comunidades servissem de base à penetração alemã formando quistos étnicos dentro do país. Suspeitava-se da penetração de agentes do nazismo e fascismo nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul (Corsetti, 1986).

Gertz (1991: 32) admite a possível presença de alemães simpatizantes com o nazismo entre os imigrantes, “mas a reflexão sobre a preservação consciente da germanidade através da manutenção da língua, dos costumes e da pureza de sangue é algo que coincide, grosso modo, com o interesse da Alemanha pelos seus emigrados, a partir do último quartel do século XIX”. O autor alerta que os estudos da população imigrante não podem deter-se apenas sob o enfoque da germanidade, do nazismo e do integralismo, pois estas opções de caráter político foram tomadas em determinados momentos e talvez por uma pequena parcela dos imigrantes. Seyferth (1982) mostrou que o nazismo foi um fator de desagregação entre teuto-brasileiros de Brusque, cidade de colonização alemã do Estado de Santa Catarina.

¹³⁹ Em 1937 fundou-se o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com o objetivo de registrar, tomba e preservar a cultura nacional.

¹⁴⁰ Capellatto (1998) os navios afundados em mares longínquos causaram a comoção do povo e o apelo à atitude do governo, até que em 15 de agosto de 1942 houve o afundamento do navio de passageiros Baependi. Em decorrência destes fatos foram organizadas inúmeras passeatas pela população e os jornais clamavam por uma atitude do governo brasileiro.

Para Schwartzman, Bomeny; Costa (1984), a tese da ameaça nazista no Brasil não explica por si só o sentido da repressão nacionalizadora que recaiu sobre os estrangeiros. Esclarece que por trás da conjuntura internacional havia a conjuntura nacional da formação do Estado-Nação, além do confronto entre a preservação de um grupo étnico de imigrantes frente a pressão exercida pelo governo central. O projeto nacionalista era contrário a qualquer manifestação pluralista e diversificada, tinha um caráter excludente e autoritário.

O processo de nacionalização caracterizava-se pelo intercruzamento de ações políticas, culturais e educacionais. A homogeneização cultural do Brasil foi acompanhada por idéias pedagógicas inovadoras. Um novo Brasil precisava de uma educação renovada. Os fundamentos pedagógicos da Escola Nova assentavam-se na experimentação científica proposta por John Dewey. Através do Plano Nacional de Educação procurou-se transpor para o país as idéias escolanovistas. As idéias da Escola Nova foram adotadas no Brasil por Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Francisco Campos entre outros que exerceram funções públicas relevantes em alguns estados brasileiros na Era Vargas.

As políticas educacionais receberam uma atenção especial do governo durante o Estado Novo. As leis orgânicas do ensino visavam a organização da estrutura escolar do país, mas também extinguir as diferenças culturais. Conforme Oliven (1992: 18), “o processo de unificação nacional que acompanha a formação do estado e que, além de centralizar o poder, tem se mostrado historicamente contrário à manutenção de diversidades regionais e culturais”. A partir de 1938 foram tomadas medidas governamentais drásticas nas áreas educacionais das zonas de colonização. As comunidades italianas e alemãs foram forçadas a contratar professores brasileiros para suas escolas privadas. Foi proibida a educação em língua estrangeira. O modelo escolar oficial substituiu a escola paroquial imigrante, cujo ensino era ministrado por professores e clérigos da sua nacionalidade.

O Estado brasileiro buscou sua legitimação no imaginário nacional do povo, que dessa forma foi incluído no cenário político do país. A proposta da

Escola Nova baseada em uma educação pública, leiga e gratuita foi incorporada como instrumento de escolarização das massas e, conseqüente integração à vida política e social do país. O acesso à escola era restrito a uma minoria da população brasileira até o final dos anos 40. A educação era direcionada para a elite do país, sendo dirigida pelos governos estatais e pelas ordens religiosas.

O ensino primário foi o único curso, que de alguma forma a população brasileira teve acesso. Este ensino, até o ano de 1946 estava a cargo dos governos estaduais. Neste período, as principais leis orgânicas do ensino já tinham sido elaboradas. O plano nacional de educação, que determinou a estrutura básica do ensino primário e secundário foi efetivado pelo ministro Gustavo Capanema (Reforma Capanema) que, também estruturou o ensino industrial, comercial, normal e agrícola. O novo plano educacional centrava-se em dois aspectos: a formação cívica e a formação de mão-de-obra industrial.

A formação cívica preconizada pelo plano nacional de educação buscava difundir a idéia de identidade nacional, veiculada por várias disciplinas, como por exemplo, a história, a geografia e a educação física. As disciplinas formadoras da identidade nacional contribuíram para inculcar parâmetros identitários mínimos na formação do sentimento nacional. O papel da educação física na escola foi valorizado como meio de construção do projeto nacional do Estado Novo (Castellani, 1988; Betti, 1991; Bercito, 1991).

Na constituição brasileira de 1937, conhecida como a Constituição Nacionalista (CRD, 1985) aparecem as primeiras preocupações com o desporto e a educação física escolar¹⁴¹. Ao Estado foi atribuída a responsabilidade de assegurar as condições físicas e morais da infância e da juventude (artigo 127), a obrigatoriedade da educação física nas escolas primárias, secundárias e normais (artigo 131), e o auxílio e proteção das

¹⁴¹ Pereira (1988: 78) afirmou que o período do Estado Novo (1937-1945) também representou um grande impulso para a educação física brasileira.

associações destinadas ao adestramento e a sua projeção no futuro do indivíduo e da nação (artigo 132).

A Educação Física passou a integrar o corpo de disciplinas do ensino primário, ginasial e normal. As escolas normais de primeiro e segundo ciclo, destinadas, respectivamente a formação de regentes de ensino e professores primários contemplavam, as disciplinas práticas de trabalhos manuais, desenho, canto orfeônico, além da educação física. Em detrimento das disciplinas teóricas como as didáticas, psicologias, sociologias e metodologias eram oferecidas as disciplinas práticas em todas as séries dos cursos.

Agora que a Educação Physica está na ordem do dia, nos programmas officiaes e nas associações particulares, na casa do rico e na casa do pobre; agora que, felizmente, nos convencemos da necessidade de educar, fortalecer e desenvolver o physico dos brasileiros, por meio da gymnastica; agora que o entusiasmo se apoderou de professores e alumnos pela arte que fez a grandeza da Grécia (Antunes, 1/1/1937: 5).

Para atender as novas exigências relativas ao campo desportivo criou-se a Divisão de Educação Física (DEF) ligada ao Ministério da Educação e Saúde, através da Lei nº 378 de 13/03/37. No período de 1937 até 1970, os diretores do DEF foram na sua maioria militares: major João Barbosa Leite; coronel Caio Mário de Noronha Miranda; professor Alfredo Colombo; general Antônio Pires de Castro Filho; coronel Genival de Freitas; e coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira.

A criação da Divisão de Educação Física (DEF) foi uma ação significativa para a organização e controle da educação física no país (Ferreira, 1999: 51). O novo órgão técnico tinha como finalidade "dirigir, orientar e fiscalizar a prática da educação física nos estabelecimentos de ensino, oficiais e particulares, nos institutos de ginástica e nas agremiações desportivas do Estado" (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 637).

Nos Estados foram criadas as secretarias e/ou departamentos para promover o desenvolvimento da educação física. No Rio Grande do Sul foi criado o Departamento de Educação Física do Estado (DEEF) subordinado à Secretaria de Educação, cujo primeiro diretor foi o capitão Olavo Amaro da Silveira¹⁴². No discurso de inauguração do departamento destacou a importância da educação física:

o Governo Federal de nosso país, desde o ano de 1930 doou à educação física uma parte ponderável de suas realizações. Com o incontestável valor da educação física na formação de uma *nação forte*, os governos, indiferentemente de suas formas, foram obrigados a olhar com carinho e a *legislar* cuidadosamente para este setor da educação. O Chefe do Governo Rio Grandense não poderia ficar indiferente ao grande *movimento nacional* que tem tido, nesta última década, a educação física (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 637).

Entretanto, não havia professores suficientes para atender as escolas. No caso do Rio Grande do Sul, o governo interventor promoveu o aprimoramento dos professores realizando 15 cursos de aperfeiçoamento para diretores e orientadores de ensino, professores de música, de desenho e de educação física, no período de 1939 a 1942. Nestes cursos intensivos, os professores recebiam instruções para desenvolver as atividades cívicas nas aulas de canto, poesia e educação física. Além da preparação das festividades cívicas, a Educação Física deveria desenvolver a marcha e os jogos.

A valorização da educação física na construção da identidade cultural brasileira tornou imperiosa a formação de pessoal técnico para atuar nas escolas e nas associações desportivas, “de forma a poder ministrar a indispensável instrução sem os graves inconvenientes oriundos da falta de

¹⁴² O capitão Olavo Amaro da Silveira (nasceu em 1906) foi o fundador e organizador do Departamento Estadual de Educação Física. Ele cursou a Escola Militar e tornou-se oficial do exército em 1930 e capitão em 1937. Formou-se engenheiro geógrafo pela Escola Politécnica

conhecimentos especializados”. A importância atribuída aos benefícios do desporto e educação física cresceu com a necessidade de “assistência de técnicos especializados” (Revista do Globo, 1946a: 35). Para suprir a necessidade de profissionais especializados, o DEEF criou a primeira Escola Superior de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul (ESEF), instalada em Porto Alegre em 1940. No primeiro ano somente funcionou o curso normal, com 93 alunos do sexo feminino e 25 masculino, na sua maioria, eram profissionais oriundos das escolas estaduais (Pimentel, 1945)¹⁴³.

Além das atividades de educação física, a proposta de educação cívica preconizava a introdução do folclore no ensino escolar principalmente através do canto orfeônico em língua nacional (Avancini, 2000). O canto e os livros escolares guardadas as suas especificidades passaram a veicular os tipos regionais criados a partir do imaginário das diversas regiões do país: o gaúcho, o tropeiro, o caipira, o jangadeiro, o caiçara, o sertanejo. As diferenças culturais regionais não foram totalmente apagadas, mas sim remodeladas com a criação dos tipos regionais do Brasil. A linguagem folclorizada veiculou os tipos regionais como forma de representação do caráter mestiço e plural da nação. A identidade é concebida enquanto uma condição forjada a partir de determinados elementos históricos e culturais (Novaes, 1993).

Além da formação cívica, o plano nacional de educação visava a formação da mão-de-obra industrial. A educação pelo trabalho foi uma interpretação da idéia de educação pela experiência apresentada no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, em 1932. Desta forma, o ensino médio profissionalizante (agrícola, comercial e industrial) foi estruturado de forma a assegurar para uma população brasileira, predominantemente rural, a educação para o trabalho em uma sociedade que se transformara urbano-industrial. No Rio Grande do Sul, o ensino agrícola expandiu-se a partir de 1947, através da criação de escolas rurais em todo o Estado. A

do Rio de Janeiro e obteve o diploma de professor de educação física pela Escola de Educação Física do Exército (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 627).

Superintendência do Ensino Rural, órgão da Secretaria de Educação do Estado coordenava o ensino rural, tendo como pano de fundo a preocupação com os imigrantes que tinham suas próprias escolas comunitárias confessionais católicas e protestantes.

A legislação trabalhista foi uma peça fundamental no processo da formação do cidadão trabalhador brasileiro. Um dos mais altos valores a ser cultuado pela nação brasileira era o trabalho, que era visto como um meio do povo integrar-se à cidadania. O trabalho foi valorizado como um ingrediente do patriotismo e um atrativo para a população rural nordestina que fugia da seca em direção a região centro-sul do país.

A formação para o trabalho, não foi objeto exclusivo da ação do Estado, mas também encontrava precedentes na classe burguesa industrial. Às relações de poder impostas pelo processo de trabalho com base no Taylorismo eram diferenciadas. As novas exigências para o trabalhador brasileiro foram racionalização, disciplinarização, especialização e a eficiência no trabalho. A nova organização do trabalho proporcionou melhores condições de produção e de vida aos trabalhadores, porém ao mesmo tempo foi ampliado o controle das suas ações na empresa/fábrica e fora dela.

O trabalho para os imigrantes foi restrito pela Lei dos dois terços. Esta Lei exigia que dois terços de trabalhadores nas empresas nacionais fossem brasileiros natos ou naturalizados. Esta medida, além de garantir a mão-de-obra nacional forçou a naturalização de grande parte dos imigrantes residentes no país. Os grupos de imigrantes que já estavam instalados teriam sua vida controlada pelo Estado e os novos foram direcionados à colonização das fronteiras do país.

As novas leis migratórias implementadas pelo governo e as propostas de educação nacional reforçaram a nacionalização do país. A educação tornou-se

¹⁴³ A autorização para o funcionamento da ESEF foi concedida pelo Decreto nº 7.219 de 27/05/1941. Ela foi mantida pelo Departamento Estadual de Educação Física (DEEF) até o final dos anos 60, quando foi incorporada a UFRGS.

uma questão fundamental para a qualificação e homogeneização cultural do trabalhador. Os operários imigrantes falavam a língua de seus países de origem e para nacionalizar era necessária a padronização das formas de expressão e comunicação, bem como das formas de pensar, sentir e agir na constituição de um novo trabalhador.

Conforme Schwartzman, Bomeny; Costa (1984: 141-142), “a construção da nacionalidade deveria ser a culminação de toda ação pedagógica do ministério”. O Ministério da Educação e Saúde Pública (MES), implantou uma ação estruturada das políticas educacionais: padronizou o sistema educacional, imprimiu um conteúdo nacional a ser ministrado nas escolas, eliminou os conteúdos regionais que fortaleciam as minorias étnicas, lingüísticas e culturais. Além da reorientação educacional, foram realizadas reformas nos meios de transporte e indústria visando o desenvolvimento de regiões isoladas para evitar a fragmentação do país em unidades produtivas. Os meios de comunicação também foram alvo da intervenção estatal, e a imprensa em língua estrangeira foi proibida no país.

A propaganda estatal no período “Entre Guerras foi intensificada visando à eliminação das diferenças regionais étnicas e culturais em nome da nação (Seyferth, 2000: 149)”. A propaganda estatal contou com o significativo apoio de rádio e outros meios de comunicação. Surgiram novas revistas comprometidas com a divulgação das políticas do Estado Novo, como por exemplo, a Revista do Globo editada em Porto Alegre, a partir de 1929, com o apoio de Getúlio Vargas.

Para um maior controle sobre as informações veiculadas pela imprensa foi instalado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1934. O DIP tornou obrigatória a transmissão do programa Hora do Brasil em rede nacional, pelas emissoras de rádio, inspirando-se no programa A Hora da Nação, da Alemanha Nazista. O Almanaque Esportivo Amaro Junior trazia na capa a autorização do DIP. Para supervisionar outras questões foi criado o Departamento de Ordem Social e Política (DOPS).

A política nacionalista adotou mecanismos para impedir que se falasse livremente nos dialetos locais (alemão e italiano) e fosse adotada a língua portuguesa. Os grupos instalados em regiões isoladas, que eram fruto do processo migratório desencadeado a partir da segunda metade do século XIX, permaneciam cultivando sua cultura e língua de origem. A nacionalização desencadeou um conflito com a igreja católica que realizava os cultos nos idiomas locais derivados do italiano e alemão como meio de aproximação dos fiéis (Corsetti, 1986). A vida associativa identificada como associativismo étnico, através da fala do dialeto sofreu repressão (Seyferth, 1996; Fiori, 1995).

As estratégias de assimilação cultural associada às políticas da mestiçagem foram responsáveis pela integração dos diferentes grupos populacionais na comunidade nacional brasileira, através do sistema escolar unificado e a adoção da língua nacional. Através do ensino da língua nacional seriam transmitidos valores patrióticos e a cultura nacional visando à equalização das diferenças étnicas, religiosas ou sociais.

Em síntese, a campanha de nacionalização visava a formação da identidade cultural brasileira, pois o Brasil não tinha uma identidade e, portanto, não tinha uma nação. Retoma-se Avancini (2000) quando refere que não havia uma imagem de povo brasileiro, mas sim um Estado composto de governo e território. Assim, a Era Vargas (1930-1954) apresentou os elementos indispensáveis na definição do nacionalismo: “busca da identidade nacional, impulso patriótico, exigência de legitimidade, eficiência e moralidade políticas, preocupação com a justiça social e, principalmente ataque ao regionalismo” (Lauerhass, 1986: 23-29).

2.1.1 – A identidade regional do Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul é um Estado singular em relação ao Brasil, considerando-se a sua geografia, posição estratégica, povoamento, economia e modo como se insere na história nacional. Ao mesmo tempo é um Estado que possui uma diferenciação interna acentuada considerando-se aspectos

geográficos, étnicos, econômicos e de sua colonização (Oliven, 1992: 47). As diferenças culturais no Rio Grande do Sul tornaram-se marcantes em relação ao resto do país devido especialmente à imigração européia.

A cultura regional não se limita a si mesma e não vive apenas da relação com a cultura nacional. Conforme Noronha (1999: 30), a cultura regional se estabelece através de uma relação tensa com os modelos produzidos da cultura nacional e “produz aberturas específicas à sua historicidade em diferentes fronteiras simbólicas e reais”. A cultura regional do Rio Grande do Sul é fruto do tensionamento dos traços culturais dos distintos grupos migratórios na sua relação com os países vizinhos e com a cultura nacional.

A construção social da identidade gaúcha orientou-se pela dinâmica do Estado em enfatizar as peculiaridades locais e, simultaneamente, afirmar seu pertencimento ao Brasil (Oliven, 1992). Gutfreind (1992) analisou o conflito da identidade do Estado e reconheceu a existência das matrizes lusitana e platina na formação da identidade do gaúcho. A matriz lusitana considera o Rio Grande do Sul uma região que foi palco dos conflitos de interesses dos portugueses e espanhóis e, por isso um Estado importante para a construção da unidade brasileira. A matriz platina percebe o Rio Grande do Sul como uma porção esquecida do território brasileiro e, conseqüentemente, o motivo dos conflitos entre o poder central e os interesses regionais.

Os intelectuais do Rio Grande do Sul empenharam-se na defesa da lusitanidade na explicação da origem do gaúcho, traçando uma história sediada na estância, na vida campeira e na atividade da pecuária. A construção social da identidade gaúcha está baseada num passado que teria existido na região pastoril da Campanha no sudoeste do Rio Grande do Sul e na figura idealizada do gaúcho. A incorporação do gaúcho à tradição lusitana e a afirmação da sua brasilidade foi impulsionada nos anos 20. Os grandes responsáveis pela divulgação da identidade gaúcha foram o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) e a Livraria do Globo, que publicava obras de autores locais, como Aurélio Porto, Souza Docca, Othelo Rosa e Moisés Velinho.

Oliven (1992) analisa a construção da imagem do gaúcho e a emergência desta cultura como instrumento de homogeneização da cultura riograndense. O gaúcho, um tipo regional, serviu de representação social também para os colonos alemães e italianos das áreas de minifúndio onde nunca houve o complexo pastoril. A decadência da Campanha, a partir de 1870, e o crescimento de regiões do Estado, marcadamente pelas colonizações alemã e italiana, não impediram o culto das tradições gaúchas pelos imigrantes. Os imigrantes foram excluídos do modelo identitário no Rio Grande do Sul, apesar de sua projeção econômica e política. Da mesma forma, os negros e índios não foram valorizados.

Os imigrantes alemães idealizavam o gaúcho como um tipo socialmente superior. Para tanto, contribuiu o fato dos fazendeiros formarem a camada social mais poderosa do Estado. A cultura tradicionalista foi apresentada como alternativa integradora para as populações imigrantes. A escolha do tipo representativo do Rio Grande do Sul pela figura do gaúcho da campanha expressa a união dos habitantes do Estado em contraposição ao país. Um dos principais símbolos do gaúcho era o cavalo.

A representação dos gaúchos foi cultuada no âmbito de algumas instituições criadas em meados do século XIX. O Partenon Literário reunia intelectuais e “tentava juntar os modelos culturais vigentes na Europa com a visão positivista da oligarquia riograndense, através da exaltação temática regional gaúcha” (Gonzaga, 1980: 125-126). Essa sociedade visava o fortalecimento da representação de uma identidade gaúcha.

O tradicionalismo no Estado foi também representado pelo Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, criado em 1898. Essa agremiação tinha um caráter patriótico evidenciado nas festas e solenidades que resgatavam os costumes tradicionais. Segundo Jacques (1979: 58), era uma associação destinada a “manter o cunho de nosso glorioso Estado e conseqüentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares dos

acontecimentos que tornaram o sul-riograndense um povo célebre diante, não só de nossa nacionalidade, como do estrangeiro”.

O Grêmio Gaúcho de Porto Alegre era é uma associação igualitária, masculina, com finalidade literária, de jogos, e atividades sociais, sem conotação política. A agremiação tradicionalista buscava nos “jogos e elementos recreativos”, “jogos e diversões” e “exercícios” formas de representação da identidade do gaúcho. Além de enfatizar o culto as tradições gaúchas sem excluir os costumes presentes, o Grêmio Gaúcho questionou a influência das práticas [incluindo-se as desportivas] estrangeiras que se acentuaram no país nos anos 1920 (Pimentel, 1945: 113).

Carvalho (1999: 151) constatou que “o regionalismo gaúcho, de uma maneira geral, não difere dos demais regionalismos brasileiros”. Caracteriza-o como uma reação aos padrões culturais europeus adotados pela elite brasileira desde o século XIX. Os tradicionalistas alertavam para os “usos e costumes importados do estrangeiro” orientando para que as atividades “por meio de representação de atos, tais como canções populares, danças, exercícios e mais práticas dignas, em que os executantes se apresentem com o traje e utensílios portáteis, tais como os de usos gauchescos” (Jacques, 1979: 58).

As práticas desportivas eram um dos elementos de afirmação da identidade regional do Rio Grande do Sul. “O Rio Grande do Sul, dia a dia, mais se afirma nas lides desportivas. E os nossos jovens desportistas, depois de sublimarem as nossas marcas maiores, irão levar a outros Estados e talvez a outros países a pujança esportiva de nossa terra, e vencerão campeonatos nacionais e continentais” (Revista do Globo, 1936b: 7). Além de reforçar a identidade cultural do Estado, o desporto “gaúcho” aparece como uma forma de representação da identidade local em relação a identidade nacional.

A difusão da imagem do gaúcho no interior do Estado e para o resto do país contou com o impulso do movimento tradicionalista gaúcho desencadeado no final da década de 40 (Love, 1975). A figura do gaúcho é tomada como objeto de culto e não de estudo ou tema literário (Maciel, 1994). Foram criados

os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), que se expandiram para os estados brasileiros colonizados pelos gaúchos. Nas regiões gaúchas colonizadas pelos imigrantes alemães e italianos, a instalação de CTGs representou uma forma de engajamento à cultura local.

A cultura regionalista baseada na imagem do gaúcho campeiro foi sendo sobreposta a cultura de origem dos imigrantes. Este processo foi desencadeado mais incisivamente nos anos 30, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência da República do Brasil com vistas à implantação de um projeto modernizador da sociedade brasileira. Neste contexto, o Rio Grande do Sul ocupa um duplo papel no processo de construção da identidade nacional. Através de Getúlio Vargas, gaúcho, presidente do país, chega ao poder a nível nacional, porém precisa resgatar um passado histórico que identifique o Estado sulino como brasileiro. Era o momento do Rio Grande do Sul ser e estar brasileiro, para não restarem dúvidas quanto à sua fidelidade a unidade nacional, negando desta forma influências platinas e tendências separatistas (Oliveira, 1992).

No Rio Grande do Sul, vários pesquisadores (Aurélio Porto, Souza Docca, Othelo Rosa e Moisés Vellinho), se esforçaram na criação da imagem de um Rio Grande do Sul brasileiro (Gutfreind, 1990). A incorporação do Rio Grande do Sul no projeto do Estado-Nação brasileiro gerou visíveis conflitos com a cultura dos imigrantes alemães. A questão da identidade nacional constituiu-se num problema, pois havia uma certa ebulição de idéias a respeito do pertencimento nacional em todo o ocidente. A lusitanidade foi recuperada como um fator de identidade para se contrapor a germanidade dos alemães.

Gertz (1991) afirma que desde o início da imigração alemã há prevenções contra a presença dos alemães e seus descendentes em virtude da sua suposta inadaptabilidade ao Rio Grande do Sul e do conseqüente perigo não só de dissensões internas, mas da própria interferência imperialista alemã no Estado. Ele não nega os indícios dessas prevenções, pois os alemães destoavam do contexto gaúcho desde o ponto de vista biológico, com

cabelos loiros e olhos azuis (Daudt, 1952) até o ponto de vista lingüístico e cultural. Não havia nenhuma semelhança entre a língua alemã e a portuguesa.

Em Porto Alegre, onde a campanha de nacionalização foi imposta, de forma mais contundente devido à expressiva colonização alemã, os teuto-brasileiros relacionavam-se com dois modelos de Nação e de nacionalidade-cidadania e suas implicações culturais. Esta situação gerou um conflito com a imposição da idéia de nação brasileira, e foi agravada pela “brutal política de repressão durante a Segunda Guerra” (Gertz, 1994b: 55). A política nacionalizadora repercutiu nas instituições e associações vinculadas aos imigrantes, que sofreram intervenção da polícia e da população porto-alegrense. As associações desportivas, que resistiram a nacionalização foram regulamentadas pela legislação imposta em 1941.

2.2 – A Regulamentação das Associações Desportivas

As associações desportivas desenvolveram-se no país sem a intervenção do Estado brasileiro até os anos 30 (Tubino, 1992). As ações do Estado se limitavam aos aspectos relacionados com seu “poder de polícia e se restringia a regulamentar as condições para a realização dos espetáculos públicos” (Tubino, 1988: 68). Os primeiros atos normativos do governo federal direcionado ao campo desportivo são datados do final da década de 30.

A preocupação do governo brasileiro com a regulamentação e organização desportiva no país coincidiu com o Estado Novo (1937-1945). No plano internacional instalava-se uma crise com a deflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As idéias de contorno totalitário que circulavam nos países potências repercutiram nas questões nacionais brasileiras, inclusive no campo desportivo. O período de 1932 a 1945 foi um marco delimitador da primeira fase da legislação desportiva brasileira, caracterizado pelo governo autoritário e com alta centralização política no país (Krieger, 1999: 3)¹⁴⁴.

¹⁴⁴ O segundo período foi de 1945 a 1987, e o terceiro a partir da constituição de 1988.

Em 1938 foi criado o Conselho Nacional de Cultura - CNC (Decreto-Lei nº 526 de 01/07/1938) vinculado ao MEC, com a finalidade de coordenar todas as atividades relacionadas ao desenvolvimento cultural do país incluindo a “educação física – ginástica e esportes” (Melo, 1995; Krieger, 1999). A instituição do CNC atende a política de homogeneização cultural do país, inclusive no campo desportivo. Perry (1973) não encontrou evidências das contribuições do Conselho Nacional de Cultura para o campo desportivo. Entretanto, no mesmo ano foi editado o Decreto-Lei nº 383 de 1938, que faz restrições as associações que tinham estrangeiros nas diretorias e referissem outros países no seu nome ou no estatuto. O ano de 1938 culmina com a legalização do processo de formação da identidade cultural brasileira, pela chamada Lei da Nacionalização (Decreto-Lei nº 868 de 18/11/1938).

Segundo Lyra Fº (1973), o primeiro ato de participação do Estado na disciplina das atividades desportivas, com caráter permanente e de continuidade, foi a instalação da Comissão Nacional dos Desportos, através do Decreto-Lei nº 1.056 de 19/01/1939. As principais atribuições da Comissão eram realizar um estudo sobre o problema desportivo nacional e apresentar um plano geral para a sua regulamentação (Pellon, 1973). Essa Comissão deveria realizar um levantamento das atividades desportivas, elaborar sugestões para o aperfeiçoamento, e apresentar um estudo das instituições privadas para o efeito das subvenções. Quatro meses após a instalação da Comissão Nacional de Desportos, foi criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), conforme Decreto-Lei nº 1.212 de 07/04/1939, no Rio de Janeiro (capital do Brasil na época). A ENEFD surgiu com a finalidade de formar pessoal técnico, difundir conhecimentos, realizar pesquisas e imprimir unidade teórico-prática ao ensino dos desportos.

Em 1941, a Comissão Nacional dos Desportos apresentou o projeto da lei que estabeleceria as bases da organização dos desportos em todo o país. Com a promulgação do Decreto-Lei nº 3.199 de 14/04/1941 criou-se o Conselho Nacional de Desportos (CND) com a finalidade de “tornar os desportos cada vez mais um eficiente processo de educação física e espiritual

da juventude, e uma alta expressão da cultura e da energia nacionais”. O primeiro presidente foi João Lyra Filho e os demais membros eram: José Lins do Rego, Manuel do Nascimento Vargas Netto, Domingos Vassalo Caruso, Major João Barbosa Leite e Armando de Oliveira Bernardes (secretário) (Almanaque Olympicus, 1947: 404).

O CND estava vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, tendo a finalidade de orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos no país. Os cargos diretores eram ocupados por pessoas de expressão política e “parlamentares de maior aproximação com o governo” (Perry, 1973: 20). A influência política no CND impedia seu pleno exercício e, conseqüentemente, não atendia às necessidades do desporto nacional”. O quadro se alterou em parte quando, em 1942, a recordista internacional de natação Maria Emma Hulda Lenk Ziegler passou a integrar o Conselho Nacional de Desportos¹⁴⁵. Contudo, este fato ocorreu também porque Maria Lenk em suas manifestações públicas posicionava-se favorável ao governo de Getúlio Vargas (Castellani, 1988).

No exercício da função de organização desportiva do país, o CND criou uma estrutura sob a forma de confederações, federações, ligas e associações desportivas subjugadas ao seu poder administrativo. O modelo administrativo adotado pelo CND decorreu da “vastidão de nosso território e da impossibilidade de uma centralização administrativa” (Perry, 1973, p. 20). De acordo com esse autor, as entidades dirigentes máximas do desporto no país eram as confederações, caracterizadas como sociedades civis com fins desportivos, sendo privadas e dirigidas por poderes próprios.

Para o funcionamento, a confederação deveria obter aprovação do estatuto pelo CND, em parecer homologado pelo ministro da educação e cultura, além do alvará do governo federal. Esta situação gerou dúvidas e posições contraditórias sobre as entidades desportivas enquanto sociedades

¹⁴⁵ Ela freqüentou a Academia de Educação Física do Reich em Berlim, em 1936 (Lenk, 1982).

civis ou como delegadas do poder público. O principal poder de decisão da confederação era a assembléia das federações filiadas.

Às federações eram responsáveis pela administração desportiva nos estados, territórios e distrito federal. A sede das federações deveria localizar-se nas capitais dos estados e territórios brasileiros. O funcionamento estava atrelado a aprovação do estatuto pela confederação e, ainda, deveria obter parecer do Conselho Nacional de Desportos a ser homologado pelo ministro da educação e cultura. As ligas intermediavam a administração desportiva nos municípios e tinham um caráter facultativo. A fundação de uma associação desportiva dependia de uma assembléia para a aprovação do projeto estatutário. O acesso de uma associação desportiva à federação era determinado por critérios de eficiência moral, material e técnica a juízo da federação (conforme instrução do CND de 16/10/42).

A regulamentação dos estatutos das confederações, federações, ligas e associações desportivas foi conteúdo da Portaria Ministerial nº 254 de 01/10/1941. Os estatutos de entidades eram elaborados na conformidade das leis e normas vigentes, atribuindo essa situação pelo desconhecimento dessas normas, que, em verdade, são pouco divulgadas. O estatuto definia as atribuições dos poderes das associações e entidades desportivas, a saber: presidência, diretoria e conselho deliberativo. Estas funções de direção das entidades não eram remuneradas.

O poder de decisão em todas as ações da associação era do presidente e vice-presidente, que exerciam uma função executiva, independente da diretoria. A diretoria, composta pela presidência, tinha um poder distinto com responsabilidade administrativa. A estrutura administrativa das entidades era composta também da assembléia geral, tribunal de justiça desportiva, conselho fiscal, conselho supremo (não era obrigatório), e conselho deliberativo para as associações desportivas.

A vigência do estatuto iniciava pela aprovação dos conselhos deliberativos, no caso das associações desportivas e pelas assembléias gerais

de filiados para as entidades desportivas (confederação, federação e liga). As entidades filiadas tinham direito ao voto na assembleia geral, quando em condições plena dos seus direitos. Incluía-se entre as exigências, a disputa em mais de um campeonato, sendo o direito às próximas votações atrelado a participação em um novo campeonato desportivo. Os cargos das diretorias das confederações, federações, ligas e associações desportivas seriam compostos por brasileiros natos ou naturalizados (Decreto-Lei 3.199/41, artigo 51).

O cargo de dirigente poderia ser ocupado por estrangeiro radicado no país, que se destacasse pelos relevantes serviços prestados ao desporto nacional. Nestes casos, era necessária a autorização do CND. A Deliberação 34/44 regulamentou a matéria sobre a participação de estrangeiros, definindo que “a exceção não seria aplicada quanto ao exercício da presidência de uma entidade desportiva, exigiu que seria condição para a permissão do CND, possuir o estrangeiro mais de vinte anos de permanência no seio da comunidade nacional” (Perry, 1973: 51). Aos cidadãos portugueses foram estendidas as mesmas prerrogativas que aos brasileiros natos ou naturalizados (Deliberação 35/44).

A legislação forçou as associações desportivas a constituírem suas diretorias exclusivamente com cidadãos brasileiros, restringindo a participação dos “estrangeiros” na administração da associação. O conselho deliberativo das associações desportivas que totalizassem mais de mil sócios deveria reunir no mínimo 20 conselheiros, dentre os quais dois terços de brasileiros natos ou naturalizados, e um terço constituído de sócios contribuintes. O conselho era eleito por uma assembleia constituída pelos sócios quites com a mensalidade e maiores de 21 anos. Faz-se a ressalva que com a idade de 18 anos, o cidadão brasileiro era obrigado a votar, segundo o código eleitoral brasileiro.

A participação de estrangeiros no seu quadro deveria ter o aval do CND. Os critérios para a composição do conselho deliberativo revelam a intenção de “manter uma maioria de brasileiros decidindo sobre os destinos de um clube”. Também mostram a intenção de fazer com que os sócios contribuintes

(patrimoniais, proprietários, remidos, enfim aqueles que contribuíram de uma só vez) participassem ativamente da alta administração das entidades para que não ficasse exclusiva dos sócios titulados (mais antigos). Nas assembleias instituiu-se que as manifestações dos sócios seriam coletivas. Esta exigência dificultou a oposição política nas associações.

A nova estrutura desportiva não incorporou os desportos que tinham um baixo número de praticantes e associações. O CND era representado nos estados e territórios brasileiros, pelo respectivo Conselho Regional de Desportos (CRD), refletindo a mesma hierarquia dos órgãos governamentais. Na esfera das atribuições do Conselho Regional de Desportos competia “traçar as normas desportivas, não apenas regulamentando os atos emanados dos poderes Executivo e Legislativo, como também, exercendo sua função fiscalizadora, normativa e baixando as deliberações, que adquirem força de lei” (Perry, 1973: 20). Nos estados e territórios onde foi instalado, o CRD limitava-se ao fornecimento de alvarás de funcionamento aos clubes e entidades e o registro dos contratos de jogadores de futebol.

Os membros do Conselho Regional de Desportos eram nomeados pelos governadores de Estado, com exceção de uma pessoa indicada pelo CND. O cargo de presidente do CRD não poderia ser acumulado com qualquer outro em entidade desportiva da respectiva jurisdição (Deliberação 18/43). O Conselho Regional de Desportos (CRD) do Rio Grande do Sul foi instalado em Porto Alegre no final do ano de 1941, tendo como presidente Euclides Aranha Filho e como membros, doutor Herophilô Azambuja, Capitão Darcy Vignoli, capitão Olavo Amaro da Silveira (Almanaque Olympicus, 1945: 452). No Regimento do Conselho Regional de Desportos do Rio Grande do Sul, aprovado pelo Decreto-Lei nº 615 de 19/10/1942, consta que o CRD seria constituído de cinco membros: um indicado pelo CND, um indicado pelo governo do Estado, um pela Federação Riograndense de Futebol, e dois pelas demais federações desportivas do Estado. A decisão da nomeação dos membros indicados pelas federações desportivas, através de listas tríplexes, estava a cargo do governo do Estado.

As competências dos Conselhos Regionais de Desportos estavam atreladas ao CND. O CRD tinha a incumbência de inspecionar a organização e o funcionamento, além de emitir parecer sobre os estatutos das associações desportivas, (Deliberação do CND nº 13/43). Perry (1973: 40) considerou “inútil a medida porquanto em matéria de estatuto só podem prevalecer as normas emanadas das entidades desportivas de hierarquia superior e as disposições legais, não havendo razão para que o CRD, órgão estadual se pronuncie”. O autor defende a centralização das decisões pelo CND se opondo até mesmo a apreciação do documento pelo CRD. A situação evidencia que o papel do CRD era enfraquecido nos Estados.

A aprovação ou não do estatuto que rege uma associação desportiva é uma decisão importante para obter-se o controle da entidade com relação a sua identidade. Em 1945 (Decreto-Lei nº 8.458 de 26/12/1945) foi aprovado que o registro dos estatutos das associações desportivas dependia somente do parecer da federação a qual estivesse ligada. Após o cumprimento das formalidades exigidas pelos órgãos competentes, os estatutos eram registrados nos cartórios das pessoas jurídicas.

Além do estatuto, o funcionamento da associação desportiva dependia do “Alvará de Funcionamento”. O Alvará condicionou o funcionamento das associações à prévia licença do poder público, tornando-se uma exigência fundamental para o funcionamento de uma entidade desportiva, a partir do Decreto-Lei nº 5.342 de 25/03/1943 (artigo 4º). O Alvará de Funcionamento fornecido à associação pelo Conselho Regional de Desportos era uma condição prévia para licenças ou vistorias para jogos, festas e reuniões, inscrição em campeonatos, competições nacionais e internacionais, títulos desportivos, colocações e direitos, registro de contratos, subvenções, empréstimos e outros favores do poder público.

Para a obtenção do Alvará de Funcionamento, as entidades desportivas deveriam enquadrar-se em algumas exigências e instruções (Deliberação 20/43/CND). No pedido de concessão de Alvará deveriam constar as seguintes

informações: a) prova de filiação, pelo menos a uma entidade superior, quando se tratar de associação, salvo se tiver sido relacionada como tal, por entidade de direção; b) nome, profissão, nacionalidade e residência do presidente; c) resposta aos quesitos relativos ao “cadastro desportivo”; d) relatório de suas atividades no ano anterior, quando se tratar de confederação, federação ou liga (Brasil, 1993). Caso a entidade desportiva não fizesse o pedido de requerimento do Alvará ou de renovação seria penalizada com multas e estava sujeita a suspensão temporária de funcionamento. Nos casos extremos quando constatada alguma irregularidade poderia ocorrer à cassação da licença para funcionamento pelo CND.

O alvará não seria concedido á associação nos seguintes casos: a) se o nome estivesse escrito no idioma estrangeiro; b) se o nome no idioma nacional coincidissem com o de instituição, órgão público ou autárquico brasileiro, com exceção das entidades classistas; c) nome que ensejasse propaganda de atividades lucrativas, ressalva às associações que pertencerem a centro classista de desportos; d) nome que traduzisse manifestação de sentimento a pessoas físicas, “salvo quando evocar expressão tutelar da História do Brasil; possa desmerecer o amor cívico, menosprezar a amizade de outras nações e, ainda provocar crítica justa, pela impropriedade ou insensatez da escolha, ou pelo espírito de frivolidade que o anime” (Pellon, 1973: 17). O Alvará deveria ser renovado anualmente junto ao Conselho Regional de Desporto, no primeiro trimestre de cada ano, sendo válido para o ano de sua expedição. Para a obtenção do Alvará de Funcionamento, as associações desportivas que ostentavam nomes em italiano e alemão deveriam substituir para uma denominação em português.

As expressões desportivas também deveriam ser nacionalizadas e uniformizadas. O Conselho Nacional de Desportos instituiu a comissão composta pelos professores Antenor Nascentes, Jacques Raimundo e Afonso Várzea, em sessão realizada no dia 07/07/1941 (Diário Oficial da União de 22/7/1944) para a organização do plano de nacionalização. A uniformização das expressões usadas nos desportos visava extirpar os estrangeirismos de

influência inglesa predominantes no país¹⁴⁶. De acordo com Perry (1973: 31) o plano “nunca foi posto em prática”. Este autor discordava das mudanças das expressões desportivas, pois elas “se integravam à linguagem do povo, com as deturpações naturais, que em nada afetam o nosso espírito nacionalista”.

Ainda com relação aos termos e expressões, a associação não poderia incorporar ao seu nome próprio qualquer palavra que alterasse a expressão do domínio de suas atividades, que se restringiam à órbita do município, território ou distrito federal. A qualificação, pelo nome, de uma associação desportiva não poderia ser derivada dos vocábulos “Nação”, “Brasil”, “Distrito Federal”, “território” ou “município”, que são privativos do CND, confederações, federações, ligas e centros classistas. Foi vedado à associação incorporar ao seu nome a palavra “BRASIL”, salvo autorização do CND, em parecer homologado pelo Ministro da Educação e Cultura (Conselho Regional de Desportos, 1985).

As associações desportivas deveriam organizar o desporto tanto profissional como amador. A associação tinha a opção de profissionalizar os atletas que tivessem auxílio pecuniário para participar de competição desportiva. O desporto amador deveria ser oferecido obrigatoriamente pelas associações que mantivessem o profissionalismo. A entidade que aplicasse a receita ordinária das mensalidades dos associados ou gerasse ônus ao patrimônio social com despesas resultantes do desporto profissional seria penalizada com a possibilidade de extinção das atividades desportivas. Às associações foi proibida a aquisição de material desportivo no exterior, desde que no país se produza sucedâneo em iguais condições (Portaria Ministerial nº 254, de 1/10/1943).

O desenvolvimento dos desportos amadores foi incentivado voltando-se para o desenvolvimento físico e o apuro eugênico da juventude. As competições deveriam voltar-se exclusivamente para atletas amadores. Foi proibida a participação dos menores de 16 anos em qualquer prova desportiva

¹⁴⁶ O futebol é um rico exemplo na utilização de “estrangeirismos”, que definiam uma

que se prolongasse além das 20 horas. Ainda foi exigida a criação de biblioteca social nas associações voltando-se para a formação dos desportistas amadores.

No âmbito dos desportos profissionais e amadores todas as entidades desportivas deveriam obrigatoriamente adotar as regras internacionais para a prática dos desportos no país. As confederações obedeceriam às regras desportivas da entidade internacional, a qual estivessem filiadas regulamentando-se as competições desportivas no país. A participação das associações e entidades nas competições realizadas no país e exterior foi condicionada a autorização do CND. Os largos prazos exigidos pelo CND na solicitação de autorização para participação nas competições nacionais e internacionais foram criticados, especialmente, em relação ao futebol por demais rigoroso, não se atendo à realidade. Os espetáculos de futebol e as demais promoções de atividades pelas entidades desportivas, foram sujeitos a normas disciplinares pelo CND (Resolução de 04/11/1942).

A participação de atletas estrangeiros nas competições foi regulamentada pelo CND, permitindo-se a participação de apenas um atleta estrangeiro nas exibições desportivas das equipes nacionais. Em casos excepcionais era autorizada a participação de até três atletas estrangeiros em cada equipe. Da mesma forma, a contratação de técnicos estrangeiros deveria ser autorizada pela CND. As entidades desportivas não poderiam contratar técnicos ou auxiliares técnicos de nacionalidade estrangeira, salvo se destinassem a qualquer serviço oficial (artigo 52).

A atuação de técnicos estrangeiros nas associações foi atrelada a necessidade de preparação de atletas profissionais e existência de departamento amador do mesmo ramo desportivo. O técnico estrangeiro receberia a mesma remuneração que um técnico diplomado. O Decreto-Lei (artigo 38) tornou obrigatória a presença de técnicos desportivos diplomados

terminologia peculiar ao "sportman" (Amaro Jr., 1945b; Pereira, 1998).

nas cidades brasileiras com população superior a 100.000 habitantes, para atuar em algumas modalidades.

A prática desportiva feminina também era tratada de forma excepcional pelo CND. O CND proibiu as mulheres de praticar o pólo aquático, rugby, por serem desportos considerados incompatíveis com o sexo feminino. As práticas desportivas recomendadas para as mulheres, por que não envolvem excessivo contato corporal ou choques contra o chão, era a ginástica feminina, o voleibol, a natação e dança. Desta forma, as associações desportivas deveriam organizar o departamento feminino para incentivar os desportos úteis à cultura física da mulher.

As associações não recebiam auxílio financeiro do governo, tendo que arcar com as despesas ou contando com a ajuda financeira de algum sócio. A nova legislação proibiu o funcionamento das associações que resultavam em lucro para aqueles que investiam capitais. O Decreto-Lei determinou que as subvenções que fossem concedidas pelos governadores deveriam ser informadas pelos CRDs ao CND. A iniciativa do CND previa a um modelo de gestão financeira e administrativa para as associações. A adoção do modelo contábil pelas entidades desportivas não chegou a ser executada.

Embora a organização desportiva nacional tratasse de forma diferenciada as entidades desportivas todas deveriam exercer uma função de caráter patriótico (Decreto-Lei nº 3.199/41, artigo 48). O papel patriótico poderia ser demonstrado de várias formas. Os símbolos das entidades e associações desportivas deveriam refletir o espírito patriótico dos dirigentes e associados.

A legislação apresenta uma visão do desporto como instrumento de dominação e “espelha uma postura autoritária de tutela e de controle do esporte do povo e da juventude” (Vargas, 1995: 41). A Lei que institucionalizou o desporto projetou uma política desportiva cuja alienação circunstancial ultrapassou a década de 40, evidenciando-se no desporto nacional uma relação “forte de dependência governamental com base na tutela e o paternalismo estatal” (Tubino, 1988: 77). A postura corporativa e

intervencionista do Estado brasileiro e a conseqüente falta de autonomia das associações desportivas contribuíram para a construção de um quadro “débil” do desporto brasileiro na década de 80.

A edição do Decreto-Lei nº 3.199/41 foi um marco no nascimento da legislação desportiva brasileira ao elaborar o Código Nacional de Desporto. O Código do Desporto determinou que os clubes seriam o lugar por excelência do desenvolvimento desportivo no país: As associações desportivas, entidades básicas da organização nacional dos desportos, constituem os centros em que os desportos são ensinados e praticados.

Para Vargas (1995: 42) as contribuições do Decreto-Lei nº 3.199/41 foram “a adoção das regras internacionais e o preceito de que o desporto seria regulado pela lei federal. Desta forma, “o país passa a ser como um corpo nacional e se coloca em contato com outros corpos nacionais”. O desporto e a educação física, que nas leis anteriores apresentavam uma ligação implícita, foram apresentados separadamente.

A atividade do CND foi muita intensa no período de 21/10/1941 a 12/09/1990, totalizando 431 deliberações e resoluções. As resoluções aprovadas até 1958 trazem a marca da ditadura e da atuação tutelar e policialesca do Estado totalitário. “O discurso jurídico é um suporte crucial da linguagem abstrata que permite descontextualizar e, conseqüentemente, negar a subjetividade do outro no mesmo processo em que a designa e a avalia à luz de critérios pretensamente universais” (Santos, 1993: 16).

As intervenções do CND, a partir de 1985, visavam a democratização do desporto nacional, caracterizando um novo clima político no país, mas ainda permanece o ranço tutelar e paternalista do Estado. O Conselho Nacional de Desportos foi extinto pela Lei nº 8.672 de 06/07/1993, a chamada “Lei Zico”. Esta mesma lei aboliu a exigência do Alvará de Funcionamento das entidades e associações desportivas.

2.3 – As Repercussões da Nacionalização nas Associações Desportivas Teuto-Brasileiras em Porto Alegre

As primeiras ações no sentido da nacionalização das associações desportivas foram desencadeadas durante a primeira Guerra Mundial (1914-1918). A entrada do Brasil na guerra, em 1917, gerou uma onda de desconfiança em relação à população imigrante no país. O sentimento de brasilidade dos teuto-brasileiros foi questionado pelos nacionalistas. Em Porto Alegre, houve manifestações de hostilidade a esta comunidade, através de atos de violência nas principais ruas da cidade em abril de 1917. Alguns estabelecimentos comerciais dos teuto-brasileiros foram invadidos e destruídos¹⁴⁷.

O período após primeira guerra é caracterizado pelas primeiras tentativas de nacionalização das regiões de imigração no país. As associações que tinham nome em alemão foram pressionadas a mudar seu nome para a língua portuguesa. O “Ruder-Verein Germania” passou a chamar-se “Clube de Regatas Guahyba” e o “Ruder Verein Freundschaft” mudou o nome para “Grêmio Náutico União”, em 1917. A mudança do nome desta associação gerou uma polêmica entre os membros da direção que não aceitavam usar termos em inglês na denominação, como aconteceu em outras sociedades. Para alguns associados o vernáculo era aceitável, mas o uso de termos na língua inglesa representava uma perda de identidade da associação.

Após dez anos da inauguração o clube mudou de nome. A proposta inicial era chamar-se “Club de Regatas União”, mas os argumentos contrários não permitiram que um termo inglês permanecesse. “Se nós queremos mudar do alemão para o português, e surge, agora, uma palavra inglesa - “club”-, proponho que se respeite o vernáculo. Para se adotar uma palavra de outra língua, o melhor é

¹⁴⁷ Fortini (1959) registrou ações hostis aos teuto-brasileiros na Exposição Brasileira-Alemã realizada em 1881. Após sua realização foram rifados os objetos da exposição, mas foram espalhados boatos que a rifa estava sendo fraudada, por que os melhores objetos ficavam com os teuto-brasileiros, enquanto os piores ficavam com os brasileiros. Os brasileiros descontentes reuniram-se e incendiaram o pavilhão central da exposição, que foi totalmente destruído.

deixar em alemão, mais autêntica e original.” Assim, a palavra “club” foi substituída por “Grêmio”, no lugar de “regatas” adotou-se o termo “náutico” e a palavra “união” substituiu “amizade” (Revista do Globo, 1966: 62-63).

A mudança de nome da associação para Grêmio Náutico União gerou problemas internos com os associados que não aceitavam a nacionalização. Conforme Hofmeister (1981: 11), “o clube foi crescendo gradual e paulatinamente e após a crise decorrente da mudança da denominação, o progresso acelerou-se”. A afirmação do autor sugere que o “progresso” do clube foi maior depois da nacionalização. Hofmeister (1981), autor do livro comemorativo dos 75 anos de fundação do Grêmio Náutico União (GNU) e ex-presidente da associação, tinha interesse em mostrar que o clube tornou-se brasileiro e que seu desenvolvimento estava condicionado a sua nova identidade cultural.

Havia um clima de desconfiança quanto a verdadeira função das sociedades de tiro ao alvo teuto-brasileiras (Gertz, 1994a). Conforme Kreling (2000: 2), “mesmo os associados alegando que as espingardas de caça calibre 22 e 36 e os revólveres trazidos da Alemanha eram destinados à prática do tiro ao alvo, as armas foram confiscadas, sendo impedidos de fazer uso do fuzil”. As associações de tiro foram incorporadas pelo exército brasileiro, que passaram a denominar-se Tiros de Guerra (Decreto nº 3.361 de 26/10/1917). Os Tiros de Guerra, eram entidades cívico-militares localizadas nas cidades do interior, atendendo em algumas localidades filhos de imigrantes que não falavam o português (Fortini, 1959). Diante deste contexto, “os oficiais e sargentos viram-se na contingência de ao lado da instrução militar, ensinarem o vernáculo”¹⁴⁸.

As associações tiro e de ginástica estavam ligadas aos teuto-brasileiros pelas atividades sociais, culturais e desportivas. A prática da ginástica foi

¹⁴⁸ Mazon (1945: 137) relatou o caso ocorrido no Tiro 4, onde 20 rapazes teuto-brasileiros primeiro aprenderam a falar português com um capitão de atiradores para posteriormente serem admitidos na sociedade.

questionada enquanto atividade de afirmação da cultura alemã. A sociedade Turnerbund sofreu forte pressão para nacionalizar-se. O time de futebol da sociedade chamado “Manschaft Frisch Auf” (Equipe Sempre Avante) solicitou o licenciamento da Liga Portoalegrense de Futebol e, logo após, foi extinto devido a um incidente ocorrido na partida de futebol contra o popular Clube Porto-Alegrense realizada no seu próprio campo (São João). Quando o time da Sociedade Turnerbund abriu a contagem no jogo, foi hostilizado pela torcida adversária. O campo de futebol foi invadido pelos populares armados de paus e garrafas vazias, ocasionando um conflito generalizado, inclusive, envolvendo o árbitro e os jogadores. Este acontecimento reproduziu em campo velhas desavenças étnicas entre os luso-brasileiros e teuto-brasileiros relacionadas à formação de um sentimento nacional de brasilidade.

Em consequência deste conflito, o campo de futebol passou a ser utilizado para a prática do “atletismo, punhobol, e demonstrações cívicas, culturais e desportivas” (Tesche, 1996: 70). Apesar desses acontecimentos, a sociedade Turnerbund permaneceu numa posição de continuidade aos princípios da cultura alemã. Manteve seus estatutos e atas sendo redigidos em língua alemã e continuou “fechada”, promovendo suas competições desportivas e participando dos festivais de ginástica no período posterior a primeira guerra. A “Deutsche Turnerschaft” (Liga de Ginástica) do Rio Grande do Sul determinava que “nas sociedades pertencentes a Turnerschaft o comando seja realizado unanimemente em língua alemã”¹⁴⁹. No período de 1917 a 1920 não houve eleição para a nova diretoria prorrogando-se o mandato do presidente J. Aloys Friederichs.

Devido à resistência da sociedade em manter suas fronteiras culturais, a Sociedade Turnerbund foi excluída da competição promovida pela Associação Cristã de Moço (ACM), em 1918. Seus atletas acabaram inscrevendo-se para representar outras associações. Em razão do ocorrido, a ACM fez um convite indireto à Sociedade Turnerbund, através de uma carta escrita à Liga dos

¹⁴⁹ Relatório da Diretoria da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, de 10 de outubro de 1921. Livro de Atas da Diretoria (Ramos, 2000).

Esportes de Porto Alegre. Com a confirmação da participação, a sociedade Turnerbund submeteu seus atletas a “treinamentos puxados”, pois “devido a certas circunstâncias nossos atletas estavam atrasados em 3 a 4 semanas quanto às outras sociedades” (Daudt, 1942: 21). As “circunstâncias” se referem aos incidentes ocorridos com esta sociedade durante a primeira guerra mundial, os quais forçaram a interrupção de muitas atividades no período¹⁵⁰. Suas atividades sociais e desportivas de 1917 a 1919 apresentam uma pequena queda em relação ao período anterior, fato também observado com relação ao número dos sócios efetivos.

A competição promovida pela ACM foi realizada no campo de futebol do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, uma associação teuto-brasileira, que pela primeira vez cedeu seu espaço físico para realizar uma competição aberta às outras sociedades desportivas. Esta também pode ter sido uma das razões para a participação da Sociedade Turnerbund, que sempre manteve estreitas relações com o Grêmio. A particular condição da Sociedade Turnerbund não a isentou de fazer críticas a competição que iniciou pela manhã, com chuva torrencial no Prado Moinhos de Vento.

É certo que não havia poeira, mas os pés desapareciam até os tornozelos na areia falsa e molhada. Alguns obstáculos armados no campo, e um monte de serragem descarregada no centro do mesmo denotavam que se pretendia realizar ali Jogos olímpicos, aos quais concorriam 104 atletas. Nada estava preparado. As canchas para os saltos eram mais do que primitivas. O gramado estava desparelho, a terra escorregadia como um autêntico deslizadeiro. Preferíamos as canchas de corrida e saltos demarcadas e determinadas, as chegadas providas de aparelhamento próprio. Mas a fita

¹⁵⁰ O Departamento de Canto, fundado em 1912, quase foi extinto em fins de 1920. Em 1937 sobreviveu a uma “tremenda crise” e foi reorganizado em consequência do êxodo da totalidade dos componentes. Em seguida, o departamento ressurgiu “integrado por completo no espírito da nacionalização e brasilidade. Isto significa, que o departamento adotou o canto exclusivamente em vernáculo. Esta tarefa não foi fácil devido a “falta quase completa de músicas apropriadas”, mas o maestro do departamento trabalhou para obter “músicas em português, compostas, modificadas ou adaptadas, para o coro a 4 vozes” (Daudt, 1942: 36).

na chegada era segura por dois cavalheiros. O acidente, que poderia ter conseqüências fatais, teria sido evitado, se houvesse espaço limitado para a assistência. O prado possui um pavilhão ideal, mas do seu terraço e das suas bancadas não se podiam observar as lutas, já que o público invadira as canchas, envolvendo em massa os competidores. Um dos nossos atletas, arremessando o peso, escorregou na terra molhada e o peso levou a sua trajetória entre o público, ferindo três espectadores, dos quais um gravemente (Daudt, 1942: 21).

Apesar de todos os problemas enfrentados pelos atletas da Sociedade Turnerbund, como pouco tempo de treino para a competição, clima frio e úmido e a escuridão da noite, esta sociedade somou a maior pontuação entre as nove associações desportivas porto-alegrenses. A vitória expressou a força desportiva da Sociedade Turnerbund, como também, a afirmação da sua identidade cultural.

No período após a primeira Guerra Mundial, houve o crescimento das sociedades de ginástica (Wieser, 1990). As associações teuto-brasileiras eram controladas pela embaixada alemã localizada no Rio de Janeiro, que auxiliou na superação da crise pós-guerra (Levine, 1980). A expansão das sociedades atingirá o seu ápice no final da década de 30, totalizando 33 sociedades no Rio Grande do Sul. De acordo com Daudt (1952), a Sociedade Turnerbund que contava com 800 associados em 1919, totalizou 1.360 sócios até o Estado Novo (1937-1945).

Em 1924 foi realizada a festa do Centenário da Imigração Alemã, que se configurou como um espaço de representação dos ideais da cultura alemã e as sociedades de ginástica como guardiãs destes ideais¹⁵¹. A festa foi uma celebração da etnia alemã, que teve sua importância reconhecida pelas autoridades brasileiras no desenvolvimento do Estado e do país. Devido à

ascensão econômica e política dos teuto-brasileiros, houve uma interação maior com a sociedade gaúcha e nacional.

A vinculação do Tennis Club Germânia com a Sociedade Turnerbund não foi bem recebida depois da primeira guerra mundial, pois embora a associação fosse uma entidade autônoma, estava localizada na propriedade da Sociedade Turnerbund e seus associados também eram membros desta sociedade. A associação foi forçada a mudar o nome para Tennis Club Ypiranga, mas manteve sua identidade cultural teuto-brasileira. Em 1939, durante a campanha de nacionalização, foi oficialmente incorporado a Sociedade Turnerbund, transformando-se no seu departamento de tênis.

A nacionalização das associações desportivas atingirá seu ápice no Estado Novo (1937-1945) agravando-se ao ensejo da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (Franco, 2000)¹⁵². Conforme Vogt (2001: 14), a repressão foi intensa: “livros queimados; professores presos; alunos castigados; sociedades de canto e de tiro com suas atividades encerradas; bailes e as festas suspensas; lápides de túmulos de cemitérios violadas; pessoas sendo vigiadas e punidas por fazerem uso do dialeto alemão”. A proibição da língua alemã, praticamente, impossibilitou muitas pessoas de se comunicarem. As pessoas que empregavam a língua alemã iniciaram o monitoramento da própria fala para evitar represálias (Wünsch, 2001).

As associações identificadas por desenvolverem ações e valores alheios ao projeto de formação da identidade cultural brasileira sofreram repressão. Foram alvo de uma série de imposições visando o seu alinhamento com a nova ordem social brasileira e mundial. As associações desportivas deveriam exprimir e afirmar um sentimento de “ser brasileiro”. O Estado não concebia as associações desportivas cultivando tradições e costumes “estrangeiros”.

¹⁵¹ Conforme Ramos (2000), a festa do Centenário teve uma comemoração oficial, que foi realizada em setembro de 1924 e outra na data real do acontecimento, no dia 25 de julho, sendo liderada pela Sociedade Ginástica de São Leopoldo.

¹⁵² Em função dos acontecimentos, as sociedades italianas encerraram suas atividades desportivas, sociais, culturais, filantrópicas ou foram encampadas por outras agremiações (Licht, 1992).

Era inaceitável para os porta-vozes do nacionalismo brasileiro a reivindicação teuto-brasileira, ou seja, o desejo de plenos direitos de cidadania e a promessa de obediência ao Estado e às leis do Brasil, embora conservando-se a identidade étnica alemã. A situação era ainda mais complexa do que parece, em vista da intensa disseminação de teorias racistas e de políticas nacionalistas em germanidade, as associações – e entre elas o Turnerbund (SOGIPA) – eram visadas pelo nacionalismo brasileiro como instrumentos do pangermanismo (Silva, 1997: 51).

O Grêmio Náutico União, que já havia iniciado a nacionalização em 1917 adotando outro nome, elaborou o novo estatuto e consagrou seu papel cívico. A associação “visava a prática, o incentivo e a cultura de todos os desportos, principalmente os náuticos e aquáticos, e o desenvolvimento do civismo entre todos os seus associados e familiares. Desde sua fundação, é uma entidade brasileira, particular, pertencente aos seus associados, tendo personalidade jurídica” (Hofmeister, 1981: 4). Os ideais do associativismo foram afirmados no estatuto: seu objetivo é integral, pois visa a obtenção do ideal de *uma alma sã n'um corpo sã*, abrindo oportunidades a seus associados de todas as idades e ambos os sexos.

A Sociedade Turnerbund procurou demarcar seu caráter patriótico com um discurso em prol da maior eugenia da raça, e de uma mocidade forte, grande, pura e sadia”, em 1937 (Pimentel, 1945: 17). Esta sociedade de ginástica também excluiu os associados que não estavam de acordo com os novos rumos do país e da própria sociedade. A sociedade de ginástica afasta os políticos estrangeiros que procuravam, ao intervir nos interesses sociais dos brasileiros, dar à sociedade rumos e diretrizes diferentes e anti-patrióticos.

O apoio da Sociedade Turnerbund ao desporto amador¹⁵³, sem visar rendimentos financeiros era um discurso usado para demonstrar seu patriotismo: “com vistas ao bem da raça, a uma melhora constante de caracteres, para uma mocidade digna, para uma pátria grandiosa” (Pimentel, 1945: 17). Esta sociedade de ginástica declarou, em 1940, que tinha “por objetivo congregar seus sócios para fins desportivos e recreativos, cultivando através do espírito associativo os costumes legados por seus ancestrais, a serviço do Brasil” (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 642).

A Turnerbund Navegantes São João fundada em 1927, por membros da Sociedade Turnerbund teve que mudar o nome para “Sociedade de Ginástica Navegantes São João”. A campanha de nacionalização foi um meio de forçar as associações desportivas a se integrar ao projeto nacional. As ações do governo brasileiro refletiram de diferentes formas nas associações desportivas de Porto Alegre.

As sociedades de tiro, novamente, foram atingidas por serem vistas como espaços de reforço da cultura alemã. A Musterreiter-Club mudou o nome para Sociedade dos Caixeiros Viajantes de Porto Alegre (atualmente é a Associação Sul-Riograndense dos Viajantes Comerciais)¹⁵⁴. A intervenção junto às sociedades de tiro trouxe prejuízos a prática do tiro, que se tornou uma modalidade desportiva de pouca expressão nos anos 40 (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 636).

O “Clube de Regatas Porto Alegre” (Ruder Club Porto Alegre) e o “Clube de Regatas Guahyba” (Ruder-Verein Germânia) fundiram-se formando o “Clube de Regatas Guahyba Porto Alegre”, conhecido por GPA, no final do ano de 1936. Possivelmente, as tradicionais associações de remo de Porto Alegre tenham decidido pela fusão como uma estratégia de sobrevivência ao novo

¹⁵³ As sociedades ginásticas tiveram um papel fundamental na divulgação da maioria dos desportos no RS. Em Santa Cruz do Sul, considerada capital gaúcha do basquete foi a Sociedade Ginástica que introduziu este desporto, em 1931 (Weis 1998: 24).

¹⁵⁴ Conforme Kreling (2000), a sociedade de atiradores foi invadida e por precaução os associados enterraram o busto de Bismarck (monumento) entre os arbustos do parque e não localizaram mais.

momento político-social, que se configurava ou mesmo uma forma de resistência cultural¹⁵⁵.

A Sociedade Leopoldina Porto-alegrense, fundada por alemães em 1863, usou como uma das estratégias de sobrevivência a incorporação das práticas desportivas ao seu cotidiano. A sociedade foi perseguida por que concentrava associados teuto-brasileiros no seu quadro social. A adesão ao tênis em 1938 pode ser interpretada como resposta à política nacionalista radicalizada no ano anterior.

De acordo com Larronda (1979: 31), “o departamento de tênis nasceu quando se firmou o consenso de que o futuro da sociedade estava no campo esportivo. Então foi anexado a ela um clube de tênis em Teresópolis com quatro canchas, enquanto a sede social se mantinha na Rua Dr. Flores, no centro da cidade”. O Departamento de Tênis da Sociedade Leopoldina Porto Alegrense foi criado na gestão de Walter Koch, membro de uma família que está intimamente ligada à história da associação. O filho de Walter Koch foi presidente da associação e seus filhos, Thomaz e Luiz Fernando, foram tenistas destacados no cenário internacional. Thomaz Koch participou da equipe brasileira que venceu os Estados Unidos na disputa da Copa Davis realizada em Porto Alegre nas dependências desta associação (atual Associação Leopoldina Juvenil), em 1966. (Bastos, 1966a, 1966b; Adams, 1966).

No ano seguinte a criação do Departamento de Tênis, a Sociedade Leopoldina promoveu o seu primeiro campeonato com a participação de tradicionais associações da cidade. “Naquela época os torneios de Tênis não eram comuns, apenas o Excursionista (atual Clube do Comércio), o Walhalla

¹⁵⁵ No Rio de Janeiro, o Clube de Regatas Flamengo sofreu com a nacionalização: “se descobriu uma semelhança entre a camisa de futebol do Flamengo e a bandeira alemã: vermelha, preta e branca, justamente as cores da camisa cobra coral. A listrinha branca para distinguir o futebol do remo, atrapalhara tudo. Por causa dela o Flamengo foi olhado com desconfiança. E o Flamengo tinha alemães, sócios alemães, que gostavam de sair de manhã cedo com um barco, que gostavam de remar. Botou-se para fora tudo quanto era sócio alemão. E tirou-se, da camisa do time de futebol, o friso branco que separava o vermelho do preto” (Rodrigues, 1964: 36).

(incorporado pela ALJ), a SOGIPA (ex-Sociedade Turnerbund) e o Gaúcho promoviam competições” (Larronda, 1979: 31). A realização da competição foi uma estratégia da Sociedade Leopoldina demonstrar sua integração ao projeto nacional brasileiro diante da sociedade porto-alegrense. Inclusive, esta sociedade alterou a redação das atas:

Até 1880, as atas do clube foram sempre redigidas em alemão, língua materna de praticamente todos os seus integrantes e a mesma empregada nos estatutos. Foi quando João Raupp sugeriu que passassem a utilizar também o português, facilitando a vida dos sócios de outras descendências, que já haviam se integrado a Gesellschaft [Sociedade Leopoldina]. A tentativa, no entanto, não prosperou por falta de um relator que dominasse os dois idiomas. Só no ano seguinte, o português foi incorporado às rotinas do clube (Teixeira, 2001: 19).

O período relativo à mudança da língua alemã para a língua portuguesa na redação das atas da Sociedade Leopoldina é incerto. Em outra passagem do livro comemorativo se encontra: “o idioma oficial do Brasil só foi alçado ao primeiro plano na redação das atas e de outros documentos em 1914, às portas da 1ª Guerra Mundial, quando o alemão foi definitivamente retirado de uso nos escritos oficiais do clube” (Teixeira, 2001: 19). É possível que as atas tenham permanecido por muito tempo sendo redigidas em língua alemã.

A forte presença da língua alemã no cotidiano das associações era fundamental no reforço da coesão social do grupo, estabelecendo uma relação de distinção e de pertencimento. Constatou-se a programação bilingüe da primeira disputa oficial de futebol em Porto Alegre realizada em 1904. O anúncio do jogo entre o Fuss-ball e Grêmio Foot-ball Portoalegrense foi

redigido em português e alemão. Ambas as equipes eram composta na sua maioria de jogadores com sobrenome alemão¹⁵⁶.

O fato das associações possuírem nomes alemães, a língua da Pátria-mãe ser empregada no interior dessas entidades, o vestuário dos desportistas apresentarem as cores da bandeira alemã, da mesma forma que a bandeira de algumas sociedades conter as cores representativas da Alemanha gerou muitas suspeitas. Surgiram desconfiças em relação à participação política dos teuto-brasileiros para os regimes nazista e fascista europeu. O exército vasculhou as associações, procurando indícios de ligação com o nazismo (Gertz, 1987).

Conforme Cantarino (1989: 105), surgiram núcleos do partido nazista em território brasileiro, em 1931. Em 1935 foi registrada a presença, nos consulados, de elementos da “Gestapo”, que faziam a propaganda nazista em escolas, colégios e instituições religiosas de origem alemã. “Desfiles militares, festas cívicas, demonstrações de ginástica e outras manifestações de cunho nazista foram realizadas nas colônias alemãs em território brasileiro”. O autor sugere que as associações alemãs eram focos do nazismo e, identifica as atividades culturais como culto às idéias nazistas.

As associações que expressavam a cultura “estrangeira” e tinham diretores e associados percebidos como “estrangeiros” sofreram vigilância da ação policial¹⁵⁷. Em Porto Alegre, o Departamento de Ordem Social e Política (DOPS), cujo delegado durante o Estado Novo era Plínio Brasil Milano, realizou “diligências e trabalhos” junto às associações teuto-brasileiras, a fim de verificar suas ligações com o partido político alemão. As informações foram reunidas pelo Chefe de Polícia, major Py (s/d: 2) em seu relatório, considerado um “documento secreto” sobre o nazismo no Rio Grande do Sul, “um assunto que afeta a própria nacionalidade”, pois “se confundem perfeitamente as

¹⁵⁶ A pesquisa sobre o futebol brasileiro nos anos 1980 revelou a predominância da descendência italiana e alemã dos jogadores: “no Rio Grande do Sul, um em três jogadores tem o sobrenome Bonamico, Beretta, Bergmann ou Hoffmann” (Revista Placar, 1980: 10).

¹⁵⁷ Conforme Negreiros (1996) o poder policial interferiu na vida dos clubes desportivos paulistanos “de origem estrangeira” durante o Estado Novo.

expressões do nazismo e germanismo”. Para o major Py (s/d: 7), o germanismo era entendido como uma questão racial, que ao ser eliminada, também se extinguiria o nazismo, pois “uma é a essência da outra”.

Os teuto-brasileiros alegavam que não existia mais nazismo, desde que foram proibidas as atividades políticas no Brasil, e a finalidade das suas diversas associações era “exclusivamente manter os costumes alemães nos círculos de gente dessa nacionalidade e permitir aos descendentes conservar as tradições sadias de seus antepassados” (Py, s/d: 7). Mas para a polícia, as associações tinham outra missão, pois eram filiadas a “Verband Deutscher Vereine”, cuja sigla era VDV (União das Sociedades Alemãs), fundada em Berlim, em 11/04/1934, com o objetivo de unir a Pátria às sociedades alemãs no estrangeiro. A VDV surgiu no governo de Adolf Hitler, com a concepção de unificar a “raça e cultura” de todos os alemães espalhados pelo mundo, através dos institutos, colégios, igrejas e associações, disponibilizando revistas, livros, peças teatrais e filmes alemães, além de ajudar os associados nos assuntos comerciais e particulares. Tesche (2002) confirmou que houve a tentativa de filiação da sociedade Turnerbund a VDV, mas a proposta foi rejeitada pela maioria dos associados.

Com a entrada do Brasil na guerra, as associações foram obrigadas a solicitar autorização do DOPS para realizar reuniões tanto administrativas como sociais. No caso da Sociedade Náutica Veleiros do Sul, as imposições normativas se fizeram valer. Para a realização da reunião do Conselho Deliberativo no dia 23/06/1943, a sociedade solicitou através de ofício permissão a Delegacia de ordem Política e Social (Böhm; Carvalho, 2001: 36). Esta exigência era mais uma das formas de controle das associações “estrangeiras”.

A Sociedade Leopoldina procurou reforçar a idéia de participação e de colaboração nos eventos cívicos. “Em tôdas as comemorações patrióticas, realizadas em Pôrto Alegre, a Leopoldina tem se feito representar, emprestando àquelas festividades o entusiasmo e a boa vontade de sua

colaboração” (Franco, Silva; Schidrowitz, 1940: 640). Havia uma preocupação das associações em afirmar sua identidade nacional brasileira.

Embora a Sociedade Leopoldina tenha registrado demonstrações de patriotismo, foi acusada de ser um local de divulgação dos ideais nazistas. A sede da Sociedade Leopoldina foi depredada em 1942 “apesar do clube ter mantido firme e pública posição de neutralidade diante dos acontecimentos que sacudiam a Europa naquele momento” (Teixeira, 2001: 23). A Sociedade Germânia, fundada por alemães também foi invadida e as fotografias da galeria dos presidentes retiradas da parede onde estavam fixadas¹⁵⁸.

No mesmo ano, o Club Walhala sofreu ações violentas da população porto-alegrense: “o Walhalla havia sido depredado, causando a perda de documentos e atas com importantes registros da história do clube. Em 1943, junto com a mudança de sede ocorreu também a alteração do nome da sociedade, que passou a se chamar Tennis Club Moinhos de Vento” (Teixeira, 2001: 87). Neste ano, a Sociedade Turnerbund teve sua sede invadida e alterou seu nome para Sociedade Ginástica Porto Alegre – 1867 (SOGIPA)¹⁵⁹.

A intervenção governamental nas sociedades de ginástica foi incisiva e acabou por extinguir a “Liga de Ginástica do Rio Grande do Sul” (1895), fundada por A. J. Friederichs. Os motivos não são explicitados por Daudt (1942: 4): “a Liga por motivos do conhecimento de todos suspendeu suas atividades esportivas”. Certamente, o autor não quis registrar no livro comemorativo dos 75 anos da SOGIPA fatos que não trazem boas lembranças para os associados. Os festivais promovidos pela Liga de Ginástica, regularmente, até o início da Segunda Guerra Mundial foram encerrados. A pressão da campanha de nacionalização exercida sob a SOGIPA intensificou a tal ponto que diversos atletas inscritos na segunda competição oficial promovida pela Federação Atlética Rio Grandense (FARG), em 1942, não compareceram as provas desportivas. O professor de atletismo Rubem Mylius avaliou a atitude

¹⁵⁸ Em Ponta Grossa (Paraná) também havia um clube denominado Germânia representando uma comunidade específica e ligado a grupo étnico (Chaves, Sachelli e Silva, 1995: 89).

dos atletas que demonstraram talvez involuntariamente, pouco interesse pela causa comum do clube.

O professor de ginástica Georg Black, preocupado com o clima de hostilidade aos teuto-brasileiros, escreveu um pronunciamento enfatizando o “espírito patriótico” da sociedade de ginástica, em 1942: “caros consócios, a idéia, que iluminava, éra puramente patriótica, crearam logo o departamento infantil, para a criação de um elemento capaz, para uma grande pátria, o Brasil” (Daudt, 1942: 43). O clima tenso que rondava a SOGIPA era dissimulado pelas afirmações do seu papel patriótico.

Neste contexto, o Grêmio Esportivo Renner foi uma exceção ao se posicionar contrário a mudança de nome, que homenageia Jacob Renner, o dono das fábricas Renner. Cabral (1946b: 47), articulista da Revista do Globo, destacou a resistência do Renner: “foi ai que o Ferroviário virou Nacional. Mas o Renner ficou firme. Podia enrolar a bandeira, mas mudar de nome, nunca! Afinal, o decreto não pegou. Pifou. E as coisas ficaram de colher para o Renner”. De fato, as associações desportivas que tinham nomes das firmas e empresas não sofreram a mesma pressão que as demais.

Em Porto Alegre, os jornais¹⁶⁰ e revistas anunciavam eventos desportivos: “foi organizada uma campanha pró-natação e efetuadas conferências de caráter cultural-desportivo nas sedes dos pequenos clubes da cidade” (Pimentel, 1945: 433). As competições foram incrementadas na maioria das modalidades desportivas, com exceção do ciclismo que foi prejudicado pela dificuldade de obter peças para as bicicletas, devido a segunda Guerra Mundial (Amaro Jr., 1944: 67)¹⁶¹.

¹⁵⁹ Conforme depoimento citado por Silva (1997: 63) “as outras sociedades alemãs daqui foram todas devastadas”.

¹⁶⁰ Em Porto Alegre, nos anos 30, “o jornalismo desportivo engatinhava” (Ribeiro, 1999: 17). Conforme Hobsbawm (1995: 196), no interregno compreendido entre as duas grandes guerras mundiais, os veículos de comunicação de massa crescem de forma espetacular, destacando-se a circulação de jornais, o cinema e o rádio. Nesse bojo, “as forças que dominaram as artes populares foram assim basicamente tecnológicas e industriais: imprensa, câmera, cinema, disco e rádio”.

¹⁶¹ Circuito Motociclístico Folha da Tarde (1937/1940); Campeonato Popular de Ping Pong (1938/1939/1940); Corrida Pedestre de Rua (1937/1938/1939/1940); Campeonato Citadino de

As notícias das competições e nacionalização dos desportos ocupavam as páginas do jornal *Correio do Povo*¹⁶². Nas ruas de Porto Alegre realizou-se a prova de revezamento 20x1000 metros chamada de Travessia de Porto Alegre, em 1940. A SOGIPA, que tinha tradição nas provas que “percorriam a nação” (uma realizada em 1913 e outra em 1924) foi vencedora. Porém, como o momento político-social era outro, a vitória da SOGIPA pode ser interpretada enquanto uma demonstração de patriotismo pelo Brasil.

O jornal *Folha da Tarde*¹⁶³ mostrava interesse por todas as atividades sociais, artísticas e desportivas da cidade. Este jornal incentivava o desenvolvimento do futebol. O Campeonato Popular de Futebol de Porto Alegre era destacado pela imprensa gaúcha, como o maior neste gênero realizado no país¹⁶⁴. O número de associações participantes crescia a cada ano: em 1937 - 60; em 1938 - 102; em 1939 - 106; em 1940 – 172 associações. As disputas eram precedidas de uma grande parada olímpica, com grande sucesso. Neste ano 4.000 pessoas tomaram parte nesta parada.

Em Porto Alegre, as associações de futebol multiplicavam-se, também servindo para reforçar laços de amizade e identidade grupal. Nos três últimos anos da década de 30, constatou-se a existência de 295 associações em Porto Alegre (Pimentel, 1945: 182)¹⁶⁵:

Bolão com a participação de 13 equipes (1939); Primeiro Campeonato Ginásial de Natação do Rio Grande do Sul (1939); Campeonato Popular de Basquete (1938/1940); Regatas Internacionais no Clube Navegantes (1940); Primeira Olimpíada Militar (1940); Campeonato Popular de Natação (1940); Corrida Infantil de Carrinhos de Lomba (1940); Travessia de Porto Alegre a Remo (1938/1939/1940); Circuito Ciclistico Porto Alegre-São Leopoldo-Porto Alegre (1938/1939/1940); Campeonato Popular de Tênis (1940).

¹⁶² Algumas manchetes: “Nacionalização do Turf” (jornal *Correio do Povo*, 10/01/1937: 17); “A Nacionalização do Turf” (jornal *Correio do Povo*, 22/01/1937: 10); “Que sport prefere?” (jornal *Correio do Povo* de 03/01/1937: 28).

¹⁶³ O jornal era caracterizado como um vespertino informativo de caráter independente. Foi criado em 27/04/1936, pelo jornalista Breno Caldas, membro da família Caldas fundadora do jornal “*Correio do Povo*” de Porto Alegre (Pimentel, 1945).

¹⁶⁴ Segundo Ribeiro (1999: 23), com relação ao futebol: “As primeiras transmissões de rádio só aconteceram a partir de 1934 e as gravações praticamente apareceram”. Pereira (1998) afirmou que as reportagens dos jornais sobre os jogos de futebol eram minuciosas e ocupavam quase duas páginas inteiras com comentários sobre as principais jogadas.

¹⁶⁵ No Estado do Rio Grande do Sul havia 380 associações desportivas.

- a) 48 associações filiadas a Ligas, Federações e outras entidades em 1937, ampliando-se para 127 associações filiadas em 1939;
- b) 108 associações não filiadas a Ligas, Federações e outras entidades em 1937, ampliando-se para 168 não filiadas em 1939;
- c) 172 associações com até 5 anos de fundação, 47 associações que tinham entre 5 e 10 anos de fundação, 25 associações entre 10 a 20 anos de fundação, 31 associações de 20 a 30 anos de fundação e 20 associações com mais de 30 anos de fundação, em 1939;
- d) 38.047 sócios do sexo masculino e 998 sócios do sexo feminino em 1939;
- e) 7.268 torneios, jogos e paradas atléticas foram realizados em 1939;
- f) 23.421 espectadores destas atividades, sendo 22.233 do sexo masculino e 1.188 do sexo feminino.

A Federação Gaúcha de Futebol (FGF) filiou 65 associações e 3.008 atletas, em 1938. Neste mesmo ano, a FGF realizou um campeonato de futebol e 24 jogos oficiais. Estes números elevaram-se para 349 associações filiadas, 10.095 atletas, 29 campeonatos e 926 jogos oficiais, em 1943 (Pimentel, 1945: 182). A Federação Gaúcha de Futebol possuía 10.095 atletas registrados em 1943, sendo 9.964 atletas de nacionalidade brasileira. Os demais pertenciam as seguintes nacionalidades: 46 uruguaios, 21 poloneses, 18 italianos, 14 argentinos, 7 lituanos, 7 portugueses, 7 alemães, 3 espanhóis, 2 russos, 1 paraguaio, 1 húngaro (Pimentel, 1945: 164)¹⁶⁶.

O futebol, que já tinha se popularizado no país, tornou-se palco de um acontecimento político no início da década de 1940. O Presidente do Brasil, Getúlio Vargas deslocou-se até São Paulo, especialmente para inaugurar o Estádio do Pacaembu no dia 27 de abril de 1940, um fato que mudaria “a história do futebol paulista e brasileiro” (Ribeiro, 1999: 125). O futebol passou a ser considerado um dos maiores símbolos de brasilidade. De acordo com

¹⁶⁶ Estes dados foram apresentados no Congresso Estadual de Futebol realizado em Porto Alegre em 1943, onde foi discutida uma nova estrutura administrativa para o futebol no Estado.

Pereira (1998), o futebol fornece um sentido inquestionável ao sentimento de identidade que une os habitantes do país.

2.4 – As Associações Desportivas e as Representações de Identidades Culturais: os eventos cívicos

O Estado Novo (1937-1945) procurou de várias formas demarcar seu projeto histórico junto à população brasileira. Uma das estratégias de reforçar a idéia de nação na população brasileira foram as comemorações de datas oficiais. Foi o período mais profícuo na promoção de rituais e comemorações destinadas a afirmar um novo Brasil.

As ações de caráter comemorativo contribuíam para a formação da consciência nacional brasileira. As festas, paradas da mocidade, desfiles cívicos e as demonstrações de Educação Física eram formas de marcar as datas cívicas brasileiras. Os eventos cívicos inscrevem-se entre aqueles que buscam inculcar na memória um acontecimento impondo crenças comuns à população ao traçar imagens fundadoras da nacionalidade. A memória foi usada como elemento construtor da identidade nacional. Para Oliveira (1996), a bandeira, o hino nacional, os feriados nacionais são parte da construção de uma memória nacional capaz de organizar e disciplinar os indivíduos. A campanha de nacionalização foi uma tentativa de manipular a memória nacional para despertar um sentimento de pertencimento a nação brasileira.

Segundo Ryan (1992: 179), “a parada oferece uma excelente documentação de culturas do passado” e “os relatos de paradas registram não só as ações, mas também as palavras do passado”. As paradas abordam a relação entre a unidade e a diferença, pois apresentam padrões e seus significados simbólicos, que revelam o sistema social e seus ajustes. Os desfiles e as comemorações estão inseridos não apenas no contexto local, mas também regional e nacional. No decorrer da primeira guerra mundial, os desfiles e as demais comemorações passaram a traduzir o sentimento

patriótico pelo país. Em 1914, “o Tiro realizou uma grande passeata cívica com homenagem às nações aliadas do Brasil” (Pimentel, 1945: 137).

No Estado Novo, os desfiles procuram retratar a unidade nacional construindo figuras dos heróis nacionais como Tiradentes. “Os heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos” (Carvalho, 1990: 55). A campanha de nacionalização promoveu intensamente o culto aos heróis da nação brasileira nos mais variados eventos. Com o apoio oficial, foram representadas peças de teatro exaltando a figura de alguns mitos heróicos da nação.

A parada de “Sete de Setembro”, data da Independência do país foi o principal acontecimento do rito patriótico cíclico dos brasileiros. A comemoração de “Sete de Setembro” de 1922 recupera a história do centenário da Independência do Brasil, constituindo-se em um marco na problemática da formação e futuro da sociedade brasileira, que vivia em descompasso com a modernidade. Para Motta (1994: 3-4), “o centenário de 1922 não se reduziu à comemoração de uma data memorável, mas ao contrário, envolveu a intelectualidade brasileira na tarefa sempre renovada de criar a nação, traçar a identidade nacional e, mais que tudo, construir um Brasil moderno”.

As comemorações da Semana da Pátria adquirem um significado especial com o Estado Novo, que constrói o imaginário constitutivo da identidade nacional brasileira. A construção de imaginários pode evocar sua visualização, através de ações nem sempre tão conscientes dos homens. Os desfiles formulados à imagem da nação brasileira são o ponto central de alguns feriados locais. As “datas magnas” são lugares de sacralização da nação e de identificação nacional. As associações desportivas precisavam apresentar “marcas de brasilidade” (Ramos, 2000). As atividades sociais (festas, jantares, bailes) e desportivas deveriam associar-se às comemorações cívicas

nacionais. As associações começaram a participar ativamente das paradas da mocidade com representações das equipes bandeiras, troféus, medalhas e equipamentos desportivos.

A parada é uma espécie de performance cultural que representava a performance física do povo brasileiro. Elas se caracterizavam pela grande expressividade estética assemelhando-se a uma clássica parada norte-americana, em termos de estrutura e organização. A parada tinha um corpo organizado, geralmente constituído por homens que desfilava pelas vias públicas para demonstrar uma identidade social comum. Esta performance pública incluía um número significativo de participantes e era realizada diante de uma audiência enorme situada nas calçadas. Em Porto Alegre, os alunos das escolas, os ginastas, os atletas organizavam-se em pelotões, companhias, regimentos tropas e colunas e desfilavam ao longo das principais ruas da cidade. A unidade cívica do desfile das diferenças era fomentada sob uma bandeira unificadora de orgulho cívico. A bandeira nacional evocava a unidade do povo.

As comemorações das datas cívicas brasileiras foram transformadas em eventos de educação cívica pela Liga de Defesa Nacional (LDN)¹⁶⁷. A LDN adotou como escudo à imagem do Cavaleiro Medieval com suas armas de ataque e defesa, como simbologia do ideal de defender a nação brasileira¹⁶⁸. O princípio de defesa e o símbolo da LDN denotam sua aproximação com o meio militar. A Liga é uma instituição destinada a congregar os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes, independente de qualquer credo

¹⁶⁷ A Liga de Defesa Nacional (LDN) foi fundada em 07/09/1916, pelo "poeta soldado" Olavo Bilac, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. O Diretório Central desta instituição cívico-cultural foi instalado na Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro (Boletim da Diretoria do ERJ – LDN, 1983: 13). Os estatutos foram elaborados por uma comissão composta por: Augusto Olimpio Viveiros de Castro, Antonio Moitinho Doria, J. M. Goulart de Andrade, Rafael Pinheiro, Antonio Eliezer Leal de Souza e João Teixeira Soares (Pimentel, 1945). Olavo Bilac na sua obra "A Defesa Nacional" (1965: 82) registrou o objetivo nacional permanente da LDN: "estimular o patriotismo consciente e coesivo; propagar a instrução primária, profissional, militar e cívica; defender, com disciplina, o trabalho; com a força, a paz; com a consciência, a liberdade; e, com o culto do heroísmo, a dignificação da nossa história e a preparação do novo porvir" (Boletim da Diretoria do ERJ – LDN, 1983: 13).

¹⁶⁸ Os ideais da Liga são identificáveis com os ideais da cavalaria na Idade Média, no que se refere à defesa da nação.

político, religioso ou filosófico. Uma das suas principais finalidades era manter em todo o país a idéia da coesão e integridade nacional, procurando facilitar e desenvolver as comunicações morais e materiais entre as unidades da Federação, além de propagar a educação popular e profissional e difundir em todas as escolas, assim como em todos os lares, oficinas, corporações e associações, a educação cívica, o amor à justiça e o culto do patriotismo.

No Rio Grande do Sul, a LDN foi instalada em 12/10/1937, em sessão solene no teatro São Pedro, em Porto Alegre, com a palestra realizada por Darcy Azambuja sobre o tema “Comunismo e Democracia”¹⁶⁹. O primeiro presidente foi o major Ignácio de Freitas Rolim¹⁷⁰, que permaneceu no cargo durante dois anos, tendo como secretário geral Fortunato Pimentel. Em 1939 e 1941, o capitão Darci Vignoli assumiu a presidência do Diretório Regional¹⁷¹. O general Osvaldo Cordeiro de Farias, interventor federal do Rio Grande do Sul era o presidente de honra do Diretório Regional e Getúlio Vargas o presidente de honra do Diretório Central da LDN (Pimentel, s/d)¹⁷².

O Diretório Regional da Liga era responsável pela coordenação das atividades comemorativas da Semana da Pátria¹⁷³. As festividades começavam geralmente no final de agosto e estendiam-se até o dia sete de setembro, com a seguinte programação específica: Fogo Simbólico, Parada da Mocidade, Parada Militar, Desfile do Préstimo Cívico, Desfile do Préstimo Alegórico, Cerimônia da Bandeira Nacional, Confraternização dos Tiros de Guerra,

¹⁶⁹ Quando a LDN foi criada, em 1916, no transcurso da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) houve uma tentativa de instalar seu diretório no Rio Grande do Sul, mas não se efetivou. Os motivos são desconhecidos. No mesmo ano, Olavo Bilac, “o nosso grande poeta e propugnador da instrução militar e cívica da mocidade brasileira”, esteve em Porto Alegre visitando o Tiro nº 4 (Pimentel, 1945: 152). Especula-se que a forte influência dos imigrantes alemães e italianos tenha impedido a instalação da LDN.

¹⁷⁰ Em 1929, o então tenente Ignácio de Freitas Rolim participou da comissão que elaborou o Anteprojeto de Lei para a criação de um Instituto de formação de instrutores civis para atuar com a educação Física. Outras informações sobre a atuação de Ignácio Rolim na criação da Escola de educação Física do Exército são obtidas em Ferreira Neto (1998: 286-293).

¹⁷¹ No ano de 1940, enquanto o capitão Vignoli estava no Rio de Janeiro fazendo um curso, o capitão Lauro Corrêa ocupou o cargo de presidente do diretório Regional da LDN.

¹⁷² Uma das metas do Diretório Regional da LDN era a instalação de núcleos nos municípios gaúchos, como aconteceu em 1º/10/2001 foi instalado em Passo Fundo o Núcleo da LDN/RS (Boletim Informativo 2001/2002: 1).

¹⁷³ A Liga também desenvolvia outras atividades patrióticas. Em 1942, a SOGIPA, a pedido da Liga, contribuiu com uma quantia em dinheiro para estas atividades (Silva, 1997).

Demonstração de Educação Física, Hora da Pátria, Concurso de Brasilidade, Passeata Cívico-Colegial Desportiva do 4º Distrito.

A corrida do Fogo Simbólico da Pátria foi proposta pelo jornalista Túlio de Rose¹⁷⁴ e por Ernesto Capelli, destacado comerciante da capital, depois de assistirem a cerimônia nos Jogos Olímpicos de Berlim, na Alemanha, em 1936 (Amaro Jr., 1944). Em Porto Alegre, a primeira corrida de revezamento do Fogo Simbólico foi instituída pela Liga de Defesa Nacional, em 1938, quando foi erigida a Pira da Pátria na atual Avenida João Pessoa. Um grupo de atletas partiu de Viamão (primeira capital do Rio Grande do Sul) com a tocha do Fogo Simbólico para acender a Pira em Porto Alegre, percorrendo aproximadamente 26 Kms, à noite. No ano seguinte, o Fogo Simbólico foi inflado na Igreja de Rio Pardo e transportado por atletas gaúchos até Porto Alegre.

A corrida do Fogo Simbólico extrapolou as fronteiras do Estado do Rio Grande do Sul, em 1940, partindo da antiga catedral de Florianópolis (capital do Estado de Santa Catarina) em direção a Porto Alegre. No ano seguinte, a tocha saiu da Igreja da Boa Morte, próxima ao Rio Ipiranga em São Paulo para chegar em Porto Alegre. Em 1942, o trajeto percorrido pelo Fogo Simbólico foi da cidade de Tiradentes (ex-município de São João Del Rei), no Estado de Minas Gerais até Porto Alegre (Amaro Jr., 1944). A Corrida do Fogo Simbólico é considerada o principal evento da Semana da Pátria¹⁷⁵. As provas que

¹⁷⁴ Túlio de Rose era alfaiate, assim como seu irmão Eduardo de Rose. Foi assistir aos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936 e, quando retornou foi convidado a trabalhar como repórter e jornalista do Jornal Correio do Povo, na empresa Caldas Junior. A partir de 1937 começou a atuar, tendo realizado muitas coberturas desportivas na extinta Folha da Tarde Esportiva, cujo proprietário era o filho do dono do Jornal Correio do Povo. Fez parte da diretoria da Liga Náutica e da Federação Aquática Rio Grandense e ajudou a fundar a Federação Gaúcha de Atletismo.

¹⁷⁵ Em 1998 foi realizada a 61ª Corrida do Fogo Simbólico da Pátria, considerada a "maratona cívica de todos os tempos". A "Centelha da Pátria" conduzida por militares do exército e da brigada militar percorreu mais de 100 localidades no Rio Grande do Sul, num total de 8.328 Km (ida e volta) (Boletim Informativo, 1998: 2). Para a anual "Corrida do Fogo Simbólico" era escolhido um patrono, que tinha sua biografia publicada e distribuída para os municípios gaúchos (Boletim Informativo, maio/junho 1998: 1). O patrono era uma "personalidade importante no cenário pátrio", como o general Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (Boletim Informativo, julho/agosto de 2000). Também se destacavam as "datas magnas", como o I Centenário da República (Boletim Informativo, 1989: 1). No âmbito regional, curiosamente, em 1995, a homenagem foi prestada aos "100 anos do Jornal Correio do Povo" (Boletim Informativo, 1995: 1).

percorriam a nação tinham como local de chegada, a Pira da Pátria. A Pira foi escolhida como o local simbólico para celebrar a vitória do atleta que pode ser uma representação da vitória da Pátria.

A Parada da Mocidade “concentrava todos os elementos possíveis da mocidade da capital: mundo esportivo completo, colégios, escoteiros, associações, forças militares, Tiros de Guerra, operários, etc. com grande quantidade de Bandeiras na sua evolução completa” (Pimentel, s/d: 18). Os remadores desfilavam uniformizados com as medalhas fixadas no peito pela Avenida Borges de Medeiros. Os ciclistas desfilavam com suas bicicletas. Algumas associações enviavam representações masculina e feminina, como o Country Clube. O local do encontro dos participantes do Desfile da Mocidade era o Parque Farroupilha (Redenção), sendo o interior do parque reservado aos colégios femininos (Revista do Globo, 1941c). As comemorações eram expressivas:

Do preparo das novas gerações, dizem bem os magníficos espetáculos a que se acostumou a população de Porto Alegre, por ocasião das realizações da Semana da Pátria. O desfile da mocidade é o ponto máximo das comemorações e quem o assistiu não esquece. Ainda agora, vem de ser o Rio Grande do Sul colocado em 1º lugar entre todos os estados do País, no que se refere ao número e garbo com que se apresentaram as creanças riograndenses no desfile de 7 de setembro. Somente na capital, desfilaram mais de 30.000 escolares (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 318)¹⁷⁶.

O desfile das forças militares da capital a cargo da 3ª região militar era chamado de Parada Militar. Os militares também faziam demonstrações de técnica militar, utilizando exercícios de ginástica calistênica (Revista do Globo, 1941^a: 31). O chamado Desfile do Préstito Cívico era realizado com tochas acesas e faixas que continham “frases de brasilidade” em direção ao Fogo Simbólico. Os participantes eram as forças militares e batalhões colegiais, tiros

¹⁷⁶ Na Semana da Pátria de 1942, “4000 atletas conduziram o archote através de 4.000 quilômetros” (Revista do Globo, 1942: 25).

de guerra, sociedades desportivas, associações de classe, operários, escoteiros, etc. Conforme Pimentel (s/d: 18), os desfiles eram “representações das forças vivas da nacionalidade num préstito inédito. Intercalando o desfile, bandas de clarins e conjuntos militares de música”.

O desfile de carros simbólicos, representando a indústria, o comércio, a agricultura, a pecuária, as artes e os desportos, chamava-se Desfile do Préstito Alegórico. Os carros ostentavam dados estatísticos e motivos de caráter educacional. Nas comemorações da Semana da Pátria de 1941, a SOGIPA apresentou um carro alegórico denominado A arte nos Esportes, com ginastas imitando atletas gregos (Daudt, 1942: 34).

As associações filiadas a Liga Náutica Rio Grandense faziam a entrega da bandeira nacional aos Escoteiros do Mar na Cerimônia da Bandeira Nacional¹⁷⁷. Também havia a Confraternização dos Tiros de Guerra em frente ao Fogo Simbólico, que depois partiam “para um desfile à frente da herma de Antonio Carlos Lopes, fundador dos Tiros de Guerra no Brasil” (Pimentel, s/d: 19). Eram realizadas outras atividades desportivas nas diversas praças de desportos, nas ruas da cidade e nas sociedades desportivas como um ato de caráter cívico. As competições desportivas realizadas na Semana da Pátria sempre eram precedidas pelo hasteamento da bandeira brasileira ao som do hino nacional cantado pelos atletas¹⁷⁸.

¹⁷⁷ O Dia da Bandeira, no ano 2000, foi comemorado especialmente com a solenidade de entrega de condecorações do Mérito Cívico, outorgadas pela Diretoria nacional da LDN – Brasília (Boletim da LDN, 2000a: 2-3).

¹⁷⁸ Em 1937: competições nas praças; corridas de ciclistas; torneio de tênis no Arrabalde São João (atual SOGIPA). Em 1938: Torneio Aberto de Tênis do Rio Grande do Sul, organizado pela FGT; Torneio Universitário de Foot-ball, no campo de futebol do Clube Internacional, entre os times filiados à Federação Esportiva Universitária de Porto Alegre; Prova Automobilística, promovida pela Associação dos Volantes do RS, na Avenida José Bonifácio, em Porto Alegre; Torneio Inter-Estadual de Tênis, com a presença de paulistas; Encontro de Foot-ball; Corridas no Prado; Torneios de Basquete e Vôlei; Corridas de Ciclistas e Motociclistas; Torneio entre as praças de esportes municipais, na Praça Dr. Montauray; Atletismo; Programa de Recreação na Praça de Educação Física Pinheiro Machado, em homenagem aos garotos vendedores de jornais; Corrida Rústica de atletas portoalegrenses com partida e chegada na pira do Fogo Simbólico; Festa Náutica do Grêmio Almirante Tamandaré, com regatas e batismo barcos novos. Em 1939: Torneio Intermunicipal de Foot-ball; Torneio Estadual de Tênis; Torneio de Basquete; Demonstração de Equitação pelo 3º Regimento De Cavalaria; Torneio Estadual de Tênis; Torneio esportivo da Associação Esportiva Industrial Porto Alegrense; Grande Torneio de Vôlei Feminino organizado pela Sogipa; Grande Corrida Rústica Semana da Pátria; Programa de Recreação aos garotos vendedores de jornais; Torneio de Foot-ball Estadual;

A “Demonstração de Educação Física” era realizada “pelos alunos dos ginásios e colégios secundários da capital. Na Semana da Pátria de 1938, a demonstração de educação física contou com “os mais lindos bailados, ginástica e outras provas da mais absoluta originalidade, no Campo de Pólo do Parque Farroupilha” (Pimentel, s/d: 19). Outras grandiosas demonstrações de educação física ocorreram nas comemorações da Semana da Pátria de 1939, 1940 e 1941. Neste último ano, além das demonstrações de Educação Física nas comemorações dos “119 anos de liberdade”, elas participaram do desfile (Zavaschi, 14/07/2003; Revista do Globo, 1941: 32).

A solenidade da “Hora da Pátria” realizou-se no largo fronteiro ao Parque Farroupilha (Redenção), com a participação os colégios públicos e particulares, as associações cívicas, desportivas, estabelecimentos militares, Tiros de Guerra, exército, Brigada Militar, clero, associações de classe e povo em geral. O orador foi Guilherme Gaelzer Neto, secretário de Educação e Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul. A inauguração de monumentos em homenagem aos vultos da história do Brasil integrava as comemorações alusivas à Semana da Pátria¹⁷⁹. Havia também, as solenidades dedicadas as “datas magnas” e eventos significativos para a história do país¹⁸⁰ e do Estado¹⁸¹. A comemoração do “Dia da Comunidade Luso-Brasileira” contou com a presença de autoridades civis, eclesiásticas e o cônsul de Portugal no Rio Grande do Sul (Relatório da LDN, 1983: 11).

Torneio de Polo; Torneio estadual de Foot-ball; Torneio Inter-Municipal de Foot-ball; Competição Esportiva da Federação Universitária de Porto Alegre; Festa Interna de Ginástica; Concurso Hípico Tenente Gabriel Medeiros; Prova Semana da Pátria de bicicletas; Corridas de Lanchas a motor; Torneio Intermunicipal de Foot-ball” Em 1940: Dia do Tênis; Campeonato de Foot-ball, Jogo de Futebol entre São José e Cruzeiro; Corrida Rústica Semana da Pátria; Primeiro Jogo de Basket-ball; Preliminar de Volley-ball entre o 7º BC e Sociedade Turner-bund; Segundo Jogo de Basket-ball; Torneio de Volley-ball Feminino; Marcha Atlética; Demonstração de Equitação; Torneio de Polo; Espetáculo de Box. Em 1941: Prova Ciclística Osvaldo Cordeiro de Farias; Olimpíada Universitária.

¹⁷⁹ Em 2000 foi erigido na praça Coronel Manoel Pereira Viana, no município de São Francisco de Assis (Rio Grande do Sul) um monumento em homenagem ao senador gaúcho Joaquim Pedro Salgado Filho, primeiro Ministro da Aeronáutica. O Aeroporto Salgado Filho de Porto Alegre é uma homenagem a este político (Boletim Informativo da LDN, 2000b:.3).

¹⁸⁰ I Centenário da República (Boletim Informativo, 1989: 1).

¹⁸¹ Em 1995 foi prestada uma homenagem aos 100 anos do Jornal Correio do Povo (LDN, 1995: 1).

O Concurso de Brasilidade premiava a melhor redação sobre datas e fatos comemorativos do Brasil entre alunos dos institutos secundários, oficiais e oficializados. A Passeata Cívico-Colegial Desportiva do 4º Distrito era o desfile da Sociedade Gondoleiros até a praça Pinheiro Machado. As comemorações continuavam com os bailes realizados pelos clubes sociais e desportivos: Clube Germania, Country Clube, Yatch Clube e Clube Excursionista.

A participação das associações desportivas de Porto Alegre nas festividades da Semana da Pátria era intensa¹⁸². A Liga Náutica Rio Grandense (atual Federação de Remo do Rio Grande do Sul) promovia competições de regatas como forma de demonstrar a adesão das associações de remo à política nacionalizadora do governo de Getúlio Vargas. A Liga Náutica, especialmente, procurava exibir sua notável escola de civismo nos eventos. A Liga promoveu regatas batizadas de “presidente Getúlio Vargas” em comemoração a data de nascimento de Getúlio Vargas, em 20/04/1941. Algumas regatas homenageavam outras personalidades representativas do governo, como os interventores federais coronel Osvaldo Cordeiro de Farias e Ernesto Dornelles, o secretário da Educação Coelho Neto, e autoridades militares. O ritual de abertura das regatas constava de uma cerimônia cívica, hasteamento da bandeira nacional e hino nacional (Coetegers, 2000).

A onda de brasilidade não se manifestava apenas nas atividades da Semana da Pátria, mas também, nos eventos das associações desportivas, como demonstra uma passagem da saudação pronunciada capitão Darcy Vignoli, por ocasião do 50º aniversário do atual Clube de Regatas Guaíba - Porto Alegre, em 1938:

Passai um olhar por essas grandes aglomerações raciais e vereis que povos fortes, povos dominadores, povos que tem capacidade para sancionar o que julgam ser seu Direito, são os povos cuja mocidade é sã, é alegre, é disciplinada, povos cuja juventude goza saúde, usufrue a alegria de viver. Povos cujos adolescentes dedicam todos os

¹⁸² As representações das associações desportivas tornaram-se escassas nas comemorações da Semana da Pátria, a partir de 1983 (Relatório da LDN, 1983).

ócios da luta pela vida à prática salutar dos desportos. Povos que fazem da educação física, dos jogos desportivos, uma religião dos seus moços. Povos cujos governos amparam, acionam, oficializam, obrigam seus jovens à prática da educação física, como base da saúde, do poder da nação. (Pimentel, 1945: 158).

As palavras do capitão Vignoli traduzem o significado social e político da campanha de nacionalização das associações desportivas. O GPA, adotou uma posição favorável a política nacionalizadora do Estado brasileiro. Conforme Coeterges (2000: 38) “os valores cultuados no remo serviram num primeiro momento, para o fortalecimento da identidade teuto-brasileira e, mais tarde, para incorporar esse grupo étnico num exigente processo nacionalizador”.

Neste contexto, a Liga Náutica reforça seu caráter patriótico e apela para o seu passado. “A Liga Náutica, atualmente Federação Aquática do Rio Grande do Sul, tem um passado tão nobre, tão belo, tão patriótico que ela se fez uma das maiores expressões do remo no país” (Pimentel, 1945: 156). Curiosamente, o passado desta entidade estava vinculado a identidade teuto-brasileira e manteve-se até a década de 40. A fotografia apresentada atesta a presença dos alemães na diretoria da Federação Aquática do Rio Grande do Sul, destacando-se seu presidente, capitão Darci Vignoli.

Na década de 40, a diretoria da Liga demonstra seu alinhamento com o projeto nacional: “a Liga Náutica tem cooperado decisivamente em tôdas as grandes realizações de caráter social, desportivo e patriótico que tiveram lugar em Porto Alegre, contribuindo em muito para o brilhantismo das mesmas” (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940: 643). O Grêmio Náutico União, associação vinculada a Liga Náutica, também se destaca pelo caráter patriótico: “a tenacidade, o esforço herculeo, o dinamismo aliado ao patritotismo, toda sorte de dedicações fizeram do clube onde se tornou sportman consagrado o capitão Darcy Vignoli, uma potência possuidora das melhores instalações aquáticas da capital” (Pimentel, 1945: 160).

A visita das autoridades políticas e militares de Porto Alegre e do Estado nas associações náuticas de Porto Alegre foi uma forma para mostrar a identidade cultural “brasileira” nas associações, em 1942. O presidente da Federação Aquática do Rio Grande do Sul, capitão Darcy Vignoli, possivelmente usou esta estratégia para mostrar a abertura das associações, que eram instituições restritas aos teuto-brasileiros. Na capa do programa oficial de regatas realizadas em 1943, o interventor federal do Rio Grande do Sul, Osvaldo Cordeiro de Farias registrou: “o desporto náutico tem sido a pedra angular de campanha cívica em nosso Estado” (Hofmeister, 1978: 82).

Coetegers (2000: 29) observou que “depois da queda de Getúlio Vargas, em 1945, o domínio de instituições e empresas particulares patrocinando as provas das regatas supera o de autoridades governamentais do governo Vargas”. Isso demonstra uma adaptação das associações esportivas frente ao novo contexto político. O processo de abertura política parece ter dado maior liberdade a essas instituições.

2.5 – As associações desportivas e suas representações de identidades culturais na Revista do Globo

Nos anos 1920, quando a modernidade chegava a Porto Alegre refletindo-se nas transformações urbanas, foi criada a Revista do Globo (Spalding, 1962; Tejo, 1959). A revista surge na esteira do movimento intelectual modernista porto-alegrense, que se expandia como reflexo da Semana de Arte Moderna de 1922. A nova publicação vinha suprir uma lacuna na divulgação da cultura de Porto Alegre. A Revista do Globo nasceu voltada para a cultura local e transformou-se na maior revista produzida no Rio Grande do Sul.

A Revista era editada pela Livraria do Globo, fundada em 1883, pelo português Laudelino Barcellos. A Livraria do Globo operava como editora e comércio de livros, publicando o Almanaque do Globo e outras obras literárias.

A Revista do Globo representa a continuidade de uma tradição iniciada entre os jornais e almanaques gaúchos, desde o século XIX, que registravam fatos políticos, sociais, literatura, moda, humor e os acontecimentos esportivos.

Existem diferentes versões sobre a criação da Revista do Globo, até mesmo pela própria revista. Atribui-se a Getúlio Vargas o papel de idealizador da Revista do Globo, pois “não era raro ver, entre outros, Getúlio Vargas, por exemplo, examinando as prateleiras de livros (Nasi, 2000: 6). “Em frente à Globo, na rua da praia, os intelectuais e políticos das primeiras décadas do século 20 faziam seu local de encontro” (Pesavento, 1992: 92). A Livraria “era o centro nervoso da inteligência local – e do poder político e econômico, esferas que então se confundiam – nos anos 20 e 30” (Nasi, 2000: 1). Em um encontro, o então Presidente do Estado Getúlio Vargas, que freqüentava a livraria, foi questionado sobre a idéia da revista. A manifestação favorável de Vargas influenciou a decisão final de José Bertaso, que se opunha a criação da Revista do Globo (Bernardi; Martins e Veríssimo, 1962; Veríssimo, 2000).

Outra versão concede a Mansueto Bernardi a iniciativa de uma revista que contemplasse a cultura gaúcha, especialmente a literatura. Mansueto Bernardi, um dos sócios da Editora e Livraria do Globo, tinha o projeto da revista desde 1925, mas não contava com o apoio dos outros sócios, Osvaldo Rentzsche, Mário Barcellos e José Bertaso para a execução da sua idéia. Depois de muita insistência, convenceu os sócios da importância da criação da revista.

A escolha do nome da revista foi “pela voz do povo”, que indagava quando sairia a Revista do Globo (Revista do Globo, 1948: 42). O primeiro exemplar da Revista do Globo foi disponibilizado no dia 5 de janeiro de 1929, tendo na capa assinada pelo artista Sotéro Cosme, a imagem de uma mulher futurista segurando um globo. A capa retratava a finalidade da revista de divulgar os acontecimentos riograndenses e estabelecer um elo com o “resto do mundo”. A Revista do Globo tinha um comprometimento com a identidade regional e com a formação da identidade nacional brasileira, como ficou

evidenciado nas palavras de seu diretor Mansueto Bernardi, no preâmbulo do número de lançamento:

Contra todas as vozes negativas, que se entrecruzam no ar, ressonantes de ironia, de indiferença e de descrença, a Revista do Globo quer ser uma voz de estímulo e afirmação. Quer ser um órgão-centro de coordenação e mobilização de energias moraes, para um fim superior de utilidade social. Fóra de partidos e acima de partidos, nesta fase auspiciosa de apaziguamento das paixões, de audazes iniciativas pública e particulares, de ventilação dos espíritos, de transmutação de valores, a Revista do Globo quer construir qualitativamente para o Rio Grande do Sul” (Revista do Globo, 1929: 1).

A Revista do Globo, um “quinzenário de cultura e de vida social”, tornou-se um dos mais importantes veículos de comunicação que circulou no Rio Grande do Sul e “uma das mais notáveis revistas brasileiras de meados do século” (Mottin, 1998: 4). Durante sua longa existência de aproximadamente 40 anos, tornou-se um espaço privilegiado de divulgação dos principais fatos históricos, sociais, políticos, desportivos e culturais sucedidos no estado, no país e no mundo. A Revista do Globo circulou de 1929 até 1967, com edições quinzenais.

Nos primeiros anos, a publicação da Revista do Globo contabilizou prejuízo financeiro, mas prosseguiu, inclusive com edições especiais divulgando acontecimentos marcantes como: Revolução de 30 (revista com mais de 500 páginas); Exposição do Centenário Farroupilha de 1935 no Parque da Redenção; Enchente de 1941 que inundou grande parte do centro de Porto Alegre. Nos anos 1930, Henrique Bertaso (filho mais velho de José Bertaso) assumiu a direção da Livraria do Globo e colocou o Estado do Rio Grande do Sul no universo editorial do Brasil.

Desde o princípio do século XX, a Livraria do Globo dividia o cenário editorial nacional com a José Olympio Editora do Rio de Janeiro (Mottin, 1998).

À medida que a Livraria do Globo cresceu, foram abertas filiais no interior do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro e, inclusive, chegou a ter uma representação em Paris. Foi organizada uma rede de distribuidores, contando com o apoio dos livreiros, das bancas de revistas, auxiliados por bibliotecas e museus que estavam sendo organizados em todo o Brasil. Superou também as dificuldades criadas pela censura, em época de restrições à liberdade de imprensa.

A Revista do Globo era dirigida a ambos os sexos, porém a maioria de seus leitores era do sexo feminino. Os assuntos da revista voltados à literatura, poesia, contos, saraus eram dedicados às mulheres, que também ilustravam com freqüência as capas. Algumas capas apresentam imagens de mulheres trajando vestimentas desportivas (do tênis e do futebol), mas o assunto da seção desportiva era direcionado ao sexo masculino.

A maioria das reportagens da seção desportiva era sobre os desportos no país (91,5% das ocorrências no período de 1929 a 1945). Sobre os outros países as escassas reportagens desportivas foram da Alemanha (2,6%), Inglaterra (1,7%) e Estados Unidos (1,4%, sendo a maioria em 1933)¹⁸³. O maior número de reportagens sobre o desporto na Alemanha concentram-se no ano de 1936, quando foram realizados os Jogos Olímpicos de Berlim. As reportagens sobre o desporto na Alemanha destacavam o espírito de grupo e de equipe do futebol e coragem e combatividade do boxe, ambos praticados nas escolas e associações da “Juventude Hitlerista”.

A Revista do Globo veiculava, no início dos anos 30, imagens de atletas alemães, destacando a saúde daquele povo obtida através das atividades físico-desportivas. Também eram apresentadas fotografias de mulheres alemãs e suecas, sendo referenciadas como padrão de beleza e saúde. A beleza feminina anteriormente identificada com a esbelteza, brancura e juventude se desloca para um corpo feminino mais forte, corado e saudável. A revista, que inicialmente dirigia-se às mulheres somente em assuntos de moda e produtos

¹⁸³ Outros países: Uruguai (1,2%), França (0,5%), Chile (0,5%), China, Suíça e Japão (0,2%).

de beleza passou a divulgar a necessidade da ginástica e de alguns desportos¹⁸⁴. O desporto foi apontado como um dos responsáveis pelo surgimento da “nova mulher”. Embora, o discurso normativo divulgasse os benefícios da atividade física para mulher, ela não deveria descuidar-se das questões femininas¹⁸⁵.

A seção sobre o desporto chamava-se “Esporte” no primeiro número da Revista, em 1929. Com o decorrer dos anos ocorreram mudanças no nome da seção: A Quinzena Esportiva, Vida Esportiva, Nossos Esportistas, Notas Esportivas, Semana Esportiva e O Futebol em Revista. Também foram encontradas notícias desportivas nas seções O Globo em Revista, Atualidades, entre outras¹⁸⁶. Algumas seções recebiam o nome da modalidade desportiva: futebol, remo, tênis, atletismo e turfe.

Os eventos desportivos mais citados eram os de futebol (25,4%) seguido pelo tênis (15,0%), remo (9,0%) e atletismo (6,0%). O futebol (33,5%) também foi o desporto mais focado nas reportagens, seguido pelo tênis (13,4%), atletismo (12,8%) e remo (12,3%).

Em geral, as reportagens caracterizavam-se por um curto texto (2 a 3 parágrafos), com muitas imagens fotográficas (94,4%) e eram registradas em uma página (77,2%). Em alguns exemplares da revista, os assuntos relacionados aos desportos ocupavam duas ou três páginas (19,3), como pouco texto e muitas fotografias. Excepcionalmente, as reportagens totalizaram quatro a cinco páginas (3,5%) da revista.

O levantamento inédito sobre o desporto na Revista do Globo indicou que a década de 30 apresenta o maior número de ocorrências de reportagens desportivas. O ano de 1933 apresentou o maior número de páginas destinadas

¹⁸⁴ Fotografias de mulheres porto-alegrenses na Revista do Globo (RG) praticando golfe (RG, 1930: 23; RG, 1930: 7-12; RG, 1932: 20) e tênis (RG, 1932: 24; RG, 1932: 32).

¹⁸⁵ As reportagens sugerem a prática da ginástica rítmica como o método mais adequado ao corpo feminino (RG, 1931: 23; RG, 1932: 31). Em Porto Alegre existia na década de 30 um Instituto de Cultura Physica, cujo objetivo era o desenvolvimento integral do corpo feminino (RG, 1931: 11).

ao desporto (84,6%) e muitas imagens fotográficas (90,8%). Os dados devem-se ao fato de que foi lançado um número especial da revista dedicado aos desportos, em 1933, cuja capa era ilustrada pela figura de um atleta segurando a bandeira do Brasil (Revista do Globo, 18/02/1933, capa).

O editorial intitulado “Os Esportes em Porto Alegre” destacava “o progresso que no domínio da cultura física se tem registrado em Porto Alegre” (Revista do Globo, 18/02/1933, p. 1), apresentando imagens de competições desportivas e reportagens sobre a fundação das associações. Em 1935, a Revista do Globo documentou as competições e demonstrações desportivas¹⁸⁷ realizadas durante a Exposição Farroupilha, em Porto Alegre¹⁸⁸. As práticas desportivas mais noticiadas foram futebol (21,7%), Tênis (11,7%) e Remo (11,7%).

A mais alta incidência de reportagens desportivas na revista ocorreu nos anos de 1937 e 1938. Em 1937, as páginas dedicadas aos desportos e educação física são significativas (70,4%), assim como, as imagens fotográficas (97,2%). Neste ano, a Educação Física ganhou uma seção própria com textos redigidos e outros traduzidos pelo tenente Mário Marques Ramos¹⁸⁹. No período entre 1937 e 1939 foram publicados 28 artigos na seção Educação Física. Esta seção que tratava de “todos os ramos da educação física” justificava-se “porque a educação física, no momento que passa, é uma das mais salutareas preocupações das gentes” (Revista do Globo, 1937: 36).

¹⁸⁶ Outras seções: “Ecos”, “pelo Mundo”, “Fatos da Quinzena”, “Álbum”, “A Revista Regional”, “A Quinzena Ilustrada”, “Acontecimentos”, “Variedades” e “Vida Social”.

¹⁸⁷ Campeonato Farroupilha de Futebol, Campeonato Oficial de Tênis, Campeonato de Futebol Local, Circuito Farroupilha de Automobilismo, Festa Náutica, Grande Prêmio Cidade de Porto Alegre, Torneio Estadual de Barcos a Vela.

¹⁸⁸ Os eventos desportivos ocuparam várias páginas com reportagens (83,9%) e com imagens fotográficas (96,8%) das edições da revista sobre a Exposição Farroupilha.

¹⁸⁹ O tenente Mario Marques Ramos estudou no Centro Militar de Educação Física (fundado em 1922), instituição considerada o embrião da Escola de Educação Física do Exército. Iniciou sua carreira de professor de educação física em 1929, na cidade de Curitiba (capital do Estado do Paraná) ministrando aulas no Ginásio Novo Atheneu, no Instituto Santa Maria e no Internato do Ginásio Paranaense. Foi nomeado catedrático por decreto especial do governo daquele Estado. Em 1932, inscreveu-se no registro de professores do Departamento Nacional de Ensino. Quando se transferiu para Porto Alegre, foi contratado pela Secretaria de Educação do Estado para atuar como professor de educação física do Curso de Aperfeiçoamento da Escola Normal. Ainda ministrou aulas no Ginásio Nossa Senhora das Dores (Antunes, 01/01/1937: 5).

Esta seção trouxe ao conhecimento do público algumas informações sobre a dança; ginástica rítmica; desportos; escotismo, banhos de mar e rio, praças de educação física e atividades de educação física, especialmente para as mulheres¹⁹⁰.

No mesmo ano que se encerrou a colaboração do professor Mario Marques, foi contratado o professor Amaro Junior, que permaneceu até o ano de 1946. O destacado técnico no meio esportivo porto-alegrense inaugurou a seção Quinzena Esportiva, assinando a autoria de 27 reportagens sobre o desporto gaúcho. Outros autores nacionais e internacionais escreveram sobre o desporto ou tiveram seus textos traduzidos e publicados na Revista do Globo¹⁹¹. O fato da Revista do Globo apresentar algumas capas ilustradas pelos desportos, como remo (1 capa), turfe (1), pólo (1), tênis (4), futebol (3), e contracapas com fotos de times de futebol, também denota a importância adquirida pelo desporto nos anos 1930¹⁹².

Para aprofundar o conhecimento do tema, no próximo estudo são apresentados depoimentos orais de atletas que vivenciaram o período da campanha de nacionalização nas associações desportivas.

¹⁹⁰ Na década de 30, a revista publica muitas reportagens sobre atividades físico-desportivas para as mulheres: ginástica feminina, mulheres praticando tênis, atletismo feminino.

¹⁹¹ Acélio Daudt, Angelo Guido, Diva Machado Pereira, Juliano Palha, Mario Luiz Everard, Anne Roscoe, Anthony Veller, Bertrand de Fouvenel, Douglas Brindkley, Edward M. Barrows, Jimmy Filder, Johnny Weissmuller, Karl Siegmund, Louis Delmas, Miller Baratz, Pierre Junqua, Wolfgang Hoffmann Harnisch Jr. Os textos com autoria totalizaram 88,5% e os sem divulgação da autoria totalizaram 11,5%.

¹⁹² A abrangência da Livraria extrapolava o caráter informativo da revista, a editora "tinha outra área fortíssima: os livros técnicos e de referência". No início da década de 30, a Livraria do Globo lançou no mercado editorial três edições do livro "Minha Luta" com as concepções de Adolf Hitler sobre raça, educação e educação física. Na área de conhecimento dos desportos e educação física a Livraria editou várias obras, entre elas: "Educação Física" (1934), de autoria do Tenente Mario Marques Ramos e o livro do coronel Octacilio Moura Escobar (1958), intitulado "História Antiga da Educação Física".

Estudo 3 – Memória Oral do Associativismo Desportivo em Porto Alegre

As associações desportivas teuto-brasileiras, enquanto espaços de representações de identidades culturais atribuíram diferentes significados a sua memória. Segundo Pollak (1992: 204), “se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído, social e individualmente, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. No mesmo sentido, Le Goff (1994: 476) refere que a memória é “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” Nesta perspectiva, as associações desportivas de Porto Alegre foram depositárias da memória individual e coletiva dos teuto-brasileiros, expressando um fenômeno dinâmico, ao qual foram incorporados novos significados.

Este estudo apresenta os depoimentos orais de atletas que vivenciaram o período do Estado Novo nas associações desportivas teuto-brasileiras de Porto Alegre. Os depoimentos são referidos no decorrer do texto em itálico.

3.1 – As práticas desportivas nas associações e sua identidade cultural

A Identidade Cultural que marcou a emergência e expansão das associações desportivas de Porto Alegre esteve constantemente presente nos depoimentos dos entrevistados. O entrevistado “B” afirma que nos desportos predominava *a influência do estrangeiro e não do francês, esse não tinha expressão; americano quase que nenhuma, então isso foi o início*. Percebe-se que ao mencionar o termo “estrangeiro”, o entrevistado refere-se aos teuto-brasileiros. Ele, ainda, acrescenta que estes são detentores de *uma condição social mais alta*¹⁹³. *O esporte e a ginástica eram praticados pelos alemães,*

¹⁹³ Contudo, conviveu com remadores que *não eram pessoas de muito recurso econômico financeiro. Tanto é que na minha guarnição tinha um que era padeiro, o outro entregava pão, tanto que era forte porque ele corria para entregar, tinha um que trabalhava na viação férrea como maquinista na locomotiva de manobra, aqui, né, ficava perto, ele ia lá, vamos dizer que a classe média, média alta era muito pouco*. O entrevistado “B” disse que *“era visto como uma exceção, eu um ‘pelo duro’ [luso-brasileiro], fazendo isso aí [praticando remo], porque minha origem é de Ijuí, de colonização alemã, tem que entender isso aí. Tanto é que no meu grupo de*

austríacos, italianos, mas ingleses muito poucos. Na colônia italiana jogavam bocha, bocha. Na alemã: tênis, basquete. Houve uma época que o basquete se desenvolveu bem ¹⁹⁴. Para o entrevistado não era do brasileiro o esporte, a não ser o futebol, que é outra conversa, mas, o brasileiro, o brasileiro, ele não tinha interesse em freqüentar o clube. Porque ele não dava valor ao esporte. O entrevistado muda a entonação de voz repetindo duas vezes, o termo “brasileiro”, que ele esclarece como sendo os de origem “luso-brasileira”. Segundo o entrevistado, o jovem brasileiro com formação universitária freqüentava as associações *para jogar carta, participar de bailes, ou senão para discutir sobre o turfe*. Esses jovens da elite porto-alegrense freqüentavam os hipódromos para assistir as provas de turfe, no entanto, *eram poucos que praticavam, mas isso era forte, isso dava status social*.

Já, o entrevistado “E” destaca a presença teuto-brasileira nas associações de remo, fazendo referência ao atual Grêmio Náutico União (GNU): *em 1906 surge o clube alemão, Ruder Verein Freudschaf*. Entretanto, a entrevistada “G” procurou negar a identidade cultural teuto-brasileira no Grêmio Náutico União declarando que *não, não tinham tantos alemães assim. Já tinha mais brasileiros, bastante brasileiros*. Todavia, quando a entrevistadora perguntou sobre o primeiro nome do GNU, declarou: *Ah! Eu também já nem sei mais*, porém imediatamente pronunciou o nome em alemão *Turnershaft, uma coisa assim (risos)*. Na seqüência do depoimento, a entrevistada comentou que freqüentava a associação desde 1938, e que seu cônjuge ocupou a presidência da associação. Além disso, comentou que os atletas destacados do GNU, na sua maioria, eram alemães ou descendentes que *vieram dos fundadores, e ficaram todos lá, com sobrenome alemão né, que se mantiveram*.

O entrevistado “A” também procurou descaracterizar a influência da cultura teuto-brasileira no GNU e atribuiu à Sociedade Ginástica Porto Alegre

ginásio, CPOR [Centro de Preparação de Oficiais da Reserva], os que freqüentavam o remo era uma minoria”.

¹⁹⁴ Weis (1995: 29) constatou a influência dos teuto-brasileiros na introdução do basquete em Santa Cruz do Sul. Um dos seus entrevistados teuto-brasileiros declarou: *“nós tínhamos a tendência para o esporte, nós fazíamos a ginástica, atletismo, vôlei e futebol, tudo na mesma*

(SOGIPA): *eu não sei se chegou a ter né. Ele nasceu com nome alemão, como a SOGIPA, Turnershaft né - Clube de Regatas Amizade, e durante a Primeira Guerra mudaram o nome para União. Mudaram para União e eu, embora até hoje tenha muita gente de origem alemã, ele não teve muito aquele vínculo com a cultura e colônia alemã como a SOGIPA teve. Na seqüência do seu depoimento, o entrevistado "A" se contradiz afirmando que o União é um clube que foi criado por descendentes de alemão, e aponta uma evidência ao declarar que até as atas eram feitas em alemão, desde a fundação até a primeira Guerra Mundial. Ele confirma que esse traço cultural não era exclusividade do GNU, mas era geral. Isso era geral né, não adianta.*

No entanto, o entrevistado "F" inicialmente tentou negar que a SOGIPA estava identificada com os alemães ao afirmar que *tem muito brasileiro lá. Porém, admitiu posteriormente: Ah! Sim, começou como clube de alemães. A influência cultural dos teuto-brasileiros na SOGIPA foi confirmada pelo entrevistado "G": era tudo descendente de alemão e, imediatamente, pronunciou o nome em alemão da SOGIPA (Turnerbund). Estas informações também são confirmadas pelo entrevistado "A", que afirmou a existência do vínculo da SOGIPA com "os alemães", que manteve e mantém até hoje alguma coisa né, na SOGIPA, na SOGIPA, eu acho que se falava muito mais o alemão do que o português. Esses traços culturais reforçam a idéia de essas associações eram de origem teuto-brasileira.*

Conforme o entrevistado "B", a SOGIPA sempre foi uma grande sociedade; ela tinha grande importância no Estado, não apenas pela promoção de grandes festas e bailes, mas porque *dava muito valor ao esporte. A SOGIPA era considerada uma potência nos desportos (entrevistado "G"). De acordo com o entrevistado "E", o alemão sempre foi muito ligado ao espírito associativo, e os alemães faziam muita cultura física ao ar livre e esses grupos foram se formando em alguns esportes. Ele afirma que quando a gente fala em esportes em Porto Alegre, quando se fala em esportes no Brasil,*

semana. As moças jogavam vôlei e praticavam a ginástica rítmica e aparelhos. Nós fazíamos física todos os dias. A ginástica era praticada antes do basquete".

imediatamente todo mundo fala em futebol. Acontece que em Porto Alegre, o futebol veio só a partir de 1900. Então, antes de 1900, nós tínhamos muitas atividades esportivas, como a ginástica, o tiro ao alvo, o remo, o ciclismo, a natação.

Ginástica

A SOGIPA introduziu a ginástica em Porto Alegre (entrevistado "B"). A SOGIPA foi fundada por *Alfredo Schutz era um deles [brummer] ligados a ginástica* (entrevistado "E"). O entrevistado "B" afirmou que *o brasileiro nato não era dado à ginástica, não era dado à ginástica, tanto é que no interior do Estado onde a ginástica tinha destaque, em Ijuí, se a senhora olhasse os participantes, 95% eram estrangeiros, era só olhar os sobrenomes alemães.* O entrevistado "H" nega que os praticantes de ginástica eram alemães: *tinha muitos bras.... tinha, tinha sim, muitos ... É claro. faziam.*

O entrevistado "H" refere que a aula de ginástica era ministrada em língua alemã, pois seu professor de ginástica *falava em alemão as instruções para a prática.* O próprio uniforme usado pelos ginastas tinha símbolos que os identificava com os teuto-brasileiros. Descreveu o uniforme composto de uma calça comprida, tênis e camiseta com o símbolo dos quatro "efes", que significa em alemão *frish fromer frelink frai*, ou seja, *Frish é alegre, fromer é devoto, frelink é contente frai" é livre*". Ele esclareceu que os "efes" eram encontrados *em todas as bandeiras esportivas da Alemanha. Inclusive a SOGIPA tinha também. Só depois mudou o símbolo da bandeira* ¹⁹⁵. Ainda demonstrou conhecer outros aspectos da cultura alemã comentando que *o fundador da ginástica em si... na Alemanha era J A H N [soletrou], Jahn, me parece que era Gustaff, me parece. Toda a sociedade tinha um busto desse Jahn. O iniciador*

¹⁹⁵ Os praticantes de ginástica ("turnen") tinham como lema: frisch (saudável/fresco), frei (livre), fröhlich (alegre) e fromm (devoto/piedoso), que estava representado em sua bandeira de formato quadrangular pela letra "F", em quatro posições distintas. Além deste símbolo tinha a insígnia do "turnen" constituída de datas históricas, que significavam: 9- vitória dos germanos sobre os romanos em Teutberg; 919- introdução da cavalaria na Alemanha e o advento de Henrique I; 1519- morte do imperador Maximiliano, o último cavaleiro; 1811- o surgimento do turnen, e da palavra "Turnkunst" (arte ginástica).

da ginástica no mundo. Quer dizer na Alemanha, claro, foi lá...O ano eu não posso te precisar, isso eu não tenho idéia.

As atividades realizadas na sessão de ginástica eram exercícios na *barra, argola, cavalo com alças, paralelas, solo*, a chamada ginástica de aparelhos (entrevistado "H"). Ele iniciou aos 16 anos participando de sessões realizadas nas *terças e sextas-feiras à noite, pelas sete e meia, oito horas, até as dez*, porque durante o dia *todo mundo trabalhava*. Com relação à sessão de ginástica relatou que iniciava cantando uma música em alemão *prá dá um princípio*, mas não recordava a letra da música: *não, não... pode ser que daqui a pouco dá, o 'iusque fusque'...* (risos)¹⁹⁶.

Após a entonação da canção realizava-se o aquecimento e todos os ginastas se dirigiam para a prática de exercícios nos aparelhos. Ao final os alunos entravam *em forma*, pronunciavam a saudação final *Gut Heil* (expressão em alemão que significa boa saúde) e eram dispensados¹⁹⁷. Quando os alunos eram liberados, *ai era brincadeira. Ai ia a bola pro chão e fazia aquele futebol sentado (dá risadas). Passa pra lá, passa prá cá, sabe?, e cada um ia ou fazer a corrida de fundo, tipo 1000 metros, uma coisa assim, os que queriam ir, os que não queriam ir, não iam, né. Mas, aquilo fazia parte, depois da ginástica. Ou ia fazer o joguinho.*

A sessão de ginástica apresentava características de uma atividade de treino desportivo. Os resultados desta prática eram apresentados *nas competições de ginástica realizadas todos os anos, entre as sociedades do Estado. Estas aconteciam nos Festivais de Ginástica realizados nos campos de futebol que ficava minado de gente, era desfile, então praticavam tudo que era tipo de esporte. Tinha clubes assim de ginástica. Era jogo de..., era atletismo, lançamento de disco, tudo, tudo, até bolas grandes, tudo que envolvia esporte era praticado* (entrevistado "D").

¹⁹⁶ Após o encerramento da gravação cantou o refrão da canção em alemão.

¹⁹⁷ Os ginastas usavam uma saudação "Gut Heil" (saúde) antes do início das sessões. (Marinho, 1980).

Os atletas que se destacavam nestas competições eram convidados para fazer demonstrações de ginástica nos eventos comemorativos promovidos pelas sociedades do interior do Estado. O entrevistado “D”¹⁹⁸ lembrou emocionado sua exibição na inauguração do ginásio de Estrela¹⁹⁹, onde executou uma série de exercícios, *até subida de corda eu fiz, que nunca tinha feito*. Ressaltou que o evento foi prestigiado pela população, *aquele troço tava apinhado de gente né*. Os representantes das sociedades de ginástica participavam de atividades e competições promovidas pelas cidades de colonização alemã. Nestes locais, além das sociedades de ginástica, geralmente havia uma sociedade de atiradores vinculada a comunidade alemã.

Tiro ao Alvo

A origem das sociedades de atiradores está ligada aos “brummers”, *que além de artífices, eram bons atiradores, especialmente, atiravam muito bem de carabina e, certamente, aí começaram as atividades*. Eles chegaram no Rio Grande do Sul, *em 1851, para integrar o exército brasileiro contra o exército de Rosas* (entrevistado “E”). Depois desta guerra, alguns permaneceram em Porto Alegre e criaram associações de atiradores. Um dos tradicionais locais de prática do tiro ao alvo era o *antigo tiro alemão*, localizado atrás do ex-campo do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (atual Colégio Uruguai, no Bairro Moinhos de Vento) (entrevistado “E”).

Além das associações de atiradores, o entrevistado “E” referiu que o tiro era praticado nas entidades paramilitares denominadas “Tiros de Guerra”. Estas unidades eram dirigidas pelos cabos ou sargentos do Exército, que promoviam desde o tiro e a marcha de instrução até atividades de acampamento. Este, ainda informou que as unidades de Tiros de Guerra

¹⁹⁸ Foi um destacado ginasta, tendo sua foto publicada nas primeiras páginas da Revista do Globo (1952: 2). Também foi um dos fundadores da Federação Gaúcha de Ginástica e da Federação de Remo do Rio Grande do Sul.

¹⁹⁹ O município de Estrela, colonizado por alemães, está localizado aproximadamente a 120 Km de Porto Alegre.

estavam localizadas em municípios do interior do Estado. Em Porto Alegre existiam o Tiro de Guerra nº 4 e o Tiro nº 318.

Remo

O entrevistado "A" afirmou que o remo *foi um esporte trazido por alemães*. Ressaltou que *em Porto Alegre a maioria das pessoas que remavam eram de origem alemã. Lá pelo fim de 1800 e por aí né. Neste período, o remo era praticado em canoas construídas pelos imigrantes alemães, que iniciaram esta atividade em 1860. As competições de barco a remo foram realizadas três anos depois da organização das primeiras associações, fundação do primeiro, do Ruder Club Porto Alegre, em 1888 e depois com o Ruder Verein Germania, em 1892* (entrevistado "E"). O entrevistado afirma que as duas associações organizaram o Comitê de Regatas, em 1894, *a mais antiga entidade esportiva do Brasil* (atualmente é a Federação de Remo do Rio Grande do Sul). Ele atribuiu a organização do Comitê de regatas à *liderança de Alberto Bins*, que também é indicado como um dos fundadores do Ruder Club Porto Alegre: *Alberto Bins é de origem alemã foi estudar na Alemanha praticou remo veio de lá e fundou*.

Nas primeiras associações de remo, a língua alemã era predominante. *No GPA [Club de Remo Guaíba Porto Alegre] era comum, era normal falar em alemão* (entrevistado "B"). O entrevistado "E" também confirma que *a linguagem oficial dos primeiros clubes de remo era alemã, os livros todos eram em alemão, o treinamento era em alemão, de modo que alguns dos brasileiros que quiseram ingressar nestes clubes tiveram dificuldades mesmo*. Ele afirma com veemência que *o remo foi nitidamente alemão*. Para o entrevistado "B" esta situação era o normal porque *a maioria dos sócios era alemão nato, filhos ou netos de alemães*. No GPA, *95% era alemão, eram os alemães né. Tinha os outros clubes aqui o Vasco da Gama, como é o Vasco, o Tamandaré, mas sempre predominando o estrangeiro, mesmo nestes clubes*.

A expansão das associações de remo em Porto Alegre atingiu o seu ápice na década de 30. O entrevistado "A" referiu que *era fantástica a quantidade de gente que assistia as competições de remo; era uma fábula para época* ²⁰⁰. Os remadores eram conhecidos como ídolos pela população que prestigiava as regatas. As competições também eram prestigiadas pelas autoridades, como o governador do Estado do Rio Grande do Sul que assistiu o Campeonato Brasileiro de Remo realizado em Porto Alegre, em 1933. O entrevistado "E" ²⁰¹ lembra que foi disputada a prova de "skiff", vencida pelos cariocas, e a prova de quatro, que foi vencida pela equipe do Clube de Regatas Barroso de Porto Alegre.

O entrevistado "B" confirma que o remo tinha uma *expressão fabulosa, não só aqui, mas no Rio de Janeiro, pois todos esses clubes de futebol são de regatas: Flamengo, Vasco da Gama, Botafogo, Icarai. Tudo são clubes de regatas, fundados para o remo originalmente. E aqui também tinha esses clubes todos ligados ao remo, incluindo o União*. Várias associações que foram criadas para a prática do remo continuaram se expandindo através do futebol.

Até o início da década de 40, o remo era considerado *o esporte número um do RS* (entrevistado "A"). O aterramento do Rio Guaíba forçou a transferência das garagens dos barcos, localizadas próximo da atual Rua Voluntários da Pátria, para o Parque Náutico Alberto Bins. O entrevistado "B" lamentou as obras de estreitamento do Rio Guaíba, pois a antiga localização das associações de remo facilitava para os remadores e o público, pois *botava o barco n'água, e era fácil. Então hoje, a gente pode assistir, mas só que mais avançado. Antes era na beira da Rua Voluntários da Pátria. O pessoal só assistia*.

²⁰⁰ O entrevistado "B" afirma o contrário: *eram poucas pessoas. Era geralmente pessoal da família* que prestigiavam as regatas. Da mesma forma, a entrevistada "F" comentou que geralmente os familiares e conhecidos assistiam as regatas: *pouca gente*.

²⁰¹ Entrevistado "E" trabalhou na recepção dos participantes do primeiro Campeonato Brasileiro de Remo realizado fora do Rio de Janeiro, em maio de 1933.

Natação

A natação era desenvolvida pela sociedade de ginástica e associações de remo no Rio Guaíba até a construção das primeiras piscinas na década de 30. Nesta época, a natação adquire um espaço privilegiado entre os desportos institucionalizados em Porto Alegre. Conforme o entrevistado “A”, a natação *tinha um grande prestígio e um grande público. Cada competição que tinha era uma multidão que ia assistir naquela época.* A entrevistada “G” confirma que as competições de natação lotavam as arquibancadas das associações e as disputas eram acirradas, *as brigas que saíam* (risos). Nas comemorações do centenário da cidade de Porto Alegre foi realizada uma competição de 25 metros no lago do Parque Farroupilha (Redenção): *nadaram ali sim. Tem um lago comprido na Redenção, eles marcaram 25 metros, fizeram uma passarela e ali fizeram a competição* (entrevistada “G”).

Pólo Aquático

O pólo aquático, inicialmente era praticado no *Rio Guaíba*, próximo ao cais do porto, pela sociedade de ginástica e associações de remo. O entrevistado “A”, descreve a organização do espaço para a prática deste desporto, chamado de “water polo”: *eles armavam as quadras, assim, com as goleiras e bóias frisando os limites da cancha de ‘water pólo’, e era jogado ali. E ali era pior ainda por que a água era escura, não se enxergava, e ali em baixo d’água os jogadores faziam o diabo um com o outro. Então, era ‘pau e pau’* (risos). *Era muito divertido.* O pólo aquático passou a ser praticado em piscina somente na década de 30, adquirindo o mesmo prestígio que a natação: *mesma coisa né, ia uma multidão; o pólo aquático lotava as dependências de qualquer clube. Lamentavelmente, faz muitos anos não existe mais* (entrevistado “E”).

Ciclismo

Porto Alegre teve 4 (quatro) velódromos no início do século XX, *mas isto já é 1905* (entrevistado “E”). Ele afirma que *havia uma sociedade recreativa só de alemães, a “Rodfeverein Blitz”, e também havia a União Velocipédica, essa União Velocipédica já tinha alguns italianos e estes foram bons no ciclismo.* A Sociedade Blitz localizava-se na Rua Voluntários da Pátria, *quase em frente ao Barroso.* Os ciclistas da Blitz foram os fundadores do “Fussball” (1903), que junto com o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense foi pioneiro no futebol em Porto Alegre (entrevistado “E”).

Tênis

A primeira associação de tenistas de Porto Alegre, o Club Walhalla foi organizada pelos imigrantes alemães, no final do século XIX. O entrevistado “B” referiu que muitas décadas depois esta associação fundiu-se com a Associação Leopoldina Juvenil (ALJ). Também destacou a influência do professor polonês, Leon Juquevitz, que além de lecionar tênis transformou-se em profissional de construção de canchas de tênis em Porto Alegre.

Punhobol

O punhobol faz parte da tradição da SOGIPA: *o time da SOGIPA é campeão mundial não sei quantas vezes de punhobol* (entrevistado “E”).

Futebol

A primeira associação desportiva para a prática do futebol em Porto Alegre foi criada por alemães e teuto-brasileiros, no início do século XX. Conforme o entrevistado “B”, no princípio o futebol era prestigiado por um *pequeno público, era 500, 200, 800 que assistiam para bater palma ou vaiar.*

Atletismo

O atletismo começou a ser desenvolvido em Porto Alegre pela Sociedade de Ginástica Turnerbund, no princípio do século XX. No centenário de fundação de Porto Alegre (1840-1940), a cidade foi sede do primeiro Campeonato Brasileiro de Atletismo Feminino. A entrevistada “G” lembra que o campeonato aconteceu no Estádio Ramiro Souto, em frente ao Colégio Militar: *nem sei se não tem mais né. Ah! Mas lá tinha um estádio grande*. Ela venceu a prova 80m com barreiras com o tempo de 12’4” (recorde gaúcho igualado ao brasileiro)²⁰². A entrevistada “F”, também competiu e sagrou-se vencedora na prova de salto em altura, superando competidoras do Rio de Janeiro e São Paulo diante de um grande público que foi prestigiar a competição: *Sim, estava sempre cheio*.

Basquete

O basquete em Porto Alegre também está vinculado aos imigrantes alemães e teuto-brasileiros. O entrevistado “B” afirmou que *os jogadores de basquete eram a maioria da colônia alemã e italiana*. Ele refere que o basquete foi impulsionado por estes estudantes: *o basquete teve uma época que se desenvolveu bem devido à participação dos estudantes de Medicina, Engenharia, mas era uma minoria*. O entrevistado “D” acrescenta que muitos jovens praticavam o basquete nas “Praças de Esportes” de Porto Alegre.

Voleibol

O desenvolvimento do voleibol em Porto Alegre também está relacionado com *a colônia alemã da Sociedade Turnerbund e a Associação Cristã de Moços (ACM)*²⁰³: *era ACM e SOGIPA no voleibol por vários anos*

²⁰² Quando foi realizada a entrevista, estava com 82 anos, mas lembrou do tempo exato que obteve na prova e enfatizou seu recorde.

²⁰³ De acordo com o entrevistado “B”, na ACM *a maioria era estrangeiro. É igreja metodista, e naquela época existia grande rivalidade entre as igrejas*. Além do voleibol, a ACM impulsionou as lutas como o jiu jitsu e a luta livre, que *era praticada por uma minoria* (entrevistado “B”).

(entrevistada "F"). A entrevistada "G" destacou a força da SOGIPA no voleibol: *a principal era a SOGIPA, né. A SOGIPA ganhava todas*. Ela acrescenta que a SOGIPA tinha equipes masculina e feminina de voleibol que geralmente estavam entre as primeiras classificadas.

Iatismo (vela)

As primeiras associações de iatismo surgiram em Porto Alegre nos anos 1930, com o apoio de homens da elite econômica porto-alegrense. Destaca-se o teuto-brasileiro Leopoldo Geyer, dono da tradicional "Casa Masson", ele era *remador e um dos donos do Grêmio Náutico Riograndense* [clube de remo], que cedeu um terreno para a construção da primeira associação de iatismo, depois do fechamento do Grêmio Náutico Riograndense. O entrevistado "E" afirma que Leopoldo Geyer é considerado o *grande patrono da vela no Brasil*. Outro incentivador do iatismo em Porto Alegre foi o dono do Jornal Correio do Povo, Breno Caldas, que *tinha ótimos barcos que disputavam provas realizadas no Rio de Janeiro e Buenos Aires* (entrevistado "B").

Golfe, Hipismo e Pólo

O golfe, o hipismo e o pólo parecem ser uma exceção com relação à predominância do grupo cultural alemão nos desportos. Conforme o entrevistado "B", o golfe chegou ao Rio Grande do Sul *via Santana, ou melhor via Argentina, Uruguai, Santana do Livramento e Rosário, onde tinham dois grandes frigoríficos dos ingleses americanos*. Ele lembra da influência inglesa na introdução do golfe, hipismo e pólo e atribuiu o desenvolvimento destes desportos no Rio Grande do Sul, além dos *brasileiros, aos vizinhos uruguaios e argentinos*.

Em Porto Alegre, a primeira associação de golfe e hipismo, o Country Club foi criado pelos *funcionários da Companhia de Energia Elétrica que era canadense*, em 1930. Ele refere que o Country Club adotou a prática do pólo, que assim como o golfe chegou por *Santana do Livramento trazido pelos*

ingleses e pelos oficiais de cavalaria. Considera que o pólo sempre foi um esporte caro, de rico, tinha que ter cavalos, então os filhos dos fazendeiros, aí sim brasileiros, uruguaios, argentinos, etc. e os oficiais e sargentos da cavalaria, aí praticavam pólo. Os associados do Golfe Country Club, ligados a criação de cavalos, organizaram a Sociedade Hípica de Porto Alegre.

Motociclismo

Nos anos 30, os campeonatos de motociclismo reuniam um público significativo nas ruas de Porto Alegre. O entrevistado "B" descreve o percurso de uma corrida que partiu *da redenção em direção as ruas Santa Terezinha, Osvaldo Aranha, passava aqui atrás do Instituto de Educação, entrava na João Pessoa ia até lá, antes da Venâncio Aires, entrava ali na José Bonifácio, na frente do Colégio Militar.* De acordo com o entrevistado, o período da Segunda Guerra Mundial marca a fase da profissionalização do motociclismo em Porto Alegre, com a presença de *muita gente que assistia as corridas de motociclismo e de uruguaios e argentinos que traziam motocicletas mais potentes do que as daqui.*

A presença de competidores estrangeiros, a potência das motos, o acirramento das disputas e o aumento do número e gravidade dos acidentes, também caracterizaram o motociclismo na época, conforme o depoimento. Um grave acidente que levou a morte do corredor foi lembrado pelo entrevistado: *numa bela competição de motociclismo, não sei se argentino, uruguaio ou chileno, ele não conseguiu fazer aquele... e foi direto ao monumento [estátua do Bento Gonçalves inaugurada na data de 20/09/1935, na abertura da Exposição Farroupilha] e foi uma morte chocante, muita gente assistindo a prova, foi num Domingo de manhã ou de tarde, num dia bonito e tal, aquele impacto daquele homem... aí então, e aí depois ocorreram outros acidentes.* Em decorrência desse fato, o monumento em homenagem a Bento Gonçalves foi transferido para a praça em frente a tradicional Escola Estadual Júlio de Castilhos na avenida João Pessoa.

Automobilismo

O automobilismo recebeu um impulso depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)²⁰⁴. O entrevistado “B” contou que as ruas de Porto Alegre tornaram-se palco de dois circuitos de corridas de automóvel: um com carros pequenos, *como Austin, Volkswagen e Fiat*, e outro para carros grandes. As provas de automobilismo de carros pequenos eram realizadas no trajeto da Rua Osvaldo Aranha até a Escola de Engenharia e seguiam direto até a frente da empresa de ônibus urbanos Carris [atualmente onde está o viaduto em direção a Rodoviária de Porto Alegre]. As corridas com carros grandes, *como Oldsmobile, Chevrolet e Ford* aconteciam, nos atuais bairros de Teresópolis e Ipanema²⁰⁵.

Marcha Atlética

A Marcha Atlética foi introduzida em Porto Alegre por José Carlos Daudt, que *trouxe a idéia da Olimpíada de Berlim*, junto com o “jornalista” Túlio de Rose²⁰⁶, quando retornaram dos Jogos Olímpicos, em 1936²⁰⁷ (entrevistado “E”). Túlio de Rose foi aos Jogos Olímpicos com a finalidade de trazer notícias para o Jornal Correio do Povo, de Breno Caldas. O entrevistado comentou que

²⁰⁴ Na gestão do prefeito Alberto Bins (1930-1937), a Rua Borges de Medeiros (a partir de 1951 passou a ser chamada de Avenida Wenceslau Escobar) foi pavimentada e produziu a ligação de três bairros da zona sul, Tristeza, Cristal e Praia de Belas. Desta forma, estes bairros ficaram mais integrados ao bairro Menino Deus e a cidade. Estas melhorias proporcionaram as condições para a criação do circuito citadino para a realização das corridas de automóveis. O chamado Circuito do Cristal tinha uma extensão de 15 Km, iniciando no largo do Cristal, percorrendo a avenida Wenceslau Escobar, Cavalhada e Coronel Marcos, e terminava no Beco do Cristal (atual Campos Velho). Neste circuito foram realizadas importantes provas automobilísticas, como por exemplo a corrida realizada em 1937. Esta prova contou com a participação de pilotos paulistas e cariocas, além dos gaúchos, e atraiu a atenção nacional formando-se a maior rede de emissoras de rádio para a transmissão de um evento esportivo no Brasil (Menegaz, 2003).

²⁰⁵ Embora o automobilismo fosse uma prova realizada por homens, parece que em Porto Alegre, a senhora Nilse Ruschel participou de uma prova em 1941 (Amaro Jr., 1942: 125).

²⁰⁶ O entrevistado “E” afirma que *Túlio foi aos jogos Olímpicos como um desportista, mas como um alfaiate de profissão, e voltou de lá, talvez o maior repórter desportivo da história do RS.. Foi elogiado por ter uma memória prodigiosa: tinha um conhecimento eclético fantástico, nunca ninguém teve igual, não conheço uma pessoa no RS que tenha tido uma memória e um conhecimento de toda as modalidades, ele lidava com tudo, ele passou a vida dele viajando com uma competição, com outra. Já o entrevistado “A” referiu que Túlio de Rose “combatia” os profissionais especializados: era um reacionário neste aspecto.*

²⁰⁷ Sobre a história da marcha atlética, recomenda-se a leitura de Gonçalves e Muller (1999).

as notícias enviadas pelo rádio eram *fantásticas*, com informações da parte desportiva assim como *da parte social, levando as famílias, o elemento feminino, crianças para participar dos desfiles e toda aquela grandiosidade que o alemão sempre foi muito pródigo nessas realizações*. Afirmou que Túlio de Rose se surpreendeu com a *grandiosidade dos espetáculos, a inauguração, desfile, a corrida do fogo simbólico, a primeira grande corrida, né, era uma coisa excepcional, o mérito a gente tem que dar*.

Influenciado por Túlio de Rose e José Carlos Daudt, o entrevistado “C”, começou a treinar a marcha atlética, em 1936, mas em seguida *parou de trinta e sete e reiniciou em quarenta e foi né. Depois aí*. Ele contou que na Semana da Pátria de 1940 foi realizada a primeira prova oficial de marcha atlética, em Porto Alegre, por isto ele considera que *a história da marcha atlética começou em quarenta exatamente*. A prova partiu do Palácio do Governo pelas ruas da cidade em direção a chegada na pira da Pátria localizada no Parque da Redenção, na avenida João Pessoa. O entrevistado contou sobre sua participação na competição: *foi quando eu tomei parte, na primeira prova tirei terceiro lugar. O primeiro lugar foi do Otto Ritter, o segundo lugar foi daquele que ganhou o, Carmindo Klein que ganhou aquela caminhada do IPA, e eu terceiro*.

No ano seguinte, novamente realizou-se a prova com a mesma distância e trajeto *até a pira, sempre a chegada até a pira né. As corridas rústicas da rua também eram na rua e a chegada sempre na pira da pátria. Aí era o ponto final, né*. O entrevistado relata com entusiasmo a chegada dessa prova: *na chegada, o melhor atleta que era o Otto Ritter, mas ele, ele e eu também aumentamos a velocidade e ele não conseguiu, ou melhor, nós fomos juntos até a chegada, e na chegada ele vendo que (pausa), que nós, que ele não conseguiria me ganhar, ele nos, me abraçou. Empatamos...E os juizes... A emoção do entrevistado, também é observada quando ele fala do seu adversário, o atleta Otto Ritter, que era dez anos mais velho: *foi o homem que me, que me, incentivou, e me fez, me, como é que eu vou dizer? Ele foi o mentor, ele foi o**

*meu pai....que me botou no esporte, no atletismo. Me tirou do colégio e me botou na SOGIPA*²⁰⁸.

O reconhecimento da marcha atlética pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) demorou muitos anos. O entrevistado “C” disse que *até hoje não sabe porque a CBD não queria o reconhecimento*. Mas no decorrer de seu depoimento afirmou que *determinados é, diretores da CBD, achavam que era uma prova até de que o Brasil não tinha, não tinha expressão, era praticamente só no Rio Grande do Sul que se, que se praticava a marcha atlética... É*. Ele contou que em 1951 ou 1952 (dificuldade para precisar o ano), o Brasil levou para os Jogos Pan Americano, na Argentina, atletas das provas de atletismo de 100, 200, 400, 800 metros, menos de marcha atlética por que *não havia marchador brasileiro*. Contudo relata que *o atleta que venceu, que foi o vencedor, nesse Pan Americano em 52, o tempo dele na prova de 10 quilômetros, o tempo dele foi inferior ao meu tempo. O meu tempo era melhor, se eu tivesse ido tinha sido*.

Os fatos relatados indicam que a CBD boicotou a participação do marchador, que não quis comentar muito o assunto, *porque, porque, porque eles não, no Brasil, a CBD não ,é é é,...não queria , entende?* O entrevistado sempre lutou pelo reconhecimento da marcha atlética²⁰⁹. Quando foi indicado pela CDB para representar o Brasil na reunião do Conselho Técnico dos Jogos Sul-Americanos realizados no Peru, o entrevistado convenceu os delegados do Uruguai, Argentina, Peru e Chile para defenderem a inclusão da Marcha Atlética. Ele orgulha-se quando fala do assunto: *ficou decidido por proposição minha. Foi incluída a Marcha Atlética no Sul Americano, a partir daquele ano, 1971*. Embora não disputasse mais competições, ele afirmou *importa que ela foi incluída*. Em 1971, a prova de marcha atlética foi incluída nos Jogos

²⁰⁸ O entrevistado “C” contou que a cada índice que ele batia era colocado um “R” na camiseta para ficar gravado os recordes. Afirmou que a idéia foi do técnico, porém em outro momento da entrevista disse que treinava sozinho. No decorrer do depoimento refere como uma idéia de ambos, que foi combinada com outros atletas da SOGIPA, mas eles não adotaram. Ele conclui eufórico falando do seu desempenho: *“mas eu tinha tantos recordEntende, entende, que eu comecei a botar , botei e tal, e ficou né.”* Possivelmente buscou inspiração nos remadores, que fixavam no tecido da camiseta as medalhas para exibir as vitórias conquistadas.

²⁰⁹ Foi presidente da Federação Atlética Riograndense (FARGS) na gestão de 1948 –1952.

Estudantis Brasileiros realizados no Rio de Janeiro. Afirmou que tal fato ocorreu por que *“souberam que no Sul Americano tinha sido incluída a Marcha Atlética. E aí então ela, também a CBD foi obrigada a botar nos Campeonatos Brasileiros, então em 72 iniciou oficialmente, foi reconhecida a prova de Marcha Atlética no Brasil”*. O entrevistado não participa mais de provas de marcha atlética, porém participou do campeonato brasileiro de atletismo veterano, em outubro de 2001, nas provas de arremesso de peso, lançamento de disco, lançamento de dardo, corrida de 100 metros rasos.

O Treino Desportivo nas Associações

Em geral, o treino desportivo era conduzido pelos instrutores/professores responsáveis pelas atividades desportivas da associação e pelos próprios atletas. A entrevistada “F” afirma que não tinha treinador, mas tinha o *professor Blach que nos orientava*. Ela mostrou uma fotografia sua saltando em uma competição e disse que aprendeu a saltar daquele jeito por que o *professor nos ensinava, mas era bem diferente*. Além do salto em altura, ela competia nas provas de salto em distância, 80 metros com barreira, lançamento de disco e 100 metros rasos. No segundo Campeonato Brasileiro de Atletismo Feminino, realizado no Rio de Janeiro, em 1942 foi campeã brasileira de corrida 80 metros com barreiras. Foi campeã de salto em altura, com o índice de *1,35 m*, aos 13 anos de idade, no primeiro Campeonato Brasileiro de Atletismo Feminino (1940), em Porto Alegre. Todavia, ironizou o resultado afirmando que *era uma coisinha, que hoje até os cachorros fazem* (risos).

O entrevistado “D” iniciou a prática da ginástica olímpica com aproximadamente 16 anos de idade e treinava sozinho: *como eu já lhe disse não tinha professor*. Segue seu depoimento em tom de reclamação: *não tínhamos em quem nos espelhar, aparecia alguma coisinha no cinema, um camarada fazia um movimento, vamos lá ver*. Os ginastas treinavam juntos e cooperavam entre si: *éramos concorrentes, mas nós éramos colegas. Um ajudava o outro a fazer alguma coisa*. Afirmou que seu aprimoramento na ginástica deve-se aos ginastas alemães que atuavam pela SOGIPA: *aprendi*

muito com eles ²¹⁰. Participou de várias competições nacionais²¹¹ e internacionais²¹² de ginástica, além de praticar natação, remo no Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre e ciclismo durante seis anos.

Da mesma forma, o entrevistado “C” treinava sozinho e *inspirava-se nas imagens do canal 100 do cinema e lia revistas*. Demonstrou surpresa quando questionado sobre a presença do técnico e exclamou em tom de voz alto: *Que! Eu tinha um técnico, não, o técnico da SOGIPA, mas eu, é é é eu estudava entende, eu, eu, eu via, eu acompanhava, depois passei a acompanhar os marchadores, é, da Europa né*. O entrevistado segue dizendo que *na época eu não tinha televisão, não tinha nada né. O que via era, era pelo rádio e assim mais as revistas né, que apareciam*. O entrevistado “A” aprendeu a nadar sozinho, pois na associação que freqüentava não tinha técnico. Contou que a aprendizagem realizou-se através da observação de outros nadadores: *eu aprendi rapidamente, em poucos dias aprendi a nadar e copiando dos outros, que não tinha também treinador*.

A entrevistada “G” também não tinha um técnico que acompanhasse seu treinamento: *é, técnico, técnico não, mas um ajudava o outro (risos) e cada um fazia o que queria*. Afirma que os atletas da ginástica e do atletismo não se especializavam em uma modalidade ou tipo de prova específico. A entrevistada “F” confirma: *a gente fazia de tudo, com exceção dos 200 metros*. Afirma que *não havia aquele treino, aquela preparação antes. Não fazia preparação nenhuma. A gente chegava, dava uma corridinha e ia competir. Não tinha*

210 O entrevistado disse que quando ia treinar na SOGIPA ele recebia mais “atenção” do professor “Black”. Os outros ginastas percebiam e comentavam, mas atribuía o tratamento especial do professor por que *eu modéstia à parte era um camarada muito esforçado*; *“ele gostava muito de mim”*, *“eu fui evoluindo mais do que os outros*.

211 Foi campeão de ginástica olímpica (todos os aparelhos) no Campeonato Estadual de Ginástica, em 1959. Também competiu em cinco campeonatos brasileiros de ginástica: no primeiro campeonato brasileiro, realizado em São Paulo, obteve o segundo lugar; no segundo e no quarto campeonato, ambos realizados no Rio de Janeiro foi bicampeão; no terceiro e quinto campeonato, ambos realizados em Porto Alegre foi bicampeão.

212 Participações do entrevistado: primeira competição Internacional de Ginástica, em Montevideu (Uruguai), em 1946; primeiros “Jogos Pan-Americanos” realizados em Buenos Aires (Argentina), em 1951; “Jogos Pan-Americanos” realizados em Chicago (USA), em 1955; “Jogos Sul-Americanos”, em 1957 (campeão na prova de argolas); primeiros “Jogos Luso-Brasileiros”, em Lisboa. Foi convocado para os “Jogos Pan-Americanos” realizados no México, em 1953, mas não participou porque a esposa estava grávida.

depois alongamento, não tinha nada disso. Era tudo cru. Explicou que as metragens eram baixas, porque a gente praticamente não treinava, era uma vez por semana e praticava no domingo e acabou-se.

A entrevistada “F” contou que seu falecido marido e o atleta Lauro Kliemamn (faleceu durante a realização da pesquisa) passavam temporadas dormindo na SOGIPA, na Casa dos Bávaros, para levantar cedo e *iam treinar, iam correr, iam saltar, antes de trabalhar*. Referiu que eram os únicos atletas que faziam treinamento diário. Porém, o entrevistado “C”, afirmou que treinava todos os dias, inclusive chegou a treinar de madrugada, na época em que estava servindo na Base Aérea de Canoas: *tinha que estar na Base, as sete, sete horas da manhã, eu treinava às três horas da madrugada, na SOGIPA, sozinho, sozinho.*

Os atletas trabalhavam durante o dia restando pouco tempo para dedicar-se ao treinamento. O entrevistado “D” treinava *à noite e aos sábados e domingos de manhã*, porque trabalhava o dia inteiro com o *caminhão e carregando caixa*. O entrevistado “A” vivenciou condições de treinamento parecidas: *era muito difícil ter algum rendimento melhor, por que hoje a gente sabe quem trabalha o dia inteiro e vai correr no clube, nadar ou remar uma hora, não consegue nada de objetivo, de prático. Naquela época eles faziam milagres, faziam o que podiam dentro desse esquema de treinamento*. Comparou o treinamento quando tinha 18 anos de idade²¹³ e, atualmente, como atleta máster de natação: *treino mais, o dobro praticamente, do que eu treinava quando tinha 18 anos. Atualmente treino diariamente uma hora e meia, nadando entre dois mil e três mil metros para as provas de nado costas e crawl*²¹⁴.

A entrevistada “F” comentou que para os homens era mais complicado o horário de treinamento: *ou levantavam cedo ou depois do trabalho*. À noite não era possível treinar por que não tinha iluminação. As entrevistadas (“F” e “G”),

²¹³ O entrevistado aprendeu a nadar aos onze anos de idade em um rio.

embora não trabalhassem fora de casa, como os atletas homens, também não dedicavam muito tempo ao treinamento. A entrevistada “G” treinava *duas a três vezes por semana*. E, às vezes, as mulheres treinavam junto com os homens: *Não me lembro de fazer discriminação. Quando tinha tempo treinavam e deu* (entrevistada “F”).

A presença de mulheres nas práticas desportivas das associações não era comum até aos anos 30. Conforme o entrevistado “B”, as mulheres não praticavam remo: *não, não tinha*. Ele acha que algumas jogavam bolão: *depois de algumas cervejas, jogavam* (risadas). Comentou que as mulheres alemãs eram mais liberadas (tomavam cerveja) e que inclusive ficou sabendo que freqüentavam praias de nudismo. Ele afirma que as mulheres *estrangeiras* [referindo-se as alemãs e italianas] praticavam o tênis, ginástica, vôlei e um pouco de basquete, *agora a mulher brasileira mesmo raríssima praticava esporte. Eu sei porque a minha irmã, as primas eram assim. Então imagina botar o calção, era um escândalo. Então não era atrativo fazer ginástica para ter que esperar para depois ir para casa tomar banho*. Referiu que o *desenvolvimento mesmo do esporte foi nos últimos 30 anos. Aí mudou, mudou para melhor*.

O entrevistado “H” afirmou que quando ele iniciou na ginástica *não tinham mulheres. Não, em aparelho não. Só em bailados*. Mas ele considera importante a presença das mulheres e comenta com alegria sobre o seu desempenho na ginástica olímpica: *hoje é aquela maravilha!* A entrevistada “F” confirma que o número de mulheres no desporto *era bem restrito o negócio. Era pouca gente, mas quem fazia era por prazer, porque gostava*. A entrevistada “G” também comentou que não era comum, naquela época, mulheres praticarem desportos, *mas tinha bastante atletas na SOGIPA*. Estas atletas compareceram no primeiro Campeonato Brasileiro de Atletismo realizado em Porto Alegre (1940) e no segundo campeonato realizado no Rio de Janeiro (1942). Além das duas porto-alegrenses competiram uma paulista e

²¹⁴ Quando foi realizada a entrevista tinha 79 anos. Nos anos de 2000, 2001, 2002, esteve entre os 10 melhores do mundo na sua faixa etária. Em 2000 foi campeão mundial de natação

uma carioca denotando o número pouco expressivo da participação feminina nas competições: *eram quatro, cinco. Pouca coisa* (entrevistada "F").

As mulheres atletas, geralmente, viajavam para as competições acompanhadas por familiar (pai, mãe, tia, irmã). A entrevistada "F" disse que o pai *permitia, mas sempre ia junto* nas competições. Ela lembra *nunca viajei sozinha, sempre meu pai nos acompanhava, sempre. A gente ia jogar em Santa Cruz e ele ia junto, a gente ia jogar em Cachoeira e ele ia junto. Quer dizer, sempre a família. Quando nós fomos jogar voleibol, naquela ocasião ele não pode ir, então foi uma tia minha. Mas sempre alguém da família junto*²¹⁵.

A situação dos atletas homens era diferenciada quando participavam de competições em outras cidades. O entrevistado "H" relatou que *era abrigado em casas de família* ou acampavam nos clubes, o que ele denominou brincando de *acantonamento*, pois propiciavam a integração entre ginastas de diferentes cidades. Ele lembra com muita alegria e entusiasmo destes momentos: *mas, que era gostoso! Mas, se era gostoso!*²¹⁶.

A vida desportiva dos homens foi mais prolongada em relação mulheres. As entrevistadas começaram a praticar desportos quando eram jovens e encerraram cedo sua vida carreira desportiva: *comecei cedo e parei cedo* (entrevistada "F"). O motivo pelo qual se afastou das competições de atletismo foi o casamento: *parei porque eu casei cedo [19 anos de idade] e meu marido, apesar de ser esportista [equipe de atletismo da SOGIPA, prova de salto com vara, e também foi jogador de basquete e vôlei], não queria saber, era muito ciumento, então... Ah sim! Em seguida engravidei, e filhos, e então, aí... Enfim.* (entrevistada "F"). Depois de casada só jogava vôlei na praia: *juntava uns 6 e*

máster representando os Estados Unidos no Mundial de Natação Máster na Austrália.

²¹⁵ A entrevistada "F" afirma que sua irmã Lia Süffert *praticava esporte para me acompanhar*. Ela relatou um fato interessante que aconteceu no Campeonato Brasileiro de Atletismo no Rio de Janeiro, em 1942: *eu venci os 80 metros com barreiras e minha irmã tirou segundo lugar. E naquela ocasião ela foi entrevistada por um jornalista que perguntou: Que coincidência vocês duas, primeiro e segundo lugar. Como é que a senhora conseguiu o segundo lugar? Ela respondeu: Bom, porque a carioca caiu na pista da paulista, então só sobrou eu* (risos).

²¹⁶ O Entrevistado "E" esclareceu que *naquele tempo, as viagens não eram de avião, eram de trem, de navio que demorava, tinha que sair uma semana, no mínimo uma semana ou dez dias antes, até às vezes vinte dias antes da competição*.

jogava vôlei. A afirma que optou pelo vôlei: achei o vôlei mais interessante, mais gostoso. Aí eu passei para o vôlei. Ela jogava voleibol misto com José Barros de Viana, Orlando Doormann (futuro marido), Nelson Shuffer (irmão), Carmem da Luz, e Sueli Spaldwin. A entrevistada fala da interrupção da prática desportiva com certa tristeza (tom de voz mais baixo) e encerra dizendo: *não tenho muita coisa para te contar.*

A entrevistada “G” também encerrou a carreira desportiva, quando casou com Osmar Barth, que foi campeão gaúcho de pólo aquático e de basquete e futuro presidente do GNU. Quando estavam noivos, ela foi selecionada para representar o Brasil nos Jogos Sul-Americanos, em Montevideu (Uruguai), mas não foi alegando que *naquela época era longe daqui*, mas depois acrescentou que o noivo não concordou com a viagem. Apesar de abandonar a prática desportiva, a entrevistada continuou freqüentando o clube acompanhando o filho e as filhas (tornaram-se atletas de nataçãõ), *ajudando em atividades sociais e participando nos bailes sim, era a primeira a entrar e a última a sair.*

Os depoimentos sugerem que o casamento representou não somente o rompimento com a vida desportiva, mas também profissional para as entrevistadas. A entrevistada “F”, que concluiu o *Curso Superior de Educação Física na ESEF*, em 1944²¹⁷, e o curso de piano no Conservatório Mozart no Instituto de Belas-Artes, em 1946 não exerceu nenhuma profissão. Ela afirma que o papel da mulher na época *era para dentro de casa. Eu comecei a trabalhar depois que meu marido faleceu e meu filho me convidou e disse: ‘mãe, vai lá na indústria, procura uma coisa para ti fazer, monta teu horário e vai.* Percebeu-se que as mulheres atletas percorreram uma trajetória diferente dos homens entrevistados. Eles começaram a trabalhar cedo e ao mesmo tempo treinavam, além de prolongarem sua vida desportiva, inclusive participando de competições regionais, nacionais e internacionais, após o casamento e o nascimento dos filhos. Para elas o casamento está relacionado com a ruptura da prática desportiva sistemática.

²¹⁷ O curso tinha duração de dois anos e preparava para lecionar em associações desportivas.

Tendo em vista as condições de treinamento dos atletas, a preparação física não era cogitada ou quando acontecia era realizada de forma *muito primária* (entrevistado “B”). Afirma que no futebol ficava restrita a prática do jogo em si e o jogador demonstrava isto no biótipo: *era desenvolvido daqui para baixo (mostrou da cintura para baixo), ele era assim, desenvolvia as coxas, pernas*. No remo, a preparação física também era precária. Lembrou que seu companheiro de clube, Mário Rigatto²¹⁸ dizia que *o preparo físico do remador aqui no Brasil deixava muito a desejar. No Rio de Janeiro tinha bons remadores, mas se fosse hoje seriam muito melhores se tivessem mais educação física*²¹⁹.

Alguns nadadores e remadores faziam aulas de ginástica, afirma o entrevistado “D”. As aulas de ginástica sueca eram ministradas pelo *prático licenciado* Hans Frichnik, na Sociedade de Ginástica Navegante São João, à noite. O professor Hans era um destacado ginasta alemão que *ganhava todos os campeonatos* pela SOGIPA. A superioridade do ginasta alemão nas competições foi admitida pelo entrevistado “D”: *não, ele claro tem o detalhe que era o melhor, mas só eu que enfrentei ele. Por exemplo, argolas ele não me ganhava, cavalo, cavalo com alça também era bom*. O ginasta Hans Frichnik permaneceu um período em Porto Alegre e depois foi para os Estados Unidos. As razões que levaram o instrutor alemão partir de Porto Alegre não são conhecidas pelo entrevistado “D”: *a razão de ele de vir aqui e partir, eu não me lembro mais*.

O entrevistado “D” mencionou a presença de outro ginasta alemão chamado Herbert que ministrava aulas: *quando veio o Herbert da Alemanha, eu fui o único ginasta...ele tá ali naquela foto, ele era muito bom ginasta, mas bom ginasta mesmo*²²⁰. Este ginasta permaneceu um período em Porto Alegre e afastou-se sem o conhecimento do seu paradeiro. Ainda lembrou do ginasta Henrique Bauer, que *era um veterano e ele ganhava competições, ele era um*

²¹⁸ Foi remador e atuou como professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

²¹⁹ O entrevistado “E” afirma que *a educação física era uma coisa nova em Porto Alegre praticada por comunidades*.

*alemão nato*²²¹. Esse ginasta primeiro residiu no Rio de Janeiro, onde venceu várias competições e depois se mudou para Porto Alegre, onde permaneceu até o falecimento. Como ginasta da SOGIPA venceu duas competições, uma em Porto Alegre e outra no Uruguai. Ele parou de competir quando *foi largado pela SOGIPA*. O tom de voz do entrevistado sugere uma certa mágoa com relação a atitude da sociedade de ginástica dispensar um atleta vitorioso em competições. As razões do fato não são conhecidas, mas especula-se que um dos motivos da dispensa possa estar ligado ao fator idade e outro aspecto a considerar é sua identificação como *alemão nato*.

O treinamento desportivo desenvolvido com sérias limitações denota o caráter amador do desporto nas associações²²². No atletismo as condições para a prática desportiva não eram as mais favoráveis, conforme a entrevistada "F". As competições eram realizadas no estádio da Escola de Cadetes, no Parque Farroupilha (Redenção): *ali no canto, não sei se ainda existe, no canto do Parque Farroupilha, mais ou menos em frente ao Brique da Redenção, ali tinha um pedaço que era onde se praticavam esportes*. Ela usa a expressão "pedaço" sugerindo que o espaço não tinha características que o identificavam propriamente com instalações desportivas: *aquelas caixas de areia lá embaixo, não tinham colchãozinho e coisa, era bem...rústico, muito rústico, muito simples*. Descreve a pista onde treinava: *era com carvão, que vinha da usina, e punham ali, socavam e faziam de pista de corrida naquela época. Quando a gente caía levava cada esfrega...doía*.

Além das condições precárias de infraestrutura, falta de treinamento orientado e sistemático os atletas tinham que conviver com as lesões ocasionadas por esses e outros fatores. A entrevistada "F" lembra que *de vez em quando se machucava*, mas nada de lesões graves: *nunca me quebrei, felizmente*. No entanto, mostrou uma fotografia, onde aparece com o braço na

²²⁰ O entrevistado enfrentou em competições o ginasta Herbert e orgulha-se de sua atuação, pois os ginastas alemães tinham um desempenho superior do ponto de vista técnico.

²²¹ A expressão "alemão nato" é empregada para identificar o imigrante alemão.

²²² No final da década de 50, o treino desportivo era desenvolvido de forma precária nas associações desportivas. Na tentativa de melhorar a situação, a Divisão de Educação Física criou o Grupo de Estudo e Pesquisas em Treino Desportivo (Portaria nº 76 de 29/05/59).

tipóia porque *caiu de mal jeito* no salto em altura e *torceu o braço*. Quando novamente questionada sobre lesões e *machucados* admitiu que *certamente* se machucavam quando caíam, então mostrou outra fotografia e disse: *tu reparas aqui: salto em altura, SOGIPA, a gente caía dentro dum buraco mais baixo que ... dentro da areia*. Em seguida comentou que as pessoas pensavam que o salto em altura era fácil: *achavam que era mole, que caía na areia que era mole* (risos). Ela afirma que pensavam o mesmo a respeito do salto com vara executado pelo marido: *lá em cima, caía lá embaixo e deu. Caía na areia e deu. Dava lá uma afofadinha e deu*.

As informações indicam que até o início da década de 40, as associações desportivas careciam de profissionais especializados nas atividades desportivas. A entrevistada “G” referiu a presença de um técnico de voleibol da SOGIPA, o *Viana, que era um estudioso, era o técnico deles*. Ele foi um dos primeiros professores da ESEF/UFRGS. O Grêmio Náutico União contratou Armando Capra, formado pela ESEFEX (Escola de Educação Física do Exército), para atuar com as equipes de natação do clube, em 1946. Este foi o primeiro técnico profissional contratado pelo GNU, o que gerou contestação. Segundo o entrevistado “A”, a presença de técnicos especializados nas associações sofreu resistência de algumas pessoas do meio desportivo, especialmente de Túlio de Rose²²³.

O Desporto Amador nas Associações

As atividades desportivas promovidas pelas associações tinham um caráter amador. Os depoimentos apresentam vários indícios do amadorismo desportivo. O futebol é apontado como o desporto que apresenta os primeiros sinais do profissionalismo camuflado, embora o remo também foi destacado

²²³ Contrastando com a realidade de Porto Alegre, os paulistas mobilizaram-se trazendo técnicos estrangeiros, materiais e equipamentos esportivos, além de novas modalidades desportivas. O desporto ganhava dimensões políticas e as associações paulistas adquiriam alcance e reconhecimento social. A Associação Paulista de Sports Atléticos (APSA) anunciou em maio de 1920 a contratação por três anos de um especialista norte-americano formado pela célebre Escola de Educação Física de Springfield, “e não de um simples instrutor de ginástica”, para atualizar as técnicas e métodos de preparação de atletas paulistas (Sevcencko, 1992: 52).

pelos entrevistados. O amadorismo significava que o atleta não recebia incentivo financeiro da associação desportiva: *os atletas eram amadores, por que não recebiam absolutamente nada. Todo mundo, quase todo mundo trabalhava né* (entrevistado "A").

O entrevistado "C", com certa indignação no tom de voz afirmou que *não recebia nada, coisa nenhuma a gente recebia! O contrário, o contrário entende*. Ele lembra que adquiriu com muito custo sua primeira bicicleta da marca LúCIFER (marca alemã), em 1936, e pagou o valor na época de quarenta e um mil réis. O entrevistado "H" também não recebia nada *de dinheiro, nada... Não, não, de dinheiro, nunca envolveu dinheiro, de maneira nenhuma* para participar das competições. O amadorismo desportivo era um pensamento comum aos atletas entrevistados. Eles empregam expressões parecidas, que ilustram o sentimento amador da prática desportiva: *a gente fazia porque gostava de fazer* (entrevistado "B"); *a gente fazia aquilo porque gostava de fazer* ("F"); *gostava de fazer esportes* ("G").

O entrevistado "B" afirmou que as transferências de atletas de um clube para outro eram difíceis devido às idéias do amadorismo. Contou que as transferências de atletas *eram muito noticiadas e causava muita espécie*. Esta situação começa mudar com o surgimento do amadorismo marrom *no fim da década de 20, especialmente no futebol* ²²⁴. Refere que a profissionalização começou no Rio de Janeiro e contou como acontecia: *estive lá no RS, o fulano rema bem e tal, vou convidar para vir remar aqui. Convidar, mas não tenho dinheiro. Não, você vem aqui amador, mas amador fictício, vou te empregar na minha firma. Então você passa a constar na folha de pagamento da minha firma, como se tal fosse e passa o dia lá no Vasco remando. Aí, realmente o pessoal do Rio de Janeiro começou a levar uma grande vantagem com essa profissionalização*. Conforme o entrevistado, *vários* remadores gaúchos do GPA foram embora para os clubes de remo do Rio de Janeiro. Ele afirma que a

²²⁴ Conforme o entrevistado "B", *os negros não frequentavam os clubes*. Comentou que o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense *até uns 30 anos atrás, parece que não admitiam jogador negro, não tenho certeza. Eu sei que negro era colorado*. O entrevistado *acha* que Esporte

profissionalização do desporto porto-alegrense começou após o fim da Segunda Guerra Mundial, lá por 48, 49, 50, mas era uma *profissionalização disfarçada*, pois *para todos os efeitos era amador ainda*.

3.2 – A identificação com a associação desportiva

As primeiras associações desportivas se constituíam em comunidades que congregavam pessoas vinculadas por laços comuns. Participavam desta rede de relações todos aqueles familiares e amigos que comungavam traços culturais. O sentimento de pertencimento a uma associação era alimentado desde o surgimento das primeiras associações: *no século passado no ciclismo entre a Blitz que era só de alemães e a União Velocipédica, que já tinha alguns italianos. Era o grande esporte que rivalizava com o remo* (entrevistado “E”).

Os entrevistados freqüentavam a mesma associação, laços de amizades se constituíam (*porque freqüentava a SOGIPA, e era amigo dos gurus*), às vezes, treinavam juntos, estudavam nos mesmos colégios, as famílias se conheciam, os namoros e casamentos aconteciam no grupo, um indica o outro nas entrevistas, enfim estão ligados pelo sentimento de pertencimento a associação que traduz as identidades culturais dessas associações desportivas.

O entrevistado “B” considera *normal que naquela época as famílias e familiares freqüentassem sempre o mesmo clube. A associação era muito, bastante familiar assim, essas reuniões eram muito boas por causa disso, também não se tinha onde ir a não ser no cinema e a sociedade, não é?! É se freqüentava muito os clubes, muito mais do que agora* (entrevistado “D”). Ele afirmou que as pessoas freqüentavam sempre o mesmo clube: *as pessoas se identificavam com os clubes, os do União freqüentavam só o União, os do Guaíba. O entrevistado “B” refere que o sentimento de fidelidade ao clube dava status, por exemplo, a minha família freqüenta o clube tal desde... a*

Clube Renner, não fazia restrição aos jogadores negros. O Renner era uma associação dos empregados das Indústrias Renner.

Proclamação da República. É que para ingressar no clube era difícil. A entrevistada "G", também freqüentou sempre a mesma associação e seus três filhos faziam natação e passavam o dia praticando esporte no União ²²⁵.

A entrevistada "F" quando questionada sobre a associação que freqüentava respondeu como se a resposta fosse óbvia: *a SOGIPA, adivinha assim como, a família toda* (risadas). *A família toda era da SOGIPA. As associações congregavam familiares, que compartilhavam o espaço da grande família representada pela própria associação. Para a entrevistada a associação era, era a continuação da família, como a SOGIPA ainda é agora. Ela conheceu o marido, também teuto-brasileiro, na SOGIPA, ele também freqüentava e jogava, e família. Essas coisas. Ela afirma que era comum ocorrer casamentos entre as pessoas que freqüentavam a mesma associação: não, não era que se procurasse, sim, as pessoas que freqüentavam o clube, a sociedade. Ela disse que os casamentos entre alemães e alemães e italianos eram comum.*

A entrevistada "F" sempre freqüentou a SOGIPA e os bailes promovidos pela ALJ: *era só SOGIPA, a gente se criou lá e se manteve lá; meu pai e meus tios iniciaram o punhobol na SOGIPA, junto com Jorge Schuch, que é presidente da SOGIPA, e os irmãos dele que também jogavam. Toda família jogava punhobol, os filhos deles também estão jogando. O entrevistado "D" comentou que antigamente as pessoas, as famílias freqüentavam o clube nos fins de semana. O entrevistado "C" afirmou que também vivia na SOGIPA.*

Outro que se criou dentro da associação foi o entrevistado "E", *possivelmente o namoro do meu pai foi no clube e eu me criei no Barroso. Apesar de mostrar sua vinculação com o Barroso ele afirma que tem um sentimento eclético, assim, de não ser sectário. E isso eu acho que é uma coisa que eu herdei do meu pai. Onde fosse possível se fazer amizade e se sentir bem a gente não tinha aquela... e era muito rígido naqueles princípios e*

²²⁵ As duas filhas da entrevistada "G" foram atletas de natação e participaram em competições nacionais e internacionais. A filha mais velha, que faleceu precocemente, foi campeã brasileira

se era de um clube, não podia de maneira nenhuma modificar ²²⁶. Ele confirmou que a vinculação exclusiva a um clube era quase que uma exigência das associações. É possível que o entrevistado "E" transitasse entre o Barroso e o GNU porque ambos tinham forte influência dos alemães, como sugeriu o entrevistado "A": *o Barroso é também do mesmo tipo de formação, né. Ele confirma que no Barroso tinha alemães também. Todas as pessoas, que eu me lembro, do Barroso daquela época, dirigentes, eram, quase todas, não todas, eram de origem alemã. Em seguida citou alguns nomes alemães: Sachs, Schiel, uma porção de nomes assim.*

O entrevistado "A" destaca a rivalidade entre as associações de remo: *era fortíssimo, não que a gente não se desse. É engraçado que a gente se dava; eu por exemplo, me dava muito bem com o pessoal do Barroso, do próprio Gaúcho né, mas tinha gente, e daí eu acho que era mais da parte de dirigente, que nós não éramos, que se odiavam.* Ele afirma que entre dirigentes e associados, as disputas eram *quase que um fanatismo*. Algumas associações desportivas eram tradicionais rivais nas competições, como o Grêmio Náutico União, o Grêmio Náutico Gaúcho e o Clube de Regatas Almirante Barroso. Conforme o entrevistado, as competições entre o Grêmio Náutico União e o Grêmio Náutico Gaúcho acirrava os ânimos dos atletas e associados que alimentavam sentimentos de rivalidade entre os clubes. A entrevistada "G" lembrou que antigamente existia muita a rivalidade era entre o GNU e o GNG.

O GNG foi o primeiro clube a construir uma piscina em Porto Alegre. O GNU inaugurou a sua piscina, justamente no período que o Grêmio Náutico Gaúcho enfrentava vários problemas financeiros e administrativos e começou a *declinar*, em 1948. Neste ínterim, o Clube de Regatas Almirante Barroso, que

de natação e representou o Brasil nos Jogos Pan-Americanos, em Chicago (USA). Elas participaram dos "Jogos Luso-Brasileiros".

²²⁶ O entrevistado relatou um fato que seu pai sempre contava: a primeira visita que sua família recebeu em casa quando ele nasceu foi do General Darcy Vignoli (pertencia ao Clube de Regatas Almirante Barroso) e do Newton Silveira Neto (pertencia ao GNU). Considera *"interessante porque o meu pai, embora fosse do União e do Barroso, e até depois chegou a exercer a presidência do Clube de Regatas Almirante Barroso, a presença maior era de unionistas. E o meu pai era sócio também do União"*.

era muito forte no remo, começou a investir na natação com muita força e tornou-se o novo adversário do GNU nas competições de natação.

Havia uma rivalidade fantástica entre União e Barroso, e a piscina do União, tu conhece né, não tinha essas arquibancadas, ainda tinha arquibancadas de madeira, ficava lotada. Não tinha lugar lá para assistir uma competição de natação, não se encontrava lugar. E uma rivalidade intensa, a coisa chegava até a agressões físicas, era uma coisa impressionante. No water polo pior ainda. O water polo é um esporte de choque, e aí então haviam brigas monumentais (entrevistado "A"). Ele afirma que o União cresceu muito e ficou acima dessas coisas menores. Mas os clubes menores, esses que ainda sobrevivem alguma coisa no remo, até hoje tem uns remanescentes daquela época que odeiam o União, tem, essa é a expressão, essa é a expressão que vem vindo, né, através dos anos, e se mantém. O União tem poucos remanescentes disso.

No voleibol também havia uma tradicional disputa entre a ACM e a SOGIPA, que acumulou mais vitórias (entrevistada "F"). Ela lembrou que no atletismo também se evidenciava a rivalidade entre as associações, especialmente com a SOGIPA. No punhobol, a SOGIPA disputava as primeiras colocações com a Sociedade de Ginástica Navegantes São João.

O entrevistado "A" vivenciou *o resto daquela garra esportiva que ainda existia, aquele amadorismo que vem desde 1930 e poucos né, e chegou até a mais ou menos 1970. Ele conta que perder um campeonato estadual era um crime né, dentro do União, ou do Barroso, era um horror perder um campeonato de remo ou natação né, a gente lutava e brigava por isso. Relatou que quando era remador do União perdemos uma prova de oito com guarnição de Santa Catarina, e o presidente fundador do União, o David Clarmt, que já estava meio esclerosado, queria convocar o Conselho Deliberativo para que eu explicasse as razões da derrota (risadas). Veja só. Ele referiu que recentemente presenciou algumas pessoas no vestiário do GNU comentando que o Grêmio Náutico Gaúcho tem uma boa piscina, de 50 metros aquecida e*

tudo, e um rapaz remanescente daquela época disse: Ah, aquela piscina não presta! Eu digo: Mas fulano, não é, por que tu acha que não presta né? Tu já nadaste lá? - Não, nunca nadei lá. Mas por que não presta? - Porque é do Gaúcho! (risadas) Eu tive que rir muito.

A entrevistada “G” confirmou que a rivalidade entre algumas associações ainda existe, isso *tem até hoje*, especialmente entre a SOGIPA e *União é fogo!* (risadas). A rivalidade entre as associações era polemizada quando um atleta ou mesmo dirigente transferia-se para outra associação, pois não era uma situação comum e aceita no meio desportivo. Os atletas, especialmente do remo, ciclismo, tiro, ginástica, enfrentavam forte resistência e oposição nas transferências de associações (entrevistado “B”).

O entrevistado “D” relatou o problema que houve com Ilse Blastic, campeã de atletismo e de ginástica da Sociedade Navegantes São João²²⁷. Esta sociedade está *ligada a família Blastic*. O entrevistado que até o momento falava com tranquilidade mudou sua entonação de voz para um tom de gravidade: *Houve aí, eles [a ginasta Ilse Blastic e o irmão] se bandearam pro Grêmio Náutico União. Ela, o irmão e depois a Frida que era sobrinha, que era ginasta da Navegantes São João, porque a Navegantes São João era muito forte na ginástica e no atletismo, Íris dos Santos era daqui do Navegantes São João, era muito forte, em esgrima também era forte, em bolão era forte e... então criaram o departamento de ginástica do Grêmio Náutico União.*

O entrevistado “D” afirma que o departamento de ginástica do GNU é *do Navegantes, tem sua origem lá na sociedade Navegantes São João, o Navegantes criou o departamento de ginástica no Grêmio Náutico União e depois ele evoluiu. Deram muito apoio, apoio financeiro e aí uma coisa traz a outra.* O entrevistado parece condenar o GNU por ter aceitado atletas de outro

²²⁷ O entrevistado “D” contou que o irmão da atleta, Paulo Blastic era engenheiro da Prefeitura de Porto Alegre e acumulava o cargo de presidente da Sociedade Navegantes-São João e técnico de ginástica. Destacou sua dedicação ao desporto, pois nos fins de semana, quando tinha competição de atletismo no antigo campo da SOGIPA *levava com seu autinho, um Fiat os atletas pra lá e pra cá.*

clube²²⁸. A Sociedade Navegantes São João foi identificada com *um gigante adormecido, pois tem ali na ilha 27 hectares, mal aproveitado o quê que não podiam fazer hein?* (entrevistado “B”). Para ele, a sociedade *no fim hoje continua sendo a mesma coisa*.

Outro “escândalo” foi o fato do filho da entrevistada “F” começar a jogar voleibol pelo GNU, sendo que a família sempre freqüentou a SOGIPA. Ela foi pressionada pelo tio que não aceitava ver o sobrinho jogando por outro clube, pois freqüentava a SOGIPA: *como é que tu permitisses que teu filho fosse pro União? - Mas eu não posso segurar, ele quer isso aí*.

No futebol, as transferências eram bastante difíceis, porque também havia o forte sentimento de pertencimento a uma determinada associação. O entrevistado “E” afirma que essa situação começou a se modificar *no futebol a partir de 1910, mais ou menos, quando foi o primeiro campeonato. Quando surgiu o amadorismo marrom, já com algum apoio, no fim da década de 20*. O processo de transferência de atletas entre associações, de acordo com o entrevistado “E”, acontece a partir do *surgimento das federações, das ligas, das associações, começaram a surgir pessoas ecléticas, ou seja, a partir de 1941 com a reorganização desportiva nacional imposta pelo Decreto-Lei nº 3.199*. A organização das entidades desportivas significava que *a pessoa tinha que ter uma certa isenção, então se liberava e já partia para ver o esporte com outro visual. Havia muitas pessoas ecléticas* (entrevistado “E”).

Um último aspecto a destacar sobre a identificação com a associação desportiva diz respeito ao envolvimento das famílias em atividades administrativas e sociais. O entrevistado “E” comentou a contribuição da família De Rose para o GNU: *a casa comercial onde eles moravam na Rua da Praia, na subida da Andradas [nome oficial da Rua da Praia], ali era a secretaria do União, a tesouraria do União, a lavanderia do União, às vezes até isso eles faziam lá, quer dizer foi um dos momentos difíceis que o União consolidou na*

²²⁸ Foi mantido contato telefônico com a ex-atleta Ilse Blastic, que atualmente está com 85 anos e mora sozinha em uma casa no Bairro Navegantes em Porto Alegre. Ela alegou que não tinha tempo para gravar entrevista por que estava envolvida com as reformas da sua casa.

*Alfaiataria do Eduardo De Rose, que é pai do Eduardo Henrique De Rose*²²⁹. Esta é uma das razões pela qual o casal De Rose integra o grupo dos *sócios beneméritos do União*.

3.3 – Organização Administrativa e Social das Associações Desportivas

Desde a fundação das primeiras associações desportivas, no final do século XIX até o início da década de 40, as atividades desportivas eram regulamentadas nas próprias associações, a partir de um plano administrativo e social. Neste período, as associações tinham total autonomia de ação na sua auto-organização. Esta condição das associações é caracterizada nos depoimentos orais.

Plano Administrativo

As associações desportivas de Porto Alegre conviveram por um largo período de tempo com dificuldades de recursos financeiros e de infraestrutura precária. Os clubes se auto-sustentavam e seguiam suas próprias normas e regulamentos, conforme os estatutos. O entrevistado “A” afirmou que os recursos financeiros para a compra de equipamentos e materiais desportivos eram provenientes *dos sócios né* (entonação acentuada da voz). O entrevistado “B” usou a mesma expressão *sócios, né*, quando questionado sobre a procedência dos recursos financeiros. A forma como as respostas foram dadas refletem a obviedade com que eles pensavam a questão da auto-gestão financeira das associações. Parece que não cogitavam outras formas de apoio financeiro para a manutenção das associações²³⁰.

²²⁹ Eduardo Henrique De Rose é médico e professor aposentado da ESEF/UFRGS. Foi o idealizador e primeiro diretor do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX), além de ter ocupado o cargo de diretor da ESEF/UFRGS. É médico do Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

²³⁰ O dinheiro para a construção da primeira sede da sociedade foi obtido através da emissão de cédulas-quotas (no valor de 20\$000, juros de 6%). Foi organizada uma comissão para a colocação das cédulas, “que encontrou boa acolhida em todos os círculos sociais de Porto Alegre”. A sede foi inaugurada em 21/04/1896 (Daudt, 1942: 9).

O apoio governamental às associações desportivas em termos de recursos financeiros era inexistente até os 40. A entrevistada “F” afirmou: *“não me lembro de ter vindo recursos do governo para ampliar a SOGIPA, ou para qualquer coisa do desporto. Na SOGIPA cada um fazia a sua parte e deu. E não se esperava”*. As associações sobreviviam com a contribuição dos associados organizados enquanto uma comunidade. As pessoas da comunidade cultural estavam comprometidas com suas associações desportivas, da mesma forma que com a igreja, escola e outras instituições.

A SOGIPA destacou-se em termos de infraestrutura com relação às demais sociedades. A SOGIPA tinha a única pista de carvão do Estado, além da pista do Sport Club Internacional (entrevistada “G”). Depois construiu o estádio de atletismo considerado *um avanço, feito praticamente pelos associados aos sábados e domingos, com poucos recursos* (entrevistado “E”). O estádio da SOGIPA possui colunas, *que lembram mais ou menos o estádio de Berlim*. Conforme o entrevistado “E” foi idealizado por João Carlos Daudt, conhecido no meio desportivo por Cacalo, que assistiu os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936.

A SOGIPA, também auxiliou na construção das instalações da Sociedade de Ginástica Navegantes São João. A Sociedade de Ginástica Navegantes São João, *se criou por intermédio da SOGIPA, porque precisava ter concorrência na ginástica e não tinha, só tinha a SOGIPA* (entrevistado “D”). A formação dessa sociedade teve à frente o professor Carl Black, e outros dirigentes da SOGIPA que *fizeram uma coleta em dinheiro pra fazer a primeira bandeira do Navegante São João, pra formar a sociedade* (entrevistado “D”). Conforme o Entrevistado “B”, se criou mais por causa dos bairros industriais Navegantes e São João. A região tinha as indústrias de tecidos da A. J. Renner (atualmente é o shopping DC Navegantes), que doou o terreno para a construção da sociedade na Avenida Roosevelt: *tudo era patrimônio do A. J. Renner* (entrevistado “D”). Apesar da doação do terreno *tudo foi construído, com sacrifício, tinha um campinho... um campo de atletismo, depois teve o campo do Renner que é um campo de futebol também* (entrevistado “D”).

As formas de participação dos associados na aquisição de equipamentos para as associações desportivas foram diferenciadas. Os sócios que freqüentavam o clube para *jogar bocha, bolão e que iam lá tomar cerveja, eles auxiliavam*, pois as instalações e os equipamentos *eram bem modestos, as coisas eram difíceis* (entrevistado "B"). O entrevistado "A", conta que, no princípio, o GNU tinha uma *frotilha pequena*. Ele afirma que a situação *era muito difícil, como é até hoje, construir barcos de remo, né*. O GNU procurou melhorar a sua *frotilha, com alguns barcos importados [da Alemanha]*. A partir da década de 20, o GNU começou a construir seus próprios barcos, para tanto, *trouxe vários carpinteiros, ou marceneiros, argentinos, que construía frotilhas completas para o União*. Na década de 40 (*acho que é um pouquinho depois de 1945*), o GNU importou *dois barcos ingleses que era um fenômeno em relação aos que existiam aqui, eram barcos realmente espetaculares* (entrevistado "A").

O GNU apesar das dificuldades financeiras iniciais foi um clube que se expandiu e, atualmente, possui três sedes sociais. Cabe ressaltar, que houve um aumento significativo do número de associados. Uma das explicações dadas ao crescimento do clube é a *austeridade no controle de suas despesas, pois as finanças são o ponto sagrado do União* (entrevistado "A")²³¹. O entrevistado, que já foi diretor do clube afirma que a responsabilidade nos gastos é um dos pilares básicos da direção do clube: *saber que a diretoria está administrando um dinheiro que não é dela, não é do clube, o dinheiro é dos sócios, e isso infelizmente não se transmite para a administração pública, embora o clube seja uma entidade parecida com o ente público*. O Segue afirmando que *com raríssimas exceções, o União sempre teve na sua direção pessoas que cuidaram com extremo zelo*.

Quanto ao custeio das viagens dos atletas para as competições em outras cidades ou Estados, as associações não ajudavam financeiramente, com raras exceções. A entrevistada "F" afirmou categoricamente que as

entidades ou instituições ligadas ao desporto não colaboravam: *não, não. Nada nada*. Porém, a entrevistada “F” *acha* que quando viajou para participar de uma competição no Rio de Janeiro, a Federação de Atletismo pagou a passagem de trem dos atletas. Todas as demais despesas eram custeadas pela família do atleta.

As associações não tinham condições financeiras para auxiliar os atletas. O uniforme era adquirido pelo próprio desportista: *cada um pagava o seu* (entrevistada “F”). O uniforme adotado pelas associações era muito simples. De acordo com o entrevistado “B”, para a prática do remo *usávamos o que nós chamávamos de calção, seria uma bermuda de hoje, até aqui (apontando o joelho), camiseta, essa de remador, no inverno, o abrigo. Agora o abrigo já era usado para os que tinham mais recursos, porque os outros que não tinham recursos, chegavam lá tiravam a bombacha e tal e tava de calção, né. O tênis era muito vagabundo. Era realmente uma coisa de amator.*

As atletas, conforme a entrevistada “F”, usavam para prática do atletismo uma *bombachinha, assim com elástico na perna, e as blusas*. Ela conta que quando entrou para a Escola de Educação Física (turma de 1941) passou a usar o uniforme da ESEF, que era confeccionado por cada aluna: *aquelas blusas que elas usavam, sem manga, golinha esporte, fecho na frente e fechado no meio das pernas. Então a gente sempre tava arrumadinho. A entrevistada “G”, também do atletismo usava um macacão preto, inteiriço. Tipo maiô, só que era mais fechadinho aqui em cima e sapato de prego, né. Para a prática do voleibol, as mulheres da SOGIPA usavam um calçãozinho* (entrevistada “G”), enquanto as atletas do Grêmio Náutico União jogavam *de saia* devido a localização da quadra: *a cancha era na Voluntários da Pátria, na rua. Se a gente fosse lá de pernas de fora ficava sempre o estivador olhando. Então nós tínhamos que jogar de saia, saia comum até o joelho.*

Os problemas de custos de viagens, alojamento de atletas e instalações parecem que não se restringiam a Porto Alegre. O entrevistado “D” afirma que

²³¹ O entrevistado “A” foi quatro vezes presidente do GNU nas gestões: 1969-1971; 1978-1979;

certas dificuldades até mesmo os clubes cariocas enfrentavam: nós ganhamos uma competição no Rio de Janeiro no clube 909. Cinquenta anos dele, também tinha dificuldade, mas eles montaram lá no parque deles lá os aparelho tudo. As lembranças do entrevistado foram acionadas quando ele pegou as medalhas (algumas medalhas em ouro) e troféus dessa competição no Rio de Janeiro.

Plano Social

As primeiras associações desportivas fundadas em Porto Alegre tinham um acentuado caráter social. Em Porto Alegre, havia *bastante* e *bons* clubes sociais, cujos bailes era o ponto alto das atividades sociais oferecidas aos sócios. A Sociedade de Ginástica Turnerbund (SOGIPA), além da ginástica, também era *conhecida* na cidade pelos grandes bailes e outras atividades sociais²³². A Associação Leopoldina Juvenil também era *famosa* pelos bailes promovidos (entrevistado "D"). Ele lembra dos bailes promovidos pelas associações de remadores: *os clubes de remo eram fortes* nas atividades sociais. Ele afirma que *dia de regata era festa da cidade* e relata as festividades: *dia de remo era festa na cidade, na beira do rio. Mas era foguetão, era festa*. O Clube de Remo Guaíba Porto Alegre, independente do resultado da competição promovia um grande baile denominado *Baile da Freguesia*, que inclusive contava com a participação dos associados do Clube Barroso, seu clássico rival.

O clube de remo Vasco da Gama, também promovia bailes durante as regatas. Algumas associações promoviam o chamado *matiné dançante*, à tarde, os quais reuniam os remadores e a juventude que freqüentava as associações de regata. O Entrevistado "D" freqüentava, principalmente os bailes da Sociedade de Ginástica Turnerbund e da Sociedade Navegantes São João. A Sociedade de Ginástica Navegantes São João, também promovia

1980-1981; 1989-1990. Foi condecorado o terceiro patrono do GNU.

²³² As festas sociais e culturais da SOGIPA envolviam não só bailes, mas teatro, apresentações de dança, canto e demonstrações de exercícios físicos (Daudt, 1942: 33).

bailes sociais, além das atividades voltadas para a ginástica, bolão e atletismo. Conforme o Entrevistado “D”, *os operários pegavam bonde para irem nos clubes, era uma dificuldade, mas depois com o automóvel as coisas foram mudando.* A sociedade estava localizada em um bairro operário: *aí evoluiu mais o Navegante São João com o operariado da zona. Então aí já tinha mais misturas, mas tinha outras descendências, mas tinha também descendências de alemães.*

As associações de ciclismo também promoviam atividades sociais. O entrevistado “B” destaca a festa que acompanhava as competições de ciclismo: *havia uma união muito grande nas festividades; como a Blitz tinha salão, então os bailes da Blitz com 500 pessoas, a referência se faz com 500 pessoas da Sociedade Blitz.* Apesar da presença de *alguns italianos* no ciclismo, nas festas *havia uma união* das sociedades, ou seja, as fronteiras culturais desses grupos eram aproximadas nas comemorações.

Os entrevistados na sua maioria circulavam pelas mesmas sociedades e associações nas atividades sociais. As associações freqüentadas eram aquelas identificadas com o grupo cultural dos alemães, que também reuniam a elite econômica de Porto Alegre. A Sociedade Germânia localizada no centro de Porto Alegre próxima a praça Júlio de Castilhos, atualmente onde está o Banco Bradesco era um desses espaços. Conforme o entrevistado “B” *era mais para festas e essas coisas.* O Clube do Comércio atendia *o comerciante, o bancário de nível mais alto, industrialistas e os estancieiros, estancieiros ricos* (entrevistado “B”).

De acordo com o entrevistado “A” os clubes *eram muito pequenos*, e por isso era *fácil* tornar-se um associado. Para ele, um teuto-brasileiro pode ter sido fácil associar-se ao GNU, um clube identificado com esse grupo cultural. Ele relatou que o ecônomo do clube exigiu apenas um proponente. A exigência da figura do proponente era um critério de seleção dos sócios. Em geral o proponente apresentava o candidato (nome completo, profissão, parentesco, etc.) em reunião da diretoria do clube.

O entrevistado “B” contou sobre o processo de seleção dos novos sócios do clube chamado *bola preta*. A primeira fase era a indicação do candidato por um sócio, que deveria informar na reunião dados pessoais e laços familiares. Depois acontecia uma reunião para analisar todas as propostas dos candidatos à associação: *aí tinham então as bolas brancas e pretas, e elas eram colocadas num determinado recipiente secreto, e contavam: este aqui é bola preta. Ok! Então não pode entrar. Isso era normal, isto com a bola preta era comum no Jockey Clube e coisa, os que eram vetados*. Ele informou os critérios para a avaliação do novo sócio era a condição social e o sobrenome da família. O ingresso no clube também estava atrelado ao pagamento de jóia, a qual tinha um valor alto.

3.4 – A Nacionalização das Associações Desportivas

A campanha de nacionalização do país atingiu seu ápice durante o Estado Novo (1937-1945). A primeira reação à presença marcante do grupo cultural alemão no associativismo desportivo foi o *movimento nacionalista liderado pelo capitão do porto, Gaspar Fróes de Souza, que era o delegado da capitania e foi quem patrocinou a fundação do Almirante Tamandaré. Tanto é que o Almirante Tamandaré foi fundado na Delegacia da capitania dos portos* (entrevistado “E”). A associação da comunidade luso-brasileira, fundada em 1902, teve sua primeira sede em um galpão localizado na margem do Rio Guaíba, que foi cedido pelo capitão Gaspar. Ele foi escolhido o primeiro presidente do clube português, pois nas outras associações, de acordo com entrevistado *não se falava português, mas quando veio quando surgiu o Almirante Tamandaré essa situação começou a modificar*.

Em 1917, a *colônia portuguesa* liderada por dois portugueses e dois luso-brasileiros, destacando-se o português Costa Dias, fundou o Clube de Remo Vasco da Gama (entrevistado “E”). Refere em seu depoimento que houve tentativas de fundação de clubes argentinos e uruguaios: *uma associação argentina-uruguaia de remo aqui em Porto Alegre, chegou a ser noticiado, mas não chegou a efetivar*. De acordo com o entrevistado a

associação não se consolidou porque *havia dificuldade, em primeiro lugar o número deles era pequeno naquele tempo e não havia assim uma tradição acho que assim mais forte, uma colônia mesmo, eram pessoas que tinham vindo recentemente, o clube este não vingou.*

No mesmo ano em que se fortalecia a colônia portuguesa no remo, as associações desportivas identificadas com os alemães sofriam um primeiro impacto na perspectiva da nacionalização. O entrevistado “E” refere que as primeiras iniciativas de nacionalização dos clubes, ao final da primeira guerra mundial, foram somente no sentido de exercer pressão, não houve nenhum instrumento legal, jurídico: *havia uma pressão, um sentimento e os clubes por iniciativa própria resolveram mudar, sendo que o GNU, o Porto Alegre, o Guaíba com a Guerra, em 1917, foram as primeiras associações nacionalizadas (entrevistado “E”).*

O entrevistado “A” confirmou que o GNU foi o primeiro a se nacionalizar: *ele foi o primeiro né, e onde se ia, e pelos jornais mesmo, era quase que uma imposição né, há a necessidade de se falar em Brasil, e essas coisas. Não, não deixou de ter seus méritos. Lembrou que o GNU em decorrência da Primeira Guerra, o União foi um clube que mudou de nome, inclusive eu tenho relatos das discussões sobre a mudança de nome. Quando o União mudou de nome ele adotou como símbolo “os dois remos e GNU”.*

No período do Estado Novo e em consequência da Segunda Guerra Mundial, as associações sofreram uma forte ação nacionalizadora²³³. O entrevistado “H” afirma que *quando irrompeu a guerra, foi 39. Aí o negócio tomou outro caminho. De acordo com o entrevistado “E” a política nacionalista do governo nas associações desportivas na Segunda Guerra já foi bem mais violenta, aquele sentimento, inclusive o afundamento de uma série de navios*

²³³ Os assuntos aparentemente incômodos para os entrevistados, dizia respeito ao governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo e as repercussões da Segunda Guerra Mundial nas associações desportivas em Porto Alegre. O entrevistado “G” resistiu ao relato alegando: *Ah! Não lembro mais nada (risos). Já atirei tudo para trás.* Outro entrevistado somente começou a falar quando seu cônjuge interveio comentando sobre o período do Estado Novo.

cada vez mais e evidentemente aí houve a determinação de... Ele afirma que na segunda grande guerra aí sim, aí houve a obrigatoriedade, primeiro houve a nacionalização do ensino em 38 e depois já a restrição maior as denominações. Aí o Walhala se tornou Moinhos de Vento e vários outros clubes, o Duca degli Abruzzi, Duque de Caxias, e vários outros.

A associação Canottiere Duca degli Abruzzi (1908), o *primeiro clube italiano* reunia a *comunidade italiana* porto-alegrense, que foi alvejada pela nacionalização. Conforme o entrevistado “E”, o nome da associação homenageava o montanhista e remador italiano de família nobre Duca degli Abruzzi. A escolha do nome significou a vitória da corrente monarquista na associação, pois a comunidade italiana em Porto Alegre estava organizada em torno de duas correntes: a corrente monarquista e a corrente republicana. Apesar dessa informação, o entrevistado “E” fez questão de afirmar que o *Canottieri nunca eles tiveram conotação política, os clubes não tiveram a mínima conotação política.*

O entrevistado “E” afirma que uma *sessão histórica*, na qual os sócios que ainda lutavam para que o clube continuasse com o mesmo nome [partidários da corrente monarquista] *terminou lamentavelmente*. Ele contou emocionado o que aconteceu: *foram pessoas que ficaram lá e do próprio clube, e do próprio clube, e do próprio clube alguns, a minoria, mas os outros saíram, alguns até dizem que chorando do clube, quando terminou a...* A reunião decidiu a mudança de nome do *clube italiano* para Clube de Regatas Duque de Caxias, que *foi uma imposição*. Ele questionou a escolha do nome de alguém que não tinha ligação com os desportos náuticos: *não nego o mérito de Duque de Caxias, mas devia ser então Almirante Barroso, bom agora já tinha, Marcílio Dias, o Grinaldi, ou qualquer um desses heróis náuticos, mas mudou-se para o lado das forças armadas, mas do exército, um herói militar do exército, então tinha que ser da marinha. Então esse Duque de Caxias foi assim um pouco estranho, mas...*

Em seguida, os próprios associados do Canottiere Duca degli Abruzzi retiraram a documentação, troféus, medalhas e outros pertences da sede da associação: *toda a documentação do clube foi atirada foi queimada e atirada no Guaíba*. O entrevistado contou o fato como se ele tivesse presenciado (fala com emoção): *naquela noite o rio estava meio calmo, mas ele estava, a água estava escoando, de modo que o pessoal quando foi remar lá no GPA naquela manhã viram na água, assim muitos papéis queimados*. Ele lamentou que o clube foi muito depredado: *uma pessoa, uma vez não merecordo quem disse, contou que era impressionante a quantidade de papéis na água; claro que os troféus estavam todos na água, pois foram atirados*.

O desfecho das ações no clube *dos italianos* culminou com a prisão do presidente, um dentista, que *sofreu muito, ele sofreu uma barbaridade e graças ao Vignoli, que o liberou da prisão foi o Vignoli. Foi o Vignoli que conseguiu tirá-lo*. Darci Vignoli era capitão do exército, remador do Clube de Regatas Almirante Barroso e muito *conhecido no meio desportivo porto alegre*se. O entrevistado contou que depois desses acontecimentos alguns sócios, como Tulio de Rose *sairam do clube e foram para outros clubes*. Túlio De Rose *era um grande colaborador dos esportes, principalmente do remo, embora só tivesse jogado futebol, mas ele era mais ligado ao remo através do clube Duca Degli Abruzzi, o clube dos italianos*. Assim como, as italianas, as associações ligadas a comunidade alemã foram atingidas por diversas ações do governo e de populares, *porque havia um sentimento antipatriótico, anti-germânico né, na Guerra. Quando o Brasil declarou Guerra houve aquele quebra-quebra, e os clubes preventivamente, alguns antes já tinham mudado a denominação em 1917* (entrevistado “E”).

O GNU sofreu um abalado menor em relação à outras associações, pois já tinha mudado o nome e o brasão em 1917. O entrevistado “A” afirma que *o União não teve nada, nada. O União passou intacto, não houve absolutamente nada, ligado ao União, disso. Foi bem quando eu cheguei aqui. Eu cheguei em 41, no auge da Guerra, foi em seguida da entrada do Brasil na Guerra, e o União não teve absolutamente nada*. O entrevistado esclarece que

o GNU já estava bem nacionalizado, abrazeirado, vamos dizer assim. Bem mesmo, bem mesmo. Ele afirma que o União se nacionalizou muito mais, se abrazeirou muito mais do que outros clubes. Sem perder, lógico, aqueles fundamentos básicos, como esse que eu te disse da austeridade, da responsabilidade com o que é dos outros. Isso nunca perdeu, isso vem daquela cultura. Nunca perdeu, nunca perdeu. Vem transmitindo.

A entrevistada "G" disse que quando ela entrou no GNU, em 1938, já não se falava mais o alemão. Nessa época o GNU já era um clube brasileiro, brasileiro. Entretanto, o entrevistado "E" afirmou que o GNU viveu a mesma situação do *Walhala*, *SOGIPA* e *Sociedade "Musterreuter, dos caixeiros alemães"*. No União houve uma luta bastante séria e o clube teve muito comprometido se não fosse a liderança do Carlos Simão Arns, presidente do clube. O ano em que Carlito Arns assumiu não foram fáceis, mas logo no ano seguinte consolidou e nunca mais, sempre foi crescendo. Uma demonstração da nacionalização do GNU foi evidenciada na escolha do capitão Darci Vignoli, presidente da Liga da Defesa Nacional para receber o título de primeiro patrono do clube (entrevistado "A").

Conforme o entrevistado "A", a *SOGIPA* sim, foi depredada né, mudou de nome. Era *Turnerbund* até a Segunda Guerra né, e teve que mudar de nome. O entrevistado "E" afirma que a *SOGIPA* foi invadida; o pessoal entrou lá uma vez, no *Turnerbund*. O entrevistado "B" também lembrou que a *SOGIPA* foi depois da guerra, da guerra é que mudou de nome né, houve o quebra-quebra então tiraram o nome de *Turnerbund* e passou a ser a *Sociedade Ginástica Porto Alegre – 1867*. O entrevistado "C" contou que na segunda guerra houve o quebra-quebra né. Houve o quebra-quebra e havia a, o que era, o que era alemão, era então, e como a, a, *SOGIPA* era *Turnerbund*, então mudaram o nome de *Turnerbund* para *Sociedade de Ginástica-1867*, que foi o ano que ela foi fundada né. Foi por isso então. O entrevistado "E", como os demais entrevistados, comentou sobre a invasão da *SOGIPA* por populares e a mudança no nome: o *Turnerbund* mudou para *SOGIPA*. O entrevistado "D" afirmou que forçaram a tirar o nome, mudar o nome da *SOGIPA*. Assim como a

SOGIPA, a Sociedade de Ginástica Navegantes São João, também mudou seu nome original. O entrevistado “H” lamentou a perda de documentos e atas da sociedade de ginástica: *tudo, perdido...*

O entrevistado “C” explica que *houve o quebra-quebra, exatamente com os países que estavam em guerra, que era em guerra, (pequena pausa) o Brasil, Alemanha contra o Brasil* ²³⁴. Ele afirmou: *ah! o que era, o que era, o que era germânico, o que era, o que era italiano foi quebrado tudo, quebrado tudo*. Já o entrevistado “B” contou com maiores detalhes os tumultos ocorridos na cidade²³⁵: *houve quebra-quebra sim. No dia 12 de agosto, aqui, já 13 dia seguinte quebraram desde o início da rua da praia até aqui na Cristóvão Colombo, o Renner. Bastava ter nome alemão e italiano era quebrado. Ali no escritório da Bayer, ali na Dr. Flôres, subindo, o que jogaram de remédios pelas janelas, foi um negócio. Lá nas lojas Renner jogavam os tecidos pelas janelas*. Ele contou que os atos foram cometidos por populares incentivados pelas autoridades.

Sobre as ações da nacionalização, o entrevistado “B” disse que *isso eu vivi bem né*. Ele considerou as proibições impostas aos clubes e sociedades prejudiciais ao desenvolvimento do esporte, pois *houve perseguições, algumas injustas, injustas algumas*. Quando questionado sobre as perseguições que considerava justa, ele respondeu: *havia simpatizantes dos regimes. Nestas crises, assim, muito sérias, sempre se cometem injustiças, posteriormente reconhecidas*. Para o entrevistado *todo regime ditatorial, o melhor deles não vale coisa nenhuma, seja de esquerda ou de direita são igualmente ruins* ²³⁶.

²³⁴ A esposa do entrevistado interveio afirmando que *a guerra era Alemanha contra a Itália e que o Brasil aparentemente ficou neutro*. Mas, mesmo assim *os brasileiros procuraram agredir as coisas italianas e alemãs*. Ela contou que a loja Bromberg, *famosíssima* em Porto Alegre foi alvo das agressões. O entrevistado interrompe explicando que o motivo foi *porque os navios, navios foram... afundados pelos...*

²³⁵ O entrevistado “B” contou que a *mansão* da Sociedade Germânia durante a Segunda Guerra Mundial foi ocupada pelo quartel general da Força Aérea Brasileira (FAB).

²³⁶ Comentou que o presidente Getúlio Vargas tinha uma grande simpatia pelo regime nazi-fascista, *que era nazi-alemão fascista-italiano, Hitler e Mussolini e lá realmente o esporte era muito desenvolvido com aquela disciplina militar, mais do que militar, ideologicamente e, aquilo veio para o Brasil*. Ele afirma que no exército, na marinha, entre os empresários *havia simpatia*

O entrevistado "D" afirmou *que na época da guerra foi brabo. Ele lembrou de uma quebração que quase, felizmente não entraram lá na firma. Ele emite sua opinião: olha, política é triste. Ele lembra que depois da guerra não houve mais nem as olimpíadas, parou tudo. Futebol parou também, tudo parou* ²³⁷. De acordo com o entrevistado "B" *as manifestações assim violentas foram uns dois dias... E aí a polícia exerceu um controle muito rigoroso, para os deslocamentos precisava de licença, eu para viajar daqui a Ijuí tinha que ir lá me identificar.*

Outra medida da nacionalização foi a determinação do português como a língua nacional. Assim, desencadeou-se o processo de monitoramento da fala, pois foi proibido o emprego do idioma alemão e italiano. Conforme o entrevistado "B" *durante a Segunda Guerra foi proibido falar o alemão, foi proibido falar o italiano em qualquer lugar. O Brasil entrou na Guerra dia 12 de agosto de 1942, então, há grandes mudanças nesse sentido* ²³⁸.

O entrevistado "C" afirmou que o idioma alemão era predominante nas associações desportivas, *nos colégios alemães e nas famílias alemãs, mas depois nas sociedades era proibido falar o alemão, na própria SOGIPA, na ditadura, quando era proibido falar o alemão.* Ele afirma que nunca teve problemas com a exigência de se falar o português, pois conhecia *perfeitamente* a língua, embora no colégio, *o primário foi todo ele em alemão.* Em casa, sua família falava mais a língua alemã. Segundo o entrevistado "H", *com a nacionalização, aí o negócio tomou outra...* Na sua fala sugere que a

a favor da extrema direita e também a favor da extrema esquerda, até porque em 35 era o golpe comunista que fracassou lá em Natal, Recife e Rio de Janeiro.

²³⁷ A esposa manifestou-se sobre o assunto: *depois entrou um negócio da, da... os militares né, Getúlio não, Getúlio até que foi muito bom. O que começou foi depois que os militares tomaram conta [os militares assumiram o poder com o golpe militar de 1964]. O entrevistado "D" afirmou que o Getúlio não foi contra os alemães. Ao contrário, o Getúlio queria negociar. Ele foi obrigado a entrar na guerra porque esses navios que foram afundados foram os próprios americanos que afundaram, não foram os alemães que afundaram.*

²³⁸ A esposa do entrevistado "C" contou que *muito pastor de igreja que o coitado não falava português, pregava em alemão lá, tudo preso. O entrevistado "C" lembrou que no cemitério, nos cemitérios as lápides tudo escrito em alemão tiveram que, que, apagar e, que tirar tudo. A esposa interveio: essa era a parte negra da ditadura que eu não me lembro (pausa) que tem nos porões. O entrevistado interveio e completou a fala da ditadura. Era proibido falar o alemão, era proibido falar o italiano, por exemplo, em Caxias né, por exemplo, o italiano né. A*

saudação final usada na sessão de ginástica "gut heil" foi proibida (*depois então isso aí ficou proibi....*). O entrevistado não termina de pronunciar o termo "proibido", mesmo quando a entrevistadora repete a pergunta, ele limita-se a dizer *é, não, aí...não se falou...não, não houve assim uma proibição.... É, meio que morreu.*

A entrevistada "G" disse que fala alemão, pois em sua família todos falavam a língua alemã, mas ela queixou-se que *andava esquecendo*. Contou que sua mãe nunca falou bem o português. *Nunca aprendeu. Ela chegou aqui em 1912, faleceu em 1964 e não falou bem o português*. O pai falava bem o português por que ele trabalhava na firma: *ele tinha que falar*. No colégio ela não falava alemão ²³⁹ e no clube também não. *Só um ou outro falando*. Ela comentou que somente podiam falar alemão escondido, né. *Só em casa. Na rua era meio arriscado. Era muito arriscado falar alemão em público, então fora de casa falava português, mas frisou que só na rua* ²⁴⁰. Entretanto, a entrevistada "F" disse que não percebeu o clima de adversidade em relação aos teuto-brasileiros: *particularmente não notei, pois eu falava português também. Mas a gente falava alemão em casa. Mas a gente, também, falava português. A gente era brasileiro e nato, não tinha nada a ver. Não tinha nada que ver. A gente não tinha nada que ver com a Guerra, era lá do outro lado* ²⁴¹.

cidade de Caxias do Sul localizada a aproximadamente 250 Km de Porto Alegre foi colonizada pelos imigrantes italianos.

²³⁹ Ela estudou no Colégio Bom Conselho e afirma que na escola *não, por que ali não pegou a Guerra. Eu não peguei a Guerra, na escola assim não*. Por que era uma escola de orientação católica? Ela disse que na escola somente falavam a língua portuguesa.

²⁴⁰ A entrevistada "G" conta que com a segunda guerra *a gente tinha que esconder tudo que tinha de alemão, tinha que esconder tudo: livros, aqueles meus copos de chope ali [tinham 4 copos com palavras em alemão posicionados em cima de um móvel], tudo tinha que esconder, por que eles tiravam tudo*. Ela conseguiu preservar *porque estava escondido, senão tinham levado. Levavam tudo para eles* (risadas). Disse que escondeu tudo: *armas, tudo; livros em alemão, era tudo tudo escondido*. Ainda lembrou que *eles entraram na casa do tio "Alemão" (apelido) que chegou a ser detido, foi preso*.

²⁴¹ A entrevistada "F" contou que *numa ocasião, entraram na casa da minha sogra e do meu sogro, porque meu sogro era alemão. Entraram e começaram a fuçar, a mexer, e começaram a bagunçar tudo. Então, o policial militar, era um Dauth [irmão de João Carlos Dauth, conhecido por Cacalo no meio desportivo] viu a fotografia do meu marido e perguntou: Quem é esse aí? Então minha sogra disse: Ah, ele é meu filho. Ah! É o seu filho, é? Ele reuniu o pessoal e foi embora*. O policial militar, cujo sobrenome era Dauth, também era treinador de basquete e reconheceu o atleta (futuro marido da entrevistada) na fotografia. A entrevistada disse que a casa foi invadida *só porque meu sogro era alemão*. Afirma: *Era alemão, mas se metia em política coisa nenhuma*. O sogro veio da Alemanha para trabalhar na firma brasileira "Frep", que tinha sede em Pelotas. Foi o primeiro agente da Varig em Pelotas. Ela esclarece que

O entrevistado "D" aprendeu a falar, mas afirma que existe *dificuldade para a compreensão*. Para ele, a proibição de falar a língua alemã prejudicou o desenvolvimento da ginástica: *por isso que eu digo acabou a ginástica, essas competições, tudo a maior parte era de origem dos alemães que praticavam [tom de lamentação na voz]. Ele afirma que a ginástica foi perseguida por causa, durante a guerra, parou tudo. Depois com o evento da guerra aquilo tudo cessou, tudo cessou, aí em ginástica não tinha mais nada. Segundo o entrevistado "H", as sociedades de ginástica reduziram suas atividades foi, enfraquecendo... E comentou a situação de algumas sociedades de ginástica no Estado como Montenegro fechou, não sei que ano, não sei, mas fechou, depois parece que reabriu. Santa Maria deu uma dormida... Cachoeira também deu uma dormida, mas depois a sociedade começou com o tênis. Aí teve outra vez. Ijuí parece que morreu. Santa Cruz, não, Santa Cruz permaneceu, permaneceu. São Leopoldo se manteve. Depois se incluiu na própria ginástica, a esgrima. A SOGIPA tinha, a Navegantes São João tinha, depois o Leão também abriu esgrima, onde mais.*

Além da ginástica, o tiro ao alvo praticado pela Sociedade dos Caixeiros viajantes não foi visto com *bons olhos, por que havia a necessidade da chamada nacionalização e isto aí evidentemente...* (entrevistado "E"). Em consequência, os estatutos dos clubes *todos tiveram que ser alterados*. A entrevistadora tentou buscar mais informações sobre as mudanças nos estatutos, mas o entrevistado desviou o assunto e começou a falar dos instrutores vindos de outros países para atuar nas associações²⁴².

Na década de 40, as competições são realizadas, mas com outra conotação. O entrevistado "D" contou que a primeira competição oficial de ginástica *parece que foi em 1941 ou 1942, mas aí só ginástica*. Ele sugere que os festivais anuais de ginástica foram extintos e passaram a ser realizadas

sempre pensei que era uma firma alemã. Não, é uma firma brasileira que tem filial em Hamburgo. E ele trabalhou na filial de Hamburgo. E aí ele foi passado para cá.

²⁴² Destacou a presença de alguns imigrantes novos que tinham vinculações esportivas ou instrutores na década de 40. Lembrou do major Franco Patini, esgrimista italiano que veio lecionar esgrima na Brigada, evidentemente que o ensino todo inicialmente em italiano. Além da esgrima, o major exerceu influência no desenvolvimento do hipismo, em Porto Alegre.

somente competições de ginástica. Em 1943 foi realizado na SOGIPA o Primeiro Campeonato de Ginástica da Semana da Pátria, uma *pequena competição* organizada pelo professor Black, na qual a SOGIPA foi vencedora (entrevistado “D”). No ano seguinte, a competição foi reeditada e o vencedor foi o entrevistado “D”, que representava a Sociedade de Ginástica Navegantes-São João. A partir dessa vitória ele foi escolhido *porta bandeira do Navegantes São João* nos desfiles e *acendeu a Pira da Pátria no Estádio Tiradentes*.

O entrevistado “D”, ainda mencionou o fato que *após a guerra veio uma equipe alemã de ginástica fazer demonstração em Porto Alegre e depois em Joinville* ²⁴³. Ele não sabia quem patrocinou a vinda dos ginastas alemães para Porto Alegre: *isso eu não posso lhe responder porque eu não sei*. A apresentação ocorreu no ginásio do Colégio Americano, curiosamente um colégio que *não tinha ginástica, não tinha nada* ²⁴⁴. A escolha desse local, que não tinha instalações apropriadas ou tradição na ginástica pode estar associado a idéia de escolha de um campo neutro, tendo em vista as sociedades de ginástica e outras associações desportivas teuto-brasileiras. O entrevistado “D” foi o único brasileiro que participou com os alemães das demonstrações de ginástica e comenta orgulhoso que foi *aplaudido tanto quanto os alemães*.

Em seguida a visita dos ginastas alemães, três ginastas porto alegrenses foram convidados para realizar um estágio de três meses em Colônia, na Alemanha. O entrevistado “D” foi um dos escolhidos, mas não foi devido a falta de condições financeiras²⁴⁵. Os ginastas que fizeram o estágio foram Siegfried Fischer (faleceu no início do ano, alguns meses depois do primeiro encontro para a gravação da entrevista), Nelson Saul (professor

²⁴³ Em Joinville (Estado de Santa Catarina) localiza-se a mais antiga sociedade de ginástica da América Latina.

²⁴⁴ O colégio é vinculado a Igreja Metodista, que segundo entrevistados (“B” e “E”) aceitava melhor as práticas desportivas em relação a Igreja Católica.

²⁴⁵ O entrevistado obteve dispensa do trabalho, mas sem remuneração. A Federação de Ginástica, a SOGIPA e a Sociedade de Ginástica Navegantes São João alegaram que não tinham dinheiro para ajudar o ginasta. O entrevistado acabou desistindo da viagem (ao narrar estes fatos seu tom de voz baixou e mudou sua expressão corporal – mãos no rosto; curvou-se à frente).

aposentado de ginástica da ESEF/UFRGS) e Spindler (falecido). Eles voltaram da Alemanha em condições de atuar como prático licenciado.

Conforme o entrevistado “E”, *os esportes que fizeram competições que nunca mais foram parecidas, bocha e bolão, por exemplo, bocha e bolão era movimentado aqui no Estado, competições de atletismo, aí surgiram várias competições até sul brasileiras e competições regionais, Jogos Abertos Femininos na SOGIPA, que foram referência nacional, eles pegaram aqueles Jogos Abertos Femininos do Rio de Janeiro do Mario Filho, ele trouxe aqui para Porto Alegre. No período, eram realizadas competições em várias modalidades desportivas. A entrevistada “F” participou do campeonato de voleibol feminino e misto realizado pela SOGIPA na Semana da Pátria. As competições desportivas tinham o apoio do Túlio De Rose, o apoio da Liga da Defesa Nacional, os colaboradores Ernesto Capelli, Mario Medeiros e o Ledermann, se não me recordo era pai de um engenheiro da Prefeitura, e sempre com o prestígio do Vignoli e com o Edgar filmando.*

A Liga de Defesa Nacional (LDN), segundo o entrevistado “E” *surgiu no Rio de Janeiro, durante a guerra como um movimento cívico, mais como um movimento cívico. Talvez um pouco social e esportivo, cultural. A sessão de inauguração foi na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no dia 7 de setembro de 1916, com a palestra de Olavo Bilac²⁴⁶. O entrevistado “B” disse que a Liga da Defesa Nacional foi criada em 1918, por Olavo Bilac, aquela história toda que a senhora já ouviu falar, que deu apoio a isso. Ele é membro da Liga de Defesa Nacional, mas não se mostrou muito interessado em falar da LDN: aquela história toda que a senhora já ouviu falar²⁴⁷.*

A Liga expandiu-se para outras cidades do país, através das delegacias da Liga de Defesa Nacional. Mas, *no RS ela não teve muita aceitação* (entrevistado “E”). O entrevistado não esclareceu as razões que dificultaram a

²⁴⁶ Para o entrevistado “B”, *Olavo Bilac foi uma das pessoas que mais enviou mensagens de civismo no Brasil, um patriota brilhante, ele tem mensagens muito interessantes sobre o que é o esporte, a beleza do esporte.*

²⁴⁷ O primeiro contato com o entrevistado “B” foi na reunião da Liga da Defesa Nacional, na qual a pesquisadora participou a convite do general Rui Couto, atual presidente da LDN.

instalação de uma delegacia da LDN no Estado, na década de 20. O entrevistado “E” contou que no Rio Grande do Sul, a LDN sofreu uma modificação total com a chegada do Major Inácio de Freitas Rolim, em 1937, pois *ele era muito voltado ao civismo, o pessoal sempre mexia que ele era um verdadeiro Caxias, mas ele era uma pessoa ótima* ²⁴⁸. Na reorganização da Liga, o major Rolim contou com o apoio do capitão Darci Vignoli, presidente da Liga Náutica e do jornalista Tulio De Rose, secretário da Liga Náutica. O entrevistado “E” afirma que o exército *facilitava* todas as festividades da LDN oferecendo banda de música, segurança, transporte. A maioria dos militares do exército colaborava nas ações da Liga de Defesa Nacional. O entrevistado “C” associou a Liga da Defesa Nacional, a corrida do fogo simbólico na Semana da Pátria²⁴⁹.

O diretor da Liga de Defesa Nacional ou seu representante na cidade tem uma das mais altas hierarquias dos convidados oficiais para uma determinada cerimônia, *isto até surpreende, quando a gente vê a relação das autoridades, a relação às vezes chega a ter cem autoridades, o representante da liga é um dos primeiros, quase a nível de secretário* (entrevistado “E”). A Liga de Defesa Nacional, durante o Estado Novo, tinha como um dos seus membros ilustres, o capitão Darci Vignoli, que ocupava a presidência da Liga Náutica.

O entrevistado “E” *destaca* a importância do Darci Vignoli, que *era militar, saiu da escola, no levante, e depois ele voltou e fez o curso no Rio, e ele esteve sempre muito voltado para o civismo e para o esporte, além de evidentemente, ter exercido até a chefia de polícia do estado, mas ele sempre foi uma pessoa extremamente afável, muito educada, sempre disponível, tudo*

²⁴⁸ Fez o curso da Escola de Educação Física do Exército. O entrevistado disse que conhecia o major Rolim por que fez estágio no 7º Batalhão de Caçadores.

²⁴⁹ A esposa do entrevistado disse que *a Liga da Defesa Nacional era um organismo que na época da ditadura do governo do Getúlio Vargas (pausa) eles prestigiavam muito o esporte, e então, esse órgão a Liga de Defesa Nacional também encampava, encampava essas festividades da Semana da Pátria, tudo que fosse físico era patrocinado pela Liga de Defesa Nacional*. Afirma que sabe dos fatos *porque eu era estudante e havia as famosas paradas da Semana da Pátria, que tudo era consequência do civismo da Liga de Defesa Nacional do governo, da ditadura enfim, do Getúlio Vargas*.

que era, que se falasse em esporte, civismo, tinha todo o apoio de Darci Vignoli, independente de qualquer partido político ou independente de qualquer clube. O Vignoli foi sempre um conciliador e graças a isto que ele chegou ao generalato, brilhante e sempre fazendo amigos, foi uma pessoa excepcional na história. E, esta relação muito afetiva com o Getúlio sempre foi mantida até a morte, a morte do Getúlio.

O entrevistado "E" refere que havia uma amizade pessoal entre o capitão Darci Vignoli e Getúlio Vargas: *o Getúlio sempre foi um grande amigo do Vignoli e do Túlio, né, e essas pessoas tinham todo o apoio dele. Ele era amigo pessoal. Por isso eram facilitadas as viagens da delegação desportiva do Rio Grande do Sul para as competições no Rio de Janeiro. O Rio Grande do Sul contava sempre com o apoio direto do Getúlio que mandava algum auxílio. Ele contou o caso mais interessante do prestígio do capitão Darci Vignoli.*

Quando a delegação do Rio Grande do Sul foi participar da competição de remo realizada no Rio de Janeiro, no ato da inscrição na Confederação Brasileira de Desportos percebeu-se que o remador Schultz (sobrenome), do Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre não era naturalizado. A constatação de que ele era alemão gerou um tumulto: *eles se apavoraram, pois o decreto que regulamentou o esporte no Brasil, 3.199, ele definia que a participação nos campeonatos brasileiros deveria ser por brasileiros ou naturalizados.* Este problema foi contornado pelo capitão Darci Vignoli e Tulio de Rose, que após contato telefônico com o Palácio do Catete conseguiram agendar um encontro com o presidente Getúlio Vargas.

O capitão Darci Vignoli, Túlio de Rose, o remador Hein Schultz²⁵⁰ e *acho que era o Eifler*²⁵¹ ou o Leizer foram ao encontro do presidente Getúlio Vargas:

²⁵⁰ O entrevistado "E" elogiou o atleta, *uma pessoa fantástica, um grande remador, tinha um físico muito grande.* O atleta Hein Shultz faleceu antes de gravarmos a entrevista agendada. O professor da disciplina de remo Roberto Schultz, aposentado da ESEF/UFRGS é seu filho. O professor Roberto Schultz também foi remador do GPA.

²⁵¹ Edgar Eifler pertencia ao Clube de Remo Almirante Tamandaré e era o *filmador oficial, voluntariamente.* Ele era *uma pessoa extremamente dedicada ao esporte e tinha um hobby todo especial que era a filmagem.* Durante anos filmou todos os grandes eventos desportivos, muitos dos quais o entrevistado teve a oportunidade de assistir os filmes. A filmoteca dele era

subam aqui, que eu recebo vocês, como sempre né. A situação foi explicada ao presidente Getúlio Vargas que concluiu *isso é a realidade e*, imediatamente, *chamou Souza Costa, gaúcho, que era ministro da fazenda e disse ao Souza Costa: Tu vais ser o padrinho do mais novo brasileiro.* Em seguida foi providenciada, *às pressas*, a naturalização do atleta alemão que pode participar da competição de remo (entrevistado “E”).

A campanha de nacionalização das associações desportivas em Porto Alegre contava com o firme apoio da LDN e da União Cívica das Entidades Amadoristas (UCEA), criada nos anos 40. Conforme o entrevistado “E”, a UCEA tinha uma filosofia muito próxima a do Panathlon Internacional, a finalidade do órgão *era congregar as federações, convidar as ligas em torno de uma unidade em prol do esporte.* Ele lembra que *em fins de 40, não tem uma data definida, mas em 50, nós já fazíamos reuniões, vários e vários desportistas e a UCEA teve um papel muito importante, sempre colaborando com a Liga da Defesa Nacional.* A UCEA foi organizada com o apoio do grande líder João Luis Daudt, que ocupou a presidência do Conselho Regional de Desportos (CRD).

O entrevistado “E” disse que o Conselho Regional de Desportos (CRD) era composto por *alguns políticos, pessoas que não eram tão ligadas ao esporte. Mas, muitos deles eram fantásticos.* O CRD em alguns aspectos reproduziu o modelo administrativo do Departamento de Educação Física (DEF), criado em 1937. Assim como o DEF, o Conselho Regional de Desportos passou a ser integrado unicamente por dirigentes desportivos somente no final da década de 50. Segundo o entrevistado “E”, um dos nomes *escolhido pelo Dr. Ildo [prefeito Ildo Meneguetti] foi o Dr. Evaldo Campos, que durante muitos anos presidiu o Conselho Regional de Desportos, ele era ligado única e exclusivamente ao futebol profissional do internacional. Era um elemento de destaque, um elemento fantástico. E ele se surpreendeu quando começou a*

elogiadíssima, ele fazia a parte cívica - a Semana da Pátria, a parte social e especialmente a parte desportiva - as regatas. O filme da regata era apresentado na segunda-feira à noite e nas festas dos clubes, gratuitamente. O entrevistado “E” afirmou que *naquela época, a filmagem de*

trabalhar com os outros esportes, porque nunca tinha tido esta oportunidade, e transformou-se: vocês me tiraram do internacional e me levaram para esta área.

As realizações do CRD em parceria com a LDN eram apoiadas pela imprensa local. O entrevistado "A", afirmou que os jornais Folha da Tarde e a Folha Esportiva noticiavam os desportos, com grande ênfase à natação e *quando surgia nadador novo, recém começando, eram páginas, fotografias enormes nos jornais. Então divulgavam muito, divulgavam muito, provocavam uma atração muito grande.* Conforme o entrevistado "B", os jornais noticiavam os esportes, *mas não tinha a importância que tem hoje. Era o futebol né, naquela época! E o remo, quando havia as competições né, que não eram com uma frequência muito grande, né. Era isso aí.* Na opinião do entrevistado "F", as atividades desportivas *eram muito mais divulgadas.*

Segundo o entrevistado "C", a imprensa atuava na divulgação e popularização de alguns desportos. Ele conta que os repórteres Amaro Júnior e Túlio De Rose, do Correio do Povo e da Folha da Tarde encamparam a idéia de fazer uma corrida de carrinho de lomba. As corridas de carrinhos de lomba eram brincadeiras realizadas geralmente pelos meninos na rua. A corrida organizada pelo jornal Folha da Tarde premiava duas categorias²⁵². O irmão do entrevistado, que tinha 12 anos participou da primeira corrida de carrinho de lomba organizada pela Folha da Tarde, com um carrinho construído na fábrica do pai deles, *o meu irmão foi o primeiro, primeiro vencedor. Perdeu, na corrida de, de carrinho rústico, que se chamava, mas ganhou na especial. Aí, aí ele foi durante três anos, ele foi campeão. Como a idade era até 14 anos, aí quando ele chegou nos 14 anos ele não pode correr mais.* O entrevistado passou a organizar as corridas e o jornal Folha da Tarde fazia as inscrições e davam as medalhas. Na 24ª corrida de carrinhos de lomba da Folha da Tarde, a filha do

competições e festividades era muito prestigiada; era muito importante ver um filme, naquela época, em 38, 39.

²⁵² Os carrinhos simples (sem rolamento) e carrinhos especiais (com rolamentos). *A primeira corrida foi aqui da esquina da Cristóvão Colombo na D. Pedro II, até a esquina da Leopoldina Juvenil, da, da, como é o nome da rua, Leopoldina?*

entrevistado (Vera) ficou em primeiro lugar. Ele guarda até hoje o troféu e mostrou com orgulho.

Além das reportagens as diversas competições desportivas, a imprensa divulgava os desfiles da Semana da Pátria. Os desfiles de caráter cívico tinham um papel fundamental na campanha de nacionalização, no sentido de fomentar as representações de uma identidade cultural brasileira. O entrevistado "B" lembrou dos desfiles cívicos promovidos durante o Estado Novo²⁵³. Relatou que no final da década de 30, o Ministério da Educação, cujo ministro era Gustavo Capanema *começou a desenvolver o esporte, forçar o desenvolvimento nas escolas, aí então por bem ou por mal, estas que eram religiosas, etc. tiveram que ... começaram aqueles desfiles da juventude dos quais eu participei de vários porque era obrigado.*

O entrevistado "A" também faz uma análise crítica do período do Estado Novo: *as grandes comemorações e festividades foram muito incentivadas, até meio a força, pela ditadura do Getúlio Vargas, que bateu sempre muito forte nisso. O entrevistado avalia que era muito, era bonito, era interessante, descontados os exageros até que era interessante, e hoje não tem mais. Não tem civismo, não tem nada. Era um momento cívico meio forçado mas era (risadas). Segundo a entrevistada "G" ninguém desfilava por obrigação, a gente gostava daquilo. Ela desfilou várias vezes com o uniforme do colégio e participou da Parada da Mocidade, quando era atleta do Grêmio Náutico União. Havia uma expectativa com relação aos desfiles se preparavam, era uma festa.*

A Semana da Pátria em Porto Alegre, inicialmente congregava militares e civis no mesmo desfile, depois organizaram um desfile esportivo e um desfile militar *porque não dava, era grande demais. Os desfiles ficaram de tal ordem, cresceram de tal ordem tanto na capital como no interior, mas mais na capital, que praticamente era um mês, o mês de setembro era a programação. Os desfiles congregavam um número expressivo de participantes, por exemplo,*

²⁵³ Para o entrevistado, o Estado Novo foi instituído através de *um golpe*, quando Getúlio Vargas substituiu a constituição vigente por outra chamada vulgarmente de *A Polaca* porque tinha muita semelhança com a constituição polonesa.

havia um clube que desfilava com 600 pessoas. O IPA ²⁵⁴ uma vez desfilou com um destacamento com bem mais de 100, acho que cerca de 200 alunos, acho que o coordenador era o Selmiro, todos com mastros grandes e bandeiras nacionais grandes, todas iguais, então era um retângulo, um retângulo de bandeiras, e eles desfilaram assoviando o hino do IPA.

O entrevistado “E” conta que *vinham as corporações do interior, bandas militares a cavalo, eu nunca tinha visto né, vinham todos estes, não sei quantos, quantos milhares de... desfilavam em Porto Alegre, era uma coisa fantástica. Foi necessário limitar o número de participantes por representação de entidade porque terminavam as duas da tarde e não paravam, porque era das 8.30 h, e era pontual. Também recordou dos espetáculos cívicos da Hora da Pátria, com cerimônias militares e apresentação de corais de várias entidades. O evento era realizado à tarde onde hoje é o Hospital de Clínicas. Ali havia um pavilhão grande, ali havia sido um campo de futebol, campo do Cruzeiro. O entrevistado ficou visivelmente emocionado (olhos vermelhos, embargados) quando falou dos desfiles cívicos: eu me lembro como se fosse hoje.*

Nos desfiles da Semana da Pátria cumpria-se com o objetivo cívico do desporto. Os desfiles foram encampando um número cada vez maior de entidades e pessoas, sendo organizado por categorias: entidades militares, tiros de Guerra, associações desportivas, colégios. Conforme o entrevistado “B”, os desfiles da juventude *geralmente era no dia 13 de setembro ou no máximo até o dia 5 de setembro, no dia 7 sempre foi um desfile militar. Para ele as festividades da juventude passaram a ser muito bonitas, e participava desde o aluno do curso primário, do ginásio, o universitário, sindicatos e clubes. Segundo o entrevistado a comemoração começou a despertar maior interesse e então em todos os colégios começaram a ter, aqui no Anchieta e tal instrutores militares, que eram oficiais do exército, sargentos e coisa para dar*

²⁵⁴ O Instituto Porto Alegre (IPA) é um estabelecimento de ensino ligado a Igreja Metodista. Em 1972 inaugurou a Faculdade de Educação Física.

aulas de educação física no primeiro governo do Getúlio, mas já ai a partir de 36, 37 por ai, ele assumiu em 30. Então ai começou a desenvolver.

O entrevistado "E" desfilou muitas vezes, sendo a primeira vez que eu fui era um desfile de Guerra, depois pelo pré-universitário e pela medicina. O primeiro foi nas festividades da Semana da Pátria de 1938: eu me recordo perfeitamente bem, eu cursava o Tiro de Guerra 318, foi feita uma marcha com cerca de 800 alunos. No curso pré-universitário nós éramos no diurno cerca de 900 alunos. Havia o noturno, o noturno que era bastante grande. Ele desfilou pela Faculdade de Medicina em 1941: me recordo, ganhamos até o troféu, e eu a tempos atrás eu tinha até um diploma da própria faculdade, do centro acadêmico Sarmiento Leite.

O entrevistado "D" afirmou que todas as associações participavam dos desfiles, semana da pátria e coisa, jogos que houve né. Havia muitas pessoas prestigiando aquilo era, como é que eles chamavam, era o desfile, desfile da juventude, não...Parada da Mocidade, Parada da Mocidade guria! Parada da Mocidade. A esposa do entrevistado "C" lembrou as Paradas da Mocidade, que eram sempre antes da parada do dia 7 de setembro. Então os colégios competiam, procuravam estar mais bonitos do que os outros. As bandas eram, os instrumentos eram todos enfeitados, as bicicletas, todo o rodado da bicicleta era feito com fita crepom, verde e amarelo, então, eles empurravam o civismo pra gente.

O entrevistado "A" participou de várias festividades nas comemorações da Semana da Pátria no início dos anos 40: tinha a Parada da Pátria, onde os clubes eram a figura principal da parte civil né, na parada né. Era a Parada da Mocidade, que chamavam. Ele afirma que os clubes eram o destaque principal. Então aquilo era um acontecimento, por que todo mundo ia fardado, de acordo com a época. Ele descreve as roupas usadas nos desfiles, geralmente calça branca e a camiseta do clube, e pendurava todas as medalhas na camiseta. Tinha gente com uma quantidade imensa de medalhas, nas costas, na frente, que era tudo atração né.

O entrevistado "D" foi um dos que desfilou com várias medalhas presas na camiseta. Mostrou uma fotografia fixada em um quadro na parede, onde ele aparece vestido para o desfile, pois *era assim né, eu tenho uma medalha bonita aqui. Aí quando via saía tudo medalhado*. A entrevistada "G" também recordou que *tinha que botar tudo quanto era medalha, todo mundo tinha que desfilar, com o peito cheio de medalhas, em cima duns jipes, com bandeiras do RS*²⁵⁵. O entrevistado "C" desfilava pela SOGIPA *como atleta entende, a gente desfilava inclusive, tanto, tanto pela SOGIPA então Turnerbund, na época era Turnerbund*. Ele conta que durante a Semana da Pátria *havia, é, é, é demonstrações, demonstrações, competições de tudo que era esporte relacionado com a parte cívica que era exatamente da semana da Pátria. A Semana da Pátria aí incluía tudo, aí incluía, a atletismo, ciclismo, basquete, vôlei, todos, todos os esportes*. A entrevistada "F" participou de desfiles e mostrou uma fotografia, onde aparece o professor *Blach e Daudt*²⁵⁶ e outra onde seu pai está desfilando com o grupo da diretoria da SOGIPA.

A Escola Superior de Educação Física (ESEF), criada em 1940, também participava dos desfiles, muitas vezes, com os alunos cantando o hino da Escola²⁵⁷. De acordo com o entrevistado "E", *a coisa mais importante para o esporte gaúcho foi a criação da Escola de Educação Física*²⁵⁸. Os primeiros

²⁵⁵ A filha da entrevistada participou de um desfile na pista de atletismo da SOGIPA, *quando era pequena, com 5, 6 anos, de mascote na frente da equipe do União*. Ela lembrou que havia um concurso para a escolha do melhor desfile de clube. *Compareciam clubes até do interior do Estado. Eu me lembro que o União ia com uma biga, né. Pegavam o cavalo do leiteiro e colocavam para puxar a biga. E a minha irmã ia na biga, em cima, como se fosse uma romana, não sei o quê* (risadas).

²⁵⁶ Ela elogiou João Carlos Daudt, *esse foi presidente da Sogipa, foi um espetáculo. A gente chamava ele de Cacalo. Daudt. O irmão dele era presidente da Federação Atlética Rio-Grandense*.

²⁵⁷ O Hino da ESEF destacava o papel da juventude desportiva na construção da Nação brasileira. A letra é de Paulo Antônio Moritz e a música de Natho Hehn: *Mocidade do Brasil avante! Cultivemos a beleza do corpo; melhorando a nossa raça; à pátria dedicando este ideal; que é força e beleza sem par (bis); assim cantando, marchemos sem temor; todos nós somos da pátria; uma esperança; e cultivemos com fé e ardor; nossa sagrada missão*.

²⁵⁸ O entrevistado "E" sempre manteve uma estreita ligação com a instituição. Formou-se na Faculdade de Medicina da URGs, em 1946 (na época a universidade não tinha sido federalizada). Em 1950 fez o curso de Medicina da Educação Física e do Desporto na ESEF, onde trabalhou como médico voluntário durante um ano. Durante os anos de 1967 e 1968 retornou a Escola como professor convidado. Foi o primeiro diretor do Centro Olímpico da ESEF nos anos de 1970 a 1972. No período de 1972 a 1976 atuou como assessor desportivo dos reitores da UFRGS, Eduardo Faraco e Homero Jobim.

professores da ESEF tinham vinculação com as associações desportivas teuto-brasileiras, como os *professores Valdir Eckart, Derik Ely*²⁵⁹ e *Karl Black*²⁶⁰. Ele afirma que da ESEF saíram muitos líderes, especialmente, o *Selmiro*²⁶¹ e muitos outros, né, o número é muito grande. Os alunos da ESEF colaboravam nos desfiles (entrevistado “E”). Esta atividade era coordenada pelo professor Frederico Guilherme Gaelzer: *nesta parte do desfile, Gaelzer sempre o grande líder e depois já com os seus alunos*. A entrevistada “F” participou dos desfiles, quando era aluna da ESEF, *aquilo era muito bonito*. Na Semana da Pátria de 1941, a ESEF organizou *um bailado no campo onde atualmente é... a Faculdade de Odontologia e o Hospital de Clínicas*. *Era um campo grande, então algumas moças da Educação Física e os rapazes da Escola de Cadetes fizeram um bailado, as moças de gaúchas e os rapazes também*.

Nas comemorações da Semana da Pátria, além dos desfiles cívicos era realizada a corrida *do Fogo Simbólico*. Túlio de Rose propôs a realização da Corrida do Fogo Simbólico em Porto Alegre, em 1938. Ele *trouxe esta idéia com archote ou imaginou este desfile com archotes dos Jogos Olímpicos de Berlim realizados em 1936, que acompanhou como “repórter”* (entrevistado “E”)²⁶². Para o entrevistado *Túlio teve a ousadia de pensar no espetáculo e sugeriu ao Vignoli e a alguns militares*. *Essa também foi uma época fantástica, sempre a semente sendo lançada pelo Rolim*. Ele comentou que *Túlio de Rose teve sempre o apoio de exército e da Liga de Defesa Nacional, e o grande apoio do Getúlio Vargas*.

A primeira Corrida do Fogo Simbólico foi realizada *unicamente pelos remadores veteranos* das associações de remo de Porto Alegre. A partida foi na Igreja de Viamão, cuja distância até a Pira da Pátria montada na Rua João

²⁵⁹ Foi professor da ESEF e técnico de natação do Grêmio Náutico União. Faleceu durante a realização da pesquisa.

²⁶⁰ Ele refere-se a Karl Black, que era filho de Geog Black. Segundo o entrevistado o professor Karl Black *era uma pessoa excepcional, era uma pessoa que tinha uma capacidade tática, pedagógica, as aulas dele embora não fossem aula de física, ginástica e depois halterofilismo, naquele tempo tinha halterofilismo, mas ele tinha uma habilidade muito grande, uma pessoa muito correta*.

²⁶¹ Foi o primeiro diretor da Faculdade de Educação Física do IPA.

²⁶² Além de Túlio de Rose, João Carlos Daudt (Sogipa e do Barroso) e Humberto Sachs foram assistir os Jogos Olímpicos de Berlim (entrevistado “E”).

Pessoa (em frente à Rua Luis Afonso) era de aproximadamente 26 Km. Participaram aproximadamente 60 remadores, que foram levados até Viamão por dois ônibus. O entrevistado "E" contou que *todos eles correram, cada um corria 50 m, 20 m, 100 m, levando o Archote. O caminhão do exército da frente ia distribuindo os atletas e o caminhão de trás ia recolhendo durante o trajeto. E assim eles iam, alguns correram mais de uma vez e chegaram na Pira a meia noite. Para o entrevistado aquilo era uma coisa inusitada.* O entrevistado "C" afirmou que a pira vinda de Viamão *era acesa da meia noite do dia 1º de setembro, e levava a semana toda até o dia 7. E também era extinta a meia noite do dia 7 de setembro (pausa) setembro.* O entrevistado "B" também presenciou o fogo simbólico que a festividade começava à zero hora do dia 3 de setembro acendendo a pira ali onde é a Liga de Defesa Nacional apagando às 24 h do dia 7 de setembro ali no mesmo lugar.

O entrevistado "E" participou de uma corrida carregando o archote que *foi uma coisa muito heterogênea.* Possivelmente por que aconteceu em uma noite que *tinha uma garoa forte, então todos os alunos foram e além do fardamento, cada um tinha que por a sua proteção, a sua capa. O desfile aconteceu à noite na Rua dos Andradas (Rua da Praia) e havia um vento e o combustível tinha um pouco de breu, e aquele breu queimando lançava uns fios, que praticamente estragou as roupas de todos. Foi uma coisa interessante porque foi um prejuízo total, com aquela parada que não foi o que todos esperavam, mas, mesmo assim tinha público.* Ele mostrou um sentimento de tristeza devido aos problemas enfrentados e as expectativas frustradas durante a comemoração da Semana da Pátria. O ar de resignação e consolo é observado quando afirma que *foi a primeira grande Semana da Pátria, especialmente por esta corrida de veteranos.* De fato foi a primeira realização da corrida do fogo simbólico na primeira comemoração da Semana da Pátria do Estado Novo. O entrevistado afirma que *foi uma cerimônia muito bonita, eu sei porque o meu pai foi um dos que participou.*

O entrevistado "E" de forma impressionante lembra dos trajetos percorrido pelo Fogo Simbólico, *o primeiro foi em Viamão, depois eu ver se eu*

me lembro, o segundo foi em Rio Pardo, depois foi Florianópolis, depois foi para São Paulo, no Ipiranga, depois foi para Minas, depois foi para Salvador, depois foi para Natal, depois foi para Fortaleza e aí que veio para o Rio de Janeiro. Depois do Rio de Janeiro saiu de Roma, sempre com o Túlio de Rose organizando todos. E o Túlio de Rose teve sempre o apoio de exército e da Liga de Defesa Nacional, e o grande apoio do Getúlio Vargas, o Getúlio sempre foi um grande amigo do Vignoli e do Túlio, né, e essas pessoas tinham todo o apoio dele". Ele conclui afirmando que as festas eram muito bonitas (relatou com empolgação a corrida do fogo simbólico).

Segundo o entrevistado "E", a Pira da Pátria *funcionou durante muitos anos, ela depois foi melhorada e inclusive tinha que ter acesso por escada e, normalmente, eram personalidades, atletas que faziam o acendimento da Pira. A entrevistada "G" recordou que as filhas participaram*²⁶³. Para o entrevistado "C", *o fato da pira dos jogos, como a Semana da Pátria começava com esportismo*²⁶⁴. Para a entrevistada "F" *havia mais sentimento de brasilidade, a gente vibrava para desfilar.*

O entrevistado "E" concorda que na época existia um sentimento cívico muito forte e procura explicar a origem: *nós tínhamos tido aquela série de revoluções, 30, 32, a intentona de 35, o golpe de 37, quer dizer, a Guerra quase aí, e tal. Havia também sentimentos contrários, havia aí, o partido integralista. Então havia muita movimentação, o partido comunista já estava emergente, e certamente este foi um momento propício. Ele continua seu depoimento, dizendo que alguns alegavam que os desfiles eram movimentos de direita, mas na verdade era o seguinte: Porto Alegre na Semana da Pátria*

²⁶³ Lisia Barth é a filha mais velha da entrevistada "G". Foi uma das poucas atletas que participou da corrida do Fogo Simbólico, na época tinha com 15 anos. Foi recordista sul-americana e brasileira *sempre representando o União.*

²⁶⁴ A esposa do entrevistado "C" afirmou que na época da ditadura, na época do governo do Getúlio Vargas, a impressão que eu tinha, eu era estudante, adolescente, é que eles procuravam botar civismo a força dentro da gente. Então, aquilo era um, um ufa, ufanismo. Ao concluir ela emite um julgamento, mas eu acredito que naquela época era um, um civismo sadio porque não trazia uma ideologia. Era amar a Pátria, saber os hinos, cantar, mas não havia assim uma ideologia, como teria talvez hoje em dia uma coisa semelhante se fosse aqui do nosso governo de Porto Alegre né. Haveria aquela, aquela coisa direcionada, não era direcionado, era, era o fato cívico em si".

era algo fantástico e os clubes se preparavam o ano inteiro. Os desfiles eram muito prestigiados pela população: eram milhares de pessoas, né. E o público era uma coisa fantástica. O desfile tinha carros alegóricos, bandas militares, bandas marciais, bandeiras e tudo e alguns criticavam que isto era um espetáculo, um espetáculo nazista, fascista e tudo o mais. Agora era interessante, como, como a gente vibrava. E não tinha conotação, eu, eu, eu não reconheço isso.

De acordo com o entrevistado "E", os desfiles eram um chamamento aquela entidade, aquele colégio, ao clube, ao tiro. Os desfiles representavam civismo: forma cívica, que havia em todas as entidades, as escolas. O entrevistado afirma que tinha um sentimento nacionalista: era outra coisa, naquele tempo se cantava muito o hino, né. Ainda havia aquele movimento, aquele decreto do Getúlio proibindo as atividades regionais; então os hinos regionais eram muito pouco tocados e havia uma menor quantidade de bandeira do que existe hoje. Hoje, tem mais bandeiras quase iguais a do Rio Grande do Sul. Este sentimento regionalista é muito arraigado, graças a este grande movimento que é o MTG [Movimento Tradicionalista Gaúcho]. O Rio Grande do Sul é o líder mundial, mais de mil e tantos MTGs.

Os desfiles cívicos e as paradas da mocidade, não foram interrompidos durante a segunda guerra mundial, nem mesmo com a entrada do Brasil na guerra. O entrevistado "B" contou que apesar das violentas manifestações contra as lojas, associações e outras instituições alemãs, em setembro de 1942 houve a comemoração da Semana da Pátria *ai normal, aliás ai com mais exaltação*. Porém, as associações desportivas identificadas com os alemães não participaram dos desfiles: *ai não. Era inimigo. Era inimigo. Só participaram aquelas entidades que afirmavam o sentimento nacional*. Apesar dos acontecimentos mencionados, o entrevistado "A" pensa que a nacionalização não prejudicou o desenvolvimento das associações desportivas: *não, não. Eu acho que ele foi até estimulante. Não que eu concorde com tudo que foi feito naquela época, pelo contrário, mas ele foi estimulante, por que havia uma pressão, um estímulo de todas as formas nesse sentido do civismo, de paradas*

e canta o hino nacional em todo lugar que se ia, tinha que cantar. Foram observadas reações de cunho emocional na maioria dos entrevistados, quando relatavam as comemorações cívicas da Semana da Pátria.

Para o entrevistado "A", a nacionalização de certa forma ajudou a impulsionar o desporto, *ajudou, ajudou. Por que aquilo criava um entusiasmo nas disputas, mesmo quando vinham estrangeiros, que não eram muitos freqüentes, mas aquela garra pelo Rio Grande do Sul, pelo Brasil. Tanto que havia um abrigo, eu me lembro como se fosse hoje, que na época a Federação de Remo era de todos os esportes náuticos, então se chamava Liga Náutica do Rio Grande do Sul, então, o blusão atrás, o abrigo estava escrito Náutica só, e em baixo Brasil. Isto demonstra que o sentimento pelo país deveria ser mais forte que pelo Estado do Rio Grande do Sul. O entrevistado afirma que a ditadura do Getúlio acabou com isso, por que havia aquela rivalidade, aquelas revoluções todas e em determinado dia o Getúlio mandou queimar as bandeiras todas dos estados, e com isso apagou por algum tempo essa rivalidade, o que foi bom. Eu acho que foi bom.*

O entrevistado "E" confirmou que *havia uma restrição às atividades que fossem regionais, mais um sentimento de..., talvez... isto é história, isto tem influenciado muito esta unidade brasileira, graças a esse sentimento de impedir também aqueles focos regionais, as disputas regionais. Para ele, a nacionalização não chegou a influenciar o desenvolvimento das associações desportivas em Porto Alegre. Admite que teve problemas, por exemplo, em todos problemas que mudam assim, alguns não era só mudança de toda orientação, quer dizer aquela, a instrução técnica já era diferente, que num clube que noventa por cento falam uma língua, na hora em que tu mudas a orientação geral havia problema.*

O entrevistado "B" afirmou que *com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial começou a influência americana no país. Pois, até 30 a influência aqui era dos franceses, dos alemães e ingleses, americano muito pouco quase não tinha. Isto não foi só no esporte, como na comida, em tudo,*

depois começou a mudar. A instalação de bases americanas em Porto Alegre, Belém do Pará, Fortaleza e Natal, durante a Segunda Guerra Mundial possibilitaram uma aproximação entre os marinheiros americanos com os militares brasileiros. Alguns oficiais brasileiros foram realizar cursos preparatórios nos Estados Unidos, tendo em vista seu futuro deslocamento para Itália e trouxeram a cultura americana de esporte, esporte, esporte e, tornaram a coisa popular por que nos Estados Unidos já era praticada pela população, o que não era o futebol, o que não é até hoje. Eram os outros esportes.

4 – Análise e Interpretação dos Estudos

Esta seção apresenta a análise das relações entre o associativismo desportivo e as representações da identidade cultural teuto-brasileira. O enfoque exploratório desta investigação permitiu elucidar cinco categorias extraídas dos documentos impressos, fontes bibliográficas e depoimentos orais: (a) emergência e expansão das associações desportivas; (b) as representações da identidade cultural teuto-brasileira nas associações desportivas; (c) as reações de confronto a identidade cultural teuto-brasileira; (d) estratégias de recomposição da identidade cultural teuto-brasileira; (e) as representações da identidade cultural brasileira.

A emergência e expansão das associações desportivas

As primeiras associações desportivas foram organizadas pela elite econômica teuto-brasileira, enquanto espaço de sociabilidades e lazer, como também, de representação de sua identidade étnico-cultural. A comunidade teuto-brasileira começou a ocupar uma posição sócio-econômica destacada em Porto Alegre. O desenvolvimento do complexo colonial imigrante gerou profundas transformações sociais e econômicas na cidade, que obteve um aumento de sua população. Este contexto favoreceu a emergência das associações desportivas, na segunda metade do século XIX.

A sociedade Turnerbund (1867), primeira associação desportiva de Porto Alegre destinava-se a prática da ginástica. A ginástica promovida pela Sociedade Turnerbund caracterizava uma herança alemã, sem contudo carregar a conotação guerreira e ideológica da proposta de Jahn no início do século XIX (Ramos, 2000). Na Alemanha, as associações de ginástica, além de se constituírem em espaços de prática das atividades físico-desportivas, também estavam voltadas à atividade política, em muitos casos, funcionando como refúgios de intelectuais liberais. A ginástica alemã enquadrou-se nos ideais da cultura do corpo, voltando-se para a busca da saúde corporal, na segunda metade do século XIX, e mais tarde direcionou-se à busca da beleza

física. Em Porto Alegre, a ginástica era uma forma de fomentar a prática desportiva da juventude alemã e afirmar a cultura de origem da comunidade teuto-brasileira. A prática da ginástica pela Sociedade Turnerbund estava ligada à emergência da nacionalidade e da representação de sua identidade cultural.

Além da Sociedade Turnerbund, a fundação do Ruder Club (Clube de Remo), em 1888, também foi um marco desportivo em Porto Alegre. O Ruder Club, de acordo com Hofmeister (1978), foi a primeira associação de remo organizada no país. No entanto, não é possível confirmar o pioneirismo do remo gaúcho em relação ao praticado no Rio de Janeiro, devido à escassez de informações.

Neste mesmo período, surgiram as associações de turfe, organizadas pela elite luso-brasileira, que passaram a disputar espaço com as associações teuto-brasileiras no campo das representações sociais. No entanto, as associações de turfe perdem espaço no início do século XX. As quatro associações destinadas ao turfe, até então, existentes em Porto Alegre restringiram-se a uma única instituição: o Jockey Club. Especula-se que o desaparecimento das associações de turfe vinculadas a comunidade luso-brasileira, também esteja relacionado a gradual expansão e consolidação das associações desportivas teuto-brasileiras na cidade. À medida que as associações teuto-brasileiras ampliavam a oferta de atividades, as práticas desportivas marcadas pela herança colonial luso-brasileira perdiam espaço.

Provavelmente, o enfraquecimento do turfe em Porto Alegre, está relacionado à transição para um novo modelo social. O turfe era uma prática restrita as elites rurais que freqüentavam os hipódromos, os quais retratavam uma sociedade colonial e arcaica. Nessa perspectiva, o turfe passou a ser associado ao atraso de Porto Alegre, que desejava tornar-se uma cidade moderna, tendo como referência algumas cidade européias e, principalmente, o Rio de Janeiro, capital do Brasil na época. O associativismo desportivo

acompanhou o processo de urbanização da cidade e de modernização da sociedade porto-alegrense.

A elite teuto-brasileira, que freqüentava as associações desportivas, tornou visível seu poder político e econômico no processo de urbanização e modernização da cidade. A auto-organização foi uma característica marcante das primeiras associações teuto-brasileiras que, sem fins lucrativos, dependiam de receitas oscilantes, oriundas da contribuição dos associados. Através de recursos privados, empréstimos bancários, cotização entre os sócios e doações de terrenos, as associações desportivas puderam adquirir sua sede e demais instalações. O primeiro prédio da Sociedade Turnerbund e o velódromo pertencente a Sociedade Ciclística Blitz resultaram da ajuda financeira de comerciantes alemães.

As associações realizaram grandes investimentos para a construção dos estádios, ginásios, piscinas, pistas de atletismo e outros locais para a prática desportiva. Estas condições dificultaram a administração das associações, que adotaram o sistema de autogestão, com comprometimento pessoal dos sócios nas metas da instituição. A austeridade foi uma característica marcante na administração das associações teuto-brasileiras. As associações divulgavam anualmente seus balancetes financeiros. O rigoroso controle das finanças permitiu a construção de instalações e aquisição de equipamentos desportivos pelas associações teuto-brasileiras.

Os teuto-brasileiros criaram suas associações desportivas reconhecidas enquanto espaços da elite, pois eram restritos àqueles que se identificavam por fatores, econômico-sociais, étnico-culturais e políticos. A criação de uma associação envolve aspectos cuja finalidade é tornar visível o lastro sócio-político-cultural da comunidade ou do grupo. A associação não é um espaço aberto a todos, no sentido lato da palavra; mas sim, um espaço privado mais alargado. As primeiras associações desportivas de Porto Alegre são espaços privados freqüentados, predominantemente, pela elite urbana. As associações desportivas tornaram-se lugares de distinção social, pois se constituíram numa

forma de representação da comunidade teuto-brasileira diante da sociedade porto-alegrense. Sua afirmação ocorreu em razão do reconhecimento obtido pela participação que tiveram no processo de crescimento e desenvolvimento da cidade.

Os depoimentos e os documentos impressos confirmam a influência da comunidade teuto-brasileira na introdução de vários desportos em Porto Alegre: ginástica, tiro ao alvo, remo, tênis, ciclismo, bolão, futebol, esgrima, atletismo, voleibol, basquete, entre outros.

As representações da identidade teuto-brasileira nas associações desportivas

O teuto-brasileiro foi identificado pelo seu espírito associativo, conforme atestam as obras bibliográficas, documentos impressos e depoimentos orais. Eles se agruparam em associações, compartilhando o interesse comum de representar-se perante os "brasileiros". Para tanto, estabeleceram elos com a pátria de origem, Em geral, as associações adotaram as cores da nação alemã - preto, vermelho e branco, nas bandeiras, uniformes e outros símbolos culturais.

Os laços da comunidade teuto-brasileira com a Alemanha eram estreitos. Muitos teuto-brasileiros realizaram seus estudos na Alemanha, enquanto ginastas alemães eram convidados para se integrar nas atividades das associações desportivas. Este intercâmbio de relações facilitava o acesso dos teuto-brasileiros a materiais vindos da Alemanha, como por exemplo, livros e revistas, além da importação de equipamentos e materiais desportivos, considerados fundamentais para impulsionar o desporto nas associações.

A organização de entidades desportivas, como por exemplo, Liga de Natação (1890), Comitê de Regatas (1894) e Liga de Ginástica do Rio Grande do Sul (1895) demonstrou a capacidade associativa dos imigrantes alemães, e o fortalecimento desta comunidade na ocupação de espaços sociais.

Particularmente, a Liga de Ginástica desempenhava um papel relevante na manutenção da memória alemã e da unidade entre as sociedades de ginástica no Estado. No mesmo período da Liga foi organizado o Comitê de Regatas, com a intenção de promover a prática do remo e os ideais do associativismo desportivo. Este Comitê (atual Federação de Remo do Rio Grande do Sul) é a mais antiga entidade desportiva em atividade no país.

Outro meio de afirmação da identidade cultural dos teuto-brasileiros foi a utilização sistemática da língua alemã nas associações desportivas, além de outros espaços privados e públicos. A língua alemã era fluente no Club de Remo Guaíba Porto Alegre e na Sociedade Turnerbund (entrevistados “B”, “D”, “E”, “G”. e “H”). Além de ser falada no cotidiano das associações, a língua alemã foi empregada na redação dos estatutos, das atas e demais registros das associações. A língua era um traço fundamental da identidade cultural teuto-brasileira.

O modelo administrativo caracterizado pela permanência dos dirigentes nos cargos por um longo tempo, também era uma forma de sustentar os traços culturais das associações teuto-brasileiras. Especialmente, a Sociedade Turnerbund, o Grêmio Náutico União e a Sociedade Leopoldina (atual ALJ) mantiveram o revezamento de nomes teuto-brasileiros nos principais cargos da diretoria. Estas funções eram desempenhadas por teuto-brasileiros que se destacavam principalmente no comércio e indústria porto-alegrense.

As instituições teuto-brasileiras constituíam uma “rede de relações” entre si, também, como uma forma de afirmação de sua identidade cultural perante os demais porto-alegrenses. Isto implicava na ajuda mútua entre as associações teuto-brasileiras, através do patrocínio das competições e empréstimo de instalações. Algumas personalidades da elite teuto-brasileira fomentavam estas relações entre as associações. Exemplo disso, é o caso do jovem Alberto Bins que, ao retornar para Porto Alegre após concluir seus estudos na Alemanha, participou da organização da associação de remadores Ruder Verein (1888), da Sociedade Ciclística Blitz (1896) e do “Fussball”

(1903). Mais tarde, o major Alberto Bins tornou-se prefeito de Porto Alegre, onde se destacou como personalidade pública, de reconhecida capacidade administrativa.

A expansão desta rede de relações foi observada na fundação do Grêmio Football Porto Alegrense pelos associados da União Velocipédica e na fundação do Fussball Club Porto Alegre pelos ciclistas da Sociedade Blitz. Nesta ocasião, foi doado um terreno ao lado do velódromo da Blitz para o Fussball. Já o Grêmio, no princípio, usava o campo da baixada que era sede da sociedade de atiradores alemães. O ex-jogador de futebol do Grêmio, Georg Black organizou na Sociedade Turnerbund um time de futebol, no qual atuou como treinador até a extinção do time. Além de trabalhar com o futebol, já atuava como mestre de ginástica na Sociedade Turnerbund e como professor nas escolas de Porto Alegre e São Leopoldo. Ele também foi responsável pela criação do primeiro grupo de escoteiros no país vinculado a Sociedade Turnerbund.

A fundação do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e do Fussball, na mesma data (15/09/1903), sugere que havia grupos diferenciados que disputavam espaços dentro da própria comunidade teuto-brasileira. Entretanto, essas diferenças ficavam atenuadas, à medida que as associações eram reconhecidas como teuto-brasileiras e, em sua maioria, “fechadas” aos outros grupos culturais. Havia critérios rígidos que restringiam a aceitação de novos sócios. No princípio, para associar-se a estas instituições era necessário ser imigrante alemão ou ser filho de teuto-brasileiro educado na Alemanha.

Este intercâmbio de relações com a Alemanha era incrementado pela visita periódica de instrutores de ginástica alemães, convidados pela comunidade teuto-brasileira para desenvolver atividades nas associações. Alguns deles também ministraram aulas nas escolas da comunidade teuto-brasileira. Além disso, ainda, participavam das competições representando a associação. Estes ginastas tinham um alto nível técnico e, geralmente, venciam as provas de ginástica.

Os festivais de ginástica, as festas dos atiradores, as competições desportivas, entre outras atividades, eram meios de afirmação pública da identidade cultural das associações desportivas teuto-brasileiras. As provas de revezamento, nas quais os teuto-brasileiros percorriam as cidades de imigração alemã (Santa Cruz do Sul, Ijuí, São Leopoldo, Porto Alegre e Blumenau) era uma forma de comungar seu território geográfico e suas fronteiras culturais. A Sociedade Turnerbund foi a primeira associação no país a promover estas provas de caminhadas de longa distância realizadas pelo grupo de escoteiros.

As associações desportivas teuto-brasileiras estavam permanentemente reconstruindo suas fronteiras étnico-culturais em relação aos outros grupos culturais. No interior das associações, o sistema de comunicação próprio, através do jornal da Sociedade Turnerbund e da Revista "O Biguá" do Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre, eram meios de expressão dos seus traços culturais distintivos e de divulgação de suas atividades culturais.

Uma característica marcante da cultura da comunidade teuto-brasileira era a participação expressiva das mulheres nas diversas atividades das associações. Desde o início do século XX, mais precisamente a partir de 1904, elas praticavam ginástica na Sociedade Turnerbund e participavam de cursos de formação de instrutores de ginástica. Além disso, as mulheres foram importantes na organização da primeira associação feminina de bolão do país, instituída na Sociedade Leopoldina em 1918. Assim, elas ocupavam espaços sociais, restritos ao universo masculino. Mesmo depois do casamento que, freqüentemente, interrompia a sua participação em desportos, as mulheres não se afastavam das associações desportivas teuto-brasileiras. Desta forma, perpetuava-se o sentimento de pertencimento a associação, o qual era fomentado pela convivência entre parentes e amigos nas atividades desportivas. Alguns depoimentos comprovam a intensidade destas relações, quando referem que a associação desportiva era uma extensão de sua casa.

O entrevistado "H" afirmou que era brasileiro, pois sua mãe era brasileira, embora seu pai tivesse vindo da Alemanha. Ele falava alemão, casou-se com uma teuto-brasileira, praticava ginástica, fez aulas de educação musical (tocava violino) e participou de grupo de canto. Como se não bastasse, conhecia a história de grandes personalidades da cultura alemã, como por exemplo, Jahn e Bismarck. A entrevistada "F" afirmou que era brasileira, pois nasceu no Brasil, o que não a impedia de freqüentar a sociedade Turnerbund, ser atleta da sociedade, falar a língua alemã, ter aulas de educação musical (tocava piano), casar com um teuto-brasileiro, e manter amizades com teuto-brasileiros. Eram formas de vivenciar sua cultura de origem.

Um dos principais motivos que gerou conflito entre os membros da comunidade teuto-brasileira decorria de sua concepção de cidadania e nacionalidade (Seyferth, 1994). Os teuto-brasileiros identificavam-se como cidadãos brasileiros, porque cumpriam suas obrigações com o país. No entanto, sua nacionalidade era determinada pela cultura alemã. Esta condição identitária gerou um sentimento negativo em relação à comunidade teuto-brasileira, acusada de ter dupla identidade e, por conseqüência, dupla lealdade.

As reações de confronto a identidade cultural teuto-brasileira

As associações desportivas teuto-brasileiras eram percebidas como "estrangeiras", devido aos seus traços culturais latentes. O estabelecimento de limites bem definidos entre os estrangeiros e os que pertenciam a nação era fundamental para o fortalecimento da identidade cultural brasileira. Esta diferenciação cultural foi consolidada pelo Estado brasileiro.

As primeiras reações ao predomínio dos teuto-brasileiros no campo desportivo foram observadas com a fundação das associações de remo pelos imigrantes portugueses e luso-brasileiros no início do século XX. Em 1903, o Clube de Regatas Almirante Tamandaré foi criado por luso-brasileiros e alguns teuto-brasileiros que não concordavam com o uso da língua alemã nas

associações. A língua oficial das primeiras associações de remo era o alemão, inclusive, na própria sessão de treino dos atletas prevalecia a língua alemã. Isto trouxe dificuldades para os “brasileiros” que desejavam se integrar a estas associações. Por esta razão, alguns remadores do “Club de Regatas Germânia” fundaram o Clube de Regatas Almirante Barroso, em 1905. O destaque das associações de remo porto-alegrense em nível nacional possibilitou a realização do Campeonato Brasileiro de Remo, em 1933. O Clube de Regatas Almirante Barroso sagrou-se campeão e mereceu destaque na capa da Revista do Globo naquele ano.

A disputa de espaço para a expressão da identidade cultural nas associações desportivas estendeu-se para o futebol, com a fundação do “Sport Club Internacional” (1909). Iniciava-se um processo de enfrentamento desportivo, mas que também indicava uma reação ao predomínio das associações de futebol dos teuto-brasileiros (Grêmio Football Club e Fussball Porto Alegre). O “Internacional” surgiu enquanto uma associação identificada com outros grupos étnico-culturais, que não integravam a elite sócio-econômica porto-alegrense. O grupo fundador era na sua maioria trabalhadores do comércio, que desejavam se fazer representar diante da sociedade porto-alegrense. Esta associação de futebol, que foi uma das primeiras a incorporar um jogador negro (chamado “colored”), ficou conhecida ao longo de sua história como “Clube do Povo”.

A oposição ao predomínio teuto-brasileiro no associativismo desportivo em Porto Alegre aumentou por ocasião da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Neste período, houve forte pressão do governo brasileiro tentando cercear a liberdade de expressão da comunidade teuto-brasileira. O governo brasileiro exigiu que as associações teuto-brasileiras trocassem seu nome original em alemão para nomes em língua portuguesa. O caso do “Ruder Verein Freundschaft” foi um exemplo marcante, pois apesar da indignação dos associados, descrita na obra de Hofmeister (1981), adotou o nome de Grêmio Náutico União em 1917.

A ação mais incisiva foi registrada com a promulgação do Decreto-Lei nº 3.361 de 26/10/1917, que interveio nas associações de atiradores denominadas “Linhas de Tiro”. Esta medida legislativa transferiu para o exército brasileiro o controle das atividades realizadas nas Linhas de Tiro. Houve confisco das armas dos praticantes de tiro ao alvo, justificado pela ameaça que representava ao país. A partir deste momento, as “Linhas de Tiro” passaram a ser chamadas de “Tiros de Guerra”. Por exemplo, o Tiro 4, um dos mais conhecidos locais de prática de tiro ao alvo foi transformado no Tiro de Guerra nº 4. Dois atiradores de destaque no Tiro de Guerra nº 4 integraram a primeira equipe olímpica brasileira nos Jogos Olímpicos da Antuérpia (Bélgica), em 1920. Nestes jogos, o país obteve uma medalha de ouro na prova de tiro individual e a medalha de bronze na prova de tiro por equipe. Estas medalhas tiveram um significado especial para o desenvolvimento do desporto nacional, porque foram as primeiras medalhas conquistadas em competições internacionais e, também, porque representaram uma surpresa à comunidade desportiva brasileira, tendo em vista as precárias condições de organização do desporto no país.

O desporto brasileiro ainda carecia de vários melhoramentos. Inclusive, o relatório do enviado especial do Comitê Olímpico Internacional (COI), Conde Henry de Baillet Latour, que esteve presente nos Jogos do Centenário da Independência do Brasil, realizados em 1922, denunciava a falta de organização dos dirigentes, as interferências políticas e o desconhecimento de regras. Como se não bastasse, chegou a comentar a ausência completa de educação esportiva no país (Ribeiro Jr., 1994). A participação desportiva brasileira, até a década de 20, se resumia ao torneio sul-americano e algumas raras excursões de associações de futebol à Europa.

O surpreendente destaque obtido pelos atletas brasileiros parece não ter sido suficiente para mobilizar o governo brasileiro, no sentido da organização do desporto no país. Apesar dos excelentes resultados obtidos pelos atletas brasileiros nos jogos olímpicos, foram necessários 15 anos para a criação do

Comitê Olímpico Brasileiro (1935), e mais 5 anos para a efetivação de uma legislação direcionada a organização do desporto no país.

Os marcos de expressão da cultura teuto-brasileira no associativismo desportivo em Porto Alegre mantiveram-se estáveis até o Estado Novo (1937-1945), quando começaram a ser confrontados pelo governo brasileiro. Neste período, a cultura foi tratada enquanto elemento fundamental do projeto de formação do Estado nacional brasileiro. As associações desportivas identificadas com a comunidade teuto-brasileira em Porto Alegre deveriam ser incorporadas ao projeto nacional do governo de Getúlio Vargas (1937-1945).

O projeto nacionalista buscava a homogeneização cultural e, para tanto, a eliminação de quaisquer formas de organização autônoma da sociedade, que não fosse por meio de corporações rigorosamente perfiladas com o Estado brasileiro (Schwartzman, 1984). Não havia interesse em extinguir as associações desportivas teuto-brasileiras, mas de forçar seu alinhamento com o projeto de formação de uma identidade cultural brasileira.

Uma das principais condições impostas pelo governo brasileiro para a formação de um sentimento de pertencimento a nação foi oficializar a língua portuguesa no país. Esta medida implicou na proibição de falar a língua alemã nas associações desportivas. Houve resistência dos teuto-brasileiros em adotar a língua portuguesa, pois sua língua era um símbolo do modo de ser alemão. A identificação dos teuto-brasileiros enfraqueceu a partir do momento em que a língua portuguesa tornou-se obrigatória pelo sistema público educacional e administrativo. Os teuto-brasileiros passaram a exercer o monitoramento da sua "fala" (entrevistada "F").

A primeira medida no campo legal que interveio nas associações desportivas foi promulgada pelo Decreto-Lei nº 3.199/41. Este Decreto-Lei resultou de um esforço do governo no sentido de instaurar uma legitimidade racional-legal às associações desportivas, o que não significa que a legitimidade das associações era inexistente. As associações desportivas

teuto-brasileiras constituíram historicamente sua legitimidade perante as demais associações porto-alegrense.

O propósito do Decreto-Lei nº 3.199/41 era consolidar uma comunidade político-legal no campo desportivo. Para tanto, foi criado o Conselho Nacional de Desportos (CND), um órgão responsável pela organização desportiva nacional formalizada na constituição de confederações, federações, ligas e associações desportivas. A nova estrutura criou uma pirâmide, na qual as associações desportivas estavam na base; as federações locais e as confederações nacionais ocupavam o patamar imediatamente superior. Coube ao Conselho Nacional de Desportos a centralização do controle sobre as associações desportivas, com base num modelo administrativo burocratizado. A burocratização fortaleceu juridicamente a distinção entre as associações desportivas reconhecidas como “nacionais” e aquelas identificadas como “estrangeiras”.

O CND centralizava o poder de decisão para toda e qualquer ação político-administrativa das entidades e associações desportivas. Além de interferir junto às confederações e federações regionais, nomeando interventores para sanear problemas administrativos, também era seu papel fiscalizar e sancionar as deliberações emitidas pelas associações desportivas. Desta forma, a organização desportiva transferiu para os governos federal e estadual a finalidade de zelar pela ordem e progresso dos desportos. A nova legislação significou uma profunda modificação nas correlações de força e suas delimitações no âmbito do desporto institucionalizado em associações.

A proposta do CND de manutenção da ordem no desporto, significava uma preocupação com o controle e fiscalização das associações desportivas. Procurou, num primeiro momento, obter a máxima quantidade de associações desportivas sobre seu controle. Para tanto, passou a exigir um alvará de funcionamento das associações, que deveria ser renovado, anualmente, sob pena das associações serem punidas ou interditadas, caso não cumprissem a

determinação federal. O CND impôs um modelo estatutário às associações, visando padronizar as atividades administrativas e contábeis.

Os estatutos deveriam ser escritos em língua portuguesa e, ainda, apresentar alterações significativas em relação aos objetivos das associações na educação físico-desportiva e cívica dos associados. O uso dos termos “patriótico” e “cívico” tornou-se comum nos estatutos e demais documentos das associações desportivas, que procuravam, desta forma, demonstrar que eram “brasileiras”. Em seu novo estatuto, no ano de 1942, o Grêmio Náutico União procurou expressar seu comprometimento com o projeto nacional brasileiro, afirmando que “desde sua fundação é uma entidade brasileira” voltada para “o desenvolvimento do civismo entre todos os seus associados e familiares”.

Estas exigências de ordem legislativa, significaram também a supressão da liberdade de organização de novas associações “estrangeiras”. Assim, a iniciativa do Estado de “disciplinar” as atividades desportivas denota seu firme interesse em obter o controle das associações. A organização desportiva no país era precária, apesar do esforço de alguns dirigentes, atletas, associados e comunidade local.

O poder do CND se estendeu para a maioria das regiões do país, através da criação de Conselhos Regionais de Desportos (CRDs). Estes órgãos reforçaram a ação tutelar do CND ao interferir, ainda mais, na autonomia precária das associações. O poder mantinha-se centralizado no CND, pois a maioria dos encaminhamentos legais dos CRDs deveria ter a sua autorização. Entretanto, a falta de princípios legais estruturais do desporto no país gerou conflitos entre as entidades nacionais e estaduais.

Neste período, o associativismo desportivo estava em expansão em Porto Alegre, atingindo o expressivo número de 295 associações, sendo que 219 foram criadas no período de 1929 a 1939. Destas associações 172 foram criadas entre os anos de 1934 e 1939. Estes números evidenciam a relevância adquirida pelo desporto nos anos 30, especialmente durante o Estado Novo.

Entretanto, apenas 127 associações eram filiadas a ligas e federações desportivas.

Em Porto Alegre, o CRD foi instalado em dezembro de 1941, provavelmente em razão do número expressivo de associações desportivas teuto-brasileiras. Aparentemente, o CND teve uma preocupação especial com as associações desportivas do Estado do Rio Grande do Sul, pois os outros CRDs demoraram a ser instalados. Outro indicativo de cuidados dispensados pelos dirigentes do CRD (possivelmente nomeados pelo CND) foi à ausência de representantes das associações teuto-brasileiras na sua diretoria. A diretoria do CRD era composta por membros que não eram ligados diretamente ao desporto.

O Decreto-Lei 3.199/41 atendia as metas de controle interno do país no campo desportivo, a fim de consolidar a base nacionalista do Estado Novo nos assuntos de natureza pública. Os 61 dispositivos do Decreto visavam o controle das atividades desportivas pelo Estado, não no sentido de promover o desporto, mas de vigiar as associações desportivas. A exigência que a associação desportiva publicasse anualmente o relatório de suas atividades no jornal oficial é um exemplo de controle e vigilância.

A hostilidade aos teuto-brasileiros acentuou-se com o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942. A presença nazista em Porto Alegre agravou a situação de repúdio dos brasileiros a comunidade teuto-brasileira, considerada "grupo de risco". Estas suspeitas recaíram sobre as associações desportivas teuto-brasileiras em razão de sua forte identificação cultural com a Alemanha. O Relatório do chefe de polícia major Aurélio da Silva Py (s/d) registrou alguns fatos (interrogatórios, correspondências, e atividades) colhidos pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), nos quais estavam envolvidos teuto-brasileiros.

A polícia suspeitava da presença de pessoas que compactuavam com os ideais do regime nazista, infiltrada na comunidade teuto-brasileira. Estes fatos não foram confirmados no Relatório, mas permaneceu o sentimento de

que as associações teuto-brasileiras representavam um “grave perigo”. A vigilância sob as associações se intensificou com a exigência de autorização da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) para a realização de reuniões do Conselho Deliberativo.

Convencidos pelas idéias do perigo nazista, alguns populares invadiram o “Tennis Club Walhalla”, a “Sociedade Leopoldina”, o “Musterreiter Club” e a “Sociedade Turnerbund”, pois desconfiavam da presença de simpatizantes de ideais nazistas entre os associados. A depredação do “Tennis Club Walhalla” foi um dos motivos pelo qual esta associação mudou a localização de sua sede e, também, sentiu-se forçada a mudar seu nome para “Tennis Club Moinhos de Vento”. Já a sociedade de tiro “Musterreiter Club” não mudou o local da sede, mas o nome foi alterado para “Sociedade dos Caixeiros Viajantes de Porto Alegre”. Esta alteração de seu nome somada à invasão da sociedade significou um forte abalo na sua identidade e acabou enfraquecendo sua principal prática desportiva: o tiro ao alvo.

Nestes incidentes, os monumentos com os bustos de Bismarck no Musterreiter Club e de Jahn na frente da Sociedade Turnerbund foram derrubados pelos populares. Além disso, documentos impressos das associações (atas, estatutos e outros) foram confiscados e destruídos. Entretanto, em algumas associações, parte dos documentos foram escondidos pelos próprios associados (entrevistado “E”). Em seu depoimento, lamentou o fato da documentação toda ter sido perdida e jamais recuperada. Contudo, parece que o entrevistado não considerou que a eliminação de parte da memória das associações foi intencional, pois como afirmou Le Goff (1994), a memória é essencial para a construção de identidades. Para a construção da identidade cultural brasileira era necessário eleger uma memória que fosse compartilhada por todas as pessoas; não apenas por uma comunidade específica. Apesar de tudo, os entrevistados “E” e “C” declararam que havia necessidade da nacionalização.

A intervenção governamental nas associações desportivas forçou as associações a declararem seu caráter apolítico. Os depoimentos (entrevistado “E” e “G”) reforçam que as atividades promovidas pelas associações tinham apenas um caráter festivo e nenhuma relação com a política partidária. A Sociedade Turnerbund manifestou oficialmente sua recusa ao nazismo em 1937 (Silva, 1997). As boas relações da diretoria da sociedade com as autoridades policiais também evitaram que a sociedade fosse fechada. Mas em 1942, a Sociedade Turnerbund, que havia resistido com seu nome em alemão, foi forçada a trocar de nome para Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867 (SOGIPA). Este fato foi lembrado por todos os entrevistados, pois causou um forte impacto na identidade cultural de toda a comunidade teuto-brasileira. Afinal, a Sociedade Turnerbund era uma referência em Porto Alegre, além de ser considerada a mais representativa das sociedades de ginástica do Rio Grande do Sul.

A resistência da sociedade à mudança até o Estado Novo pode também ser explicada pelo apoio que recebia da “Liga de Ginástica”, uma instituição que atuava na manutenção dos elos identitários da comunidade teuto-brasileira. Com a suspensão da Liga e, por consequência, das suas atividades, a Sociedade Turnerbund ficou enfraquecida e acabou cedendo às medidas de nacionalização do governo brasileiro. Esta situação afastou seus atletas das competições realizadas em 1942. Além disso, foram interrompidas as visitas dos instrutores de ginástica provenientes da Alemanha, causando uma certa estagnação desta sociedade.

Neste período, ocorreram reuniões da diretoria para discutir os novos rumos da sociedade. O entrevistado “E” referiu que um amigo estava presente em uma reunião, enquanto membro da diretoria, e testemunhou os acontecimentos. Foi uma reunião tensa, conflituosa, na qual decidiu-se pela medida drástica de afastamento dos associados, que não estavam de acordo com o projeto de nacionalização e, por isto, fomentavam interesses “anti-patrióticos”.

A pressão exercida sob a SOGIPA pela campanha de nacionalização não atingiu com a mesma intensidade as associações desportivas vinculadas às indústrias e empresas comerciais. Por exemplo, o Grêmio Esportivo Renner, cujo nome homenageava o imigrante alemão Jacob Renner, dono das fábricas Renner, não cedeu a determinação do governo para alterar o nome original. Esta destacada indústria porto-alegrense teve o apoio de um número expressivo de seus trabalhadores, que continuaram suas atividades desportivas e, principalmente, sustentaram seu nome de origem.

Estratégias de resistência da comunidade teuto-brasileira

A Sociedade Turnerbund resistiu a pressão exercida pelo governo brasileiro durante a Primeira Guerra Mundial. Além de manter seu nome de origem, ainda conseguiu que os estatutos e as atas das reuniões continuassem a serem redigidos em língua alemã. Esta posição assumida pela sociedade Turnerbund desencadeou atos hostis de populares ao seu time de futebol, durante uma competição realizada com o “Club Futebol Porto Alegre”. Além da extinção da equipe de futebol, outras atividades desportivas e sociais ficaram comprometidas. A Associação Cristã de Moços (ACM), por exemplo, somente estendeu o convite à Sociedade Turnerbund para participar de uma competição por ela organizada, por ter sido pressionada pelas demais associações participantes do evento. Os atletas da Sociedade Turnerbund, pelo seu alto nível técnico, não poderiam estar ausentes desta competição, sob pena de comprometer a qualidade do evento.

Apesar de todas estas dificuldades, a Sociedade Turnerbund sustentou seus traços culturais distintivos. O presidente Aloys Friederichs, que permaneceu no cargo durante o período crítico de 1917 a 1920, foi um dos principais responsáveis pela resistência cultural da Sociedade. Sua atuação em cargos diretivos na Sociedade Turnerbund durante 30 anos e, também, por um longo período à frente da “Deutsche Turnerschaft” (Liga de Ginástica) na divulgação dos princípios da cultura alemã, rendeu-lhe o título de “Pai da Ginástica” no Rio Grande do Sul.

A discriminação dos teuto-brasileiros gerou um forte sentimento de união dos membros desta comunidade no período “Entre-Guerras” (1917-1939). As sociedades de ginástica multiplicaram-se em Porto Alegre e no Estado do Rio Grande do Sul. Os festivais de ginástica adquiriram grandes proporções em várias cidades de colonização alemã espalhadas pelo Estado. Dentre as festividades, destaca-se as comemorações do Centenário da Imigração Alemã, realizada em 1924, a qual representou uma demonstração dos teuto-brasileiros na preservação de fragmentos de sua cultura, a fim de provar sua fidelidade para com a comunidade de origem. A Sociedade Turnerbund, a primeira das sociedades de ginástica no Estado, se destacou nestes eventos não apenas pelo número expressivo de integrantes, mas também pelo alto nível técnico dos seus atletas.

Outra festividade realizada, anualmente, pela Sociedade Turnerbund era a festa de comemoração do aniversário de sua fundação. Foi escolhido como marco fundador para as comemorações o ano de 1892, quando houve a fusão das sociedades de ginástica e de tiro dando origem a Sociedade Turnerbund. No entanto, em 1942, houve um deslocamento do ano inicialmente determinado para as comemorações passando a vigorar como marco fundador o ano de 1867, que representa a criação da sociedade de ginástica. Assim, a nova data comemorativa da fundação passou a coincidir com a tradicional Festa de Jahn, que homenageava um dos “heróis” da comunidade teuto-brasileira. Esta mudança na data de comemoração foi realizada com o intuito de dissimular a festa que celebrava a cultura de origem.

Gradualmente, as associações teuto-brasileiras abriram espaços para novos desportos, não necessariamente, ligados a cultura alemã. O voleibol e o basquetebol, por exemplo, desportos de origem anglo-saxônica, foram incorporados pela Sociedade Turnerbund na segunda metade da década de 20. Na década seguinte a Sociedade Turnerbund se destacaria como uma potência no voleibol, em Porto Alegre. A pesquisa realizada por (Silva, 1997) confirma que o voleibol, o basquete e o atletismo são as modalidades

desportivas que apresentaram a maior frequência nos jornais porto-alegrenses no período de 1942 a 1945.

O fato desta e outras associações teuto-brasileiras passarem a incorporar desportos alheios a sua cultura de origem, não significava que estavam perdendo seus traços culturais. Esta abertura representava uma estratégia de recomposição de suas fronteiras culturais. É importante ressaltar que algumas destas associações conseguiram, também, manter seu nome original e seus estatutos redigidos na língua alemã. Além disto, os símbolos das associações continuavam representando sua identidade cultural teuto-brasileira.

Algumas destas associações desportivas teuto-brasileiras encontraram através da fusão, uma estratégia de resistência para manter sua identidade cultural. O “Club de Regatas Porto Alegre” e o “Club de Regatas Guahyba”, tradicionais associações de remo, decidiram se unir, constituindo o “Club de Regatas Guahyba Porto Alegre” (GPA), no final do ano de 1936. Assim, a fusão destas associações foi uma resistência a tentativa do governo brasileiro para sua nacionalização.

Com a intensificação da campanha de nacionalização, as associações buscaram outras formas de resistência a pressão governamental. A adoção de uma prática desportiva foi um caminho encontrado por algumas associações. A Sociedade Leopoldina Porto Alegre, por exemplo, cujas atividades sociais privilegiavam as festas e bailes, incorporou o tênis, como seu principal desporto em 1938.

O “Tennis Club Germânia”, após sua mudança de nome para “Tennis Club Ypiranga”, transformou-se no departamento de tênis da Sociedade Turnerbund em 1939. Esta mesma estratégia foi usada pela Sociedade Leopoldina Porto Alegre, que se agregou ao Club Recreio Juvenil, adotando o nome de Associação Leopoldina Juvenil (ALJ) em 1941. Assim, estas associações teuto-brasileiras procuraram, através da fusão interinstitucional, resistir ao processo de nacionalização mascarando sua identidade cultural.

A construção de representações da identidade cultural brasileira

A construção da identidade cultural brasileira implicou, parcialmente, na negação da identidade cultural teuto-brasileira no período pós-guerras mundiais e, em especial, no Estado Novo (1937-1945). A campanha de nacionalização do Estado Novo foi um mecanismo para converter a identidade teuto-brasileira historicamente construída em uma identidade arbitrariamente determinada como brasileira. Para que este processo aparentasse algo naturalizado, as associações desportivas foram forçadas a adotar formas de representação da identidade cultural brasileira. Tornou-se necessária a “fabricação” de sentidos de uma identidade cultural brasileira pelas associações desportivas. As representações desta identidade adquiriram visibilidade, diante da população em geral, nas competições desportivas, na expansão da prática do futebol e nos desfiles cívicos.

No que tange as competições desportivas, houve uma multiplicação durante o Estado Novo. O governo tinha interesse em apoiar a realização de competições em diversas modalidades desportivas, nas diferentes faixas etárias e para ambos os sexos, visando atingir todos os segmentos da população. Estas disputas reforçavam, através de laços de representatividade, o sentimento de pertencimento a nação brasileira. As competições eram utilizadas pela propaganda estatal com o objetivo de afirmar a identidade cultural em torno dos ideais da nação brasileira. O número significativo de 7.268 competições para um público espectador de 23.421, sendo 22.233 do sexo masculino e 1.188 do sexo feminino foram realizadas somente no ano de 1939 (Pimentel, 1945).

O baixo número de representantes do sexo feminino se repetia nas participações em competições, como foi constatado no Primeiro Campeonato Feminino de Atletismo realizado em Porto Alegre em 1940. As provas disputadas reuniam poucas competidoras, como no caso da prova de corrida de 80 metros com barreiras, que tinha uma representante do Rio de Janeiro, outra de São Paulo e uma do Rio Grande do Sul. A entrevistada “G” venceu a

prova de corrida de 80 metros com barreiras. A entrevistada “F” sagrou-se vencedora na prova de salto em altura, superando as competidoras do Rio de Janeiro e São Paulo diante de um grande público que foi prestigiar a competição. Embora, a participação feminina nas competições tenha sido incentivada pelo governo, as poucas atletas porto-alegrenses que participaram estavam vinculadas às associações teuto-brasileiras.

Não se sabe exatamente quais foram às razões que motivaram a realização da competição nacional de atletismo feminino em Porto Alegre. De acordo com o entrevistado “D”, o evento foi comemorativo ao aniversário de Porto Alegre. No entanto, acredita-se que sua realização em Porto Alegre também era uma tentativa de engajamento da cidade no projeto de construção da identidade cultural brasileira. Era reconhecida a importância da cidade de Porto Alegre no cenário brasileiro e, principalmente, o papel da mulher brasileira para impulsionar o projeto nacional.

Nos países desenvolvidos, os desportos já se configuravam enquanto um fenômeno cultural que atingia, além as mulheres, a juventude em geral. Juntamente com as competições femininas foram realizadas muitas provas desportivas voltadas para a juventude – principal segmento da população a ser integrado ao projeto nacional. Nas competições desportivas femininas a participação das mulheres oriundas da comunidade teuto-brasileira era expressiva em relação às mulheres “brasileiras”.

As competições de natação entre as associações de remo, que tinham piscina em sua sede, como o Grêmio Náutico União e o Club Excursionista Sportivo, eram bastante prestigiadas pelo grande público. As disputas eram acirradas entre estas duas associações. Posteriormente, o Grêmio Náutico Gaúcho tornou-se o maior adversário do Grêmio Náutico União nas competições de natação. Estas disputas alimentavam o sentimento de pertencimento a uma associação que, segundo os depoimentos, existe até hoje. Este sentimento era muito forte e, em última instância, reforçava as identidades local e regional.

Com a instauração do Estado Novo, as identidades locais e regionais foram combatidas, em razão da construção do projeto nacional brasileiro. Nesta perspectiva, a Liga Náutica do Rio Grande do Sul construiu no campo desportivo uma representação do pertencimento dos porto-alegrenses ao projeto nacional brasileiro. Evidências foram observadas até mesmo nos uniformes usados pelos atletas. Por exemplo, nos casacos de abrigo da Liga Náutica do Rio Grande do Sul foram bordados os termos: “Náutica” e “Brasil”. Além desta demonstração, o presidente da Liga Náutica, capitão Darcy Vignoli, promoveu uma visita das autoridades locais às instalações das associações de remo, com a finalidade de constituir relações “transparentes” com os governantes.

O capitão Darcy Vignoli era amigo pessoal do presidente Getúlio Vargas que, freqüentemente, auxiliava as associações de remo de Porto Alegre a participar das competições no Rio de Janeiro. Inclusive, Getúlio Vargas facilitou a nacionalização do atleta alemão Hein Schultz, integrante do Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre para permitir sua participação na competição de remo no ano de 1942. Assim, percebe-se que o “apadrinhamento político” pode ter contribuído para o bom desempenho do remo porto-alegrense. Até o final da década de 30, as competições de remo eram bastante prestigiadas pelos porto-alegrenses. Gradualmente, este espaço começa a ser ocupado pelo futebol.

As competições de futebol estendiam-se a todas as camadas da população, através do Campeonato Popular de Futebol, onde se reuniam associações de futebol constituídas por grupos de amigos, vilas, bairros, empresas, indústrias, bancos e outras instituições. Era uma forma destas comunidades se fazerem representar no projeto nacional brasileiro do Estado Novo. No período entre 1938 e 1943, o número de associações filiadas a Federação Rio Grandense de Futebol (FGF) passou de 65 para 349, chegando a registrar 10.095 jogadores em 53 competições oficiais. Apenas no ano de

1943 foram realizados 926 jogos oficiais. Em Porto Alegre, o número de associações de futebol quase triplicou em 1940.

Além de competições realizadas nas associações desportivas, eram promovidos eventos desportivos fora do espaço tradicionalmente concebido para sua prática na cidade de Porto Alegre. As corridas de revezamento, conhecidas como a “Travessia de Porto Alegre”, o ciclismo, o automobilismo e o motociclismo eram provas realizadas nas ruas da cidade. Para Thiesse (2000), estes desportos de deslocamento representam meios para apreender, de forma física, o território da Pátria. Já, a apreensão da nação sob a forma escrita ocorria, através das reportagens fotográficas das competições, que ao exibirem as paisagens da cidade, proporcionavam uma forma de percorrer o espaço coletivo e, assim, despertar o sentimento de pertencimento a nação. Desta forma, as competições desportivas cumpriam sua função cívica.

A Liga de Defesa Nacional (LDN) apoiava plenamente os eventos desportivos, desde que cumprissem objetivos morais e cívicos. Obter o consentimento e apoio deste órgão era fundamental para a realização das competições desportivas. Era freqüente, nas competições mais importantes, o representante da LDN prestigiar o evento com seu discurso na solenidade de abertura ou no encerramento. Inclusive, os diplomas distribuídos aos atletas vencedores eram assinados pelo presidente da LDN. O diretório regional da LDN, reinstalado em Porto Alegre em 1937, atuou intensamente no campo desportivo durante o Estado Novo.

Ainda neste período, o futebol surge enquanto uma representação da construção da identidade cultural brasileira. A Revista do Globo, principal veículo de divulgação da cultura dos porto-alegrenses, desempenhou um papel significativo na divulgação do futebol. Era o desporto que obteve o maior número de reportagens durante a década de 30 e início dos anos 40. Inclusive, a Revista publicava pôsteres das equipes de futebol dos grandes centros do país.

Depoimentos reafirmam que a imagem desportiva do país estava ligada ao futebol, embora em Porto Alegre, até o final dos anos 30, o remo era considerado o desporto “número 1”. As tradicionais associações de remo não adotaram o futebol; ao contrário do ocorrido no Rio de Janeiro, onde o Clube de Regatas Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama encamparam este desporto. Nas associações desportivas teuto-brasileiras porto-alegrenses, o futebol sofreu resistência por parte dos associados. Os depoimentos confirmam que o futebol não estava entre as primeiras práticas desportivas em Porto Alegre, pois os imigrantes alemães que “faziam muita cultura física” introduziram primeiramente a ginástica, o tiro ao alvo, o remo, o ciclismo e a natação.

As associações de remo, identificadas com a elite porto-alegrense, provavelmente, não adotaram o futebol porque este desporto era praticado pelos segmentos mais baixos da população. Vale ressaltar que em 1903 foi fundado, por remadores teuto-brasileiros, o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. Portanto, já havia uma associação de futebol que representava a elite teuto-brasileira desde o início do século XX.

Um foco de resistência ao futebol foi fomentado pelo Clube de Remo Guaíba Porto Alegre, através da sua revista “O Biguá”, que acusava o “fanatismo exaltado” ao futebol de dismantelar os ideais do associativismo desportivo. Na mesma reportagem desta revista afirmava-se que o atleta deveria ser modelo de autodisciplina e cavalheirismo. Constava nos estatutos das associações de remo, assim como das demais associações teuto-brasileiras, a preocupação com o desenvolvimento físico e moral dos atletas representado pelo princípio do “mens sana in corpore sano”.

Para as associações de remo, o futebol não representava um estímulo a educação desportiva e moral dos praticantes, pois promoviam o profissionalismo camuflado, que era bastante contestado neste período. As associações de futebol foram as primeiras a profissionalizar seus atletas na década de 30. O profissionalismo no desporto não estava de acordo com os

ideais do associativismo desportivo teuto-brasileiro. No entanto, um entrevistado afirmou a existência de casos de profissionalismo entre os remadores porto-alegrenses, que foram convidados para integrar as equipes das associações de remo do Rio de Janeiro. No depoimento houve um certo constrangimento e, por consequência, preferiu manter em sigilo os nomes dos atletas, mas informou que pertenciam ao Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre.

A educação física e moral orientava a prática sistemática de atividades físico-desportivas com disciplina e rigidez, seguindo um modelo muito próximo da concepção do treino desportivo. Os depoimentos relatam exemplos deste “ritual”, especialmente observado nas sessões de ginástica, nas quais a prática do futebol era realizada como recreação. No futebol não havia uma orientação para o treino sistemático, mas apenas a prática desportiva em si, enquanto que os remadores faziam a “educação física” (ginástica).

O bom desempenho nas competições era um dos objetivos dos atletas, que tinham consciência que competiam em nome da associação. Para tanto, não mediam esforços na preparação para as provas. Os atletas não tinham muita disponibilidade de tempo para os treinos devido aos compromissos profissionais. Mesmo assim, procuravam treinar em diferentes horários e dias da semana, inclusive, aos finais de semana, procurando compatibilizar sua prática desportiva com o horário de trabalho.

Não era comum a figura do treinador. Os treinos eram coordenados pelos instrutores que atuavam na associação com várias atividades. Os atletas costumavam consultar esporadicamente esses instrutores para planejar seu próprio treino. Além dos encontros com os instrutores, os atletas buscavam orientações dos competidores mais experientes e, também, consultavam revistas desportivas especializadas, visando melhorar a performance.

Apesar de competir representando as associações, em todos os depoimentos os atletas declararam que não recebiam qualquer tipo de auxílio financeiro das associações desportivas. Os depoimentos não tinham o tom de

reclamação; pelo contrário, eles afirmaram que treinavam e competiam pelo prazer e pelo orgulho de poder representar sua associação. Este sentimento de pertencimento a associação era muito forte, pois de acordo com os próprios depoimentos, as condições dos treinos e competições eram precárias.

As associações desportivas teuto-brasileiras, em geral, sustentaram o amadorismo desportivo até o final do Estado Novo. A Sociedade Turnerbund era reconhecida em Porto Alegre e no país pelo apoio ao desporto amador. Este ideal sempre esteve entre as suas metas, apesar da legalização do profissionalismo. Os motivos não eram explícitos, mas provavelmente a opção pela estrutura amadorística representava uma forma de restringir o ingresso de associados pertencentes aos estratos sócio-econômicos inferiores da população porto-alegrenses. Esta sociedade incorporou o voleibol e o basquete na década de 20, porque eram desportos identificados com a elite sócio-econômica, mas não reorganizou o futebol. Apesar de ter mantido por quase 10 anos (1909-1917) sua equipe de futebol, não houve incentivos para que se desenvolvesse entre os associados.

No entanto, a construção de um estádio para as competições de atletismo, antigo projeto desta sociedade, foi um plano que se concretizou em 1944. A inauguração do Estádio Atlético José Carlos Daudt foi um momento utilizado pela SOGIPA (ex-Sociedade Turnerbund) para afirmar-se enquanto entidade brasileira. O estádio passou a representar um “templo olímpico” que congregaria todos os atletas porto-alegrenses; não apenas os seus construtores teuto-brasileiros. Era uma forma de demonstrar que a sociedade incorporava uma identidade cultural brasileira, pois abria suas portas para todos os grupos étnico-culturais nas competições que promovia.

Além das competições desportivas, transformadas em eventos de educação cívica, os desfiles também se tornaram ações eficazes para a construção do sentimento de pertencimento a nação brasileira. Os desfiles das associações desportivas nos eventos eram práticas simbólicas que expressavam o patrimônio da nação, através do resgate de elementos da

cultura nacional brasileira a ser compartilhada por todas as instituições. Cartazes com imagens dos heróis da Pátria eram conduzidos pelos atletas ou fixados nos carros alegóricos como forma de representação do vínculo entre as associações desportivas e a cultura nacional. A bandeira nacional brasileira era conduzida à frente e ao lado da bandeira do clube, seguida pelos atletas em trajes desportivos, exibindo seus equipamentos e materiais utilizados nos treinos e competições. Desta forma, os desfiles procuravam eliminar os fatores de diversidade cultural, que dificultavam a configuração de uma única identidade cultural brasileira.

A reedição dos desfiles e demais ações cívicas nas datas comemorativas era uma estratégia para atualizar, constantemente, a adesão imaginária da população ao Brasil. Os atributos da nação precisam de reafirmações coletivas periódicas para promover, não apenas a continuidade, mas também a diferenciação cultural. A busca da unidade em torno da identidade cultural brasileira era reforçada pela comemoração do “Dia da Comunidade Luso-brasileira”, comunidade elegida como representativa da identidade cultural brasileira.

As reportagens desportivas catalogadas na Revista do Globo apontam uma tendência para temas identificados com a construção da identidade cultural brasileira. Várias expressões, como por exemplo, patriotismo, civismo, pátria, nação eram utilizadas nas reportagens desportivas. A Revista do Globo também contemplava com reportagens fotográficas a participação das associações desportivas nas comemorações da Semana da Pátria.

Ao divulgar os desfiles cívicos, as paradas da mocidade, as demonstrações de Educação Física, as competições realizadas na Semana da Pátria, entre outras formas de exaltação da identidade cultural brasileira, a Revista do Globo contribuía para a promoção intencional e consolidação da idéia de unidade nacional. Estes eventos significavam uma tentativa de subversão simbólica contra a afirmação das identidades culturais dos grupos que não pertenciam à comunidade luso-brasileira. A sua eficácia pode ser

observada nos depoimentos orais dos atletas que relatam de forma emocionada (tom de voz, olhos vermelhos, expressão corporal) detalhes de suas participações nestes eventos, demonstrando que as lembranças estavam presentes na memória.

Entretanto, nas comemorações da Semana da Pátria de 1942, a participação das associações teuto-brasileiras foi inexpressiva no desfile, pois foram vistas como “inimigas” (entrevistado “B”). Havia um clima de hostilidade a esta comunidade, em razão dos acontecimentos ocorridos na segunda guerra mundial. O “fato” dos navios brasileiros terem sido afundados na costa nordestina, foi apontado por vários entrevistados como determinante para o ingresso do Brasil na guerra em apoio aos países aliados.

Aquino (2000) referiu que incidente com os navios brasileiros foi bastante divulgado pela imprensa brasileira, que clamava por uma atitude do governo brasileiro. Em consequência, da adesão do Brasil aos aliados durante a guerra, as associações desportivas teuto-brasileiras foram descaracterizadas nos desfiles, enquanto as demais se fizeram representar com maior exaltação. O desfile significou a distinção entre os “nacionais” e os “estrangeiros”, forjando um sentimento de identidade com os de “dentro” – as associações desportivas brasileiras, e alteridade para com os de “fora” – as associações desportivas teuto-brasileiras (Ryan, 1992).

Além dos desfiles, outra cerimônia recordada pelos entrevistados foi a Corrida do Fogo Simbólico, que também procurava gerar um envolvimento emocional dos porto-alegrenses com o projeto nacional brasileiro. Nesta corrida de revezamento, inspirada na cerimônia dos Jogos Olímpicos de Berlim (1936), os atletas percorriam a nação brasileira, cruzando pelas cidades de Porto Alegre (Rio Grande do Sul); Florianópolis (Santa Catarina); São Paulo (São Paulo), Tiradentes (Minas Gerais). A chegada no monumento da Pira da Pátria, em Porto Alegre, era o ápice desta celebração de integração nacional. A Liga de Defesa Nacional (LDN) era uma instituição que atuava nestes eventos cívicos que, em última instância, significavam formas de culto ao patriotismo.

Os discursos proferidos em atividades cívicas e desportivas fortaleciam os laços de união das pessoas em torno de sua cultura. Estas ações proliferaram durante o Estado Novo, não apenas nas comemorações da Semana da Pátria, mas em todas as festividades promovidas pelas associações desportivas. O discurso do capitão Darcy Vignoli na comemoração dos 50 anos de fundação do Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre (GPA) exemplifica este tipo de ação que tentava mascarar os conflitos identitários existentes em relação à integração dos “gaúchos” no projeto nacional: “nós brasileiros do extremo sul da Pátria, tradicionais sentinelas vigilantes que sempre fomos das lides nacionais, sentimos perpassar por nós um ‘frisson’ de entusiasmo diante do espetáculo grandioso do ‘alevramento’ formidável do nível físico, da saúde exuberante, da estuante vitalidade de nossos jovens” (Pimentel, 1945: 158).

Aos discursos com finalidade pedagógica, somavam-se as demonstrações de educação física (ginástica) realizadas no Parque Farroupilha (Redenção) pelos alunos dos colégios de Porto Alegre e pela recém criada Escola Superior de Educação Física (atual ESEF/UFRGS). Alguns depoimentos enfatizaram a beleza dos bailados e apresentações de ginástica, realizados pelo grupo de alunos e alunas da Escola de Educação Física. O grupo também participava dos desfiles cívicos identificados pelo uniforme que trazia estampada a sigla ESEF.

A criação da Escola Superior de Educação Física foi um dos acontecimentos mais relevantes para o desporto porto-alegrense no início da década de 40. Foi a primeira instituição de ensino superior de Educação Física fundada no Estado do Rio Grande do Sul, e uma das primeiras escolas civis criadas no país voltada à formação de recursos humanos qualificados para atuar nas escolas e nas associações desportivas. A ESEF permaneceu como a única Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul durante 30 anos. Alguns de seus professores estavam vinculados as associações desportivas teuto-brasileiras, principalmente o Grêmio Náutico União e a SOGIPA.

Em síntese, apesar das tentativas do governo de homogeneização cultural, as associações desportivas teuto-brasileiras de Porto Alegre sempre mantiveram alguns traços culturais latentes. Inclusive, depoimentos referem que estas associações ainda apresentam estes traços culturais. Santos (1993) referiu que as culturas nacionais nunca correspondem, exclusivamente, aos modelos hegemônicos estatais, mesmo quando o Estado apresenta políticas voltadas para a homogeneização da cultura nacional. Apesar do governo brasileiro ter buscado a inserção forçada das associações desportivas “estrangeiras”, elas resistiram a tentativa unificatória do Estado, através da recomposição de suas fronteiras culturais. Assim, o associativismo desportivo em Porto Alegre indicou que a identidade cultural brasileira foi apropriada de forma diferenciada em Porto Alegre, em razão da presença expressiva de grupos migratórios, especialmente, os alemães.

5 – Conclusões

Os objetivos específicos desta dissertação foram: (a) compreender o processo de emergência e expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre, (b) identificar as representações da identidade cultural teuto-brasileira, e (c) identificar as repercussões das medidas de nacionalização nas associações desportivas teuto-brasileiras. Baseado nestes objetivos, chega-se as seguintes conclusões:

- 1) A emergência do associativismo desportivo em Porto Alegre foi fruto da iniciativa voluntária dos teuto-brasileiros;
- 2) A expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre resultou do confronto entre os teuto-brasileiros e as tentativas de nacionalização do governo brasileiro, como também, da busca de afirmação de identidades culturais dos grupos étnico-culturais;
- 3) As associações desportivas teuto-brasileiras de Porto Alegre constituíram-se num espaço de representação da identidade cultural da comunidade teuto-brasileira, afirmada, especialmente, nas práticas desportivas, na manutenção do idioma alemão e na adoção de símbolos representativos da Pátria de origem;
- 4) As associações desportivas teuto-brasileiras reconstruíram sua identidade cultural em conseqüência das tentativas de nacionalização do governo brasileiro, encontrando sua própria forma, conteúdo e ritmo;
- 5) As práticas desportivas realizadas nas associações teuto-brasileiras representaram o ponto de partida para o desenvolvimento do desporto em Porto Alegre.

Em razão do trabalho se situar entre as primeiras investigações a respeito da influência dos teuto-brasileiros no fenômeno do associativismo desportivo em Porto Alegre, encontrou-se algumas dificuldades no decorrer da pesquisa, como a escassez de documentação sobre as associações desportivas de Porto Alegre e o número reduzido de pessoas que se enquadravam nos critérios exigidos para a participação nas entrevistas.

A relevância do fenômeno do associativismo desportivo no contexto do desenvolvimento do desporto nacional, aponta a necessidade de dar continuidade à investigação sobre este tema. Sugere-se que outros estudos sejam realizados focalizando, especificamente, os seguintes aspectos: (a) a contribuição de outros grupos étnico-culturais no associativismo desportivo em Porto Alegre; (b) estudos de caso das associações desportivas de Porto Alegre; e (c) a ocorrência deste fenômeno em outras cidades brasileiras, permitindo estudos comparativos.

6 – Fontes Consultadas

Álbuns

Franco, A; Silva, M.; Schidrowitz, J. (orgs.). (1940). Pôrto Alegre: biografia duma cidade. Livro Comemorativo do Bicentenário da Fundação da Cidade. Porto Alegre: Tipografia do Centro.

Lemos, A.; Carvalho, E. (orgs.) (1919). Álbum d'O Rio Grande do Sul Sportivo. Porto Alegre: Livraria do Globo.

Lima, O. (1909). Amanuense Municipal. Intendência Municipal de Porto Alegre.

Almanaques

Amaro Jr. (org.). (1942). Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 1º ano.

Amaro Jr. (org.). (1943). Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 2º ano.

Amaro Jr. (org.). (1944). Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 3º ano.

Amaro Jr. (org.). (1948). Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 7º ano.

Amaro Jr. (org.). (1949). Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 8º ano.

Almanaque Esportivo Olympicus 1943/1944. (1945). São Paulo: Edição "Sem Rival".

Almanaque Esportivo Olympicus 1945/1946. (1947). São Paulo: Edição "Sem Rival".

De Rose, T. (1949). O Rio Grande póde orgulhar-se de seus atletas. In: Amaro Jr. (org.). Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 8º ano, p. 137-202.

Anais e Coletâneas

Chaves, N., Sachelli, M; Silva, E. (1995). O esporte em Ponta Grossa na década de 30. Anais do II Encontro Nacional de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Ponta Grossa/Paraná, p. 85- 93.

DaCosta, L. (1998). Verificações teórico-empíricas das relações desporto, cultura e sociedade. Libro de Actas do VI Congresso de Educación Física e Ciencias do Deporte dos Países de Língua Portuguesa. A Coruña, Espanha, p. 27-40.

Ferreira Neto, A. (1998). Escola de Educação Física do Exército (1920-1945). VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. UGF. Rio de Janeiro, p. 286-293.

Gutfreind, I. (1990). A Historiografia Sul-Rio Grandense Contemporânea: 1925-1975. Anais da 42ª Reunião Anual da SBPC. V. 42, nº 7, suplemento, Porto Alegre, julho, p. 295-296.

Jesus, G. (1998). Futebol e racismo no Rio Grande do Sul: a Liga da Canela Preta. VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, p. 110-116.

Negreiros, P. (1996). Arquivo do DOPS: os clubes esportivos durante o Estado Novo. IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFMG/EEF, p. 486-493.

Pimentel, F. (org.). (s/d). Liga de Defesa Nacional: 5 anos de atividades (1937-1942). Coletânea. Porto Alegre.

Reichel, H. (1990). As Indústrias Renner no contexto do Bairro Navegantes. Anais da 42ª Reunião Anual da SBPC. V. 42, nº 7, Porto Alegre.

Tesche, L. (1997). Uma visita às escolas do RS: Muths, Jahn e Spiess. Coletânea do V Encontro Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Ijuí: Editora da UNIJUI, p. 257-262.

Tesche, L. (1998). A educação física como meio de preservação cultural alemã no RS. Coletânea do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Rio de Janeiro: Editoria da UGF: IHGB: INDESP, p. 372-377.

Vogt, O. (2001). Rememorando tempos difíceis: a campanha de nacionalização do estado novo [cidade de Santa Cruz do Sul/RS]. Anais do II Encontro Regional Sul de História Oral. São Leopoldo/RS, maio, p. 13-14.

Wunsch, A. (2001). Repercussão da campanha de Nacionalização em Venâncio Aires, RS. Anais do II Encontro Regional Sul de História Oral. São Leopoldo/RS, p. 13.

Apostilas

Cantarino Fº, M. (1988). O Nacionalismo na educação física: da Alemanha ao Brasil. Brasília. (mimeo).

Conselho Regional de Desportos (CRD). Secretaria de Estado da Educação. (1999). Fatos Históricos do Desporto no Rio Grande do Sul. Porto Alegre. (mimeo).

Conselho Regional de Desportos (CRD). Secretaria de Estado da Educação. (1999). Trabalhos Técnicos. Porto Alegre. (mimeo).

Conselho Regional de Desportos (CRD). Secretaria do Estado de Educação. (1999). Coletânea da Legislação Desportiva Federal.

Kreling, H. (2000). Movimento integralista no RS reflexos na colônia Alto Jacui. Porto Alegre. (mimeo).

Boletins

Boletim Renner. (1955). Porto Alegre, Ano 11º, nº 114.

Liga da Defesa Nacional. (1983). Boletim da Diretoria do Estado do Rio de Janeiro. Porto Alegre. 1º trimestre.

Liga da Defesa Nacional. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. (1989). Boletim da Diretoria Estadual do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Liga da Defesa Nacional. Diretoria Regional do Rio Grande do Sul. (1995). Boletim Informativo. Porto Alegre.

Liga da Defesa Nacional. Diretoria Regional do Rio Grande do Sul (1998). Boletim Informativo. Porto Alegre, ano II, maio/junho.

Liga da Defesa Nacional. Diretoria Regional do Rio Grande do Sul. (2000). Boletim Informativo. Porto Alegre, ano IV, bimestre julho/agosto.

Liga da Defesa Nacional. Diretoria Regional do Rio Grande do Sul. (2000a). Boletim Informativo. Porto Alegre, ano IV, bimestre setembro/outubro.

Liga da Defesa Nacional. Diretoria Regional do Rio Grande do Sul. (2000b). Boletim Informativo. Porto Alegre, ano IV, bimestre novembro/dezembro.

Liga da Defesa Nacional. Diretoria Regional do Rio Grande do Sul. (2001/2002). Boletim Informativo. Porto Alegre, ano V, bimestre janeiro/fevereiro.

Dissertações e Teses

Avancini, E. (2000). O canto orfeônico escolar e a formação da identidade nacional no Brasil (1937-1961). Tese de Doutorado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre.

Bakos, M. (1986). A continuidade administrativa no governo municipal de Porto Alegre: 1897-1937. Tese de Doutorado. ILFCH/USP, São Paulo.

Bello, H. (1997). O ecletismo e a imagem da cidade: caso de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. PPGPUR/UFRGS. Porto Alegre.

Bercito, S. (1991). Ser forte para fazer a nação forte: a educação física no Brasil, 1932-1945. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP. São Paulo.

Correa, S. (1992). Sexualidade e poder na Belle Époque de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. PPGH/PUCRS, Porto Alegre.

Dalmásio, C. (1996). Porto Alegre na década de 30: uma cidade idealizada, uma cidade real. Dissertação de Mestrado. PROPUR/UFRGS.

Dalmáz, M. (2001). A imagem de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo de Porto Alegre: 1933-1945. Dissertação de Mestrado. PPGH/PUCRS. Porto Alegre.

Damo, A. (1998). Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS. Porto Alegre.

D'Avila, N. (1996). Na trajetória da modernidade: as camadas médias porto-alegrenses frente à modernização na década de 50. Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS. Porto Alegre.

De Rose, R. (1996). A influência da imigração italiana no desenvolvimento do esporte no estado do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. ESEF/UFRGS. Porto Alegre.

Gans, M. (1996). Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889). PPGH/UFRGS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre.

Gomes, L. (2001). Ernst Zeuner: artista designer. Dissertação de Mestrado. FAMECOS/PUCRS. Porto Alegre.

Jesus, G. (2001). A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. PPGGH/USP. São Paulo.

Lima, R. (1996). Os liceus de artes e ofícios do Rio Grande do Sul (1900-1930). Dissertação de Mestrado. PROPAR/UFRGS. Porto Alegre.

Luz, L. (1999). Parque Farroupilha: composição e caráter de um jardim público de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. PROPAR/UFRGS. Porto Alegre.

Machado, N. (1998). Modernidade, Arquitetura e urbanismo: o centro de Porto Alegre (1928-1945). Tese de Doutorado. PPGH/PUCRS. Porto Alegre, v. 1.

Melo, V. (1999). "Cidade Sportiva": o turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903). Tese de Doutorado. PPGEF/UGF. Rio de Janeiro.

Oliveira, P. (1987). A imigração alemã e a introdução do punhobol no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. PPGCMH/UFSM. Santa Maria.

Possamai, Z. (1998). Guardar e celebrar o passado: a museu de Porto Alegre e as memórias na cidade. Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS. Porto Alegre.

Pereira, L. (1998). Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese de Doutorado. PPGHS/UNICAMP. Campinas.

Ramos, E. (2000). O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaços de representações das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras em São Leopoldo 1850/1930. Tese de Doutorado. PPGH/UFRGS. Porto Alegre.

Soares, A. (1999). Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. PPGEF/UGF. Rio de Janeiro.

Thorstenberg, V. (1998). Página de Rosto: uma amostra do potencial literário da Revista do Globo. Dissertação de Mestrado. PPGL/PUCRS. Porto Alegre.

Tramontini, M. (1998). A colônia de São Leopoldo. A organização social dos imigrantes na fase pioneira. Tese de Doutorado. PPGH/PUCRS. Porto Alegre.

Wasserman, C. (1998). A questão nacional na América Latina no começo do século XX: México, Argentina, Brasil. Tese de Doutorado. PPGH/PUCRJ. Rio de Janeiro.

Jornais

Antunes, P. Educação Physica. Jornal Correio do Povo. 01/01/1937, p. 5

Constantino, N. Jornal Zero Hora. Caderno de Cultura. Porto Alegre, 11/09/1993, p. 7.

Lentz, D. O Clube dos Musterreiters. Jornal Zero Hora. Almanaque Gaúcho. Porto Alegre, 1/12/2001, p. 46.

Nasi, E. A Globo na era de ouro. Jornal Zero Hora. Caderno de Cultura. Porto Alegre, 15/07/2000, p. 6.

Rozano, M. O primeiro vencedor do Cristal. Jornal Zero Hora. Almanaque Gaúcho. Porto Alegre, 21/11/2001, p. 54.

Werner, G. O Parcão tem História. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 29/11/2001, p. 62.

Zavaski, O. Campo Estrelado. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 10/06/2001, p. 5.

Zavaski, O. Uma guarnição determinada. Jornal Zero Hora. Almanaque Gaúcho. Porto Alegre, 14/06/2001, p. 54.

Zavaski, O. Pirâmides da Integração. Jornal Zero Hora. Almanaque Gaúcho. Porto Alegre, 14/07/2003, p. 42.

Zavaski, O. Nascido em 14 de julho. Jornal Zero Hora. Almanaque Gaúcho. Porto Alegre, 23/05/2001, p. 46.

Zavaski, O. Em busca dos pioneiros. Jornal Zero Hora. Almanaque Gaúcho. Porto Alegre, 09/08/2002, p. 70.

Zavaski, O. Os Cem Quilômetros de São Leopoldo. Jornal Zero Hora. Almanaque Gaúcho. Porto Alegre, 07/09/2002, p. 38.

Jorge, M. Pedalando pelo Bom Fim. Jornal da Associação dos Amigos do Bairro Bom Fim. Porto Alegre, nº 14, setembro de 2002, p. 2.

Monografias

Coertjens, M. (1999) Club de Regatas Guahyba - Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938). Monografia de Conclusão de Curso. Graduação em História/UFRGS. Porto Alegre.

Soares, L. (2001) Gênero e poder na Revista do Globo. Monografia de Conclusão de Curso. Graduação em Comunicação Social/PUCRS. Porto Alegre.

Obras

Accioly, A e Marinho, I. (1956). História e organização da educação física e dos desportos: história geral da educação física. v. I, Rio de Janeiro.

Albert, V. (1989) História Oral: a experiência do Centro de Pesquisa e Documentação. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC.

Alencastro, L.; Renaux, M. (1997) Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: Novais, Fernando (org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, v. 2, p. 291-335.

- Anderson, B. (1989). Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática.
- Anderson, B. (1997) Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- Bardin, L. (2000). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Barth, F. (1998). Grupos étnicos e suas Fronteiras. In: Poutignat, P. e Streiff-Fenart, J. Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, p. 187-227.
- Bhabha, H. (1990) Dissemination: time, narrative and the margins of the modern nation. In: Bhabha, Homi (org.). Nation and narration. London/New York, Routledge, p. 291-322.
- Betti, M. (1991). Educação Física e Sociedade. São Paulo: Movimento.
- Benjamin, W. (1987). Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. São Paulo: Brasiliense, p. 222-32. (Obras Escolhidas, 1).
- Bobbio, N.; Matteucci, N.; Pasquino, G. (orgs.). (1994). Dicionário de Política. 6ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Linha Gráfica. v.1 e v. 2.
- Boudieu, P. (1980). O poder simbólico. Lisboa: DIFEL.
- Boudieu, P. (1983). Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Brandão, C. (1986). Identidade e etnia; construção da pessoa e identidade cultural. São Paulo: Brasiliense.
- Brasil. Conselho Nacional de Desportos. (1977). Catálogo de Entidades Desportivas, 1976. Rio de Janeiro: MEC/CNPq (CIMEC) e CND.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Desportos. (1993). Desporto Nacional: a nova legislação. Brasília: Assessoria de comunicação social/MEC.
- Caldas, W. (1990). Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Ibrasa.
- Cantarino, M. (1989). A Educação Física no Brasil. In: Ueberhorst, H. (org.). Geschichte der Leibesübungen. Berlin: Bartes & Wernitz, p. 889-911.
- Capellatto, M. (1998) Estado Novo: Novas Histórias. In: Freitas, M. (org.). Historiografia Brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto/USF.
- Carneiro, L.; Monteiro, R. (1992). Porto Alegre. De aldeia a Metrópole. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira e Oficina de História.

- Carone, E. (1976). O Estado Novo (1937-45). São Paulo: DIFEL.
- Carvalho, J. (1990). A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. 5ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.
- Castellani Fº, L. (1988). Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papyrus.
- Chartier, R. (2002). A história cultural - entre práticas e representações. 2ª ed. Lisboa: DIFEL/Bertrand.
- Chartier, R. (1992). Textos, impressão, leituras. In: Hunt, L. (org.). (1992). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, p. 212-238.
- Coaracy, V. (1962) Encontros com a vida: memórias. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Conselho Regional de Desportos. Estado do Rio Grande do Sul. (1985). Legislação Desportiva: principais normas. Sesquicentenário da Revolução Farroupilha 1835-1985. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas.
- Constantino, N. (1991). O italiano da esquina. Imigrantes na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST.
- Coradini, O. (1996). Os significados da noção de "italianos". In: Maestri, M. (coord.). Nós, os ítalo-gaúchos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p.33-39.
- Corrêa, C. (1978). História Oral (teoria e técnica). Florianópolis: UFSC.
- Cuche, D. (1999). A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru, São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração.
- Cunha, M. (1987). Parecer sobre os critérios de identidade étnica. Antropologia do Brasil; mito, história, etnicidade, 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 113-119.
- Cunha, M. (1989). Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: Carvalho, M. (org.). Identidade étnica, mobilização política e cidadania. Salvador: UFBA/Empresa Gráfica da Bahia, p. 42-55.
- Cunha, M.; Novaes, S. (1993). Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros. São Paulo: EDUSP.
- DaCosta, L. (1971). Diagnóstico de educação física/desportos no Brasil. Rio de Janeiro: MEC, FENAME.
- Daudt, J. (1952). Brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis. Porto Alegre: Gráfica Catos.

De Lorenzo, H. (1997). Eletricidade e modernização em São Paulo na década de 1920. In: De Lorenzo, H. e Costa, W. A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

Dienstmann, C. (1987). Campeonato Gaúcho: 68 anos de Glória. Porto Alegre: Sulina.

Dreher, M. (1983). Igreja e germanidade. São Leopoldo: Editora Sinodal.

Dreys, N. (1990). Notícia descritiva da Província de São Pedro do Sul. Porto Alegre: Nova Dimensão/ EDIPUCRS.

Durkheim, E. (1978). As formas elementares da vida religiosa (1912). São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).

Elias, N., Dunning, E. (1994) O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores

Elias, N. (1997) Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

Endler, S. (1993). A guerra dos Esportes. In: Bissón, C. (org.). Sobre Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, p. 104-109.

Feio, N. (1978). Desporto e Política: ensaios para sua compreensão. Lisboa: Compendium.

Ferrando, M.; Barata, N.; Otero, F. (comps.). (1998). Sociología del Deporte. Madrid: Alianza Editorial.

Ferreira Neto, A. (1999). A Pedagogia no Exército e na Escola: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz, Espírito Santo: FACHA.

Ferreira, E. (1986) A história do tiro ao alvo. Porto Alegre: Pallotti.

Ferreira, M. (1994). História Oral: um inventário das diferenças. In: Ferreira, M. (org.). Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, p. 1-13.

Fiori, N. Homogeneidade cultural brasileira: estratégias governamentais sob o Estado Novo. In: Adorno, S. (org.). (1995). A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 209-226.

Fortini, A. (1959). O passado através da fotografia. Porto Alegre: Grafipel.

Franco, S. (1993a). Getúlio Vargas e outros ensaios. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Franco, S. (1993b) Para uma geografia da fortuna urbana. In: Bissón, C. (org.). Sobre Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, p. 98-103.

Franco, S. (1998). Porto Alegre Guia Histórico. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Franco, S. (2000). Gente e espaços de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Freyre, G. (1974). Ordem e Progresso. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, Tomo I.

Freyre, G. (1999) Casa-Grande e Senzala. São Paulo/Rio de Janeiro: Record.

Garcia, R. Contributo para uma compreensão do desporto – uma perspectiva cultural. In: Barbanti, V.; Amadio, A.; Bento, J.; Marques, A. (2002). Esporte e Atividade Física: interação entre rendimento e saúde. São Paulo: Manole, p. 321-337.

Gellner, E. (1993). Nações e Nacionalismo. Lisboa: Gradiva.

Gertz, R. (1987). O fascismo no sul do Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto.

Gertz, R. (1991). O perigo alemão. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gertz, R. (1994a). A construção de uma nova cidadania. In: Mauch, C. e Vasconcellos, N. Os alemães no Sul do Brasil. Canoas: Editora da ULBRA.

Girardet, R. (1987). Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia de Letras.

Gonzaga, S. (1980). As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: Dacanal, J. & Gonzaga, S. (orgs.). RS: Cultura e Ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto.

Griffi, G. (1989). História da Educação Física e do Esporte. Porto Alegre: Luzzatto.

Guibernau, M. (1997). Nacionalismos. O estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

Gutfreind, I. (1992). A historiografia rio-grandense. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Guttman, A. (1994). Games and Empires: modern sports and cultural imperialism. New York: Columbia University Press.

Haguette, T. (1987). Metodologias Qualitativas na Sociologia. Rio de Janeiro: Vozes.

Hall, S. (1997). The spectacle of the Other. In: Hall, S. Representation: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/The Open University.

Hobsbawm, E. (1977). A era das revoluções: Europa 1789-1848. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Hobsbawm, E.; Ranger, T. (orgs.) (1984). A invenção das tradições. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Hobsbawm, E. (1990). Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Hobsbawm, E. (1995). Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras.

Hofmeister, C. (1978). Pequena história do remo gaúcho. Porto Alegre: CORAG.

Hunt, L. (1992) História, cultura e texto. In: Hunt, L. (org.). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, p.1-29.

Hutchinson, J.; Smith, A. (eds.). (1994). Nationalism. Oxford, New York: Oxford University Press.

Hutchinson, J.; Smith, A. (eds.). (1996). Ethnicity. Oxford, New York: Oxford University Press.

Jacques, J. (1979). Assuntos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Erus.

Joutard, P. (1996). História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: Ferreira, M. & Amado, J. (orgs.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 43-62.

Kreling, H. (1984). O Bolão: o esporte nas colônias alemãs do RS. Porto Alegre: Martins Livreiro.

Kreutz, L. (1994). Material didático e currículo na escola teuto-brasileira. São Leopoldo: Editora da UNISINOS.

Krieger, M. (1999). Lei Pelé e legislação desportiva brasileira anotadas. Rio de Janeiro: Gryphus/Forense.

Krüger, A. (1996). The German Way of worker sport. In: Krüger, A.; Riordan, J. (eds.). The story of worker sport. United States: Human Kinetics, p. 1-26.

Langlade, A.; Langlade, N. (1970). Teoria general de la gimnasia. Buenos Aires: Stadium.

Lauerhass Jr, L. (1986). Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro: estudo da geração nacionalista de 1930. São Paulo: Itatiaia/USP.

Le Goff, J. (1994). História e Memória. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP.

Leite, L. (1993). Universidade no mapa. In: Bissón, C. (org.). Sobre Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, p. 89-95.

Lenk, M. (1982). Braçadas e Abraços. Rio de Janeiro: Bradesco.

Levine, R. (1980). O Regime de Vargas: os anos críticos- 1934-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Licht, H. (1986). O Remo através dos tempos. Porto Alegre: CORAG.

Licht, H. (1992). A história da bocha. Porto Alegre: CORAG.

Lyra Fº, J. (1973). Introdução à Sociologia dos Desportos. Rio de Janeiro: Editora Bloch.

Love, J. (1975). O regionalismo gaúcho. São Paulo: Perspectiva.

Lucena, R. (2001). O Esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, São Paulo: Autores Associados.

Lüschen, G.; Sage, G. (eds.). (1981). Handbook of Social Science of Sport. Champign, Illinois: Stipes Publishing Company.

Macclancy, J. (1996). Sport, Identity and Ethnicity. In: Macclancy, J (ed.). Sport, Identity and Ethnicity. Oxford: Berg, p. 1-20.

Macedo, F. (1973). Porto Alegre: história e vida de uma cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Macedo, F. (1999). História de Porto Alegre. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Magalhães, N. (1986). GP Bento Gonçalves 1909-1985. Porto Alegre: Sulina.

Magalhães, M. (1998). Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP.

Manhães, E. (1986). Política de Esportes no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

Marinho, I. (1980). História da educação física e dos esportes. Rio de Janeiro: EBAL.

Marshall, G. (ed.). (1994). Concise Dictionary of Sociology. Oxford, New York: Oxford University Press.

Mazon, G. (1945). O tiro 4 - sua vida e sua grandesa. In: Pimentel, F. Aspectos Gerais de Porto Alegre. Imprensa Oficial. Porto Alegre, p. 137-139.

Melo Fº, A. (1994). Nova Lei do Desporto Comentada: Projeto Zico. Rio de Janeiro: Forense.

Melo Fº, A. (1995). O desporto na ordem jurídico-constitucional brasileira. São Paulo: Malheiros.

Mello, J. (1982). O capitalismo tardio. São Paulo: Brasiliense.

Menegaz, G. (2003). Automobilismo gaúcho - levantando poeira. Porto Alegre: Movimento.

Miller, D. (1997). Sobre la nacionalidad: autodeterminación y pluralismo cultural. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós.

Monteiro, C. (1995). Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: Editora da PUCRS.

Montenegro, A. (1992). História Oral e Memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto.

Motta, M. (1994). A nação faz 100 anos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Müller, T. (1984). Colônia alemã, 160 anos de história. São Leopoldo: Rotermond.

Müller, T. (org.) (1994). Nacionalização e imigração alemã. São Leopoldo/RS: Editora da UNISINOS.

Munanga, K. (1999). Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: vozes.

Novaes, S. (1993). Jogo de espelhos; imagens da representação de si através dos outros. São Paulo: EDUSP.

Oliveira, L. (1997). Questão nacional na primeira república. In: De Lorenzo, H.; Costa, W. A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

Oliveira, O. (1912). Guia de Football (Association). Pelotas: Oficinas da Livraria Universal.

Oliveira, P. (1998). "Esportes trazidos pela imigração". In: Fischer, L.; Gertz, R. Nós, os teuto-gaúchos. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Oliven, R. (1986). Violência e cultura no Brasil. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.

Oliven, R. (1992). A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes.

Ortiz, R. (1994). Cultura Brasileira e Identidade Nacional. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense.

Pellon, A. (1973). Dicionário da legislação desportiva brasileira. Rio de Janeiro: Artenova.

Pereira, F. (1988). Dialética da Cultura Física: introdução à crítica da educação física do esporte e da recreação. São Paulo: Ícone Editora.

Perry, V. (1973). Futebol e legislação: nacional e internacional. Rio de Janeiro: Gráfica Vitória.

Pesavento, S. (1980). História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto.

Pesavento, S. (coord.). (1992). O espetáculo da rua. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Pesavento, S. (1994). "De como os alemães se tornaram gaúchos pelo caminho da modernização". In: Mauch, C.; Vasconcellos, N. (orgs.). Os alemães no sul do Brasil. Canoas: Editora da ULBRA, p. 199-220.

Pesavento, S. (1999). O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Piccoli, J. (1994) A educação física na escola pública do RS: antecedentes históricos (1857-1984). Pelotas, RS: Editora da UFPel.

Pimentel, F. (1945). Aspectos Gerais de Porto Alegre. Imprensa Oficial. Porto Alegre.

Porto, A. (1996). O trabalho alemão no Rio Grande do Sul. 1ª reed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor.

Poutignat, P.; Streiff-Fenart, J. (1998). Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

Prado Jr., C. (1996). História Econômica do Brasil (38ª edição). São Paulo: Brasiliense.

Pedro, J. (1997). Mulheres do Sul. In: Priori, M. (org.). História das mulheres no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Contexto, p. 278-321.

Ramos, A. (1973). As culturas européias: uma introdução à antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.

Ramos, J. (1982). Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: IBRASA.

Ramos, E; Fialcow, M. e Eggers, J. (1998). Sociedade Orpheu: da História de um nome à identidade de um clube. São Leopoldo: Sociedade Orpheu.

Ramos, M. (2000). Sport Club Rio Grande: centenário do futebol brasileiro. Rio Grande: Editora da FURB.

Rambo, A. (1994a). A escola comunitária teuto-brasileira católica. São Leopoldo: Editora da Unisinos.

Rambo, A. (1994b). Nacionalidade e cidadania. In: Mauch, C.; Vasconcellos, N. (orgs.). Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história. Canoas: Editora da ULBRA, p. 43-53.

Rambo, B. (1956). A imigração alemã. In: Enciclopédia Rio-grandense. O Rio Grande Antigo. Canoas: Editora Regional Ltda, v. 1.

Renaut, A. (1993). Lógicas de la nación. In: Delannoi, G.; Taguieff, P. (orgs.). Teorias del nacionalismo. Barcelona: Paidós, p. 37-62.

Renaux, M. (1995). O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí, 1850-1950. Blumenau: Editora da FURB.

Ribeiro, A. (1999). O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva. Rio de Janeiro: Gryphus.

Roche, J. (1969). A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Editora Globo.

Rodrigues Fº, M. (1964). O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Fismo.

Ryan, M. (1992). A parada norte-americana: representações da ordem social do século XIX. In: Hunt, L. (org.). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, p.178-209.

Sanhudo, A. (1975). Porto Alegre: Crônicas de minha cidade. Porto Alegre: Movimento.

- Santos, B. (1993). Portugal um retrato singular. Porto: Afrontamento.
- Santos, B. (1999). Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 7ª ed. Porto, Portugal: Afrontamento.
- Schwarcz, L. (1993). O espetáculo das raças. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schwarcz, L. (1998). As barbas do Imperador. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schwartzman, S.; Bomeny, H. e Costa, V. (1984). Tempos de Capanema. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra/EDUSP.
- Sennet, R. (1988). O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras.
- Sevcenko, N. (1992). Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Companhia das Letras.
- Seyferth, G. (1982). Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia Germanista e o grupo teuto-brasileiro numa comunidade no vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, FCC.
- Seyferth, G. (1989). A representação do "trabalho alemão" na ideologia étnica teuto-brasileira. In: Carvalho, M. (org.). Identidade Étnica, mobilização política e cidadania. Salvador: UFBA/Empresa gráfica da Bahia, p. 93-123.
- Seyferth, G. (1990). Imigração e cultura no Brasil. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Seyferth, G. (1994). A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In; Mauch, C.; Vasconcellos, N. Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história. Canoas: Editora da ULBRA.
- Seyferth, G. (1996). Etnicidade, pluralismo e imigração no Brasil. In: Reichel, H. e Gutfreind, I. (orgs). América Platina e historiografia: história agrária, imigração e etnia, história política e mentalidades. São Leopoldo: PPGH/UNISINOS.
- Silva, C. (2002). A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: Santos, B. A Globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez.
- Smith, A. (1997). A identidade nacional. Lisboa: Gradiva.
- Singer, P. (1974). Desenvolvimento econômico e rede urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Sodré, M. (1977). Futebol, teatro ou televisão? In: Sodré, M. O monopólio da fala. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Spalding, W. (1967). Pequena história de Porto Alegre. Porto Alegre: Sulina.

Schpun, M. (1999). Beleza em Jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo Editorial; Editora SENAC.

Tesche, L. (1996). A prática do turnen entre os imigrantes alemães e seus descendentes no RS: 1867-1942. Ijuí: Editora da UNIJUI.

Tesche, L. (2002). O turnen, a educação e a educação física nas escolas teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul: 1852-1940. Ijuí: Editora da UNIJUI.

Thiesse, A. (2000). A criação das identidades nacionais. Lisboa: Temas e Debates Actividades Editoriais.

Thomas, R.; Haumont, A.; Levet, J. (1988). Sociología del Deporte. Barcelona: Ediciones Bellaterra.

Thompson, P. (1992). A voz do passado: História Oral. São Paulo: Paz e Terra.

Torresini, E. (1999). Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40. Porto Alegre: Editora da USP; Editora da UFRGS.

Touraine, A. (1992). Crítica da Modernidade. Lisboa: Instituto Piaget.

Triviños, A. (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

Tubino, M. (org.). (1988). Repensando o esporte brasileiro. São Paulo: IBRASA.

Tubino, M. (1992). Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Cortez.

Vargas, A. (1995). Desporto Fenômeno Social. Rio de Janeiro: Sprint.

Veríssimo, E. (2000). Breve Crônica de uma Editora de Província. Santa Maria: Editora da UFSM.

Voldman, D. (1996). A invenção do depoimento oral. In: Ferreira, M.; Amado, J. (orgs.). Usos & abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, p. 247- 265.

Weis, G. (1998). O Basquetebol em Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC.

Wiederspahn, H. (1979). A colonização açoriana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Instituto Cultural Português.

Wieser, L. (1990). Deutsches Turnen in Brasilien: deutsche auswanderung und die entwicklung des deutsch-brasilianischen turnwesens bis zum jahre 1917. Londres: Arena Publication.

Weber, M. (1994). Economia e sociedade; fundamentos da sociologia compreensiva. 3ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

Publicações comemorativas das associações desportivas

Böhm, L.; Carvalho, L. (2001). História do Veleiros do Sul - Sociedade Náutica Desportiva (1934-1959). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Brandão, I. (2000). Club Athetico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário. São Paulo: Artes Gráficas.

Buono, A. (coord.). (2001). Associação Cristã de Moços Porto Alegre 100 anos de história. Álbum do Centenário 1901-2001. Porto Alegre: Comunicação Impressa.

Daudt, J. (redator). (1942). Álbum-Revista Comemorativo ao 75º aniversário da Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867. Porto Alegre: SOGIPA.

GPA. (1938). Revista Comemorativa ao 50º aniversário do Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre: Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre.

Hofmeister Fº, C. (1981). Do "R. D. Freundshatt" ao Grêmio Náutico União 75 anos de lutas e glórias. Porto Alegre: Fotogravura Schuck.

Hofmeister Fº, C. (1987). SOGIPA. Doze décadas de história. Porto Alegre: Pallotti.

Manske, C. (coord.). (1999). Grêmio Náutico Gaúcho a razão maior é você. edição comemorativa 1929-1999. Porto Alegre: Quasar Comunicação.

Ostermann, R. (2001). Hip! Hip! Hip! Hurra! União! Porto Alegre: Cena Design.

Rive, M. (coord.). (1967). SOGIPA 1867-1967 – 1º centenário. Porto Alegre

Silva, H. (1997). SOGIPA: uma trajetória de 130 anos. Porto Alegre: Gráfica Editora Pallotti, Editores Associados Ltda.

Soares, A. (1991). Clube dos Jangadeiros Cinquentenário. Porto Alegre: Editora Pallotti.

Teixeira, I. (coord.). (2001). Associação Leopoldina Juvenil. Resgate de uma história. Porto Alegre: Scan.

Relatórios

Castro, M. (1999). Relatório do Projeto Publicidade na Revista do Globo. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Porto Alegre.

Liga da Defesa Nacional. (1983). Diretoria Estadual do Rio Grande do Sul. Atividades Cívicas. Porto Alegre.

Mottin, A.; Moreira, A. (orgs.) (1996). Catálogo Literário da Revista do Globo. Porto Alegre. Base de dados desenvolvida em software Micro-ISIS, de propriedade da UNESCO, v. 3.07.

Mottin, A. (1998). Relatório do Projeto Organização do Acervo Fotográfico da Revista do Globo. Centro de Pesquisas Literárias, PUCRS. Porto Alegre.

Py, A. (s/d). O nazismo no Rio Grande do Sul. Relatório nº 537. Porto Alegre. s/d.

Revistas

Adams, A. (1996). Os gaúchos derrotam Tio Sam. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 935, 2º quinzena de novembro, p. 8-13.

Bastos, F. União 60 anos. (1966a). Revista do Globo. Porto Alegre, nº 922, 1º quinzena de maio, p. 62-5.

Bastos, F. (1966b). O tênis é a vida para Koch. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 930, 1º quinzena de setembro, p. 34-9.

Bastos, F. (1966c). Porto Alegre sede mundial do tênis. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 934, 1º quinzena de novembro, p. 30-3.

Bernardi, M., Martins, J., Veríssimo, É. (1962). Um pouco da história da Revista do Globo. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 813, 03/02, p.40-45.

Bueno, A. (1948). Um Estádio para Porto Alegre. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 463, 24/07, p. 48-49 e p. 71.

Cabral, C. (1946a). Futebol: milionário, grã-fino e poeta, à força do mérito, o negro impôs no mais popular dos esportes – a princesa Isabel libertou, o futebol completou – os negros do sul americano. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 405, 23/02, p. 48-49 e p. 64.

Cabral, C. (1946b). Contentar-me-ei com um 3º lugar. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 413, p. 46-47 e 68.

Cabral, C. (1946c). Nunca decaiu a natação gaúcha! Revista do Globo. Porto Alegre, nº 408, 13/04, p. 46-47 e p. 76.

Cabral, C. (1946d). Um sonho pela metade, o eterno problema do estádio portoalegrense. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 412, 08/06, p. 48-49 e p. 58.

Cabral, C. (1953). O “papão de campeonatos” bate seus próprios recordes. Revista do Globo. Porto Alegre, p. 24-27.

Cabral, C. (1954). O Brasil é do Futebol. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 615 de 26/06 a 09/07, p. 52-53.

Cabral, C. (1962). O Grêmio aos 59 anos. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 830, 29/09 a 12/10, p. 40-42.

Carneiro, F. (1957). Dos Moinhos de Vento ao Cristal. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 698, 07/09 a 20/09, p. 46-52.

Carneiro, F. (1959a). Renner: história curta mas gloriosa. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 739, 04/04 a 17/04, p. 66-69.

Carneiro, F. (1959b). Snipes projetaram o Guaíba no mapa-múndi. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 755, 14/11 a 27/11, p. 10-15.

Carvalho, H. (1999) Regionalismo gaúcho e nacionalismo brasileiro: impactos da política de Vargas no planalto médio do Rio Grande do Sul. História: debates e tendência. Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Centro de Pesquisas Historiográficas do Rio Grande do Sul- CPH-RS. Passo Fundo, v. 1, nº 1, junho, p. 139-154.

Corsetti, B. (1986) A reação do Estado Novo aos movimentos políticos na zona de colonização do Rio Grande do Sul. Revista de História – APUHRS. Porto Alegre, ano 2, nº 3, p. 33-54.

Costa, S. (2001) A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, maio, v. 13, nº 1, p. 143-158.

Duarte, P. (2000) A fundação e os objetivos dos clubes caixeirais no Rio Grande do Sul: 1879 a 1890. História em Revista. Revista do Núcleo de Documentação Histórica do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, v. 6, dezembro, p. 97-114.

Galvani, W. (1959). Internacional: festa de 50 anos. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 744, 13/06 a 26/06, p. 22-27.

Garrido, J. (1992/1993). As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 13, nº 25/26, setembro/agosto, p. 33 - 54.

Gertz, R. (1994b). Os "alemães" no Rio Grande do Sul. Documentos, Diversidade Étnica e Identidade Gaúcha. Santa Cruz do Sul, nº 5, p. 43-58.

Ghiraldelli Jr., P. (1987). A evolução das idéias pedagógicas no Brasil republicano. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, fevereiro, p. 28-38.

Gonçalves, J.; Müller, E. (1999). A marcha atlética no Brasil – 2ª parte. Revista Contra Relógio, Ano 7, nº 70, julho, p. 44-46.

Gonçalves, J. (1997). Willy Ricardo Seewald: o primeiro dos primeiros. Revista Contra Relógio, ano 5, nº 47, agosto, p. 26-27.

Helal, R. Gordon Jr., C. (1999). Sociologia, História e Romance na construção da Identidade Nacional através do Futebol. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 13, nº 23, p. 147-165.

Jesus, G. (1999). Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. Estudos Históricos Esporte e Lazer. Rio de Janeiro, FGV, v. 13, nº 23, p. 17-39.

Joutard, P. (1984). El tratamiento del documento oral. Debats. Valencia, nº 10, p. 72-84.

Amaro Jr. (1942). A história do Internacional, ele começou sua vida levando uma surra de dez a zero. Mas valeu a lição. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 331, 19/12, p. 34-35.

Amaro Jr. (1943) A decadência do ciclismo. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 343, 10/07, p. 38-39 e p. 59.

Amaro Jr. (1944). "Aqueles alemães do Turnerbund". Revista do Globo. Porto Alegre, nº 363, 20/05, p. 42-43.

Amaro Jr. (1944). As aventuras do Fogo Simbólico, e de seu idealizador entre nós, o jornalista Túlio de Rose. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 369, 19/08, p. 40-41.

Amaro Jr. (1945a). O Tricolor da Baixada. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 394, 08/09, p. 44-45.

Amaro Jr. (1945b). A incorrigível tradição dos apelidos. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 393, 25/08, p. 44-45.

Amaro Jr. (1945c) Campeão por conta própria. Revista do Globo, Porto Alegre, nº 391, agosto, p. 45.

Amaro Jr. (1945d). Queremos um Estádio! Revista do Globo. Porto Alegre, nº 390, 14/07, p. 34-35.

Larronda, J. (1979). Leopoldina, uma idéia bem sucedida. Revista Tênis Esporte, maio, p. 30-35.

Lessa, L. (1953). "Já se viram!" brada o gaúcho quando "larga" a carreira. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 567, p. 50-53.

Lopes, J. (1994). "A vitória do Futebol que incorporou a pelada". Revista da USP, Dossiê Futebol, São Paulo, EDUSP, nº 22.

Lopes, J. (1999). Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da copa de 1998. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 13, nº 23, p. 175- 191.

Maciel, M. (1994). Considerações sobre gaúcho e colonos. Documentos, Diversidade Étnica e Identidade Gaúcha. Santa Cruz do Sul, nº 5, p. 31-42.

Machado, W. (1946). O glorioso, visita ao Barracão Listrado, onde se abrigam as glórias de um veterano do remo gaúcho: o clube de Regatas "Almirante Barroso". Revista do Globo. Porto Alegre, nº 424, 07/12, p. 48-49.

Machado, W. (1949). Tiro ao alvo. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 489, 20/08, p. 43-45 e p. 58.

Magalhães, M. (1993). Os imigrantes alemães e a questão da cidadania. Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, Brasília. Universidade de Brasília, v. 1, nº 2, p. 50-72.

Martins, R. (1963). Os clubes contam sua história (II): Grêmio Náutico União, o milagre da expansão patrimonial. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 843, 30/03 a 12/04, p. 34-38.

Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. Revista Educação. Faculdade de Educação. PUCRS. Porto Alegre, nº 37, março, p. 7-32.

Motta, M. (1994). 1922: em busca da cabeça do Brasil moderno. Revista do CPDOC. Rio de Janeiro, 8f. Endereço eletrônico FGV.

Ney, J. (1965). O cruzeiro "driblou" a morte: uma história de 52 anos. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 904, 01/08, p. 1.

Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, nº 10, dezembro, p. 7-28.

Noronha, M. (1999). Região, Identificações culturais. História: Debates e Tendências. Passo Fundo, v. 1, nº 1, junho, p. 23-38.

O Biguá. (1930). Revista do Club de Regatas Guahyba. Porto Alegre: Club de Regatas Guahyba, v. 1-9.

Oliveira, T. (1996). Algumas considerações acerca da memória como método histórico. Revista de Pós-graduação em História da UNESP. Assis, São Paulo, v. 4, p. 109-126.

Palha, J. (1944). Boa Bola! No saco do Papai Noel trouxeram os alemães para o Rio Grande do Sul um jogo que não havia nestas calmas e lusitanas margens do Guaíba. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 376, p. 32-33 e 67.

Panathlon Internacional. (2000). Ano XLVII, nº 3, maio, p. 2

Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, p. 200-215.

Portelli, A. (1997). O que faz a história oral diferente. Projeto História. São Paulo, nº 14, fevereiro, p. 25- 39.

Rambo, A. (1998). O associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil. Perspectiva Econômica. São Leopoldo, v. 23, nº 62, julho/dezembro.

Ravaschio, M.; Biscaro, B. (1990). Os Almanques como fontes de Informação - São Paulo e Região (parte II). Boletim do Centro de Memória da UNICAMP. Campinas. v. 2, nº 3, janeiro/junho, p. 1-10.

Ravaschio, M.; Biscaro, B.; Santos, M. (1989). Os Almanques como fontes de Informação - Campinas e Região. Boletim do Centro de Memória da UNICAMP. Campinas, v. 1, nº 2, julho/dezembro, p. 34-40.

Revista Panathon. (2000). Porto Alegre mais de 100 anos de história deste estado brasileiro. International. Ano XLVII, nº 3, abril-junho, p. 12.

Revista do Globo. (1929). A inauguração do Grêmio Náutico Gaúcho. Porto Alegre, nº 17, p. 38-40.

Revista do Globo. (1929). Preâmbulo. Porto Alegre, 05/11, p. 1

Revista do Globo.(1930). Desportos. Porto Alegre, nº 9, p. 23.

Revista do Globo. (1930). Os primeiros passos do jogo do golf em porto Alegre, no Country Club. Porto Alegre, nº 12, p. 7.

Revista do Globo. (1930). Campeões de Hockey!. Porto Alegre, nº 323, p. 62.

Revista do Globo. .(1931). Bellas Artes, Cultura Physica Feminina. Porto Alegre, nº 1, p. 11.

- Revista do Globo. (1931). Ginástica Rítmica. Porto Alegre, nº 6, p. 16-7.
- Revista do Globo. (1932). No Club Excursionista. Porto Alegre, nº 7, p. 24.
- Revista do Globo. (1932). Revista do Lar. Porto Alegre, nº 16, p. 31.
- Revista do Globo. (1932). Lawn-Tennis. Porto Alegre, nº 18, p. 32.
- Revista do Globo. (1932). No Country-Club. Porto Alegre, nº 19, p. 20.
- Revista do Globo. (1933). Número dedicado aos Esportes. Porto Alegre, nº 3, 18/02, p. 1.
- Revista do Globo. (1936a). Porto Alegre Antigo. Porto Alegre, nº 190, p. 15.
- Revista do Globo. (1936b). O Esporte no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, nº 190, p. 9.
- Revista do Globo. (1937). Porto Alegre, nº 210, p. 36.
- Revista do Globo. (1939). Yatch- Club. Porto Alegre, nº 247, 1939, p. 41.
- Revista do Globo. (1941a). Demonstração de Técnica Militar. Porto Alegre, nº 303, 13/09, p. 31.
- Revista do Globo. (1941b). 119 anos de liberdade! Demonstrações de Educação Física. Porto Alegre, nº 303, 13/09, p. 32.
- Revista do Globo. (1941c). O Grande Desfile da Juventude. Porto Alegre, nº 303, 13/09, p. 37.
- Revista do Globo. (1941d). GRENAL. Porto Alegre, nº 296, 31/05, p. 39.
- Revista do Globo. (1942). A mocidade brasileira vibra de entusiasmo durante a Semana da Pátria. Porto Alegre, nº 326, 12/09, p. 25-29.
- Revista do Globo. (1946a). Escola de Sereias. Porto Alegre, nº 425, p. 35-37.
- Revista do Globo. (1946b). Ao tranqüilo no mais... um domingo de carreiras na Cancha Pitalunga. Porto Alegre, nº 413, 22/06, p. 29-31.
- Revista do Globo. (1948). 19 anos. Porto Alegre, nº 450, 10/01, p.42-43.
- Revista do Globo. (1949). O Tiro 4. Porto Alegre, p. 43.
- Revista do Globo. (1952a). Sumário. Porto Alegre, nº 551, 05/01, p.2.

Revista do Globo. (1952b). Bolão, um imigrante bem aclimatado. Porto Alegre, nº 566, 09/08, p.28-32.

Revista do Globo. (1954). O Clube dos seis guris. Porto Alegre, nº 604, 23/01, p. 6-7.

Revista do Globo. (1955). Os 25 anos do Country. Porto Alegre, nº 640, 11 a 24/06, p. 52-56.

Revista do Globo. (1966). Grêmio Náutico União. Porto Alegre, p. 62-63.

Revista do Globo. (1967). Dois séculos de Porto Alegre. Porto Alegre, nº 940, 1º quinzena fevereiro, p. 29.

Revista Placar. (1980). 1º Censo de Futebol Profissional Brasileiro. Separata Especial. São Paulo, nº 546, 17/10.

Ribeiro, A. (1944). Os bastidores de um hipódromo. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 366, p. 26-7 e 57.

Ribeiro Jr., G. (1992). A nossa primeira medalha olímpica. Revista Temática - Filatelia e Cultura. Órgão oficial da ABRAFITE (Associação Brasileira de Filatelia Temática), nº 125 setembro, p. 183-187.

Ribeiro Jr., G. (1994). Guilherme Paraense o herói esquecido. Revista Magnum, ano VII, nº 39, junho/julho, p. 22-27.

Rigo, L. (2000). Com o futebol na memória. Revista Estudos Leopoldenses série história, v. 4, nº 1, janeiro/junho, p. 139-156.

Santos, B. (1993). Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira. Revista Crítica de Ciências Sociais. Descobrimientos/Encobrimientos, nº 38, dezembro, p. 11-39.

Spalding, W. (1962). Porto Alegre quando nasceu a Revista do Globo. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 863, 22/12, p.10-18.

Seyferth, G. (1989). A Liga Pangermânica e o perigo alemão no Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irreduzíveis. História: Questões e Debates. Curitiba: APAH.

Seyferth, G. (1997). A assimilação dos imigrantes como questão nacional. Mana. Rio de Janeiro, 3(1):95-131.

Tejo, L. (1959). Revista do Globo: 30 anos de história. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 733, 10/01, p.10-16.

Vidal, R. (1952). Enfim o Grêmio quebrou a sua tradição racista. Revista do Globo. Porto Alegre, nº 557, 29/03, p. 26-7.

Woortmann, E. (2000). Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do atlântico. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 6, nº 14, novembro, p. 205-238.

Entrevistas

Entrevistado A. Realizada em 26/9/2002

Entrevistado B. Realizada em 23/9/2002

Entrevistado C. Realizada em 15/1/2002

Entrevistado D. Realizada em 10/8/2002

Entrevistado E. Realizada em 19/8/2002

Entrevistado F. Realizada em 30/8/2002

Entrevistado G. Realizada em 16/8/2002

Entrevistado H. Realizada em 21/5/2001

Locais de Pesquisa

Arquivo Histórico de Porto Alegre

Acervo Particular Julio Petersen

Acervo Particular Mario Ribeiro Cantarino

Acervo Particular Henrique Licht

Acervo Particular Nicanor Letti

Acervo Particular Arnaldo Willy Becker

Acervo Benno Mentz do ILEA/UFRGS

Arquivo da Secretaria Municipal de Obras e Viação de Porto Alegre

Biblioteca da Liga de Defesa Nacional

Biblioteca Central da PUCRS

Biblioteca da ESEF/UFRGS

Biblioteca Central da UFRGS

Biblioteca do IFCH/UFRGS

Biblioteca da Arquitetura/UFRGS

Biblioteca da Educação/UFRGS

Biblioteca Central da UNISINOS

Biblioteca do Instituto de Educação Flores da Cunha

Biblioteca da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Porto Alegre

Conselho Regional de Desportos

Fundação A. J. Renner;

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Laboratório de Acervos Digitais da PUCRS

Liga de Defesa Nacional (LDN) da seção do Rio Grande do Sul

Memorial da Associação Cristã de Moços

Memorial da Sociedade Ginástica Porto Alegre-1867

Memorial e Biblioteca do Clube Náutico Veleiros do Sul

Memorial da Câmara de Vereadores de Porto Alegre
Museu da Brigada Militar
Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo
Museu do Grêmio Foot-ball Club
Museu do Grêmio Náutico União
Museu do Sport Club Internacional
PANATHLON de Porto Alegre;
Secretaria do Petrópole Tênis Clube
Secretaria Administrativa do Clube Jangadeiros

ANEXOS

Anexo 1

Campos da Base de Dados das Associações Desportivas

- Nome da associação ou sociedade esportiva – registra-se todas nomenclaturas utilizadas para uma mesma associação esportiva, inclusive sua denominação em outros idiomas;
- Ano de fundação – registra-se o ano de fundação, inclusive as diferentes datas, escrevendo-se entre parênteses o número de vezes que esta aparece;
- Esporte principal – registra-se o(s) esporte(s) a que a associação se dedica;
- Outros esportes – registra-se outros esportes que a associação se dedica;
- Fundadores – registra-se o(s) nome(s) de pessoas e entidades que fundaram a associação;
- Identidade cultural – registra-se palavras, textos ou citações que permitem a identificação da origem cultural da associação;
- Localização geográfica – registra-se todos endereços das sedes da associação;
- Ano de fechamento – registra-se o ano em que a associação encerrou suas atividades; no caso da associação continuar em funcionamento o campo permanece em branco;
- Referências bibliográficas – registra-se autor, ano e página das obras, almanaques, jornais, revistas e outras fontes de consulta que comprovam a existência da associação;
- Observações – registra-se informações consideradas relevantes pela pesquisadora, por exemplo, participação e títulos da associação em competições, e dados que podem vir a constituir novos campos.

Anexo 2

Campos da Ficha Catalográfica das Reportagens Desportivas da Revista do Globo

O sistema de busca na Consulta ao Catálogo da Internet é o mesmo para todo o Acervo Literário da Livraria do Globo. São utilizados os mesmos campos para diferentes pesquisas desenvolvidas na Revista do Globo, sendo alguns campos específicos do desporto, assim como as outras áreas possuem seus campos específicos. É necessário que o pesquisador saiba a que campo da ficha corresponde cada etiqueta de busca abaixo disposta. Os campos utilizados na pesquisa da Revista do Globo foram:

- 001# Título do Fascículo
- 020# Volume
- 022# Data do Fascículo
- 024# Autor
- 028# Título da Seção
- 029# Título da Subseção
- 031# Página inicial/final
- 032# Descritores
- 051# Fotografia do Artigo
- 062# 2ª Opção de Título = Subtítulo
- 069# Título
- 072# Descrição
- 076# Assunto
- 080# Estado
- 085# Número do Fascículo
- 088# Evento
- 089# Promoção
- 090# Local de Realização
- 096# Tipo de Ilustração
- 103# Público-alvo
- 105# Esporte

Anexo 3

Informações para o Preenchimento da Ficha Catalográfica

Palavras Chaves: são as palavras que descrevem o conteúdo do documento. São fundamentais para a recuperação posterior. Padronização das palavras através de um Glossário, em razão das diferentes grafias da mesma palavra. Na descrição do sumário do texto vamos conservar a grafia original.

Campos:

Título: palavra, frase ou expressão que chama a atenção para a reportagem esportiva. Geralmente é o primeiro texto que aparece.

Subtítulo: texto ou expressão que complete o título. Ele pode dizer de forma sintética o que é proposto pelo título.

Ilustração: indica a opção foto ou desenho, se na reportagem aparecer uma destas; caso contrário, deixa-se em branco ou se indica os dois na mesma reportagem.

Localização: assinala-se se a reportagem está em uma das capas ou em uma página. Neste último caso, informa-se o número da página. A seqüência de capas é: Capa1 = capa da frente; Capa 2= verso da primeira capa; Capa 3 = verso da contracapa; Capa 4 = contracapa

Identificação da revista: escreve-se nos locais indicados o volume da revista, seu número de edição e data de publicação.

Página Inicial/Final: registra-se o número da primeira e da última página da reportagem esportiva.

Título da Seção: nome da seção da revista onde se insere a reportagem.

Evento: nome da competição, campeonato, torneio, partida, jogo, prova.

Local de realização: cidade, estado, país, nome do clube, ginásio, estádio do acontecimento esportivo.

Descrição: neste campo são registradas informações consideradas relevantes pela pesquisadora, como por exemplo, nome de atletas, resultados e classificação.

Esporte: escreve-se o nome do esporte ou modalidade esportiva.

Observação: pode se tornar um campo dependendo das ocorrências.

Anexo 4

Termos em língua inglesa das reportagens da Revista do Globo (1929-1945)

Athletismo; Athletica= atletismo
Assistência= espectadores
Athleta= atleta
Antagonista= adversário
Back= jogador de defesa (futebol)
Back-right= jogador de defesa do lado direito
Back-left= jogador de defesa do lado esquerdo
Ball; esfera; redonda; balão de couro= bola
Basket-ball; cestobol; bola ao cesto= basquetebol
Barronistas= associados do Club de Regatas Almirante Barroso
Boots= botinas; chuteiras
Captain= capitão da equipe/time (futebol)
Cancha= quadra
Carnet= carnê de jogos
Carrying= situação em que o goleiro anda mais de passos com a bola na mão;
sobrepasso (futebol)
Catch= luta
Catch-as Catch-can= (luta) pegue como puder
Center= centro
Center half= jogador do centro posicionado adiante dos "backs" (futebol)
Center forward= centroavante (futebol)
Certame= partida; disputa
Charge= empurrão
Charging behind= marreta pelas costas
Club= clube
Colorado= torcedor do time do Sport Club Internacional
Colored= jogador negro (futebol)
Combinados= times; equipes
Comodore= presidente do clube (iatismo)
Córner= escanteio (futebol)
Córner kick= ponta pé do canto do campo
Court= quadra de tênis
Crawl; nado a la brasse= estilo de nado (de frente)
Crack= jogador que se destaca (futebol)
Cyclistas= ciclistas
Cultura Phisica= Cultura Física
Dansa= dança
Defence= defesa (futebol)
Desportes; esporte= desporto; esporte
Doble-scutt=regatas
Draw= empate; jogo nulo (futebol)
Dribler= jogador que faz um drible (futebol); "engana com a bola nos pés"

Dribling= drible (futebol); "ato de enganar"
 Eleven= onze; time de futebol
 Entraîneur= treinador
 Esporte Aristocrático= refere-se ao golfe e tênis
 Esporte Bretão= futebol
 Estadium= estádio
 Field= campo
 Foguete= cortada (voleibol)
 Foot-ball= futebol
 Foot-ballers= jogadores de futebol
 Forwards= jogadores de ataque (futebol)
 Foul= falta; infração (futebol)
 Free-kick= tiro livre simples (futebol)
 Full-back= zagueiro (futebol)
 Game= jogo; partida (futebol)
 Gymnasio= ginásio
 Gimnástica; gymnástica= ginástica
 Gimnastica Rithmica= ginástica rítmica
 Goal; golo; tento; queda do arco= gol (futebol)
 Goal área; três paus; arco; meta; três balizas= goleira
 Goal kick= ponta pé dado pelo goleiro (futebol)
 Goal-line= linha de fundo; linha de meta (futebol)
 Goal-keeper; guarda-valas; guarda-metas; guarda-redes; arqueiro= goleiro (futebol)
 Green= gramado (golfe)
 Ground= campo de jogo (futebol)
 Halfs= jogadores na intermediária do campo na defesa e no ataque (futebol)
 Half-back right= jogador do lado direito adiante da linha dos backs (futebol)
 Half back left= jogador do lado esquerdo adiante da linha dos backs (futebol)
 Half-time= meio tempo da partida (futebol)
 Hands= toque com as mãos (futebol)
 Heading= cabeçada
 Hippico= hipismo
 Hockey= hóquei
 Hooks= ganchos, socos (luta)
 Initium= campeonato inciantes (tênis)
 Inside= meio, interno
 Inside Forward righth= meia direita (futebol)
 Inside Forward left= meia esquerda (futebol)
 Keeper= goleiro
 Kick= pontapé; chute (futebol)
 Kick off= ponta pé inicial do jogo
 Knockout= nocautear (boxe)
 Law-tennis= tennis
 Linesman= juiz de linha; bandeirinha (futebol)
 Match= jogo
 Maches= jogos
 Melée= confusão

Monarcas da raqueta= tenistas
 New-comb= jogo de bola com as mãos para mulheres
 Outside= impedimento
 Out-rigger four; Out-rigger eight, Out-rigger two= modalidades de prova no remo
 Open air= ar livre
 Off-side= impedimento; fora de jogo; penalizado; expulso de campo (futebol)
 On-side= em jogo
 Player= jogador; futebolista
 Pólo Water= pólo aquático
 Psysicultura= fisicultura
 Pugnas= partidas
 Pelouse= partida de tênis
 Penalty= pênalti; penalidade máxima (futebol)
 Penalty área= área penal (futebol)
 Penalti-kick= ponta pé de penalidade
 Pênalti-kick marck reparation= ponto conseguido por penalidade
 Passing= passe (futebol)
 Prócer; paredro= dirigente do clube
 Raid= corrida (automobilismo)
 Raidmen= corredor (automobilismo)
 Recordmen= atleta que obteve o recorde da prova
 Referee= condutor da peleja; comandante do espetáculo; maestro do apito; árbitro
 Rowers (remo)
 Ring (boxe)
 Rounds= (boxe)
 Rythmo= ritmo
 Return macht= reencontro
 Relay= revezamento 4x100
 Rusch= escapada
 Season esportiva= estação esportiva
 Sport=esporte
 Sportivo= Esportivo
 Sportwoman= mulher atleta
 Sportman= homem atleta
 Score= resultado
 Shootar=chutar
 Shoot=chute
 Shooter=chutador
 Scratch=seleção
 Speakers= narradores do jogo pelo rádio (futebol)
 Team= time (futebol); onze
 Turf=turfe
 Turfman= homem ligado ao turfe
 Throwin= arremesso; lançamento (futebol)
 Touch line= linha lateral do campo (futebol)
 Training= treinamento

Triping= rasteira (futebol)
Toss= escolha do campo
Volley; volley ball=voleibol
Volley-players=jogadores de voleibol
Water pólo=pólo aquático
Water-polist=jogador de pólo aquático
Wing= jogador extrema; ponta
Winger left=jogador de extrema esquerda (futebol)
Winger right=jogador de extrema direita (futebol)
Yacht= iate
Yatching= desporto do barco a vela (iatismo)
Yachtman= iatista
Yacht-sport= iatismo

Anexo 5

Quadros das associações desportivas cadastradas na base de dados

Quadro 1 Modalidades desportivas e período de fundação das associações em Porto Alegre (1867-1945).

Desportos	Século XIX	Década 1900	Década 1910	Década 1920	Década 1930	Década 1940	Data não localizada	TOTAL
Atletismo	—	—	—	2	—	—	1	3
Basquete	—	1	—	1	—	—	1	3
Bocha	1	—	1	—	4	—	—	6
Bolão	2	3	2	—	2	—	—	9
Boxe	—	—	—	—	—	—	2	2
Caça e Tiro	—	—	—	—	1	—	—	1
Ciclismo	3	—	—	2	1	—	3	9
Esgrima	—	—	—	1	1	1	1	4
Futebol	—	4	10	13	68	24	46	165
Futebol de salão	—	—	—	2	2	—	—	4
Ginástica	3	—	—	1	—	—	—	4
Golfe	—	—	—	—	1	—	2	3
Hipismo	—	—	—	—	1	—	1	2
Iatismo	—	1	—	—	4	1	—	6
Judô	—	1	1	—	—	—	—	2
Luta Livre	—	—	—	—	—	—	1	1
Motociclismo	—	—	—	—	—	—	1	1
Natação	2	—	1	2	—	—	2	7
Pára-queda	—	—	—	—	1	—	—	1
Pólo	—	—	—	—	1	—	1	2
Pólo Aquático	—	—	—	1	—	—	1	2
Punhobol	—	—	—	1	—	—	—	1
Remo	3	4	2	2	1	—	3	15
Tênis	4	—	1	2	3	—	—	10
Tiro ao Alvo	1	2	1	—	—	—	3	7
Turfe	6	1	—	—	—	—	—	7
Voleibol	—	—	1	2	1	—	—	4
Xadrez	—	—	—	—	2	—	1	3
TOTAL	25	17	20	32	94	26	70	284

Quadro 2 Período de fundação das associações desportivas em Porto Alegre (1867-1945).

Período de fundação	Associações
Século XIX	25
Década 1900	16
Década 1910	18
Década 1920	25
Década 1930	90
Década 1940	28
Não localizado	63
TOTAL	265

Quadro 3 Período de fundação das associações desportivas e identidade cultural em Porto Alegre (1867-1945).

Período de fundação	Alemã	Italiana	Portuguesa	Norte-americana	Não identificada	TOTAL
Século XIX	8	1	—	—	16	25
Década 1900	6	1	—	1	8	16
Década 1910	3	—	1	—	14	18
Década 1920	—	1	—	—	24	25
Década 1930	2	—	—	—	88	90
Década 1940	—	—	—	—	28	28
Não localizado	—	—	—	—	63	63
TOTAL	19	3	1	1	241	265

Anexo 6

Base de Dados das Associações Desportivas de Porto Alegre (1867-1945)

MFN: 0001

Entidade Desportiva: Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul (Deutscher Turnerschaft von Rio Grande do Sul). Turnerschaft (Liga de Ginástica)

Desporto Principal: Ginástica

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1885

Fundadores: Jacob Aloys Friederichs (imigrante alemão (1884); ginasta; tesoureiro do Turnklub (SOGIPA); considerado "pai da ginástica do Rio Grande do Sul")

Identidade Cultural: Cultura alemã

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Tesche (1996, p. 73-4); Silva (1997, p. 24)

Observações: Faziam parte da Liga: Sociedade Turnerbund (SOGIPA), Turnverein de São Leopoldo, Sociedade Ginástica de Lomba Grande, Sociedade Ginástica de Taquara, Sociedade Ginástica de Santa Cruz do Sul, Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo; Em 1896 foi realizado o primeiro encontro das sociedades ginásticas no Musterreiterklub, em Porto Alegre

MFN: 0002

Entidade Desportiva: U. M. C. São Geraldo

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 07/06/1925

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0003

Entidade Desportiva: Metrópole Xadrez Clube

Desporto Principal: Xadrez

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 19/10/1937

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Vigário José Inácio nº 263 sala 10

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0004

Entidade Desportiva: Federação Gaúcha de Futebol; Federação Riograndense de Futebol; Federação Rio Grandense de Desportos

Desporto Principal: Futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 18/05/1918

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Travessa Francisco Leonardo Truda nº 98 8º andar

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD; Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 636); Pimentel (1945, p. 113); Amaro Junior (1942)

MFN: 0005

Entidade Desportiva: Federação Gaúcha de Desportos Aquáticos. Federação Aquática do Rio Grande do Sul

Desporto Principal: Natação

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 30/10/1911

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0006

Entidade Desportiva: Federação Sul Riograndense de Caça e Tiro (Federação Gaúcha de Caça e Tiro)

Desporto Principal: Caça e Tiro

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 28/08/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida João Pessoa nº 2959 sala 202; Av. João Pessoa nº 1831 sala 300

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Pimentel (1945, p. 113)

MFN: 0007

Entidade Desportiva: Federação de Vela do Estado do Rio Grande do Sul; Federação de Vela e Motor (a partir de 09/06/1941); Federação de Vela (a partir de 21/11/1984)

Desporto Principal: Vela

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 21/11/1936

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Parque Náutico Marcílio Dias Bairro Navegantes; Avenida Guaíba nº 7 2941 sala 4

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD; Pimentel (1945, p. 113); Catálogo das Entidades Desportivas (1977, p. 363)

MFN: 0008

Entidade Desportiva: Federação Riograndense de Tênis; Federação Gaúcha de Tênis

Desporto Principal: Tênis

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 09/04/1929

Fundadores: Tênis Clube Walhala; Tennis Clube Germânia; Club Excursionista e Sportivo; British Club

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Rua Vigário José Inácio nº 371 Galeria do Rosário 5º andar sala 522; Rua Sete de Setembro nº 1156 4º andar

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 636); Pimentel (1945, p. 113); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Revista do Globo nº 7, setembro de 1935, p. 15; Franco; Silva Schidrowitz (1940, p. 643); Amaro Junior (1942)

Observações: O primeiro presidente da federação foi Max Ertel. Em 1930, a Federação foi vice-campeã brasileira de tênis. Em 1940 o presidente era o doutor João Kessler Coelho de Souza. Em 1940 contava com sete clubes filiados na capital e vinte e seis no interior do Rio Grande do Sul.

MFN: 0009

Entidade Desportiva: Comitê de Regatas (17/02/1894). Depois Federação Riograndense de Remo (07/09/1908). Foi extinta depois de problemas ocorridos na promoção da segunda competição. Para substituí-la foi criada a Liga Náutica Rio Grandense (30/11/1911).

Desporto Principal: Remo e natação

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 17/02/1894

Fundadores: Federação Rio Grandense de Remo: Clube de Remo Porto Alegre, Clube de Remo Germania, Clube de Regatas Almirante Tamandaré, Clube de Regatas Almirante Barroso, Clube Náutico Rio Grandense, Clube de Regatas Almirante Tamandaré e Clube de Regatas Rio Grande, ambos de Rio Grande.

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Avenida Mauá nº 8600; Avenida Henrique Huber Parque Náutico "Alberto Bins"

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD; Franco; Silva, Schidrowitz (1940, p. 643)

Observações: Decana das Federações Desportivas do Brasil. Em 1940, o presidente da Liga era Edgard Eifler. Em 24/11/1895 foi realizada a primeira regata interclubes em Porto Alegre.

MFN: 0010

Entidade Desportiva: Musterreiter-Club (Clube dos Cavaleiros de Amostra). Clube dos Caixeiros Viajantes de Porto Alegre. Associação Sul-Riograndense dos Viajantes Comerciais

Desporto Principal: tiro

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 26/12/1885

Fundadores:

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: A primeira sede foi destruída em um incêndio em 1966. Atualmente localiza-se na Rua Dona Laura nº 7

Referências Bibliográficas: Lentz (2001, p. 46); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD

Observações: A associação "nasceu para congregar os viajantes comerciais que percorriam as precárias estradas gaúchas de ponta a ponta, vendendo mercadorias e, de quebra, cumprindo um papel importante como elo de ligação cultural, social e política entre a capital e as regiões por eles atendidas"

MFN: 0011

Entidade Desportiva: Associação dos Antigos Alunos Maristas de Porto Alegre (AAMPA)

Desporto Principal: punhobol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 02/10/1927

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Coronel Marcos nº 1959, Bairro Ipanema

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD

MFN: 0012

Entidade Desportiva: Club de Boccia Caminho do Meio (Club Sportivo Caminho do Meio)

Desporto Principal: bocha

Outros Desportos:

Ano de fundação: 02/12/1930

Fundadores:

Identidade Cultural: cultura italiana

Localização Geográfica: Rua São Manoel nº 556; Avenida Protásio Alves nº 320

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD; Licht (1992, p. 14-5); De Rose (1996, p. 39)

Observações: A Federação Riograndense de Bocha foi criada em 04/04/1944. As mulheres começaram a participar em caráter de demonstração, em 1983 e no ano de 1987 em caráter competitivo

MFN: 0013

Entidade Desportiva: Independente Foot-ball Clube (1933). Clube Independente de Porto Alegre (30/06/1972). Clube Independente (28/06/1973)

Desporto Principal: futebol e bocha

Outros Desportos: basquete

Ano de Fundação: 08/02/1933

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Protásio Alves nº 809

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Almanaque Amaro Júnior 1942; Arquivo Documental do CRD; Licht (1992, p. 22)

MFN: 0014

Entidade Desportiva: Círculo Operário Ferroviário do Rio Grande do Sul

Desporto Principal: bocha

Outros Desportos:

Ano de fundação: 22/09/1937

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Farrapos nº 146, sala 44

Referências Bibliográficas: Arquivo Documental do CRD

MFN: 0015

Entidade Desportiva: Club de Bocias Central (Clube de Bochas Central)

Desporto Principal: bocha

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 01/02/1938; 02/02/1938

Fundadores: José Groff; Tenente Nicacio Gomes; Julio Lima; Tenente João Amaral; Bruno Swoboda

Identidade Cultural: cultura italiana

Localização Geográfica: Rua Beiruth com a Travessa Simão Kappel; Travessa São José n. 430 (nº 106 e nº 340) Bairro Navegantes

Referências Bibliográficas: Arquivo Documental CRD; Cadastro do CND, 1977, p. 364; Licht (1992, p. 13)

Observações: Em 1942 foi fundada a Associação Porto Alegrense de Bocha, cujo presidente era Anselmo Manzoli Filho. Com a Lei da Nacionalização o nome mudou para "Associação Porto Alegrense de Bocha". Em cumprimento ao Decreto-Lei 3.199 de 14/04/1941 a entidade foi extinta e no seu lugar criada a Federação Rio Grandense de Bocha (04/04/1944)

MFN: 0016

Entidade Desportiva: Federação Riograndense de Ciclismo e Motociclismo. Federação Gaúcha de Ciclismo e Motociclismo. Federação Gaúcha de Ciclismo

Desporto Principal: ciclismo

Outros Desportos:

Ano de fundação: 17/10/1935

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Quintino Bandeira nº 757 1º andar; Rua Gonçalves Dias nº 628

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 636); Pimentel (1945, p. 113); Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvará de Funcionamento do CRD; Cadastro do CND, 1977, p. 363; Amaro Junior (1942)

Observações: É integrada pelos clubes: Esperança, Rio Grandense e Júpiter

MFN: 0017

Entidade Desportiva: Federação Riograndense de Esgrima

Desporto Principal: esgrima

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 29/10/1941

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Vigário José Inácio nº 216 2º andar, Bairro Centro; Rua Gonçalves Dias nº 628, Bairro Menino Deus

Referências Bibliográficas: Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Cadastro do CND, 1977, p. 363; Pimentel (1945, p. 113)

MFN: 0018

Entidade Desportiva: Federação Riograndense de Golf

Desporto Principal: golfe

Outros Desportos:

Ano de Fundação:

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Arquivo Documental do CRD

MFN: 0019

Entidade Desportiva: Liga de Natação (em alemão Schwimmverband)

Desporto Principal: natação

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1890

Fundadores: Turnerbund (SOGIPA); Naturheilverein (Sociedade para a cura naturalista); Ruder Club Porto Alegre

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Tesche, 1996, p. 69; Hofmeister, 1987, p. 98

MFN: 0020

Entidade Desportiva: Clube dos Inapiários do Rio Grande do Sul

Desporto Principal: xadrez

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 24/07/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua dos Andradas nº 680 sala 14

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0021

Entidade Desportiva: Liga Náutica Riograndense (Federação Aquática do Rio Grande do Sul).

Desporto Principal: remo e natação

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 30/11/1911 (2 vezes); 30/10/1911

Fundadores: Ruder Club Porto Alegre, Ruder Verein Germania, Clube de Regatas Almirante Barroso, Grémio Almirante Tamandaré, Gremio Náutico Riograndense (extinto), Gremio Náutico União, Clube de Regatas Duque de Caxias. Foi instalada em 13/05/1914, tendo como presidente Israel Torres Barcelos; vice-presidente, Reinaldo Schoeler; 1º secretário, Reinaldo Mensch; 2º secretário Carlos S. Arnat e zelador, Pedro Caliendo

Identidade Cultural: cultura alemã

Referências Bibliográficas: Franco; Silva Schidrowitz (1940, p. 636 e 643); Pimentel (1945, p. 113 e 155); Hofmeister (1981, p. 43)

Observações: Foi incorporada pela Federação Aquática do Rio Grande do Sul (posteriormente denominada Federação de Remo do Rio Grande do Sul); É integrada pelos clubes de Porto

Alegre: Clube de Regatas Almirante Barroso, Canottieri Duca degli Abruzzi, Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre, Grêmio Náutico Gaúcho, Clube de Regatas Almirante Tamandaré, Grêmio Náutico União, Clube de Regatas Vasco da Gama. E alguns clubes do interior do estado das cidades de: Rio Grande, Pelotas, São Lourenço, Montenegro, Cachoeira do Sul, São Sebastião do Caí, Uruguaiana e Farroupilha; A proposta de criação de uma Liga foi apresentada em 1903 durante a realização da prova clássica, chamada Wanderpreis pelo presidente do Clube de Regatas Almirante Tamandaré, Francisco Bento, à comissão que fiscalizava a prova, composta por membros dos Ruder Clube e do Ruder Verein Germânia. A criação da liga somente foi efetivada em 1908 devido a colaboração de Pedro Pinto Lima, esportista carioca residente em Porto Alegre. Foi campeã brasileira e sul-americana de remo

MFN: 0022

Entidade Desportiva: Liga Porto Alegrense de Football

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1910

Fundadores: Grêmio Foot-ball Club

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Jesus (1998)

MFN: 0023

Entidade Desportiva: Liga Atlético Porto Alegrense. Liga Atlético Riograndense (LARG). Federação Atlético Riograndense

Desporto Principal: atletismo; basquete; voleibol; esgrima

Outros Desportos:

Ano de fundação: 02/02/1925

Fundadores: Grêmio Foot-ball Portoalegrense; Associação Cristã de Moços; Clube de Regatas Almirante Barroso; Sociedade Ginástica Turnerbund; Clube de Regatas Guaíba; Esporte Clube Eiche; Clube de Regatas Pôrto Alegre; Esporte Clube Internacional (a partir de 1929); Esporte Clube Cruzeiro (a partir de 1929); Sociedade de Ginástica Navegantes São João (a partir de 1929); Fussball Clube Pôrto Alegre (a partir de 1929); Grêmio Náutico Gaúcho (a partir de 1929)

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Vigário José Inácio nº 216 2º andar; Bairro Centro; Rua Gonçalves Dias nº 7 628 sala 09; Bairro Menino Deus

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 636 e 641; Pimentel (1945, p. 113); Revista do Globo nº 190, 1936, p. 9; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD; Catálogo de Entidades Desportivas (1977, p. 363)

Observações: Títulos conquistados: Campeonato Brasileiro de Cestobol (1934); Campeonato Brasileiro de Basquete, realizado no Rio De janeiro, em 03/04/1935; Torneio Nacional Farroupilha de Cestobol (1935); Vice-Campeã Brasileira de Atletismo (1937). O primeiro Campeonato Portoalegrense de basquete foi realizado em 05/02/1923. Foram presidentes: Frank M. Long, Briareu Centeno, Álvaro da Cruz Pretz, José Carlos Daudt presidente honorário-1940), Lindolfo Hartz, Luiz Pinto Chaves Barcelos, Cecílio Gomes e Manoel Amorim de Albuquerque. Em 1940 o presidente era o capitão Ramiro Tavares Gonçalves e o vice-presidente João Luiz Daudt; O Primeiro Campeonato Brasileiro Feminino de Atletismo foi promovido pela Liga em novembro de 1940 nas comemorações do Bi-centenário de Porto Alegre. A equipe paulista foi campeã e os gaúchos foram vice-campeões; Em 1940, as associações vinculadas a LARG eram: Associação Cristã de Moços, Sociedade de Ginástica Turnerbund, Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, Esporte Clube Internacional, Esporte Clube Cruzeiro, Sociedade de Ginástica Navegantes São João, Football Clube Porto Alegre, Grêmio Náutico Gaúcho e Excursionista Esportivo

MFN: 0024

Entidade esportiva: Liga de Esgrima do Rio Grande do Sul

Desporto Principal: esgrima

Outros Desportos:

Ano de fundação: 11/07/1931

Fundadores: Turnerbund (SOGIPA)

Identidade cultural: cultura alemã

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Tesche (1996, p. 71)

Observações: O primeiro campeonato estadual de Esgrima foi promovido pela LARG, em 1927

MFN: 0025

Entidade esportiva: Conselho Regional de Desportos do Rio Grande do Sul (CRD)

Desporto Principal:

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 12/1941

Fundadores: Euclides Aranha Filho (presidente); membros: Herophito Azambuja, Capitão Darcy Vignoli, capitão Olavo Amaro da Silveira

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Carlos Chagas nº 55 11º andar

Referências Bibliográficas: Cadastro do CND, 1977, p. 15; Almanaque Esportivo Olympicus, 1945, p. 452

MFN: 0026

Entidade Desportiva: Derby Club

Desporto Principal: turfe

Outros Desportos:

Ano de fundação: 1872

Fundadores:

Identidade Cultural: cultura portuguesa

Localização Geográfica: na Várzea (Redenção)

Referências Bibliográficas: Pimentel (1945, p. 113)

MFN: 0027

Entidade esportiva: Prado Boa Vista. Hipódromo Portoalegrense

Desporto Principal: turfe

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1877

Fundadores:

Ano de Fechamento: 1880

Identidade Cultural: cultura portuguesa

Localização geográfica: Estrada Mato Grosso (atual Avenida Bento Gonçalves, Bairro Santana).

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 12); Franco (2000, p. 59); Werner (2001, p. 62)

MFN: 0028

Entidade Desportiva: Hipódromo Rio-grandense. Prado Riograndense

Desporto Principal: turfe

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 06/02/1881

Fundadores:

Ano de Fechamento: 1909

Identidade Cultural: cultura portuguesa

Localização Geográfica: Ruas Botafogo e Saldanha Marinho (atual Avenida Getúlio Vargas, Bairro Menino Deus) e Ruas Vicente da Fontoura (ex-Boa Vista), São Luis, São Manoel, Veador Porto e Santana

Referências Bibliográficas: Franco (1993, p. 101); Werner (2001, p. 62); Franco (2000, p.59)

MFN: 0029

Entidade Desportiva: Prado independência. Hipódromo dos Moinhos de Vento

Desporto principal: turfe

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1894

Fundadores:

Ano de Fechamento: 1959

Identidade Cultural: cultura portuguesa

Localização Geográfica: Rua 24 de Outubro (atual Parque Moinhos de Vento, conhecido por Parcão)

Referências Bibliográficas: Franco (1993, p. 101); Franco (2000, p. 59); Rozano (2001, p. 54); Ribeiro (1944, p. 26-7 e 57)

Observações: Figuras destacadas do Estado e do país freqüentavam o hipódromo: Carlos Barbosa, J. F. de Assis Brasil, José Montaury, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas e João Goulart; Em 1959 foi transferido para o Bairro Cristal. A inauguração do Hipódromo do Cristal foi em 21/11/1959, embora o projeto de sua construção datava de 1922. Associação Protetora do Turfe. Em 1959 passou a ser chamado de Jockey Club do Rio Grande do Sul

MFN: 0030

Entidade Desportiva: Sociedade Hípica Portoalegrense

Desporto Principal: hipismo e pólo

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 06/06/1939; 07/06/1939

Fundadores:

Identidade Cultural: cultura portuguesa

Localização geográfica: Estrada Juca Batista nº 4931

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 637); Cadastro CND, 1977, p. 367; Cadastro Documental do CRD; Cadastro de Alvará de Funcionamento do CRD

MFN: 0031

Entidade Desportiva: União Velocipédica

Desporto Principal: ciclismo

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1899

Fundadores:

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Atual Instituto Parobé, Parque Farroupilha

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13); Amaro Júnior (1945, p. 44-5); Pimentel (1945, p. 113); Amaro Júnior (1943, p. 38-9 e 59)

MFN: 0032

Entidade Desportiva: Rodforvier Verein Blitz (Sociedade Ciclística Blitz)

Desporto Principal: ciclismo

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1896

Fundadores: Alberto Bins

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Rua Doutor Timóteo; Caminho Novo, próximo a Rua do Parque

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13); Oliveira (1996, p. 158-164); Oliveira (1912, p. 97-8); Amaro Júnior (1943, p. 38-39 e 59)

MFN: 0033

Entidade Desportiva: Velódromo Rio-Grandense

Desporto Principal: ciclismo

Outros Desportos:

Ano de Fundação: final do século XIX

Fundadores:

Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13)

MFN: 0034

Entidade Desportiva: Southen Boxing Club

Desporto Principal: boxe

Outros Desportos:

Ano de Fundação: década de 20

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Revista do Globo, nº 323, 1930, p. 62

Observações: Em 1926, os campeonatos citadinos eram realizados nos salões da Sociedade Leopoldina e no palco do cinema Carlos Gomes

MFN: 0035

Entidade Desportiva: Belém Novo Golf Club

Desporto Principal: golfe

Outros Desportos:

Ano de Fundação: década de 30

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas:

MFN: 0036

Entidade Desportiva: Porto Alegre Country Club

Desporto Principal: golfe

Outros desportos: hipismo; tênis; equitação; pólo

Ano de Fundação: 30/05/1930

Fundadores: J. E. Millender (diretor da Companhia de Energia Elétrica)

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Libero Badaró nº 524. Em 1931/1932 (2 vezes), comprou da Santa Casa de Misericórdia 60 hectares de terra no Bairro Mont'Serrat. Em 1938 foi construída a sede do clube.

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 636-37 e 641); Pimentel (1945, p. 151); Cadastro Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Cadastro do CND, 1977, p. 366; Jornal Zero Hora, 10/06/2001, p. 5; Revista do Globo, nº 201, 1937, p. 11

Observações: "Reune elemento de escol da sociedade pôrto alegreense" (Pimentel, 1945, p. 151)

MFN: 0037

Entidade Desportiva: Grêmio Desportivo Masson (late Clube Guaíba)

Desporto Principal: vela e motor (iatismo)

Outros Desportos: tênis; voleibol; basquete

Ano de Fundação: 01/05/1930

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Guaíba nº 777, depois mudou para a Avenida Diário de Notícias nº 1997

Referências Bibliográficas: Almanaque Amaro Júnior 1942; Cadastro do CND, 1977, p. 366; Cadastro Documental do CRD

MFN: 0038

Entidade Desportiva: Sociedade Náutica Veleiros do Sul

Desporto Principal: vela (iatismo)

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 13/12/1934

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Sede doada por Leopoldo Geyer situada no Saco dos Navegantes; Avenida Guaíba nº 2941

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 637 e 646); Almanaque Amaro Júnior 1942; Cadastro do CND, 1977, p. 367; Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

Observações: Em 1934 foi realizada a primeira regata de velas em Porto Alegre, entre o Grêmio Náutico Gaúcho e Sociedade Veleiros do Sul. Nas comemorações do Centenário Farrroupilha, o clube conseguiu pela primeira vez na história da vela brasileira reunir em regatas equipes de três estados: Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul

MFN: 0039

Entidade Desportiva: Clube dos Jangadeiros

Desporto Principal: vela e motor

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 07/12/1941

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Ernesto Paiva nº 139, Bairro Tristeza. Também tinha uma sede na Avenida Diário de Notícias nº 1997

Referências Bibliográficas: Cadastro Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0040

Entidade esportiva: Yacht-Club de Porto Alegre

Desporto Principal: vela

Outros Desportos: tênis; remo

Ano de Fundação: 19/03/1933

Fundadores: Dr. Clóvis de Souza Goulart

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rio Guaíba, Bairro Tristeza

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 637); Pimentel (1945, p. 151); Revista do Globo, nº 247, p. 41

Observações: clube aristocrático que realizava "bailes e festas que congregam a mais alta sociedade de Porto Alegre".

MFN: 0041

Entidade Desportiva: Ruder Club (Clube de Regatas Pôrto Alegre)

Desporto Principal: remo

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 21/11/1888

Fundadores: Grupo de esportistas, em reunião realizada no Restaurante Continental. Entre eles o major Alberto Bins (único vivo em 1940). A primeira diretoria: presidente, Sr. Alfredo Schuett; vice-presidente, F. Igwersen; 1º secretário, Julio Issler Jor; 2º secretário John Day; tesoureiro, Luiz Koehler; zelador, H. V. Schwerin

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: As margens do Rio Guaíba, próximo da Praça da Alfândega. Depois mudou para a Avenida Mauá nº 8330, Parque Náutico Alberto Bins

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13); Pimentel (1945, p. 113 e 155-7); Hofmeister (1981, p. 47); Franco; Silva e Schidrowitz (orgs.) (1940, p. 643); Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Jornal Zero Hora, 14/06/2001, p. 54; Amaro Júnior (1942; 1945, p. 45)

Observações: O material para a prática do remo foi recebido em junho do ano seguinte a fundação do clube.

MFN: 0042

Entidade Desportiva: Ruder-Verein Germania (Clube de Remo Germania)

Desporto Principal: remo

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 29/10/1892

Fundadores:

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13); Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p.637, p. 643-44); Pimentel (1945, p. 155); Hofmeister (1981, p. 48); Amaro Junior (1942)

Observações: Também encomendou material de remo no exterior; Em 17/11/1917 adotou o nome de "Clube de Regatas Guahyba". Em 28/11/1936 fundiram-se o "Clube de Regatas Porto Alegre" e o "Clube de Regatas Guahyba" formando o "Clube de Regatas Guahyba Porto Alegre" (GPA). É considerado o mais antigo clube de remo do Brasil

MFN: 0043

Entidade Desportiva: Clube de Regatas Almirante Tamandaré

Desporto principal: remo; vela

Outros desportos: pólo aquático

Ano de fundação: 18/01/1903 (3 vezes); 18/02/1903 (1 vez)

Fundadores: capitão de corveta Gaspar Pinto Fróis de Azevedo (presidente em 1903 e 1904)

Identidade Cultural: cultura portuguesa

Localização Geográfica: Em 07/09/1903 instalou-se num barracão à Rua General Portinho; Rua João Maciel nº 530

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13); Pimentel (1945, p. 155); Arquivo Documental do CRD; Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 646)

Observações: Em 1914 realizou a primeira competição cidadina de pólo aquático; "o primeiro centro náutico que nacionalizou o remo no Brasil e o primeiro clube de brasileiros que excursionou ao Uruguai, tripulando o primeiro "out-rigger" a 8 remos- o "Tupinambá" (Franco; Silva e Schidrowitz, 1940, p. 646). Os títulos conquistados em campeonatos estaduais (1916 a 1920)e 1922 e 1923), além de campeonatos estaduais foram conquistados pelo atleta Fritz Richter.; A diretoria em 1940 era constituída por: Dr. Manoel Francisco de Macedo Cruz (presidente), Emílio Travi (vice-presidente), Mário Franco (secretário geral)

MFN: 0044

Entidade Desportiva: Clube de Regatas Almirante Barroso

Desporto Principal: remo

Outros Desportos: natação feminina

Ano de Fundação: 26/02/1905

Fundadores: Pedro Adams (primeiro presidente)

Identidade Cultural:

Ano de Fechamento: 26/02/1925 (rever)

Localização Geográfica: Barracão listrado em azul e branco entre as fábricas do Caminho Novo. Rua Quintino Bandeira nº 57

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13); Cadastro do CND, 1977, p. 365; Arquivo Documental do CRD; Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 644); Pimentel (1945, p. 155); Machado (1946, p. 60); Amaro Juniro (1942)

Observações: Conhecido pelo apelido de "O Glorioso" pelas vitórias conquistadas em campeonatos brasileiros (1933, 1935, 1938 1940), sul-americano (1940) e regata internacional de Montevidéu (1940), representando a Confederação Brasileira de Desportos. Em 1940, quando estava na presidência o Sr. Luiz Moschetti, a sede foi destruída por um incêndio. Tinha um grupo de remadores chamados "Filhotes do Barroso", que durou pouco tempo.

MFN: 0045

Entidade Desportiva: Ruder Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade)

Desporto Principal: remo

Outros Desportos: basquete (a partir de 1930); natação (a partir de 1942)

Ano de Fundação: 01/04/1906

Fundadores: Seis alunos do Hilfsverein (atual Colégio Farroupilha), com idade entre 10 e 15 anos: Carlos Simão Arnt (13 anos), Emílio Bercht (10 anos), Arnaldo Bercht (12 anos), Arno Deppermann (15 anos), Hugo Deppermann (13 anos), Hugo Berta (13 anos)

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Às margens do Rio Guaíba no Caminho Novo. Em 1910 foi construída a primeira sede na Rua Voluntários da Pátria quase defronte a Rua Ramiro Barcelos. Em 1930 foi inaugurada a sede da Rua Hoffmann (chamado clubinho). Outra sede na Rua Coronel Bordini nº 537. Em 1942 foi inaugurada a piscina olímpica na sede Moinhos de Vento, localizada na Rua Quintino Bocaiúva nº 500. Até a construção da piscina, a natação e o pólo aquático eram praticados no Rio Guaíba. Em 1948 adquiriu a sede náutica na Ilha do Pavão para a prática do remo, com estaleiro para a construção de barcos. A terceira sede fica no Alto Petrópolis.

Referências Bibliográficas: Hofmeister (1981, p. 5); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Cadastro Documental do CRD; Cadastro do CND, 1977, p. 366; Revista do Globo, 1966, p. 62-3; GNU 75 anos, 1981, p. 1-7; Amaro Junior (1942)

Observações: Em 29/04/1917 adotou o nome de Grêmio Náutico União".. Também é conhecido por "Clube das Três Sedes" e Clube dos Guris". Em 1911 filiou-se a Liga Náutica Rio-Grandense.

MFN: 0046

Entidade Desportiva: Clube Canottieri Duca degli Abruzzi

Desporto Principal: remo

Outros Desportos: natação; basquete; voleibol; ciclismo

Ano de Fundação: 09/02/1908

Fundadores: "pugilo de idealistas, principalmente pertencentes à colônia italiana aqui radicada" (Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 644). Entre eles: Rafael Guaspari (presidente honorário em 1940), Nicola Paternostro (conselheiro honorário em 1940), Dr. Francisco de Leonardo Truda (funcionário do Banco do Brasil) e Guido Mondin

Identidade Cultural: cultura italiana

Localização Geográfica: Rua Voluntários da Pátria nº 3060

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13); Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 644-45); Amaro Junior (1942)

Observações: O primeiro presidente foi Raffaele Guaspari. Em 16/12/1918 um violento temporal destruiu a sede, que foi reconstruída. O clube obteve vários títulos em competições: remo - campeão nacional de remo (1925) representando a Liga Náutica Rio Grandense, campeão brasileiro (1939) e campeão estadual (1924, 1925, 1926, 1928); basquete (1934, 1935); voleibol (1934); ciclismo (1940). A diretoria em 1940 era composta por: Ernesto Capelli (presidente), Túlio de Rose (vice-presidente) Dr. Julio Gatti (vice-presidente), Dr. Emílio kaminski (secretário), Hélio Damiani (secretário), Angelo Ferla (tesoureiro), Jorge M. Pufal (tesoureiro). Em 24/02/1942 adotou o nome de Grêmio de Regatas Duque de Caxias.

Ano de Fechamento: 1963 (Foi incorporado pelo Grêmio Foot-ball Porto-alegrense e transformou-se no seu Departamento de Remo)

MFN: 0047

Entidade Desportiva: Clube de Regatas Vasco da Gama

Desporto Principal: remo

Outros Desportos: bolão; natação; pólo aquático; ciclismo; corridas rústicas; ping pong; voleibol

Ano de Fundação: 28/01/1917

Fundadores: "116 elementos representativos da colônia portuguesa", em reunião presidida por José da Costa Dias

Identidade Cultural: cultura portuguesa

Localização Geográfica: Avenida Mauá nº 8.590

Referências Bibliográficas: Cadastro do CND, 1977, p. 365; Cadastro Documental do CRD; Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 645-6); Jornal Correio do Povo, 01/01/1937, p. 20
Observações: Conhecido como o "Clube da Cruz de Malta". Em 1940 tinha 2.971 associados. A diretoria era composta por: Alberto Campos (presidente), Benjamin Ataíde Alves (vice-presidente), Léo S. Campos (primeiro secretário), Aldo Coimbra (segundo secretário), Antonio Calçada (tesoureiro geral), Omar Kindlein (primeiro tesoureiro), José Martins dos Santos Filho (segundo tesoureiro), Angelo G. de Oliveira (diretor de regatas), João Fioresi (adjunto do diretor de regatas), Edú Machado (diretor de natação), Adelino M. Carvalho (diretor de patrimônio), Luciano P. dos Santos (diretor de esportes terrestres)

MFN: 0048

Entidade Desportiva: Club Náutico Rio-grandense

Desporto Principal: remo

Outros Desportos:

Ano de Funda o:

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localiza o Geográfica:

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13)

MFN: 0049

Entidade Desportiva: Club Lusitano

Desporto Principal: remo

Outros Desportos:

Ano de Funda o:

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localiza o Geográfica:

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13)

MFN: 0050

Entidade Desportiva: Grêmio Náutico Gaúcho

Desporto Principal: remo; nata o (a partir dos anos 30, com a constru o da piscina de 25 metros)

Outros desportos: pólo aquático; saltos ornamentais; jogos de salão; tênis; futebol de salão; esgrima; ginástica

Ano de Funda o: 07/04/1929

Fundadores: Luiz Pinto Chaves Barcelos

Identidade Cultural:

Localiza o Geográfica: Avenida Praia de Belas n  1948 Bairro Menino Deus

Referências Bibliográficas: GNU, 1981, p. 13; Amaro Júnior (1942); Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Pimentel (1945, p. 155); Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 641)

Observa es: Em 1940, o clube foi detentor da Taça Eficiência oferecida pela Liga Náutica Riograndense, por ter vencido sete das dez competi es que participou. Destacou-se na nata o em 1940 vencendo diversas categorias femininas e masculinas. Considerado o clube com as melhores instala es desportivas em 1940.

MFN: 0051

Entidade Desportiva: Club Excursionista e Sportivo

Desporto Principal: tênis

Outros Desportos: nata o (anos 30); saltos ornamentais (anos 30)

Ano de Funda o: 01/03/1902

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localiza o Geográfica: Rua dos Andradas n  1085

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13); Cadastro dos Alvarás de Funcionamento do CRD; Cadastro Documental do CRD; Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 640); GNU, 1981, p. 13; Amaro Junior (1942)

Observações: Na década de 30 construiu uma piscina de 25 metros no Bairro Menino Deus. Foi incorporado pelo Clube do Comércio de Porto Alegre (fundado em 07/07/1896), que era voltado às atividades sociais

MFN: 0052

Entidade Desportiva: Tennis Club Walhalla

Desporto Principal: tênis

Outros Desportos: bridge (1960)

Ano de Fundação: 22/10/1898

Fundadores: descendentes de alemães

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Quarto Distrito de Porto Alegre, Bairro Navegantes. Na década de 30 foi transferido para o Bairro Moinhos de Vento. Em 1937 foi para a Rua Nova York nº 96

Referências Bibliográficas: Larronda (1979, p. 31); ALJ, 2001, p.87-8; Pimentel (1945, p. 113); Amaro Junior (1942)

Observações: Em 1943 adotou o nome Tennis Club Moinhos de Vento. Foi anexado à Associação Leopoldina Juvenil, em 1977. Atualmente é conhecido pelo nome de Clubinho

MFN: 0053

Entidade Desportiva: Tênis Club Germania

Desporto Principal: tênis

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 08/12/1914

Fundadores: Rod Becker, Oscar Campani, Hugo deppermann, Wilí Klohs, Carlos Luedke, João Tyedmers, Ricardo Teschner

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Localizado na propriedade pertencente à Sociedade Turnerbund (SOGIPA), no Arrabalde São João, com uma visão sobre a várzea do Gravataí

Referências Bibliográficas: Silva (1997, p. 32); Tesche (1996, p. 72); Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 642); Cadastro Documental do CRD

Observações: Era uma entidade autônoma, embora seus integrantes fossem sócios do Turnerbund. Depois da Primeira Guerra Mundial mudou o nome para Tênis Clube Ipiranga. Foi oficialmente incorporado ao Turnerbund (SOGIPA), transformando-se no seu Departamento de Tênis, em 1939. Em 1940 tinha quatro quadras de tênis e aproximadamente 200 associados. A Diretoria neste ano era composta por: C. L. Lothar Diel (presidente honorário), Arno Albert (presidente), Luiz Englert Filho (vice-presidente), Walter Hildebrandt (secretário), Rolf Hildebrandt (tesoureiro), Bernardo Schwuchow (primeiro diretor técnico), Herbert Nickhorn (segundo diretor técnico), Egon Knorr (primeiro diretor de patrimônio), Ernesto Herrmann (segundo diretor de patrimônio), Werner Schwuchow (diretor social), Ataliba Wolf (conselho fiscal), Herman Aeckerle (conselho fiscal), Otávio G. Fauth (conselho fiscal)

MFN: 0054

Entidade Desportiva: Associação Leopoldina Juvenil (ALJ)

Desporto Principal: tênis (a partir de 1938)

Outros Desportos: bolão (1896); xadrez (a partir de 1950); ping pong (a partir de 1950); bilhar (a partir de 1950)

Ano de Fundação: 24/06/1863

Fundadores: Carlos Augusto Kuplich, Antonio Laus, Adão Fettermann, Antônio Francisco Ulmen (tesoureiro), Carlos Kessler (secretário), E. Van Emnen, Carlos Renck, Frederico Etzberger, Frederico Kilp, Germano Koch, Jorge Brodt, João Birnfeld, João Frederico Kuplich, João Frederico Laus ou Johann Laus (presidente), João Henrique Raupp, João Carlos Rinck, João Strimbach, Jacob wolf, Lourenço Dexeimer e Luiz Mehr. O departamento de tênis foi criado por Walter Koch

Identidade Cultural: cultura alemã. A fundação da Sociedade Leopoldina: "No dia de São João, a 24 de junho de 1823, reuniu-se um grupo de teutos, moradores desta cidade, para discutirem

a fundação de uma sociedade recreativa, humorística, etc.". "Um grupo com forte sotaque alemão marcando sua cultura e seus costumes" (ALJ, 2001, p. 19). "Os sócios das duas instituições [Sociedade Leopoldina e Club Recreio Juvenil] eram 'filhos do mesmo sangue'" (ALJ, 2001, p. 35). "Em sessão [fundação] a qual compareceram vinte pessoas, descendentes dos primeiros colonos alemães no Rio Grande do Sul" (Franco; Silva e Schidrowitz, 1940, p. 640)

Localização Geográfica: Rua Dr. Flores nº 185, no prédio da Sociedade dos Cantores Alemães, Centro de Porto Alegre. Depois foram adquiridas quatro quadras de tênis no Bairro Teresópolis. A sede própria foi adquirida em 1906. Sede atual na Rua Marques do Herval nº 280. Em 1945 foram inauguradas nesta sede as primeiras quadras de tênis. Em 1949 foi lançada a pedra fundamental para a construção da sede

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 12); Pimentel (1945, p. 150-51); Larronda (1979, p. 31); Cadastro Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; ALJ, 2001, p. 19-20 e 35; Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 640); Palha (1944, p. 32-33 e 67)

Observações: O Nome Leopoldina é uma homenagem à Imperatriz Leopoldina, esposa de Dom Pedro I, considerada a maior propulsora da colonização alemã no Brasil. A ALJ (nome adotado em 1942) resultou da fusão em 22/12/1941 da Sociedade Leopoldina Porto Alegrense (fundada em 24/06/1863) com o Clube Recreio Juvenil (fundado em 07/10/1903). A união dos clubes resultou do interesse pela mesma área, onde atualmente está localizada a ALJ. O Club Recreio Juvenil era voltado para as danças, música e lazer e somente aceitava sócios solteiros. Como não tinha sede própria realizava as festas no salão da Sociedade Leopoldina, do Turnerbund e na Sociedade Germânia. Em julho de 1939 promoveu o primeiro campeonato interno de tênis. No ano seguinte o primeiro campeonato aberto de tênis.

MFN: 0055

Entidade Desportiva: The British Club

Desporto Principal: tênis

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 11/06/1923

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Carlos Gomes nº 534. Rua Furriel Luiz Antônio Vargas nº 400

Referências Bibliográficas: Cadastro do CND, 1977, p. 367; Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0056

Entidade Desportiva: Nonoai Tênis Clube

Desporto Principal: tênis

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 15/10/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Nonoai nº 557

Referências Bibliográficas: Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0057

Entidade Desportiva: Petrópole Tênis Clube

Desporto Principal: tênis

Outros Desportos: basquete; judô; pugilismo

Ano de Fundação: 07/09/1931; 07/09/1941

Fundadores:

Localização Geográfica: Rua Farias Santos nº 451

Referências Bibliográficas: Cadastro do CND, 1977, p. 366; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD

MFN: 0058

Entidade Desportiva: Sociedade Turnerbund (Sociedade de Ginástica Turnerbund); Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA)

Desporto Principal: ginástica

Outros Desportos: tênis (08/12/1914). O grupo de tênis, originalmente denominou-se "Tênis Club Germânia". Era uma entidade autônoma, embora seus integrantes fossem sócios do Turnerbund. Em 1939 foi incorporada oficialmente ao Turnerbund. Futebol (1908). Voleibol (a partir de 1926). Basquete (a partir de 1926). Atletismo (1907) desvinculado da ginástica (1913). Esgrima (1899). Pugilismo. Tiro ao alvo (09/01/1869). Natação (1885). Bolão (1901). Punhobol (1911). Em 1907 foi realizada uma corrida rústica em homenagem a Independência do Brasil. Em 02/04/1916 foi realizada a primeira competição internacional em homenagem a Jahn. Em 19/11/1918 foi estruturado o departamento de atletismo pelos professores Georg Black e Ernest Graeff. Em 1920 foi construída a pista atlética na sede da Rua São João. Em 1924 foi realizada uma competição de atletismo em comemoração ao Centenário da Imigração Alemã com a participação das mulheres pela primeira vez. Os dirigentes do Departamento de Tiro eram: Carl Dugge (presidente), Edmund Dreher, Johann Poisl, Balduin Röhrig. Ainda faziam parte: J. Wollmann, Carl Pohlmann e Karl von Koseritz. Em 1870 foi promovido o primeiro torneio de tiro de rei.

Ano de Fundação: 06/11/1867

Fundadores: Alfred Schütt (tesoureiro, secretário da sociedade e criador do Departamento de Tiro ao Alvo); Wilhelm Ter Brügggen (presidente); E. Gottfriedsen (instrutor de ginástica); E. Martens (assistente de ginástica); Weiss (assistente de ginástica); Schütt (trouxo para o estado a ginástica de aparelhos). Aloys Friederichs foi sócio fundador.

Identidade Cultural: cultura alemã - fundada por alemães e posteriormente aceitou brasileiros educados na Alemanha.

Localização Geográfica: As aulas de ginástica eram realizadas no Salão Rosenheim na Rua do Rosário (atual Rua Vigário José Inácio). Posteriormente, na Casa Hammermülle à Rua 24 de Maio, Beco do Rosário (atual Avenida Otávio Rocha). Depois se transferiu para o Salão Preussler, na Rua Santa Catarina (atual Rua Dr. Flores). Em 1895, a sede era na Rua São Raphael, ao lado do Colégio de Meninos do Hilfsverein (Colégio Farroupilha). O prédio foi considerado pequeno e a sociedade adquiriu um terreno na mesma rua (entre as Ruas Barros Cassal e Conceição). Em 1910 foi adquirido outro terreno, onde construiu seu estádio a Rua Ipiranga, no Arrabalde São João, que se estendia da Rua Benjamin Constant até a Rua Américo Vespúcio

Referências Bibliográficas: Silva (1997, p. 19-26); Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 642); Tesche (1996, p. 61-69); Daudt (1952, p. 105); Hofmeister (1987, p. 8-10); Amaro Junior (1942)

Observações: Em 1867 foi criada a Deutscher Turnverein (Sociedade Ginástica). Em 1869 transformou-se na Deutscher Turn-und Schützverein (Sociedade Alemã de Ginástica e Tiro ao Alvo). Em 1876, houve a separação em Deutscher Turnverein (Sociedade de Ginástica) e Deutscher Schützverein (Sociedade de Tiro ao Alvo). Em 24/10/1887, a Sociedade de Ginástica dividiu-se em Deutscher Turnverein (Sociedade de Ginástica) e Turnklub (Clube de Ginástica). Em 11/04/1892 foi criado o Turnerbund, resultando da fusão da Sociedade com o Clube de Ginástica. Em 14/04/1942, mudou o nome para Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867 (SOGIPA). Em 1885 construiu a primeira piscina, conhecida por basenho (casa de banho) do Rio Grande do Sul à beira do Rio Guaíba, no final da Rua Conceição (atual rodoviária de Porto Alegre). Neste local funcionava o departamento de natação. A piscina foi destruída por um incêndio em 1916/1917; No Álbum do bicentenário de Porto Alegre (1940, p. 642) consta que esta sociedade tinha "por objetivo congregar seus sócios para fins desportivos e recreativos, cultivando através do espírito associativo os costumes legados por seus ancestrais, a serviço do Brasil". Em 24/02/1919 realizou-se o primeiro campeonato inter-clubes de atletismo com a participação da sociedade.

MFN: 0059

Entidade Desportiva: Sociedade de Ginástica Navegantes São João

Desporto Principal: ginástica

Outros Desportos: atletismo

Ano de Fundação: 06/06/1927

Fundadores:

Localização Geográfica: Avenida Presidente Roosevelt nº 148

Referências Bibliográficas: Cadastro do CND, 1977, p. 367; Amaro Junior (1942)

MFN: 0060

Entidade Desportiva: Esporte Clube Eiche

Desporto Principal: halterofilismo

Outros Desportos:

Ano de Fundação:

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Ano de Fechamento: 1926

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 643); Amaro Junior (1949, p. 203)

MFN: 0061

Entidade Desportiva: Tiro Nacional Brasileiro.

Desporto Principal: tiro

Outros Desportos:

Ano de Fundação:

Fundadores:

Identidade Cultural: cultura portuguesa

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13); Machado (1949, p. 43-5 e p. 52)

MFN: 0062

Entidade Desportiva: Club dos Atiradores Allemães (Deutscher Schristzen Verein)

Desporto Principal: tiro

Outros Desportos:

Ano de Fundação:

Fundadores:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Lima (1909, p. 13)

MFN: 0063

Entidade Desportiva: Tiro Nacional Pôrto Alegrense (Tiro nº 4. Tiro de Guerra nº 4)

Desporto Principal: tiro

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1905 ou 1906

Fundadores: Escola de Guerra; 25º Batalhão de Infantaria; Brigada Militar; Tiro Alemão; Clube de Regatas Almirante Barroso e Clube Caixerai

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: antigo 25 de Infantaria. Os exercícios de tiros eram realizados no Tiro Alemão. Depois foi construída a Linha de Tiro na Rua Benjamin Constant, pelos soldados do 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar. As aulas teóricas eram realizadas nos salões do clube Caixerai

Referências Bibliográficas: Revista do Globo nº 489, 1949, p. 43-4 e 58; Mazon (apud Pimentel, 1945, p. 137)

Observações: O Tiro Nacional de Porto Alegre recebeu a denominação de Tiro 4, quando foi incorporado a Confederação dos Tiros Brasileiros. Em 1917 pela força da lei foi transformado em Tiro de Guerra nº 4. Foram organizadas excursões a região colonial (São Leopoldo, Caxias

do Sul, Montenegro, Novo Hamburgo entre outras) para divulgar o tiro. O Tiro 4 foi a primeira equipe esportiva que participou de um campeonato brasileiro, no ano de 1909/1910.

MFN: 0064

Entidade esportiva: Esporte Clube Navegantes

Desporto Principal: tiro ao alvo; bolão

Outros Desportos: ping pong; bilhar; snoker

Ano de Fundação: 20/02/1907

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Almanaque Amaro Júnior 1942

MFN: 0065

Entidade Desportiva: Associação Cristã de Moços (ACM)

Desporto Principal: basquete

Outros Desportos: voleibol; bocha; futebol; judô; tênis; ataque e defesa

Ano de Fundação: 26/11/1901

Fundadores: Frank Long

Identidade Cultural: cultura norte-americana

Localização Geográfica: Rua Washington Luiz nº 1050

Referências Bibliográficas: Arquivo Documental CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Tesche (1996, p. 71-2); Pimentel (1945, p. 151); Amaro Junior (1942)

Observações: A ACM nasceu em Londres no início da Revolução Industrial, no ano de 1844, sob o nome de Young Men Christian Association (YMCA). Visava o ensino e divulgação dos esportes de origem inglesa; Realizava anualmente "Jogos Olímpicos" internos, que foram abertos a participação de outros clubes de Porto Alegre em 1918. Os jogos foram extintos em 1924

MFN: 0066

Entidade Desportiva: Partenon Tênis Clube

Desporto Principal: tênis

Outros Desportos: futebol de salão e voleibol

Ano de Fundação: 29/06/1934

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Bento Gonçalves nº 2018

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0067

Entidade Desportiva: Associação Desportiva e Social Meridional

Desporto Principal: voleibol

Outros Desportos: basquete; futebol de salão

Ano de Fundação: 12/10/1912

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Mario Totta nº 108 Bairro Tristeza

Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD

MFN: 0068

Entidade Desportiva: Nonoai Tênis Clube

Desporto Principal: tênis

Outros Desportos: futebol de salão

Ano de Fundação: 15/10/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Nonoai nº 557

Referências Bibliográficas: Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0069

Entidade Desportiva: Grêmio Football Porto Alegrense

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 15/09/1903

Fundadores: 31 rapazes comerciários descendentes de imigrantes alemães, sócios da União Velocipédica; Primeira Diretoria: Carlos Bohrer (presidente), Joaquim Ribeiro (vice-presidente), Alberto Siebel (primeiro secretário), Guilherme Kalfels (segundo secretário), Pedro Schuck (tesoureiro), Cândido Dias (guarda esporte); O Estatuto foi redigido por: Pedro Iffener, Guilherme Uhrig e Alvaro Brochado

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Largo dos Campeões s/nº Bairro Azenha. A primeira sede foi no Campo da Baixada, onde localizava-se os atiradores alemães

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942; 1943; 1944), p. 30; Pimentel (1945, p. 113); Lima (1909, p. 13); Cadastro do CND, 1977, p. 366; Endler (1993, p. 105); Amaro Júnior (1945, p. 45); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

Observações: Em 06/03/1904 realizou-se o primeiro jogo de futebol entre o grêmio e o Fussball Porto Alegre

MFN: 0070

Entidade Desportiva: Fuss-ball Club Porto Alegre

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 15/09/1903

Fundadores: Alberto Bins e ciclistas da Sociedade Blitz

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Rua Dr. Timóteo ao lado do velódromo da Sociedade Blitz, em terreno doado pelo dr. Luiz Englet

Referências Bibliográficas: Oliveira (1912, p. 97-98); Amaro Júnior (1944, p. 30; 1945, p. 45)

Ano de fechamento: 1944

MFN: 0071

Entidade Desportiva: Sport Club Internacional

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: atletismo; basquete

Ano de fundação: 04/04/1909

Fundadores: Alcides Ortiz, Antônio Coiro, Antenor Lemos, João Sefferin, Legendre das Chagas Pereira, Honório T. de Andrade, juntamente com os irmãos Henrique (presidente), José e Luiz Poppe, provenientes do time Internacional de São Paulo. Os 40 sócios fundadores eram jovens que trabalhavam no comércio de Porto Alegre. As primeiras reuniões para a fundação foram realizadas na sede da Sociedade 17 de Junho. A reunião de fundação do clube aconteceu em um porão da Avenida Redenção nº 141 (atual Avenida João Pessoa nº 1025)

Identidade Cultural: cultura portuguesa

Localização Geográfica: Os primeiros treinos foram em um terreno baldio na Rua Arlindo. A sede foi construída na Avenida Padre Cacique nº 891

Referências Bibliográficas: Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Cadastro do CND, 1977, p. 367; Endler (1993, p. 105); Amaro Júnior (1942, p. 34-5); Cabral (1946, p. 48-9 e 64)

MFN: 0072

Entidade Desportiva: Mannschaft Frisch Auf (Equipe Sempre Avante) da Sociedade Ginástica Turnerbund

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1908 ou 1909

Fundadores: Georg Black (jogava na posição de centro-médio na equipe do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense).

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica: Sociedade Ginástica Turnerbund

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Silva (1997, p. 26); Tesche (1996, p. 67)

Ano de Fechamento: 1917

MFN: 0073

Entidade Desportiva: Esporte Clube São José

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: bocha; tênis; basquete; voleibol

Ano de Fundação: 24/05/1913

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Assis Brasil nº 1200

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Cadastro do CND, 1977, p. 365

MFN: 0074

Entidade Desportiva: Sociedade Esportiva Sokol

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong; ginástica; ciclismo

Ano de Fundação: 31/05/1913

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0075

Entidade Desportiva: Botafogo Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong; natação; voleibol; basquete

Ano de Fundação: 27/06/1920 (2 vezes) e 20/06/1920

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Wenceslau Escobar nº 2150 Bairro Tristeza; Rua Coronel Aristides nº 255 Bairro Tristeza

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0076

Entidade Desportiva: Pombal Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 05/02/1922

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua dos Andradas nº 1155 sala 303; sede social na Rua Andrade Neves nº 95

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Cadastro do CND, 1977, p. 366

MFN: 0077

Entidade Desportiva: Mauá Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 15/09/1925

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Riachuelo nº 976

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro CND, 1977, p. 366

MFN: 0078

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Fôrça e Luz

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 08/09/1921 (2 vezes) e 08/09/1922

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua dr. Alcides Cruz nº 125

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Cadastro CND, 1977, p. 365

MFN: 0079

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Gerdau

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: atletismo

Ano de Fundação: 15/11/1926

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0080

Entidade Desportiva: Pernambuco Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 13/03/1927

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0081

Entidade Desportiva: Garibaldi Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong

Ano de Fundação: 15/07/1927

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0082

Entidade Desportiva: Esporte Clube Vila Federal

Desporto Principal: futebol

Ano de Fundação: 03/08/1927

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Dr. Flores nº 77. Depois mudou para a Rua 17 de junho nº 926 sala 603; Sede social na Rua Almirante Gonçalves nº 291 Bairro Menino Deus
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Arquivo Documental CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento CRD; Cadastro CND, 1977, p. 365

MFN: 0083

Entidade Desportiva: 20 de Setembro Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: dama
Ano de Fundação: 20/09/1927
Fundadores:
Identidade Cultural:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0084

Entidade Desportiva: Sociedade União Vila Nova
Desporto Principal: bocha e futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 06/12/1927
Fundadores: imigrantes italianos e seus descendentes
Identidade cultural: cultura italiana
Localização Geográfica: Parque Monteggia Vila Nova
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Licht (1992, p. 11); De Rose (1996, p. 39)
Observações: As mulheres não participavam dos jogos de bocha. Em 1983 participaram de um jogo em caráter de demonstração. Somente em 1987 foram aceitas nas competições de bocha. A Federação Riograndense de Bocha foi criada em 04/04/1944.

MFN: 0085

Entidade Desportiva: Esporte Clube Souza Cruz
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 05/1929
Fundadores:
Identidade Cultural:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0086

Entidade Desportiva: Sport Club Ruy Barbosa
Desporto Principal: judô
Outros Desportos: pugilismo, futebol
Ano de Fundação: 22/10/1915
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Rua Riachuelo nº 1038
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0087

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Rio Negro
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 21/06/1930
Fundadores:
Identidade Cultural:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0088

Entidade Desportiva: Continental Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong

Ano de Fundação: 05/06/1930

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0089

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Renner

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong; voleibol; bolão; bocha

Ano de Fundação: 27/07/1931

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Sertório

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cabral (1946, p. 46-7 e 68)

MFN: 0090

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Fiateci

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: voleibol

Ano de Fundação: 25/08/1931

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0091

Entidade Desportiva: Avenida Futebol Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: lutas

Ano de Fundação: 21/10/1931

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua presidente Roosevelt nº 1412. O clube também adquiriu uma sede na Rua Vigário José Inácio nº 215

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Arquivo Documental CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0092

Entidade Desportiva: Garratt Futebol Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 21/04/1932

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Andrade Neves nº 95

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro de Alvarás de Funcionamento CRD; Cadastro CND, 1977, p. 365

MFN: 0093

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Telefônica

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 30/04/1932

Fundadores:

Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0094

Entidade Desportiva: Esporte Clube Palestra Porto Alegre (Sociedade Beneficente Recreativa Esportiva Palestra)
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong
Ano de Fundação: 10/01/1933
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Rua Voluntários da Pátria nº 401. Depois mudou para a Rua Lima e Silva nº 861 sala 208
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro CND, 1977, p. 365; Cadastro de Alvarás de Funcionamento CRD

MFN: 0095

Entidade Desportiva: Aero Clube do Rio Grande do Sul
Desporto Principal: paraquedismo
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 14/10/1938
Fundadores;
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Avenida Borges de Medeiros nº 901
Referências Bibliográficas: Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0096

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Barãsinho
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 24/04/1933
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0097

Entidade Desportiva: Esporte Clube Piratas
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 13/06/1933
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0098

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo União
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong
Ano de Fundação: 01/10/1933
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0099
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Estivadores
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 12/10/1933
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior 1942

MFN: 0100
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Juvenil
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 10/12/1933
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Avenida Plinio Brasil Milano nº 235. Depois mudou para a Avenida Baltazar de Oliveira Garcia nº 2833
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro CND, 1977, p. 366; Cadastro de Alvarás de Funcionamento CRD

MFN: 0101
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Piauí
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong
Ano de Fundação: 11/01/1934
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0102
Entidade Desportiva: São Paulo Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 03/07/1934
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Rua Marcílio Dias nº 1534
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro CND, 1977, p. 366; Cadastro de Alvarás de Funcionamento CRD.

MFN: 0103
Entidade Desportiva: Bambala Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong
Ano de Fundação: 20/04/1934
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0104
Entidade Desportiva: Tricolor Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 25/04/1934
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0105
Entidade Desportiva: Esporte Clube São Pedro
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong; voleibol; basquete; dama
Ano de Fundação: 29/06/1934
Fundadores:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0106
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Zivi, Müller, Hercules
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong; atletismo; pugilismo
Ano de Fundação: 11/08/1934
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0107
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Bagé
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 08/09/1934
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0108
Entidade Desportiva: Gloriense Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 01/02/1935
Fundadores:
Localização Geográfica: Travessa Lucas de Lima nº 162 Bairro Medianeira
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro CND, 1977, p. 365; Cadastro de alvarás de Funcionamento CRD; Arquivo Documental CRD.

MFN: 0109
Entidade Desportiva: Farroupilha Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong
Ano de Fundação: 14/04/1935
Fundadores:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0110
Entidade Desportiva: Gato Preto Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 08/10/1935
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0111
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Primavera
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 04/11/1935
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Rua Leopoldo Bier nº 484 Bairro Santana. Sede social na Rua Santana nº 1006 Bairro Santana
Referências bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro CND, 1977, p. 366; Cadastro de Alvarás de Funcionamento CRD; Arquivo Documental CRD

MFN: 0112
Entidade Desportiva: Esporte Clube Rio Grande
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 15/11/1935
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0113
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Ciculista
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong; atletismo
Ano de Fundação: 01/01/1936
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0114
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Teresópolis
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 07/09/1936
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0115
Entidade Desportiva: Vasco da Gama Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 01/10/1936
Fundadores:

Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0116
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo José de Alencar
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 02/01/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0117
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Passatempo
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 25/01/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0118
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Juventude
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong; atletismo
Ano de Fundação: 14/04/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0119
Entidade Desportiva: Fluminense Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong; atletismo
Ano de Fundação: 03/03/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0120
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Bela Vista
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 14/04/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0121
Entidade Desportiva: Atlântico Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: atletismo
Ano de Fundação: 18/04/1937

Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0122

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Leão da Montanha
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 30/06/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0123

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo União da Floresta
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong; atletismo; basquete
Ano de Fundação: 09/08/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0124

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Figueira
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 07/09/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0125

Entidade Desportiva: Huracan Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 12/10/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0126

Entidade Desportiva: Arrozeirinha Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 19/11/1937
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0127

Entidade Desportiva: Esporte Clube Dois Amigos

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 25/11/1937

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0128

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Florestal

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong; voleibol; basquete

Ano de Fundação: 30/11/1937

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior 1942

MFN: 0129

Entidade Desportiva: Esporte Clube União dos Onze

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 26/02/1938 e 27/02/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Osvaldo Aranha nº 1246. Sede atual na Rua Damasco nº 171.

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro CND, 1977, p. 365; Cadastro de Alvarás de Funcionamento CRD

MFN: 0130

Entidade Desportiva: Palestra Itália Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 01/05/1938 e 27/02/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0131

Entidade Desportiva: Pampas Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong; atletismo

Ano de Fundação: 08/07/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0132

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Onze Garotos

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 30/08/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Piaui nº 196. Depois mudou para a Avenida dos Industriários nº 868.

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro de Alvarás de Funcionamento CRD; Arquivo Documental CRD; Cadastro CND, 1977, p. 366

MFN: 0133

Entidade Desportiva: Globo Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 01/10/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0134

Entidade Desportiva: Erechim Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 07/10/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0135

Entidade Desportiva: Madureira Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong; basquete

Ano de Fundação: 25/12/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0136

Entidade Desportiva: Siderúrgica Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong; voleibol; damas; xadrez

Ano de Fundação: 01/01/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0137

Entidade Desportiva: Centenário Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 01/01/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0138
Entidade Desportiva: Esporte Clube Mira Mar
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 01/01/1939
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0139
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Tesouras
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong
Ano de Fundação: 15/03/1939
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0140
Entidade Desportiva: Foot-ball Clube Municipal D. T. O.
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong; bilhar
Ano de Fundação: 05/04/1939
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0141
Entidade Desportiva: 3 de Maio Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 03/05/1939
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0142
Entidade Desportiva: Geral Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 13/08/1935
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0143
Entidade Desportiva: Olímpico Atlético Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 06/05/1939
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0144

Entidade Desportiva: Estrela do Brasil Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 07/06/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0145

Entidade Desportiva: Jornal do Estado Atlético Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: bolão

Ano de Fundação: 15/08/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0146

Entidade Desportiva: União Via Permanente Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 22/08/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0147

Entidade Desportiva: Esporte Clube Pernambuco

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 11/09/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0148

Entidade Desportiva: Esporte Clube Farrapos

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: atletismo

Ano de Fundação: 30/10/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0149

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Pinheiro Machado

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 11/11/1939

Fundadores:

Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0150
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Paulistano
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 20/11/1939
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0151
Entidade Desportiva: União da Azenha Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 05/12/1939
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0152
Entidade Desportiva: Esporte Clube Cruzeiro do Sul
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong; damas
Ano de Fundação: 01/01/1940
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0153
Entidade Desportiva: Bando da Lua Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 23/02/1940
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0154
Entidade Desportiva: Departamento Atlético Esportivo Rodoviário
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 24/04/1940
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0155
Entidade Desportiva: Palácio Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 02/05/1940
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0156
Entidade Desportiva: União Mascarello Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 05/06/1940
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0157
Entidade Desportiva: Rio Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 28/06/1940
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0158
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Diretoria de Águas
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 12/08/1940
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0159
Entidade Desportiva: Esporte Clube Colombo
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 17/09/1940
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0160
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Plácido de Castro
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 15/11/1940
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0161

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Aliados

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong

Ano de Fundação: 19/11/1940

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0162

Entidade Desportiva: Atlético Clube Colonial

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong; atletismo

Ano de Fundação: 07/12/1940

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0163

Entidade Desportiva: Beira Mar Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: atletismo; basquete; voleibol; atletismo

Ano de Fundação: 19/12/1940

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0164

Entidade Desportiva: Esporte Clube João Pessoa

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 05/01/1941

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0165

Entidade Desportiva: Dragão Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 22/01/1941

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0166

Entidade Desportiva: Bento Gonçalves Foot-ball

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 15/02/1941

Fundadores:

Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0167
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Casa Eli
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 02/02/1941
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0168
Entidade Desportiva: Pinheirinho Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 28/02/1941
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0169
Entidade Desportiva: Sociedade Esportiva Aliança Vitoriosa
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 01/04/1941
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0170
Entidade Desportiva: Califórnia Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong
Ano de Fundação: 26/05/1941
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0171
Entidade Desportiva: Cassela Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 01/06/1941
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0172

Entidade Desportiva: Esporte Clube Harmonia
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: ping pong; atletismo; natação
Ano de Fundação: 27/06/1941
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0173

Entidade Desportiva: Esporte Clube União do Brasil
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: basquete
Ano de Fundação: 17/07/1941
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0174

Entidade Desportiva: Esporte Clube Rádio Importadora
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 25/07/1941
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0175

Entidade Desportiva: Ás de Ouro Foot-ball Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 25/08/1941
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942)

MFN: 0176

Entidade Desportiva: Sociedade Gondoleiros
Desporto Principal: Bocha
Outros Desportos: tênis; bolão; judô; futebol de salão; patinagem
Ano de Fundação: 05/03/1915
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Avenida Eduardo nº 1310; Avenida Santos Dumont nº 1147
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD; Arquivo Documental do CRD; Licht (1992, p. 14)

MFN: 0177

Entidade Desportiva: Ipiranga Futebol Clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: futebol de salão
Ano de Fundação: 15/03/1917
Fundadores:
Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Princesa Isabel nº 795
Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro CND, 1977, p. 367; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0178

Entidade Desportiva: Tristezense Piscina Clube

Desporto Principal: futebol de salão

Outros Desportos: bocha

Ano de Fundação: 29/05/1921

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Doutor Armando Barbedo nº 300

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0179

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Israelita

Desporto Principal: futebol de campo; futebol de salão

Outros Desportos: tênis

Ano de Fundação: 23/03/1929

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Avenida Protásio Alves nº 3435

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0180

Entidade Desportiva: Sociedade Vicente Pallotti

Desporto Principal: judô

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 02/06/1909

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Tupi nº 212

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0181

Entidade Desportiva: Circulo Social Israelita

Desporto Principal: futebol de campo

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 18/03/1930

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua general João Telles nº 508

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Arquivo Documental do CRD; Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0182

Entidade Desportiva: Sociedade Recreativa Baluarte

Desporto Principal: futebol de campo; futebol de salão

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 21/07/1937

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Adão Baiano nº 146

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0183

Entidade Desportiva: Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: futebol de salão

Ano de Fundação: 31/12/1872

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Curupaiti nº 1221 Bairro Cristal

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1942); Cadastro de Alvarás de Funcionamento do CRD

MFN: 0184

Entidade Desportiva: Liga da Canela Preta

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação:

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Cabral (1946, p. 49); Jesus (1998, p. 110-16)

Observações: Existiu entre 1915 e 1930

MFN: 0185

Entidade Desportiva: Liga Atlético Porto-Alegrense (LAPA)

Desporto Principal: atletismo

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1925

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Silva (1997, p. 37)

Observações: Possibilitou maior integração entre os clubes dos alemães e outras etnias

MFN: 0186

Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Sulbanco

Desporto Principal: futebol; remo

Outros Desportos: voleibol; natação; polo aquático

Ano de Fundação: 07/09/1925

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Júnior (1944, p. 114)

Observações: Agremiação classista - funcionários do Banco Industrial e Comercial S. A.

MFN: 0187

Entidade Desportiva: Protetora do Turf

Desporto Principal: turfe

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 07/09/1907

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0188

Entidade Desportiva: Società di Mutuo Soccorso e Benevolenza

Desporto Principal: bocha

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 01/07/1877

Fundadores:

Identidade Cultural: cultura italiana

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Licht (1992, p.11)

MFN: 0189

Entidade Desportiva: Grupo de Bolão 14 de Abril da Gesellschaft Leopoldina (Sociedade Leopoldina)

Desporto Principal: bolão

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 14/04/1896

Fundadores: Francisco Ulmen; Frederico Kilp; João Frederico Laus; Lourenço Dexeimer; Carlos Kessler; Luiz Mehr; Augusto Kuplich; E. Van Ermen; Germano Koch; Jorge Brodt; João Birnfeld; João Henrique Raupp; Antonio Laus; Carlos Renck; João Wolf

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: ALJ, 2001, p.19-21.

Observações: Considerado o primeiro grupo de bolão do Brasil e o segundo mais antigo grupo de bolão da América do Sul; O Departamento de Bolão da Associação Leopoldina Juvenil foi instalado oficialmente em 1946

MFN: 0190

Entidade Desportiva: Grupo de Bolão "6 de setembro" da Turnerbund (SOGIPA)

Desporto Principal: bolão

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 06/09/1901

Fundadores: imigrantes alemães do Turnerbund

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Tesche (1996, p.70)

MFN: 0191

Entidade Desportiva: Sociedade União e Progresso

Desporto Principal: bolão

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 18/10/1908

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua Casemiro de Abreu nº 310

Referências Bibliográficas: Cadastro do CRD

MFN: 0192

Entidade Desportiva: Grupo de Bolão Violeta Arco-Iris da Gesellschaft Leopoldina (Sociedade Leopoldina)

Desporto Principal: bolão

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1918

Fundadores: mulheres da Sociedade Leopoldina

Identidade Cultural: cultura alemã

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: ALJ, 2001, p. 93

Observações: O grupo era formado exclusivamente por mulheres

MFN: 0193

Entidade Desportiva: Prado ou Hipódromo Navegantes

Desporto Principal: corrida de cavalos (turfe)

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 1891

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização geográfica: Bairro Navegantes

Ano de fechamento: 1906

Referências Bibliográficas: Franco (2000, p. 59); Werner (2001, p. 62)

MFN: 0194

Entidade Desportiva: Prado Boa Vista (ex-Hipódromo Portoalegrense)

Desporto Principal: turfe

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 23/05/1880

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Estrada Mato Grosso (atual Avenida Bento Gonçalves, Bairro Santana) e Rua Boa Vista (atual Rua Vicente da Fontoura)

Ano de Fechamento: 2º semestre de 1907

Referências Bibliográficas: Franco (2000, p. 59-65); Lima (1909, p. 12)

MFN: 0195

Entidade Desportiva: Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes Atlético (AMGEA)

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação:

Fundadores: 9 associações desportivas: Grêmio Football Porto Alegrense, Sport Club Internacional

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 636); Revista do Globo, 1941, nº 296, p. 39

Observações: Em 1941 foi realizado um GRENAL, que destinou metade da renda em benefício dos flagelados da enchente de 1941, em Porto Alegre. A federação Gaúcha de futebol não concordou e o conflito causou a extinção da AMGEA.

MFN: 0196

Entidade Desportiva: Liga de Esportes da Brigada Militar

Desporto Principal: atletismo; jogos desportivos; natação; remo; polo aquático; box; luta livre; esgrima de espada, sabre e florete; tiro; hipismo; xadrez

Outros Desportos:

Ano de Fundação:

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 637)

MFN: 0197

Entidade Desportiva: Liga de Polo Porto Alegrense

Desporto Principal: pólo

Outros Desportos:

Ano de Fundação:

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Franco; Silva e Schidrowitz (1940, p. 637)

MFN: 0198
Entidade Desportiva: C. C. Riograndense
Desporto Principal: futebol
Ano de Fundação: 07/09/1920
Fundadores
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0199
Entidade Desportiva: Tiro de Guerra nº 318
Desporto Principal: tiro
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 17/01/1917
Fundadores: Os fundadores: José Batista Pereira, Oscar Furtado de Azambuja, Manoel Luiz Borges da Fonseca, José Coelho Parreira, Carlos de Lorenzi, José Maria de Carvalho, Germano Petersen filho. A primeira diretoria foi constituída pelo capitão Arthur Coelho de Souza (presidente); Boaventura dos Reis (vice-presidente); Renato Costa (secretário); Luiz Kessler (tesoureiro); tenente Ernesto Pereira Rodrigues (diretor de tiro); Valdemar Simch (vogal); 2º tenente Adalberto Pompilio da Rocha Moreira (vogal); Manoel Coelho Parreira (vogal); Bruno Stuck (vogal); Creso R. Vellinho (vogal); Armando dos Santos Rocha (comissão de contas); Luiz Mariante (comissão de contas); Jaci R. Tupi Caldas (comissão de contas)
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Arrabalde São João
Referências Bibliográficas: Pimentel (1945, p. 138)

MFN: 0200
Entidade Desportiva: Grêmio Gaúcho de Porto Alegre
Desporto Principal: "jogos e elementos recreativos", "jogos e diversões" e "exercícios"
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 22/05/1898
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Avenida Dr. Carlos Barbosa nº 1525
Referências Bibliográficas: Pimentel (1945, p. 113 e p. 151)
Observações: A agremiação tinha um caráter patriótico e visava "manter o cunho de nosso glorioso Estado e conseqüentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares dos acontecimentos que tornaram o sul-riograndense um povo célebre diante, não só de nossa nacionalidade, como do estrangeiro" (Jacques, 1979, p. 58). O Grêmio Gaúcho de Porto Alegre era é uma associação igualitária, masculina, com finalidade literária, de jogos, festas, solenidades e outras sociabilidades, sem conotação política. O Grêmio Gaúcho questionou a influência das práticas [incluindo-se as desportivas] estrangeiras que se acentuaram no país nos anos 1920.

MFN: 0201
Entidade Desportiva: Sociedade Esportiva e Literária da Escola Preparatória de Pôrto Alegre
Desporto Principal:
Outros Desportos:
Ano de Fundação:
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica: Avenida José Bonifácio
Referências Bibliográficas: Pimentel (1945, p. 151)

MFN: 0202
Entidade Desportiva: Sport Club Cruzeiro
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos: atletismo; tênis; basquete
Ano de Fundação: 13/07/1913 e 14/07/1913 (3 vezes)

Fundadores: Paulo Mariath, Ernani Oliveira, Cícero Soares, José Pacheco, Gustavo Borgreve, Antônio Vinhas e Carlos Diehl.

Identidade Cultural:

Localização Geográfica: Rua dos Andradas nº 1270 Conjunto 41. Sede atual na Avenida Protásio Alves nº 8301

Referências Bibliográficas: Pimentel (1945, p. 151); Cadastro CND, 1977, p. 365; Cadastro de Alvarás de Funcionamento CRD; Arquivo Documental CRD; Amaro Junior (1942); jornal Zero Hora, 14/07/2003, p. 42.

Observações: O primeiro título do Cruzeiro foi o de campeão de Porto Alegre de 1918, tendo como treinador e dirigente o tenente Aristides Prado. A equipe de jovens jogadores era chamada de "filhotes". Em 1919, o instrutor/técnico era Ubirajara Galvão Paiva.

MFN: 0203

Entidade Desportiva: Departamento de Esporte da Polícia

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 05/12/1938

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0204

Entidade Desportiva: Gonçalves Dias Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 24/02/1942

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0205

Entidade Desportiva: Osório Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos:

Ano de Fundação: 31/5/1942

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0206

Entidade Desportiva: Grêmio Atlético Marcelino

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: corridas

Ano de Fundação: 5/7/1942

Fundadores:

Identidade Cultural:

Localização Geográfica:

Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0207

Entidade Desportiva: Varzinha Foot-ball Clube

Desporto Principal: futebol

Outros Desportos: ping pong

Ano de Fundação: 1/10/1942

Fundadores:

Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0208
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Fabel
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 06/10/1942
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0209
Entidade Desportiva: Grêmio Esportivo Cairú
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 30/12/1942
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)

MFN: 0210
Entidade Desportiva: Atlanta Foot-ball clube
Desporto Principal: futebol
Outros Desportos:
Ano de Fundação: 01/05/1943
Fundadores:
Identidade Cultural:
Localização Geográfica:
Referências Bibliográficas: Amaro Junior (1942)